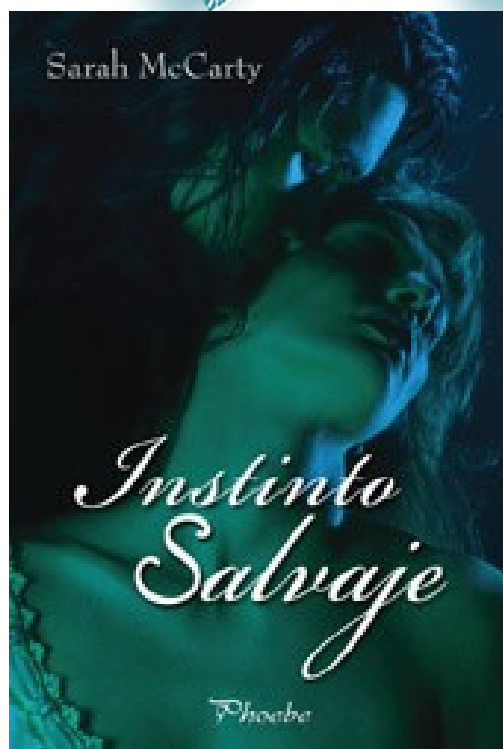




Instinto Selvagem

Sarah McCarty
WILD ANTHOLOGY 4-6

Três mulheres desesperadas, perseguidas e acoissadas, descobrem os instintos animais de três machos irresistíveis, que prometem algo mais que resgatá-las.

Garret, expulso da sociedade dos homens lobo por ser um mestiço com sangue humano, tem fama de perigoso e a pior das reputações. Mas quando oferecem a ele voltar para a Manada se resgatar três mulheres perseguidas, ele não duvida. O que nunca imaginou é que uma delas era a fêmea que tinha procurado por toda sua vida. E assim, à medida que a paixão cresce entre ambos, também o faz o perigo.

Daire, macho poderoso que sempre rejeitou as regras rigorosas da sociedade dos homens lobo, resignou-se a não encontrar uma companheira. Quando se une a uma missão de resgate das mais incomuns, descobre Teri, a mulher que pode fazê-lo realizar-se. Mas ganhar Teri não vai ser fácil, antes terá que desprender-se da besta que há dentro dele.

Curran, homem protetor, descarado e caçador. Seu trabalho é simples: tem que encontrar a mulher lobo fugitiva e devolvê-la aonde pertencia. Caçar sua presa nunca foi um problema para ele, embora agora enfrente Rachel, uma mulher cheia de segredos. Encontrá-la será difícil e fará que suas vidas corram perigo, mas uma vez que o faça, nunca a deixará partir...

Disp. em espanhol: Fênix

Tradução: Gisa

Revisão Inicial/Formatação: Joelma

Revisão Final: Lívia

Tiamat-World





Revisora Joelma: O livro conta três histórias interligadas e todas são boas, gostosas de lê e sensuais. Falam de lutas, sonhos, superação e de amores capazes de romper barreiras.

Revisora Livia: Gente amei fazer a revisão desta série, são pessoas discriminadas por serem diferentes, que resolvem se juntar e montar uma sociedade onde possam conviver em harmonia, cada um com a sua individualidade do outro e neste meio cada um encontrou o seu lugar. gostei demais e vcs também irão gostar com certeza!

Comentários

Garret.....	03
Daire.....	138
Curran.....	226

Índice

Garret

Capítulo 1

Estavam chegando.

Sarah Anne ficou olhando ladeira abaixo; com sua visão noturna, as árvores e as rochas se projetavam em um forte contraste de branco e preto com tênues toques prateados. Por entre a névoa em movimento observou farrapos de escuridões mais profundas que se entrelaçavam com as sombras naturais. Homens lobo. Mordendo os lábios, virou-se para olhar por cima do ombro para as mulheres e as crianças que estavam na caverna. Esforçou-se muito para mantê-los a salvo, mas já não restava escapatória. Iam ter que lutar.

Olhou para cima e depois para baixo. Pelo menos o barranco íngreme que rodeava o esconderijo lhes daria um pouco de vantagem. Josiah, seu filho de cinco anos, aproximou-se dela, arrastando indevidamente sua irmã, e olhou para baixo. Teria sido muito esperar que não visse o que ela estava vendo. Grunhiu, e suas pequenas presas brancas cintilaram na escuridão. Por mais que fosse meio humano, era lobo até a medula em todos os aspectos, com os sentidos tão aguçados, já desde tão cedo, que ela estava começando a se perguntar se não seria portador de uma herança mais profunda: a do Protetor. Se estivesse na Manada, o assessorariam, protegeriam e treinariam. Mas ele não estava, por decisão dela. Sarah Anne baixou a mão para sua cabecinha, o desespero correndo por suas veias como um pesadelo feito realidade. Tinha que mantê-lo a salvo.

Sua filha de três anos, Meg, tão humana quanto seu pai, — pequena e delicada, muito vulnerável — agarrou-se a mão de seu irmão e deu nome ao sentimento que se respirava na caverna:

—Mamãe, medo.

Ela também tinha.

—Não tem que ter medo. Preparamo-nos.

Três mulheres, armadas com poucas pistolas, suas munições e seu instinto protetor maternal, iriam manter distantes dez soldados homens lobo. Não tinham a quem delegar. Teri e Rachel deixaram os fardos que estavam organizando e se aproximaram. O suave roçar de seus pés sobre o chão de terra arranhava seus nervos como uma acusação. Em Rachel, uma mulher lobo sem mistura, Sarah Anne não detectou emoção alguma, mas de Teri chegaram todo tipo de eflúvios delatores. Medo, ira, determinação.

—São os McGowan? —perguntou Teri atrás dela.

—Não.

A promessa de ajuda da Manada Haven não foi mais que outra miragem resplandecente. Estava sozinha, como sempre esteve desde o dia que se tornou evidente que seu gene poluído deixou um rastro. Tinha fugido do mundo humano para evitar essa perseguição, que, entretanto a alcançou de toda forma, e agora estava pondo seus filhos em perigo.

Teri girou sobre o salto de suas botas.

—Vou trazer as armas.

Sarah Anne cruzou um olhar com Rachel. Como humana que era, Teri não tinha nem ideia do que enfrentariam. As armas atrasariam, mas não impediriam, o inevitável.

Rachel contemplou como Teri se retirava com os olhos quase dourados entrecerrando-se de preocupação.

—Talvez devêssemos dizer a ela.

Sarah Anne deu de ombros e levou Meg para trás.

—Já acredita que os homens lobo são monstros. Não tem sentido demonstramos isso e tirar suas dúvidas. E menos ainda quando temos que lutar.

Não podiam permitir que Teri desabasse nesse momento. Tinha sido incrivelmente forte durante os últimos dois meses, mas era fácil perceber que a tensão estava destroçando seus nervos.

—Não estaria aqui se não estivesse grávida.

—E não estaria grávida não se não fosse por eles — com um gesto da mão, Sarah Anne abrangeu a escória invasora. Ela não diria que eram soldados. Os soldados lobo não violavam. Os soldados lobo tinham honra. Integridade.

Protegiam as mulheres. Não abusavam delas.

A suas costas, ouviram-na carregar uma escopeta. Sarah Anne se virou ao mesmo tempo em que Rachel.

—Já disse isso antes, você não tem culpa do que aconteceu.

Teri estava ali de pé, com as pernas separadas, a escopeta em uma mão e um rifle na outra; os cabelos pretos curtos e alvoroçados e os olhos verdes rasgados davam a ela o aspecto de um duende que se tornou mal. Purpúreas fileiras de cicatrizes recém-saradas apareciam por debaixo da gola preta virada, completando a imagem. A lástima voltou a invadir Sarah Anne ao fixar-se naqueles sulcos. E, logo depois, a culpa. A única coisa que conseguiu fugindo foi pôr em perigo aos que amava.

—Não a teriam encontrado se não fosse por mim.

Teri estendeu a escopeta para Sarah Anne.

—Isso é ridículo.

Sendo humana, não havia forma de que Teri pudesse entender o sentimento de união e responsabilidade próprio da cultura dos homens lobo. O que fizesse um membro da Manada, bom ou ruim, repercutia em todos eles. E as maldades cometidas com Teri foram perpetradas¹ por membros da Manada de Sarah Anne.

—Mesmo assim, eu me sinto culpada.

—Bom, pois deixe de se sentir assim. Não trocaria nossa amizade por nada no mundo.

Em seu aroma se cheirava a mentira. Se Teri pudesse, retrocederia no tempo e apagaria aquela amizade que a expôs aos lobos que farejaram seu rastro, reconheceram-na como uma fêmea fértil e a violaram, agindo mais por instinto que por lógica. As crianças híbridas não tinham nenhum valor. Para Sarah Anne era tão difícil culpá-la quanto tentar rebater seus argumentos. Aquela mulher tinha acabado de recuperar o equilíbrio emocional. E, estranhamente, sua gravidez tinha lhe dado os meios para obtê-lo.

—Então, qual é o plano? —perguntou Rachel, com sua tranquilidade habitual e suas maneiras tão contidas quanto o coque no qual sempre prendia seus longos cabelos pretos. Acontecesse o que acontecesse, Rachel conservava sempre a serenidade.

¹ Perpetrar – cometer, praticar (ato mau). (Aurélio)

—O mesmo que antes, dá um tiro em todos os que possamos.

Teri sorriu com frieza:

—Por mim, tudo bem.

Sarah Anne olhou para Teri. Se estava aterrorizada, dissimulava bem.

—Lembre de atirar nos órgãos vitais e no cérebro. Terá que fazer a cada um todo o dano que possa. Não se acaba facilmente com os lobos.

Só uma série catastrófica de lesões podia sobrepor-se a capacidade de cura de um homem lobo.

Teri sorriu:

—Vou gostar disso.

As cicatrizes eram a ponta do iceberg no que dizia respeito a quantos ferimentos Teri tinha sofrido. Sarah Anne não tinha a menor dúvida de que ia gostar muito de algo que tivesse a ver com desfazer-se de algum lobo macho. Examinou atentamente os indícios. As sombras se deslizavam cada vez mais perto. No momento apenas dez, pelo que conseguia avaliar; embora também pudessem ser cem.

—Rachel.

—Já sei.

De toda forma precisava dizer:

—Não deixe que peguem meu filho.

Rachel pôs a mão no ombro de Sarah Anne. Todos seus poros, toda sua aura, irradiavam consolo. Sarah Anne não sabia como fazia Rachel para manter a esperança.

—As coisas não se agravarão tanto.

Mas já estavam muito agravadas.

—Pegue Josiah, se transformem, saiam pela entrada lateral e corram como alma que carrega o diabo.

Rachel pegou a mão de Josiah:

—Também posso levar a...

Sarah Anne negou com a cabeça:

—Já falamos disso. Você não pode com Meg, e ela não pode se transformar — igual a sua mãe. — Nunca seria capaz de manter seu passo.

Meg, ao ouvir seu nome, notando a tensão, começou a fazer beicinho e a espernear.

—Quero 'Osiah!

Todos os instintos de Sarah Anne ecoavam com o pranto de Meg. Queria manter o filho ao seu alcance, onde ela pudesse intervir em seu destino. Sarah Anne abraçou Meg contra suas pernas, passando uma e outra vez as mãos pelas costelas diminutas dela. Como se supunha que devia tomar semelhante decisão? Observou as figuras que iam se aproximando; o vento trazia o fedor de seus eflúvios²; e então soube. Simples e sinceramente.

—Josiah vá com Tia Rachel.

—Não.

Encontrou-se com o olhar fixo de Josiah. Algum dia seria um Alfa, possivelmente inclusive um Protetor, mas no momento era um menino, e sustentar o olhar de sua mãe estava acima de sua capacidade; embora não por muito.

—Vá com Rachel, Josiah. Faça tudo o que ela disser e faça seu pai sentir orgulhoso de você.

Ele plantou os pezinhos separados, em linha com os ombros. Um grunhido retumbou em seu peito quando abriu as janelas do nariz, farejando o aviso de perigo que cavalgava no vento.

—Não vou abandonar você.

Sarah Anne piscou com a visão antecipada do homem que seria algum dia. Seu pai estaria mais que orgulhoso. Passando suavemente a mão pela intensa cor chocolate de seus cabelos, voltou a piscar, desta vez pelo esforço de reter as lágrimas.

—Tem que ir. Rachel também necessita de proteção e não tenho ninguém mais que possa ir com ela.

Josiah apertou os dentes.

—Pode ficar aqui.

Também tinha puxado a teimosia da mãe.

—Não, não pode. Tem que levar uma mensagem importante para a Manada Haven.

—Necessito de você, Josiah — interveio Rachel.

² Eflúvio – exalação. (Aurélio)

O queixo de Josiah começou a tremer; de repente voltou a ser um menino pequeno. Seu garotinho, que estava tentando com todas suas forças não ter medo enquanto lhe pedia o impossível. Meg abraçou a sua perna e olhou para cima, os olhos cor de mel transbordantes de fé que sua mãe podia fazer milagres.

—Mamãe, por favor...

Sarah Anne ouviu o leve rumor do roce da roupa contra a vegetação ao aproximar-se os soldados. Tinha acabado o tempo. Agarrou Josiah e o puxou para ela, agachando-se para abraçar com força seu filho e sua filha uma última vez — eram sua vida, seu futuro—, aspirando seu aroma familiar, repassando mentalmente todas as boas lembranças que pôde encontrar, juntando-os nesse momento, se por acaso não houvesse outro.

—Recorda quem é, Josiah — sussurrou sobre seus cabelos.

Ele assentiu, enquanto a lágrima que não queria que sua mãe visse se filtrava para ela através do fino algodão de sua camisa.

—Sou um Protetor.

Estava tão convencido daquilo.

—E um Stone. Jamais esqueça isso nem pense que não é uma parte valiosa de você.

Voltou a assentir.

—Temos que ir agora, Sarah Anne — interveio Rachel em voz baixa.

Com um último abraço, Sarah Anne deixou Josiah partir.

—Tome cuidado.

Rachel pôs as mãos nos ombros de Josiah com ar protetor e um sorriso pequeno e forçado.

—Aqui quem toma cuidado sou eu, recorda?

Sarah Anne recordava, igual a muitas outras coisas.

Teri olhou para a entrada.

—É agora ou nunca, colegas.

Uma chama de puro medo atravessou Sarah Anne. A fuga de Josiah pela entrada lateral tinha que estar perfeitamente calculada para que não fosse visto nem farejado e, até com os cálculos mais precisos, o plano não tinha mais que uma mínima possibilidade de dar certo. O peso da impossibilidade alterou sua voz

enquanto pegava a filha nos braços.

—Corra muito depressa, Josiah.

Ele assentiu, e outra vez parecia um menino pequeno ao perguntar:

—E nos encontraremos na colina sul pela manhã?

Nada mais que a morte poderia impedi-la.

—Esse é o plano.

Isso bastou para ele. Sarah Anne agarrou Rachel pela mão quando ela já ia, fazendo-a virar-se. Tinha que dizer.

—Obrigado.

As palavras resultavam muito pobres em comparação com a emoção que sentiam. Se saíssem vivas desta, Rachel poderia pedir o que fosse a Sarah Anne, absolutamente o que fosse, e Sarah Anne concederia.

Rachel inclinou a cabeça.

—O que seja pela fêmea Alfa.

—Não sou da Manada — inclusive depois de sete anos, ainda doía dizer isso.
— Deixe de Alfas.

Rachel suspirou como se a verdade fosse um erro. Teri olhou para ambas e sacudiu a cabeça.

—Se Manada significar família, então acredito que nós somos — levantou com esforço o rifle. — E agora, se não houver mais objeção, tenho que fazer um pouco de estrago.

O eco dos disparos ressoava por todo o desfiladeiro.

—Não pode acusá-las de falta de coragem — murmurou Garret ao ver como uma mulher e um menino escapuliam pela entrada lateral da caverna, se transformavam e começavam a correr perpendicularmente a ladeira da colina, dissolvendo-se na noite, a fêmea protegendo o filhote. Os disparos do interior redobram até converterem-se em rajadas, sem dúvida com a esperança de distrair a atenção do grupo principal.

A suas costas, Cur soltou um rugido ao ver que duas sombras maiores se arrastavam noite dentro atrás da mulher e do menino.

—A mulher e o menino não podem ser acusados de nada, mas esses filhos da

puta que os perseguem não sabem a gana³ que tenho neles.

Levou a mão ao transmissor que tinha acoplado à orelha.

—Daire, tem dois amiguinhos peludos que se dirigem a você.

A inconfundível voz de outro mundo de Daire ressoou na linha que comunicava os cinco Protetores daquela missão.

—Tenho-os.

—Trazem companhia atrás.

—Muito bem — disse Daire depois de soltar um grunhido de satisfação.

—Alegro-me de saber que sua reputação não é infundada — rugiu Cur pela frequência privada que tinham Garret e ele ao ver como Daire abria o ângulo para cortar a passagem dos dois soldados que se dirigiam para a entrada lateral.

Garret estava de acordo. Moveu-se para a esquerda para flanquear os dois soldados que constituíam seu objetivo. A escória ainda não sabia, mas estavam cercados.

—Eu me alegro de que esteja de nosso lado.

Daire era o maior filho da puta, inclusive para ser homem lobo, e levava seus antecedentes violentos marcados nas cicatrizes de seu corpo. Era muito difícil fazer uma cicatriz em um homem lobo.

—Eu acreditava que ao tornar-se independente tinha se tornado um renegado.

—Não estou tão seguro de que não fosse assim.

Não estava seguro de nada referente a esta nova Manada e, menos ainda, dos motivos que levaram Daire a unir-se a esta missão. Suas razões e as de Cur eram facilmente compreensíveis. Nenhum dos dois escolheu pertencer aos desencaminhados e, quando os McGowan se aproximaram deles no bar e ofereceram a eles alcançar o status de membros da Manada, não duvidaram, aceitaram em seguida. Os McGowan eram uma lenda. Ferozes lutadores. Protetores da velha escola, dos que punham a Manada e a honra ante de todo o resto. Para qualquer Protetor seria um privilégio que o convidassem a unir forças com os McGowan. Para dois renegados foragidos como Cur e ele, era um prêmio sem comparação.

Abaixo havia movimento. Garret apontou o rifle para um dos soldados que

³ Gana – má vontade contra alguém, raiva. (Aurélio)

estava se aproximando de Kelon McGowan, para o caso de ser necessário. Voltou a abrir o transmissor a todas as frequências.

—Tem um problema na cauda, Kelon.

Pela mira, pôde ver com clareza o sorriso de expectativa que cintilou no rosto de Kelon.

—Obrigado.

O inimigo se lançou diretamente sobre as costas aparentemente desprotegidas de Kelon. O Renegado podia ser um soldado, mas Kelon era um Protetor, muito mais rápido, muito mais forte e muito mais de saco cheio. Virou-se e apanhou o lobo no meio do salto, evitou a patada do soldado com o simples procedimento de quebrar seu braço e, então, na fração de segundo em que o homem pendurava indefeso, fez justiça com uma simplicidade elegante e letal que deixou Garret admirado. Quando recebesse o sinal, ele faria o mesmo com os dois homens que foram atribuídos a ele. Aqueles homens estavam perseguindo mulheres e crianças de sua nova Manada. Não sobreviveriam a aquela noite.

O sentimento de estar fazendo o correto se intensificou em Garret quando guardou o rifle na capa que carregava nas costas e se lançou para frente, esperando com o ouvido atento a chamada ao combate; seu corpo bombeava adrenalina com uma urgência já familiar, aumentando seu poder muscular e a acuidade dos sentidos. Era a primeira vez que entrava em combate não para defender a si mesmo ou a um ideal, e sim em defesa de sua Manada. A satisfação e o orgulho se mesclaram com seus frios cálculos enquanto ficava de cócoras e esperava, sem perder de vista seus alvos: um estava subindo pela rampa de pedra para a entrada da caverna e o outro escondido detrás de uma árvore a três metros, apontava o rifle para a entrada da caverna. Garret sorriu, mostrando as garras. Aquele sacana ia ficar sem soltar seu disparo.

—Todos em seus postos?

A pergunta de Donovan McGowan chegou a ele em sussurros pela linha.

Quatro ecos sussurraram em resposta:

—Vamos.

Garret levantou os olhos para a caverna. Até ali tinha chegado seu segundo alvo, dedicado fanaticamente a sua missão, claramente acreditando ser mais

poderoso que as mulheres que estavam lá dentro. Garret não ia poder esperar muito mais.

Da entrada da caverna brotava o relâmpago dos disparos.

Um segundo mais tarde, o grito de guerra dos McGowan cortou a noite, reverberando por todo o vale. Garret saltou sobre o franco-atirador, e o elemento surpresa facilitou a matança. Muito singela para a avalanche de ira que corria em suas veias. Sem duvidar, uniu-se ao grito de guerra que ressoava a seu redor e correu colina acima. Um rastro de medo feminino baixou com o vento e se ancorou em alguma fibra de seu interior, empurrando-o a seguir adiante, monopolizando sua ira e seu interesse. Ouviu o choro de um bebê e um grito de mulher.

Enviou sua promessa para frente com um uivo.

Toca-os e o Mato.

Capítulo 2

O inimigo as alcançou.

Sarah Anne estava recarregando a escopeta com os cartuchos quando, de repente, viu uma sombra converter-se na silhueta de um homem de ombros largos. Ao seu lado, Teri disparou o rifle. Meg gritou, e o terror que havia naquele som era o eco do sentimento que se revolia dentro de Sarah Anne. Malditos sacanas. Outra coisa mais que lhes jogar na cara: até aquele momento, Meg não tinha conhecido o medo autêntico.

A silhueta titubeou, mas não se deteve. Teri voltou a disparar. Desta vez, a silhueta não duvidou. Quando ficou mais perto delas, Sarah Anne pôde reconhecer em seu semblante o lobo no fragor da luta, a cara ligeiramente deformada, as garras a mostra, a morte nos olhos escuros. O disparo seguinte de Teri só produziu um estalo metálico.

Merda.

—Volte com Meg e recarregue a escopeta — ordenou Sarah Anne, jogando

a arma para ela.

—Você não pode lutar contra eles sozinha.

Não, não podia, mas tampouco podia suportar os gritos de Meg.

—A escopeta faz mais danos neles.

Outro grito de Meg. O tom deste último tinha uma nuance diferente, demolidora.

—Mamãe!

Uma olhada por cima do ombro revelou a ela que dentro da caverna havia outro homem que se aproximava de sua garotinha, estendendo as garras para ela.

—Meg!

Virou-se e apontou a escopeta para ele, mesmo sabendo como sabia que não podia arriscar-se a errar esse tiro. A suas costas, colina abaixo, ouviu-se um grito animal. Selvagem, primitivo, mortal. A chamada a ordem de um Protetor. A ajuda estava a caminho. Muito tarde. Teri já tinha se posto em movimento, tinha corrido atrás do homem, empunhando o fuzil como se fosse uma estaca.

—Não, Teri!

O soldado se virou e esperou, olhando para ela por cima do ombro de Teri. Um sentimento de horror invadiu Sarah Anne. Conhecia-o. Colin. Um homem lobo de uma Manada aliada cuja reclamação ela tinha rejeitado. Teri não se deteve, simplesmente o enfrentou, tão feroz quanto qualquer Protetor.

—Afastede-se dela!

Fora da caverna se elevaram mais gritos de batalha, muito perto, mas ao mesmo tempo muito longe para que servissem de algo. Ouviu em suas costas um repicar de pedrinhas caindo na terra. Sua respiração congelou na garganta, afastou e tapou os outros soldados, lançando-se desesperadamente atrás de sua filha e de Teri. Ouviu o impacto de dois corpos pesados que se chocavam, seguido de alguns uivos. Não se importou. Nada que ocorresse atrás dela lhe importava. As únicas coisas que lhe importavam eram sua filha e a mulher tão ferozmente decidida a interpor seu frágil corpo humano contra um sanguinário soldado lobo.

Detrás dela uma voz de homem ladrrou.

—Atrás!

Sua alma se aferrou a essa litania silenciosa. Atrás! Atrás! Atrás!

Mas foi tão inútil quanto seu arrebatamento de um momento atrás, Colin agarrou o cano do rifle e com um sorriso frio o arrancou das mãos de Teri. Sarah Anne sacudiu a cabeça, sabendo o que Colin ia fazer, com todo seu ser suplicando clemência e um infrutífero "por favor" apertando seus lábios. Por favor, não mate minha filha. Por favor, não faça mal a Teri. Por favor, por favor, por favor.

Com uma facilidade demolidora, Colin arrancou o rifle das mãos de Teri e a empurrou para trás. Ela perdeu o equilíbrio e caiu onde estava a menina, que, aterrorizada, não parava de gritar.

—Mamãe!

O grito de Megan gravou o terror em sua alma. Ela não podia fazer nada. Não ia poder chegar a tempo.

—Não!

Um corpo masculino passou ao seu lado, incrivelmente rápido, deixando-a com uma impressão de poder e um aroma tão inquietantemente familiar que devolveu a esperança a ela quando tudo já estava perdido.

—Merda — uma mão golpeou seu ombro, jogando-a para um lado. — Atrás!

O tempo passou de correr a engatinhar e ela parecia estar flutuando, os olhos fixos na desumana curva da garra que pairava sobre sua filha chorosa. Muito tarde. Eles chegaram muito tarde. Mesmo assim, ela começou a rezar.

Por favor, salve-a!

Ouviu um alarido imaterial que flutuando ao seu lado, e depois, o impensável. Teri, Santo Deus, Teri, ou seja, como conseguiu penetrar no pequeno espaço de tempo decorrido entre a súplica e o golpe, para cobrir o corpo de Meg com o dela, levando o mortífero impacto em seu lugar. O grito de Teri se quebrou em um murmúrio estrangulado quando as garras mortais se cravaram bem fundo em seu flanco. O sangue começou a jorrar. Sarah Anne caiu no chão, batendo a cabeça contra a parede de pedra, e durante alguns preciosos segundos não viu nada mais que estrelas.

Quando recuperou a visão, pôde ver Teri jogada no chão, feito um volume

inerte com uma poça de sangue rodeando seu corpo imóvel. Não viu Meg. Com outro grito de guerra que retumbou dolorosamente por toda caverna, o desconhecido lançou Colin contra a parede. Colin respondeu com alguns golpes que, se tivessem acertado, teriam matado ao desconhecido. Mas o desconhecido era um Protetor. Era mais rápido, mais perigoso e mais mortal do que qualquer soldado poderia sonhar a chegar a ser algum dia. Era um dos poucos homens lobo geneticamente superiores que nasciam em cada geração.

A lenda contava que não havia nada capaz de interpor-se entre um Protetor e seu objetivo. Vendo como o desconhecido lutava enquanto tentava ficar de pé, Sarah Anne deu isso como certo.

O cômodo dava voltas; engatinhou até Meg e Teri. O sofrimento acompanhava o movimento de cada um de seus músculos. Já tinha perdido seu marido e sua Manada. Não podia perder sua amiga e sua filha. Não podia. Ouviu outros ruídos atrás dela. Não olhou, não se preocupou. Chegou ao lado de Teri. Apesar da quantidade de sangue que havia sob seu torso, o ombro estava limpo. Proporcionando a ela um lugar onde apoiar a mão.

—Vamos, Teri.

A outra mulher não se moveu, não se queixou; ficou lá. E sob o peso morto de Teri jazia sua filha. A pequena Meg era muito frágil para aguentar tanto peso sem asfixiar-se. Soluçando, rezando e amaldiçoando em uma descarga de pânico, Sarah Anne afastou Teri com a esperança de que não fosse aquele o movimento que a matasse. Seu estômago se revolveu ao ver o sangue. Queria ignorar tudo, queria voltar atrás no tempo e que nada daquilo tivesse acontecido, mas tinha que libertar sua filha.

Quando Teri caiu para um lado, Meg começou a gritar. Nunca nada soou tão bem para Sarah Anne; tomou-a nos braços, apertando seu corpo ensopado de sangue contra o peito, e sentiu seus braços diminutos rodearem seu pescoço, seus gritos que se afogavam em soluços antes mesmo de virar-se para procurar a mulher que jazia no chão.

—Tia Teri. Tia Teri.

Sarah Anne apertou o rosto de Meg contra o ombro, para que não visse aquela cena horripilante, e se dirigiu para um monte de pedras que havia em um

canto. Diante da caverna, a luta prosseguia. Depositou Meg no chão de terra, detrás das pedras maiores. Olhando-a nos olhos, ordenou:

—Fique aqui. Não se mova. Aconteça o que acontecer.

Meg assentiu. Sarah Anne calculou que teria, no máximo, cinco minutos, e nenhum mais, porque sua intrépida filha estava aterrorizada. Virou-se. Nada tinha mudado. Teri continuava jogada ali, continuava sangrando e ela continuava tendo que pensar no que ia fazer. Só que não podia. Não era cirurgiã e os humanos não se curavam sozinhos. Os três passos que a separavam de Teri foram mais longos que uma vida inteira. Teri levantou os olhos para ela com cara de dor; um fio de sangue correndo por sua boca. Era a melhor amiga que tinha no mundo, e a única coisa que Sarah Anne podia fazer era ajoelhar-se ao seu lado, segurar sua mão e dar uma pálida sombra de sorriso.

—Obrigado.

Teri meneou a cabeça. Levantou a mão para Meg e logo a deixou cair sobre o ventre.

—Está bem?

Referia-se a Megan.

—Graças a você.

Teri rejeitou a gratidão levantando dois dedos. Isso era muito próprio dela. Sempre dava prioridade aos outros, o que provavelmente foi o que a levou a tornar-se médica. Desta vez, tinha dado prioridade a Meg. Porque a via como da família. Apesar de ser humana, Sarah Anne pensava que Teri serviria para formar uma Manada.

Teri deixou a mão cair outra vez sobre o ventre e voltou a perguntar.

—Está bem?

Queria saber se seu próprio bebê estava bem. Por ter crescido sozinha, Teri começou a ver seu bebê como a materialização do sonho de formar a família que por tanto tempo havia nutrido. A partir do momento que percebeu que estava grávida, apesar de como ficou grávida, quis seu bebê. Concentrar-se nesse carinho deu a ela uma via para sair do inferno. E agora corria o risco de perdê-lo.

—Está bem.

Ao menos, esperava isso. Deu uma olhada para Meg. Ainda estava fora de seu campo de visão.

Teri olhou por cima do ombro de Sarah Anne. Seus olhos se arregalaram. Sua boca tentava falar. Com a mão, apertou levemente o braço de Sarah Anne, se esforçando para empurrá-la. Durante a seguinte fração de segundo, Sarah Anne sentiu o que Teri tinha visto. Uma presença masculina. Com um grunhido, virou-se, indo direto ao ponto onde pensou que estaria sua virilha. Mas se equivocou. Era mais alto do que ela tinha calculado e, olhando para cima daquele ângulo, extremamente intimidante.

Pegando a mão dela e aproveitando seu próprio impulso para deslocá-la um pouco para um lado, o homem lobo se ajoelhou ao lado de Teri, sorriu amavelmente para Sarah Anne e a informou:

—Seu objetivo está fora de combate.

Sarah Anne mostrou as presas para ele — era a única transformação lupina que podia obter naquele momento — enquanto soltava sua mão.

—Farei melhor da próxima vez.

—Certo.

Virou-se para sorrir para Teri enquanto levantava a borda inferior da camisa.

—Seu bebê está bem e ficará bem sempre que você esteja.

Quando Teri tentou olhar o ferimento, o homem neutralizou seu esforço pondo um dedo sob seu queixo.

—Em vez de olhar, necessito que feche os olhos e se concentre em diminuir seu ritmo cardíaco.

Teri sacudiu a cabeça, tossiu e apertou a mão de Sarah Anne, suplicando a ela com os olhos.

—Não é uma loba. É humana. Não pode...

O desconhecido a interrompeu com uma sacudida de cabeça que fez que os cabelos pretos deslizassem por cima do ombro:

—Pode fazer.

Não era tanto o que dizia e sim como dizia. Como se não houvesse dúvida de que o impossível podia ser alcançado porque ele o ordenava. E, porque ela mesma necessitava desesperadamente acreditar em algo, Sarah Anne sussurrou

para Teri:

—Tente. Por favor.

Teri assentiu.

O homem começou a desabotoar os botões da camisa ensanguentada.

—Essa é minha garota.

De Sarah Anne, para sua surpresa, escapou um grunhido, mais instintivo que deliberado, que ficou suspenso em sua garganta, muito suave para que pudesse ser ouvido pelos ouvidos humanos; mas o homem ouviu aquele som traiçoeiro.

—Não estou aqui para machucar vocês.

Ela grunhiu outra vez. Teri não suportava ficar nua. E muito menos depois do que aconteceu com ela.

—Controle-se.

Ninguém nunca havia dito isso a ela antes. Nunca foi necessário.

Ele deu outro olhar de soslaio para ela, avaliando-a, e depois se virou para Teri:

—Feche os olhos e faça o que eu disser. Agora está a salvo.

Depois tocou com um dedo o aparelho que tinha na orelha e murmurou:

—Daire, encontrou os outros dois?

Tinha alguém perseguindo Rachel e Josiah? Mesmo se esforçando muito, não conseguiu ouvir a resposta para essa pergunta tão crucial.

O homem a olhou, seus olhos quase pretos se tornando mais intenso à medida que sua ira desaparecia.

—O menino e a mulher: tem algum plano para se encontrar com eles?

Ela o olhou nos olhos, lutando contra o instinto de baixar os olhos diante de um Alfa tão evidente.

—Quem quer saber?

Ele não baixou os olhos.

—Kelon McGowan.

Ela sim baixou os dela. Imediatamente. Não se desafia um Protetor. Especialmente se for um dos legendários McGowan.

—Ficamos de nos encontrar amanhã.

Ele voltou a falar pelo transmissor.

—Nós os recolheremos amanhã. Devem estar a salvo até então, já que a ameaça foi eliminada. Necessito de você aqui.

Ela olhou para os corpos que havia ao redor da caverna. A ameaça foi eliminada. Era uma forma de ver.

Houve uma pausa durante a qual Kelon estava claramente escutando alguma outra coisa; depois, Kelon sorriu para Teri antes de dizer:

—Daire?

—O que?

—Apreste-se.

—O que ele pode fazer? — perguntou Sarah Anne ficando de pé e percebendo que não sabia onde o primeiro homem tinha ido. Quando o viu, um rugido subiu começando dos dedos dos seus pés. A mão que Kelon pôs sobre seu ombro evitou que se lançasse contra o estranho que tinha pego sua filha.

—Não sei, mas espero que ele pense em algo. Tem muita criatividade aquele filho da... —olhou para Meg, que, por sua vez, olhava para o homem que a segurava, presa do terror e fascínio. — Tem muita criatividade.

Sarah Anne sabia exatamente como sua filha se sentia ao ver o desconhecido aproximar-se, porque ela mesma não podia afastar os olhos do homem que caminhava para ela com a graça mortal de um predador. Não podia perder de vista a força que tinha aquelas costas tão largas, nem se afastar da inquietante reclamação de seu aroma, nem dar um passo atrás quando ele se aproximou e pegou sua mão, com um brilho nos olhos que era uma mistura de preto e prata.

Sentiu uma corrente na mão que subiu por seu braço, chegando até a medula como uma onda de calor. Quando ele a olhou nos olhos, seu sorriso transmitiu a ela outra descarga que a atravessou. Tinha a estranha impressão de que já o conhecia, mas nunca o viu antes. Se tivesse conhecido alguém como ele, recordaria. Meg fez um ruído inquieto ao receber no flanco um empurrão do ombro de Sarah Anne quando ele a puxou.

Meg se calou quando o homem sussurrou para ela:

—Shh...

Aquele homem não afastou os olhos dos de Sarah Anne enquanto rodeava o

corpo dela com o braço, envolvendo-a com sua força e os sentidos com seu aroma rico e sedutor. Masculino. Complacente. Aditivo. Ela inspirou. Ele sorriu.

Seu rosto era igualmente sedutor, aqueles traços cinzelados colocados em um rosto impactante por sua força e suas feições satisfeitas. Não tinha os olhos redondos nem ovais, e sim algo a meio caminho. Eram incrivelmente convincentes sob o corte agressivo de suas sobrancelhas, que refletia claramente a força de sua personalidade. Este não era um homem a quem se pudesse provocar.

—Vamos tirar a pequena daqui, concorda?

Puxou-a para trás, e por ele ser tão fascinante, ou talvez apesar disso, ela ainda sentia aquele princípio de medo por ele tentar afastá-la de Kelon e de Teri. Não seria nada novo que um macho liquidasse a descendência da mulher em que estava interessado, e o aroma do interesse daquele homem a rodeava com tanta força quanto o braço com o qual ele a segurava. O grunhido saiu dela começando dos dedos dos pés.

—Solte-me!

—Deixa-a respirar, Garret — zombou outro macho que tinha acabado de entrar em cena, e foi ajoelhar-se junto a Kelon.

Garret. O homem arrebatador se chamava Garret. Segundo a visão noturna de Sarah Anne, o recém-chegado tinha cabelos da cor do carvão com reflexos prateados, o que significava que, à luz do dia, seria castanho com reflexos loiros. Só os de sangue mesclado tinham essa cor loira nos cabelos. Os homens lobo puros sempre tinham cabelos escuros.

—Cale-se, Cur.

Ela pigarreou ao ouvir aquele insulto⁴. O polegar de Garret acariciou o dorso de sua mão.

—Calma, ele se chama assim.

Nem por isso deixava de ser um nome horrível para chamar a quem quer que fosse. Resistiu com muita dificuldade a vontade de soltar isso.

—O que Garret fez agora? — perguntou, entrando na caverna, um homem que se parecia muito com Kelon. Cur fez mais pressão sobre o ferimento de Teri.

⁴ Cur - jargão que significa "vira-lata" em inglês.

Seu gemido soou muito fraco.

—Chateou ao mais recente membro da Manada.

Era ela, estava falando dela. Esqueceu-se que estava na Manada.

O homem se aproximou, com um sorriso naqueles lábios tão bonitos.

—Quer que eu ensine uma lição a ele?

—Se não for muito incômodo... — respondeu Garret enquanto passava a menina para Sarah Anne e a empurrava outro passo para trás. Afastando-a dos outros homens. Disso, ela se deu conta.

Aquele tinha que ser Donovan McGowan. Ela simplesmente o contemplou, abraçou Megan e sacudiu a cabeça, engolindo a saliva com força. Wyatt Carmichael não tinha mentido. Tinha-os mandado por ela.

—Veio de verdade.

—É obvio. Em Haven levamos as promessas a sério — olhou para Kelon, que estava ocupado com Teri, antes de perguntar: — É sua amiga?

—Uma amiga muito boa.

Garret grunhiu atrás dela e o tom de sua voz deslizou por seus nervos como se fosse mel, atenuando a dor de ver Teri morrer e agasalhando seu estresse com um manto invisível de calma:

—Saltou entre o Renegado e a menina, levando ela a patada.

Sarah Anne finalmente encontrou a voz.

—Não podem deixá-la morrer. A Manada está em dívida com ela.

Donovan arqueou uma sobrancelha.

—Os humanos não são regidos pelas leis da Manada.

Mais outro homem entrou na caverna, agachando-se para passar por debaixo do teto da entrada lateral. Sarah Anne só podia olhar atônita enquanto ele se endireitava e cruzava como uma ameaça silenciosa o chão de terra, com os longos cabelos pretos jogados para trás, deixando descoberto seu rosto cheio de cicatrizes. Os homens lobo não tinham cicatrizes, mas quando a empurrou para passar, seu aroma foi inconfundível. Lobo. Talvez um ancião. Ela se inclinou para trás e correu para refugiar-se no peito de Garret. Seus braços a rodearam em seguida. Desta vez, mais que ressentida, estava agradecida pela proteção. O cru poder que aquele recém-chegado exalava era aterrador.

—Seu bebê é um lobo — ela sussurrou.

O silêncio caiu como o chumbo no ambiente que já estava tenso por si só.

—Onde está seu macho?

A pergunta, feita com uma voz grave, de outro mundo, vinha do recém-chegado, que aproximou a mão à face de Teri, sem chegar a tocar sua pele. Suas mãos eram tão grandes quanto todo o resto nele, mas havia uma ternura naquele quase toque que a deixou estupefata.

Teri estava inconsciente, morrendo. Dava no mesmo o que Sarah Anne revelasse agora.

—Não foi uma gravidez voluntária.

Esperava maldições, aborrecimento, perguntas a respeito da atroz revelação, tudo menos que continuasse aquele silêncio. Então começou, quase muito baixo para poder ouvi-lo, um grunhido grave que foi aumentando, ganhando caráter à medida que emanava do grande homem lobo que estava ajoelhado ao lado de Teri. O rugido selvagem não parou, nem sequer ao passar a mão por debaixo da cabeça de Teri. Simplesmente, continuou reverberando sinistramente e só parou quando o homem fez um sinal para Kelon e Cur, enquanto virava Teri.

—Mantém a pressão constante!

—Caso não tenha notado, não restou muito em que se agarrar — gritou Cur.

—Cale sua maldita boca.

Donovan tirou algo do cinturão e o pôs no chão. Com um estalo, a caverna se encheu de luz.

—Pode salvá-la, Daire?

Daire olhou Sarah Anne nos olhos.

—Não sem sacrifício. Até que ponto a quer?

Queria que Teri vivesse mais do que queria continuar respirando:

—Faça o que tiver que fazer.

Desta vez, sua mão tocou a face de Teri, ajustando-se a sua suave curva, embalando-a. Com um murmúrio ininteligível, inclinou-se sobre ela.

Teri gemeu. Sarah Anne ecoou. Havia tanto sangue...

Garret se virou, arrastando-a com ele. Quando ela tentou olhar a seu redor, ele impediu interpondo o ombro.

—Não é necessário que veja isso.

—É minha amiga.

—E está em boas mãos.

Ela cravou o cotovelo no flanco dele. Ele nem sequer grunhiu.

—E supõe que tenho que confiar em sua palavra?

Seus olhos eram uma mistura fascinante de marrons, dourados e verdes. Uma lenta onda de calor, totalmente inapropriada, totalmente incontrolável, abriu passagem lentamente de seu interior.

—Sim.

Meg estendeu o braço para ele, tão fascinada quanto sua mãe. Sarah Anne pegou sua mão e a pôs outra vez para baixo, sentindo a necessidade de pôr distância entre elas e o homem lobo. Mas ele não deixou, e quando Teri voltou a gemer, Sarah Anne perdeu o ímpeto. Necessitava de alguém em quem se apoiar nesse preciso momento.

—Por quê?

—Porque se mentisse para você saberia.

Havia uma só circunstância sob a qual aquilo poderia ser verdade.

—Você não é meu macho!

Ele não afastou em nenhum momento os olhos de sua boca, observando como formava as palavras, e a deixou tão nervosa que a obrigou a lamber os lábios; aquele calor interno ia se intensificando a medida que ele seguia com os olhos cada movimento que ela fazia. Garret arqueou a boca ao mesmo tempo em que arqueava a sobrancelha esquerda e perguntou:

—Quer que demonstre isso a você?

Capítulo 3

Quer que demonstre isso a você?

Sarah Anne negou com a cabeça assim que conseguiu superar o momento de fraqueza que a levou a apoiar-se na força de Garret. Nenhuma mulher em seu

são julgamento queria. Não havia segurança alguma na energia que emanava do homem que a sustentava. Ele representava tudo aquilo pelo que tinha fugido da Manada. Era selvagem. Dominante. Agressivo.

—Não.

—Talvez mais tarde.

Aquilo não significava que ele tinha aceito sua negação. As palpitações em sua cabeça aumentaram. Não necessitava dessa complicação. A única coisa que precisava saber era o que estava acontecendo com Teri, mas não conseguia ver mais que as enormes costas do ancião. Não confiava no velho lobo nem em Garret. Inclinando-se para trás, só conseguia ver Kelon e Donovan. Eram os Alfas da nova Manada. Tampouco confiava neles. Tomou fôlego e ergueu a costas. Se esse era o caso, teria que adotar certo ar de controle.

—Solte-me.

Para sua surpresa, ele a soltou.

Respondeu a seu olhar com um sorriso:

—Não sou um monstro. Posso dar tempo a você.

Não tinha sentido ficar discutindo as intenções de emparelhamento de um homem lobo macho, assim não perdeu tempo. Rodeou Garret para poder ver melhor Teri. A única coisa que conseguiu ver foi uma mancha escura que se estendia pelo chão e as costas do ancião que trocava de posição exatamente ao mesmo tempo que ela. Estava obstruindo sua visão deliberadamente?

Sentiu que tocavam seu ombro, o que era quase mais do que seus sentidos extremamente aguçados podiam suportar. Havia muito sangue.

—Sarah Anne...

Liberou-se de Garret com uma sacudida da mão.

—O que preciso é que me deixe em paz.

Por um momento pensou que ele não ia deixá-la, mas então ele assentiu brevemente:

—Isso eu também posso fazer.

Fez outra breve pausa antes de acrescentar:

—No momento.

Ele a fez sentir-se muito ameaçada. Fisicamente, emocionalmente,

mentalmente. Ela apertou os punhos, sem deixar de olhar para a poça de sangue. Era cada vez maior?

—Muito obrigado.

Aquele sarcasmo golpeou a autoestima de Garret do mesmo modo que uma bola do ping-pong golpeia uma superfície rígida.

—De nada.

Donovan levantou os olhos e fez um gesto para Garret. Ele a olhou, olhou para Meg, e hesitou durante uma fração de segundo antes de percorrer aquela pequena distância com tranquilidade. Apesar de estar tensa e do medo, Sarah Anne sentiu um lampejo de desejo. Deus santo, e se realmente aquele fosse seu macho? Se fosse, seria muito irônico. Tinha abandonado a Manada há oito anos para evitar o emparelhamento com um homem lobo, e no mesmo instante em que encontrava outra Manada, o que lhe acontecia? Respirou fundo e soltou o ar. Meg recostou a cabeça contra seu ombro e rodeou seu pescoço com os braços.

—E Josiah?

Sarah Anne deu um beijo no auto da cabeça dela. Meg cheirava a terra, suor e medo. Necessitava de um banho. Necessitava de segurança. Sarah Anne olhou para os homens que as rodeavam. Todos eles grandalhões, irradiavam o poder característico dos Protetores. Olhou para os dois homens mortos na caverna. Em troca, aqueles outros homens eram de sua Manada. Tinham vindo buscá-las, a ela e aos seus filhos. Tinham lutado para protegê-los. Recordou o horrível momento em que Colin se dispôs a cravar as garras no frágil corpo de Meg. Olhando para Garret, recordou o rugido que ele lançou ao investir e a brutalidade com que tinha lutado. Havia feito isso por ela. E, ao refrescar os sons da luta em sua memória, ao mesmo tempo em que revivia aquele instante de terror máximo, percebeu algo mais. Pelo visto, qualquer um podia perceber que ela era uma fêmea capaz de ter filhos com mais de um macho. Uma raridade entre os homens lobo. Colin poderia não ser o último homem lobo a tentar emparelhar-se com ela à força. Nem o último a tentar assassinar seus filhos. Enquanto ela continuasse sem Manada, seus filhos correriam perigo.

Além de um banho, admitiu para si mesma sentindo que era inevitável, sua

filha necessitava de proteção. Apoiou a face sobre a cabeça de Megan e examinou os homens da caverna, começando pelos McGowan. Os McGowan eram os Protetores mais temidos e respeitados há séculos. Eram legendários por defender implacavelmente aqueles que estavam sob sua proteção. A tensão se acumulou em seu estômago e começou a estender-se para fora. Sua filha ia necessitar da proteção desses homens tão fortes. Sua mente passou, para seu pesar, a seguinte conclusão lógica quando voltou a olhar para Garret. Qualquer lobo que estivesse ao lado daqueles homens compartilharia o mesmo código de honra. E mesmo se não compartilhassem da mesma forma que não interfeririam nos assuntos do casal, a hierarquia da Manada garantia que fariam assim a favor de sua prole.

Quer que demonstre isso a você?

Examinou rosto duro de Garrett. Santo Deus, não queria que demonstrasse, mas ao que parecia não podia permitir-se que não o fizesse.

A capacidade de empatia de Megan escolheu aquele momento para entrar em cena. Com sua mãozinha, tocou a face de Sarah.

—Mamãe triste?

A voz de Megan chegou a todos os cantos da caverna. Todos os homens menos Daire a olharam. Sarah Anne não estava segura do que devia responder. Sem dúvida, qualquer resposta seria interpretada segundo as necessidades de cada um dos homens que a estava escutando.

—Não, minha filha. Só estou cansada.

Cansada do cárcere de sua herança. Cansada de estar condenada se fizesse e condenada se deixasse de fazer. Suspirou. Garrett franziu o cenho e a percorreu de cima a baixo com os olhos. Olhava-a, ela sabia, com aquela necessidade obsessiva de controlar e regular tudo relativo à mulher que é própria do consorte em potencial. Ela retornou para ele o que esperava que fosse um sorriso tranquilizador.

Seus dotes de atuação não deveriam estar à altura, porque Garret se afastou de Donovan, coisa que ninguém nunca fazia ao seu Alfa. Donovan franziu o cenho. Uma parte dela albergava o pensamento aterrador de que talvez o Alfa

não a considerasse digna de criar problemas a um de seus Protetores. Isso seria fatídico. Um Alfa podia impedir um emparelhamento. Garret ficou na frente dela. Apoiou a ponta de um dedo contra sua jugular. Aquilo era uma ameaça?

—Não precisa se preocupar. Nós nos encarregaremos de tudo.

—Meu filho está lá fora. Minha amiga está lá fora. Minha outra amiga está morrendo, assim, me diga como espera que eu não me preocupe?

Garret fez uma careta.

—Suponho que pondo desse jeito, seja impossível.

O pulso de Sarah Anne corria como um trem de carga sob o toque dele. A ansiedade dava um toque amargo ao aroma acobreado de seu sangue. Dentro de Garret, a necessidade de ajudá-la a resolver as coisas aumentava como um uivo silencioso. Queria pegá-la nos braços, levá-la para sua casa, pô-la confortavelmente na grande poltrona de sua sala, envolvê-la em uma manta e, bom, mimá-la. O que já era muito para dizer de alguém que nunca mimou ninguém.

A garotinha tirou o dedo imundo da boca, o olhou e voltou a enfiá-lo na boca. Em todas as especulações a respeito de seu futuro, que sua fêmea viesse com filhos de outro homem não fazia parte do que ele imaginou. Mesmo seguro como estava de sua habilidade para fazer Sarah Anne feliz, não confiava absolutamente em sua capacidade de ser um brilhante pai improvisado. A garotinha sorriu para ele. Um sentimento estranho percorreu suas vísceras. Franziu o cenho. Ela parou de sorrir e voltou a esconder o rosto no pescoço da mãe. Ele se sentiu como um inseto. Ainda mais quando Sarah cobriu com a mão a cabeça da filha e a puxou para ela. Levantou o lábio mostrando as presas alongadas. Mas que merda ela pensava que ele ia fazer com ela?

Não teve a oportunidade de averiguar porque Donovan o chamou.

—Se for capaz de parar de flertar um momento, Garret, eu gostaria de terminar nossa conversa.

Megan virou a cabeça quando Garret lançou um grunhido. Depois de sua reação um momento antes, ela esperava que ele ficasse de cara feia. Seu sorriso a pegou completamente de surpresa. Tão incrivelmente doce que voltou a tocar aquela fibra de seu interior. Ofereceu a mão a ela. Sarah Anne grunhiu e curvou

os ombros sobre a filha para protegê-la. Ele baixou a mão e deu um passo para trás. Donovan voltou a chamá-lo.

Girou sobre os calcanhares e se dirigiu a Donovan.

—Terá que esclarecer para ela — Donovan disse a ele assim que o teve ao seu lado.

Não havia dúvida a respeito de que se referia.

—Eu gosto das crianças.

—Mas não da filha de sua fêmea, que por sua vez é filha de outro homem?

Garret não sabia o porquê daquilo.

—Por que diz isso?

Do chão onde Teri estava aconchegada, Daire sugeriu:

—Qualquer homem lobo ficaria um pouquinho ciumento.

—A questão é — se meteu Kelon—, o que vai fazer a respeito?

A atmosfera ao seu redor tinha mudado. A pesar do aspecto externo, aqueles homens estavam em guarda. Preparados para o ataque, no caso dele ameaçar a menina. Já devia estar acostumado. Onde ele cresceu nunca lhe concederam o benefício da dúvida. Levantou o lábio desdenhosamente.

—Não se preocupem. Seu mais recente membro da Manada está a salvo esta noite. Eu só como as meninas pequenas no café da manhã.

O aroma de Sarah Anne chegou muito tarde a ele; veio cavalgando no lombo de seu grunhido acusador.

—Seu filho da puta.

Ele fechou os olhos um instante para combater o violento ataque de ira que estava entrando nele. Os outros certamente já sabiam que ela estava ali. Seguiu-a com os olhos enquanto ela cruzava o cômodo com o cenho franzido e se refugiava atrás de um pequeno monte de pedra, como se ali estivesse protegida de algum modo.

Ele se virou para o Protetor mais próximo, que naquele momento era Kelon.

—Fizeram-me cair na armadilha.

Kelon respondeu para ele com outro grunhido.

—Só porque pensávamos que diria que não tinha nenhum problema com a menina.

—Não tenho nenhum problema com a menina.

—Vai precisar de um milagre para convencer a mulher disso — assegurou Daire sem levantar os olhos.

—Cale-se, Daire.

Donovan o olhou arqueando uma sobrancelha.

—Sabe com quem está falando?

—Para mim dá no mesmo.

A única coisa que o importava era Sarah Anne. Ia demorar anos para tirar dela a suspeita de que queria matar sua filha. Queria bater em algo, ou em alguém. De preferência em Daire. O ar de superioridade que o ancião tinha ao falar o irritava muito. Infelizmente, Daire não se dava por informado, assim ia ter que provocar a briga ou procurar outra coisa para fazer. Decidiu-se pelo segundo.

—Vou explorar os arredores para me assegurar de que não há mais Renegados.

Ninguém disse o óbvio: já sabiam que não havia mais. Foi muito lisonjeado. Ficou claro que não iam aceitar da mesma maneira se matasse um membro de sua nova Manada.

Capítulo 4

Garret não precisava olhar para saber quem era que estava lhe seguindo para fora da caverna. Cur e ele estavam juntos há tanto tempo que mal podia distinguir o aroma de Cur do dele. Algo de metal arranhou a rocha quando Cur se apoiou contra a parede da caverna.

—Suponho que pode se tirar o lobo da Manada, mas não se pode tirar a Manada do lobo.

Garret deu de ombros.

—Já sabíamos que iam nos aceitar só até um limite.

Examinou o vale que se estendia a seus pés em busca de algum sinal de vida. Não encontrou nenhum. Pior ainda, porque tinha vontades de brigar. Pegou uma

pedra.

Cur afastou os cabelos do rosto.

—O que vai fazer?

Garret jogou a pedra para cima uma vez, duas vezes, antes de segurá-la na mão e apertá-la, recordando-se da expressão do rosto de Sarah Anne. Ela pensava sinceramente que ia machucar sua filha.

—A respeito do Haven ou a respeito de minha fêmea?

—Escolha você.

Não podia. Esse era o problema.

—Poderíamos nos deixar.

—Você e sua fêmea? Não acredito.

Garret deixou a pedra cair e a esmagou contra o chão com a sola da bota.

—Uma fêmea a quem teria que forçar: viu a cara que fez.

—Também vi como se apoiava em você durante o ataque dos Renegados.

—Isso foi por medo.

—Ou por instinto — Cur deu de ombros. — Não importa saímos vitoriosos de situações piores.

Sim, isso era verdade. Formavam uma boa equipe. Cur, quando jogava com vantagem, sempre era capaz de manipular a ocasião. E Garret sempre conseguia tirar vantagem. Recostou-se contra a parede da frente.

—Alguma vez lhe disseram que é imensamente otimista?

Cur sorriu mostrando as presas.

—Não importa o que ocorreu lá dentro, nem decidir ficar na Manada Haven ou não; o que não se pode negar é que está mil vezes melhor agora que quando nos levantamos da cama esta manhã.

—O que o faz pensar isso?

Ele enganchou os polegares nos bolsos do jeans e repousou a cabeça contra a parede de pedra.

—Esta noite temos várias opções.

—Todas ruins.

Com um gesto do polegar, Garret apontou para dentro da caverna.

—Só um pessimista poderia dizer que aquela coisinha linda lá de dentro é

uma má opção.

Aquela coisinha linda foi quem fez ele passar pelo pior medo de todos. Tinha lhe dado esperanças.

—Aquela coisinha linda tem os mesmos preconceitos que os McGowan.

—Aquela coisinha linda pertence a você, de corpo e alma, pela lei da Manada. Não importa a opinião dela. A única coisa que importa é o que você quer fazer a respeito.

Sim. Como se fosse ser tão fácil. Como se com um simples estalo de dedos, tudo fosse ser como ele queria.

—Acha que os McGowan vão me deixar sair daqui com ela tão facilmente?

Cur sorriu, deixando as presas descobertas.

—Não acredito que vamos lhes deixar alternativa.

Era muito tentador. E não dava a entender que pegar o que eles queriam não era sua norma. Os lobos sem Manada tinham que procurar viver da melhor forma que pudessem. Alguns triunfavam. Outros morriam.

Outros enlouqueciam por causa da solidão. Cur e ele encontraram o modo de triunfar. Sarah Anne era uma lutadora. Pouco a pouco, aprenderia a triunfar também.

—Isso é muito tentador.

Cur se afastou da parede.

—Então por que ainda estamos aqui de braços cruzados?

Garret recordou a coragem com que Sarah Anne lutou até o final, a incredulidade que mostrou quando acreditou que suas opções tinham acabado e o ressurgir da esperança quando percebeu que a Manada tinha vindo resgatá-la. A incerteza que se apoderou dela quando os McGowan se apresentaram. Ele foi muitas coisas na vida, algumas foram pouco honrosas, mas não queria ser o homem que destruiria o sonho de Sarah Anne. Se ele sempre desejou fazer parte de uma Manada, uma mulher com filhos tinha que desejar isso muito mais.

—Porque prefiro pensar que não somos uns completos filhos da puta.

—Droga.

—Sim, droga.

—Não podia esperar para se tornar decente depois que tivéssemos

conseguido o que queremos?

Aquele "queremos" o fez parar.

—Temo que não.

A frieza aferrou-se as suas vísceras.

—Como quiser, não há nada que o retenha aqui. Se ainda quiser o trabalho que rejeitamos para fazer este, não acredito que ninguém o tenha aceito ainda.

Era uma missão bastante suicida para um humano.

—Não quero nada que não seja minha Manada.

—Não tenho certeza que Haven vá nos aceitar.

—E quem está falando do Haven? Nós fomos uma Manada por toda vida — Cur abrangeu a distância que os separava com um gesto da mão. — Isso nos basta.

Não, não bastava. Embora isso fosse o que eles tinham dito durante anos, os homens lobo foram feitos para fazer parte de um todo ainda maior. Cur e ele podiam ter sangue humano, mas eram lobos até a medula, Protetores e, apesar da vida que construíram sozinhos, estavam vivos só pela metade. Isso doía em Garret todos os dias. E sabia perfeitamente que em Cur também. Se Garret desperdiçasse esta oportunidade de pertencer a uma Manada, pelo menos teria sua fêmea. Em troca Cur só teria uma noção de como poderiam chegar a serem as coisas que talvez nunca se tornassem realidade. E, mesmo assim, faria o sacrifício por Garret. Porque eram amigos. Olhou para dentro da caverna e viu Donovan discutindo com Sarah. Fosse o que fosse aquilo que estavam discutindo, não agradava a nenhum dos dois. Esperava com todas suas forças que os McGowan apreciassem a contribuição de Cur. Era um soldado feroz, um amigo leal e merecia algo muito melhor que ser desprezado porque seu pai se emparelhou com uma humana. Se os McGowan aceitassem sua adesão, Garret estava disposto a fazer certos sacrifícios. Cur tinha razão. Eles eram toda a Manada que cada um deles tinha. E a Manada dá prioridade a Manada.

—Bom, parece que vamos continuar um pouco mais.

—Sua fêmea e você?

Garret se endireitou; já tinha optado por uma solução. Algumas vezes um homem tem que lutar por aquilo que lhe pertence.

—Nosso lugar é nessa Manada.

Sentiu-se bem ao dizer isso.

—Alegro-me de ouvir isso.

Aquela declaração veio de dentro. Garret se virou e ali estava Kelon. Tão rápido e inquietante. Não fez um só ruído que delatasse sua presença. Aí estava, mais outra diferença entre os Protetores e eles: Cur e ele eram autodidatas. Sua tática se limitava a improvisar e compor. O rastro de sangue humano que corria por suas veias impedia que atribuísem a eles um mentor que os ensinasse as técnicas que lhes correspondiam por direito. Aquilo não impediu que copiassem algumas, mas muitas mais eram as que faltavam eles aprenderem.

—Não se preocupe — zombou, desejando começar a golpear por culpa daquele ressentimento do que não podia se desfazer. — Temos por norma não deixar um trabalho até que o terminemos.

Kelon levantou a sobrancelha direita com clara intenção de zombaria e torceu as comissuras dos lábios. A ira retorcia as vísceras de Garret. Se Kelon continuasse alfinetando-o, ia acabar descobrindo o número exato de truques secretos dos protetores que Cur e ele conseguiram descobrir sem ajuda de ninguém.

—Valorizamos muito isso — Kelon apontou com a cabeça para dentro. — Donovan quer que volte para dentro.

—Por quê?

Desta vez não houve dúvida de que o outro Protetor estava se divertindo.

—Porque Sarah Anne está fora de controle.

Ele ainda não tinha reconhecido ela como sua fêmea e Kelon sabia disso.

—E por que isso seria de minha conta?

Ele voltou a levantar a sobrancelha e mostrou suas presas cintilantes.

—Porque Donovan quer que assim seja.

Que merda queria dizer com isso? Acaso Donovan ia consentir o emparelhamento? Ele olhou para Cur. Depois de uma hesitação que manifestou suas próprias dúvidas, Cur deu de ombros.

Garret tinha deixado de ser uma marionete nas mãos dos McGowan.

—Foda-se.

Kelon se endireitou com uma agressividade fustigante que se percebia em seu aroma.

—Está me desafiando, cachorrinho?

A única coisa que Garret sabia como lidar era a agressividade. Quão único tinha que fazer era abrir as barreiras mentais que normalmente matinha fechada.

—Volte a me chamar de cachorrinho e essa frase não terminará com um sinal de interrogação.

Cur deu um passo à frente, disposto como sempre a cobrir suas costas. Garret sacudiu a cabeça. Aquela briga era sua.

Kelon olhou para Garret. Depois para Cur. Depois outra vez para Garret. A expressão de sua cara era inescrutável.

—Por mim tudo bem — se dirigiu para dentro. — Mas Donovan continua sendo seu superior e continua esperando.

—Deixe-me adivinhar: não gosta que o façam esperar? — perguntou Cur ao passar pela frente.

—Tanto quanto lidar com mulheres histéricas.

Relutantemente, Garret sentiu certa preocupação e a necessidade de protegê-la.

—Sarah está histérica?

—Pelo que se percebe em seu aroma, está a ponto de exceder o limite. Não deveria se preocupar com isso, mas, de fato, se preocupava.

—Merda.

Seguiu Cur.

Atrás deles, Kelon ria entre dentes.

—Tinha certeza que isso ia lhe dar ânimo.

—Cale-se.

A única coisa que aquela ordem inspirou em Kelon foi uma risada descarada.

Capítulo 5

Sarah Anne enfrentava Donovan, com o queixo levantado, as costas erguidas e sua filha escondida atrás dela. Pelo gesto impaciente da mão de Donovan se via que não gostava do que estava ouvindo.

—Vá buscá-los agora! — a ordem de Sarah Anne não podia ser mais clara.

Se enfrentar seu Alfa a intimidava, dissimulava isso bem. Ele esperava que, um segundo mais tarde, ela se transformasse em loba e, no mínimo, desse uma patada nele. Mas isso não ia ocorrer. Atacar ao Alfa acarretava graves consequências.

—Esqueça isso.

E, pelo grunhido com que sublinhou aquela declaração, ficou claro que Donovan tinha chegado ao limite de sua paciência.

Sarah Anne não se acovardou.

—Não me esquecerei de nada. E muito menos que meu filho está lá fora à mercê de qualquer Renegado que o encontre. Nem que minha amiga, que está com ele, está igualmente indefesa; nem, de maneira mais especial, de como você tomou todo o tempo do mundo para vir nos proteger.

—Sabiam que tinham que passar despercebidos.

—Não pudemos.

—Desobedeceram a uma ordem direta.

Sarah Anne apertou os punhos.

—Minha amiga estava em uma embrulhada.

Donovan passou os dedos pelos cabelos.

—Pois agora está em uma embrulhada ainda maior.

—E de quem é a culpa?

—Quem você acha que tem?

Sarah Anne ficou nas pontas dos pés, desafiando-o abertamente.

—Você!

Atrás de Sarah Anne, Meg choramingou e voltou a aconchegar-se contra a pedra. Garret pensou que nada daquilo era assunto dele. Sarah o rejeitou de todas as maneiras possíveis. Não era ele o encarregado de fazer desaparecer seu medo nem o de sua filha, mas pensou que talvez estivesse sendo idiota quando Meg começou a tremer o queixo e olhou para ele.

Ajude-me.

Aquelas palavras se incrustaram em seu cérebro como se as tivesse gritado. Ele ficou estupefato. Acaso a menina era telepata?

Abriu os braços para ela. Venha.

Ela, não apenas foi, começou a correr pelo chão de terra, com os cabelos ao vento, ensopada de lágrimas.

—Meg, volte aqui — disse Sarah, mas não serviu de nada porque, antes que pudesse pronunciar a última sílaba, sua filhinha já estava pendurada no pescoço de Garret.

O instinto o levou a rodear com os braços aquele torso diminuto quando as pernas dela rodearam sua cintura.

Pensava que seu aroma ia lhe causar repulsão, mas a única coisa que sentiu foi uma necessidade imperiosa de protegê-la.

—Não deixe que faça mal a minha mamãe.

Soube, pelo sobressalto de Donovan, que ele a ouviu. E, ao que parecia, Sarah Anne também.

—Meg!

Ele os ignorou.

—Donovan é o Protetor de sua mamãe e nunca faria mal a ela.

—O que é um Protetor?

Qual seria o equivalente humano?

—Sabe o que é a polícia?

Ela assentiu. Ele quis deixá-la no chão, mas ela se agarrou com força. Sem saber bem o que fazer com a mão que estava livre, ele segurou a cabeça dela como Sarah Anne fez antes. Megan fungou. Estaria enchendo seu pescoço de mucos?

—Sim, são bons rapazes.

—Bem, pois Donovan é como um super-bom-rapaz.

—Mas gritou.

Garret lançou um olhar para Donovan.

—Um super-bom-rapaz com uma voz muito forte.

Aparentemente isso não a tranquilizou porque, quando fez outra ameaça de

deixá-la no chão, ela se agarrou ainda mais forte a ele. E, pela forma que o nariz dela escorregava por sua pele, estava enchendo seu pescoço de mucos.

Donovan tocou o braço dela com um dedo. Meg choramingou. Os lábios de Garret se enrugaram pela preocupação.

—Eu nunca faria mal a sua mãe, menina.

Meg ficou paralisada e Garret lançou um grunhido.

—Nem tampouco a você — acrescentou Donovan pausadamente.

Meg esfregou o nariz com as costas da mão. Suas pestanas roçaram a clavícula dele. A meio metro deles, Sarah Anne se alvoroçou. Com os braços cruzados na altura do peito, destroçando com os dedos os punhos das mangas da jaqueta, abandonou o pouco controle que tinha sobre si mesma.

—É um deles — acusou Meg com sua vozinha.

Donovan suavizou o tom até um ponto inimaginável.

—Um dos que?

—Dos maus que machucou titia T.

Donovan ignorou a advertência de Garret e pôs a mão nas costas de Meg.

—Não, pequenina. Sou o bom que vai matar aos que machucaram sua titia T.

Aquilo a obrigou a tirar o nariz do pescoço de Garret e o deixou sentindo o ar frio onde ela esteve apoiada.

—De verdade?

Ninguém que tinha aquela inocência tão doce deveria estar tão sedento de sangue.

Sarah Anne foi até sua filha.

—Não, não vai fazer isso.

Garret não soltou Meg, mas deu um conselho a Sarah.

—Não diga a seu Alfa o que tem que fazer.

Era muito perigoso. Donovan teria pleno direito de repudiá-la.

—Digo o que eu quiser.

Meg, de repente, animou-se. Foi pelo tom de Sarah ou pela oportunidade de ensaiar uma expressão nova?

—Olhe essa boquinha...

Sarah Anne abriu a boca e a fechou de repente ao olhar para sua filha. Ele

girou para a direita e Sarah Anne foi com ele, seguindo a filha. Cada centímetro que ela se afastava do outro homem lhe permitia respirar melhor. Cur ficou do outro lado de Donovan. Garret olhou Donovan nos olhos. Independentemente de seus sentimentos a respeito daquela situação, tinha que seguir o protocolo.

—Desculpo-me em nome de minha fêmea.

Donovan ficou boquiaberto e expandiu as janelas do nariz. Um pouco de satisfação iluminou seu rosto.

—Então, reconhece-a como sua fêmea?

Garret virou-se para trás para observar o rosto pálido de Sarah Anne, seus traços rígidos e aquela determinação que delatavam a fragilidade de seu gênero.

—Reconhece-a como sua fêmea e a seus filhos como seus?

A aquiescência do Alfa o acalmou como se fosse um bálsamo para sua alma.

—Não — protestou Sarah Anne.

—Sim — disse ele com um prazer inexorável correndo por suas veias ante o sorriso de Donovan.

—Neste caso, aceito suas desculpas.

Donovan revolveu os cabelos de Meg.

—Desfrute de sua nova família.

—Não pode me fazer uma coisa dessas — voltou a protestar Sarah Anne virando a cabeça em busca de ajuda. Não ia encontrá-la entre aquela multidão masculina. Nenhum homem lobo macho interferiria nos privilégios que lhes foram outorgados no que dizia respeito a reconhecer como suas as fêmeas.

—Já está feito — gritou Daire do chão onde estava sentado.

—Não pode ser.

Sarah Anne agarrou Meg. Desta vez Garret deixou-a ir. Ela abraçou-se a Meg como se a menina fosse a última coisa que a ligava à prudência.

—Fui embora para fugir disto.

Aquelas palavras tinham um profundo ar de incredulidade.

As de Donovan não o tinham.

—Não pode fugir de seu destino.

Inclinou-se levemente.

—Bem-vinda a minha Manada e a minha proteção.

Sarah Anne franziu os lábios.

—Não foi muito duradoura.

—O suficiente.

—O que acontece ao meu filho?

Desta vez foi Cur quem respondeu.

—Trá-lo-ei de volta para casa.

—Mas Rachel...

Cur assentiu e seus cabelos, muito longos, roçaram o couro de seu casaco.

—A sua amiga também. Considere isso um presente de casamento para o membro mais novo de minha Manada.

O medo de Sarah Anne feria Garret como o fio de uma faca. Queria dar a ela algo em que pudesse agarrar-se.

—Se há algo que Cur sabe fazer, é cumprir uma promessa.

—Tem um nome horroroso — sussurrou daquela forma que as pessoas utilizam para se defenderem quando já não aguentam mais. Olhou para Garret com aqueles olhos castanhos tão grandes e tão cheios de dor. — Quero encontrar meu filho.

—Eu sei.

Sarah Anne olhou para Teri. Seus olhos tentaram evitar a presença imponente de Daire e roçou Kelon e Donovan antes de voltar para Cur.

—Vocês dois são amigos.

Não era uma pergunta.

—Sim.

—E você tem certeza que me reconheceu?

Cur não duvidou.

—Sim.

—E vai me proteger?

—Sim.

—Aconteça o que acontecer?

O que foi?

—Sim.

Ela se colocou sob o braço de Garret.

—Então os mantenha afastado de mim enquanto eu encontro meu filho.

Capítulo 6

Que merda havia feito para terminar no mesmo lugar onde começou, emparelhada com um lobo a quem não conhecia e com todo mundo esperando que estivesse sorrindo e feliz? Sarah abraçou Meg com força quando saiu para a escuridão da noite. Respirou fundo, inalou o ar fresco e tentou controlar as lágrimas ao não encontrar rastro algum do aroma de seu filho. Durante cinco anos, ele nunca lhe faltou e agora, no entanto, não havia como encontrá-lo. O céu noturno, que normalmente era algo belo, estendia-se sobre a paisagem como se fosse um buraco negro infinito que zombava dela, Josiah estava lá fora em algum lugar, cercado por sabe Deus quantos Renegados que queriam caçá-lo. Fechou os olhos.

Mantenha-o a salvo, Rachel.

Por Deus. Mas o que estava dizendo? Rachel não era mais que uma mulher. Nem sequer era treinada nas técnicas de batalha. Fechou os olhos e tentou outra vez. Saindo na imensidão da noite, tentou se conectar com algo maior que ela. Por favor, mantenha os dois a salvo.

Inundou-a uma paz interior. Pestanejou. Meg colocou as palmas de suas mãos diminutas sobre as bochechas.

—Mamãe, encontraremos 'Osiah agora?

Sarah a fez dar um pulinho para que não escorregasse. A paz interior desapareceu como se nunca tivesse existido.

—Estará nos esperando em nosso lugar secreto.

Tinha todas as esperanças postas nisso.

—E se tiver se perdido?

Não podia ter se perdido.

—Tia Rachel está com ele.

—E se estiverem feridos?

Deus santo, Megan tinha que parar de expor todos seus temores. Não tinha forças para combatê-los quando os representavam tão cruamente.

—Então nós os curaremos.

—E se...?

—Megan Lea, se cale!

Meg fez o dramalhão característico que precedia à birra completa.

Deus, agora estava sendo brusca com a filha que restava. Sarah Anne a abraçou fortemente e deu um beijo no cocuruto dela.

—Desculpe, meu amor. É que mamãe está muito cansada.

Os lábios de Meg tremiam.

—Eu não gosto dos gritos.

Tinha sido insensível aos gritos até que os Renegados irromperam no apartamento de Teri para bater nela e violá-la enquanto Meg estava em seu berço ouvindo tudo. Da mesma maneira que queria ver aqueles lobos mortos pelo que fizeram a Teri, queria vê-los mortos por haverem imbuído em sua filhinha o medo dos homens. Exceto de Garret. Mordeu o lábio. Megan não tinha medo de Garret.

—Então não voltarei a gritar.

Meg fez beicinho.

—Tampouco gostei quando começou a gritar lá dentro.

OH, Céus. Não podia dizer aquelas coisas quando qualquer um poderia estar ouvindo-a. Dentro da Manada, não se toleravam discrepâncias como as de Megan.

—É que, às vezes, as pessoas ficam furiosas.

—Mas sua mãe não tem por que ficar furiosa nunca mais — disse Garret aproximando-se delas.

Sarah Anne tinha que ter sabido que ele ia segui-las.

—Por quê? — perguntou Megan.

—Porque minha tarefa consiste precisamente em me assegurar de que não se zangue.

—E se ela se zangar? —perguntou Sarah Anne.

Garret ficou olhando-a fixamente. O verde de seus olhos parecia muito mais intenso.

—Então eu me encarregarei dela.

Era uma resposta muito previsível em um macho.

—Sei me cuidar sozinha.

Meg olhou para ela zangada.

—Mas ele é maior.

Sim ele era. Muito maior. De costas largas, quadril estreito e todo coberto de músculos, como para fazer qualquer mulher encher a boca de água.

—Ser maior não significa ter razão.

Via-se que Meg não tinha entendido isso muito bem.

—Mas ele é maior.

Garret sorriu muito divertido.

—Pelo menos, sua filha entende a ordem natural das coisas.

Ordem natural, ha! Aquela atitude machista foi a razão principal que a levou a abandonar a Manada.

—Não é loba de tudo.

Garret plantou os pés no chão, tão separados quanto os ombros.

—O que é razão mais que suficiente para que fique na Manada. Um lobo macho poderia protegê-la.

—E quem vai protegê-la dos lobos?

Fez um gesto para trás com a cabeça. Que homem tão arrogante.

—Os mesmos que vão proteger você. Cur e eu.

—Não terão direito se, no futuro, seu macho reclamar os privilégios do emparelhamento.

Jogando a cabeça para um lado, Garret enganchou os polegares nos bolsos dos jeans.

—Merda, desde que me uni ao Haven se vê que devo ter um ar muito respeitável, para que pense que me importo com a lei da Manada quando estão tocando no que é meu.

—É um Protetor.

A lealdade de um Protetor sempre é voltada para sua Manada.

—Acima de todo o resto, você é minha fêmea — embora não tivesse mudado de postura, ela sentiu que dedicava a ela toda sua atenção. — E eu protejo o que é meu.

E ele considerava que ela era dele. Não ia ser fácil desfazer-se dele ao longo do caminho, mas, por agora, talvez pudesse utilizá-lo.

—Então tem que proteger meu filho.

—Já me encarreguei disso.

Por que não podia entendê-la? Tampou os ouvidos de Meg com as mãos.

—Não se "encarregue" de nada até que o tenha outra vez a meu lado.

—Amanhã o terá ao seu lado.

—E até então?

—Terá que ter fé nas técnicas de sobrevivência de sua amiga.

—O que o faz pensar que tem técnicas de sobrevivência?

—O que a faz pensar que não as tem?

Seus braços doíam de tanto sustentar Meg. Seu coração doía de tanto se preocupar com Teri, Josiah e Rachel. E agora se acrescentava a incerteza de não conhecer Rachel tanto quanto ela acreditava?

—Não as tem.

Ele tirou as mãos dos bolsos.

—Até que ponto a conhece?

A verdade é que não sabia nada sobre o passado de Rachel. Exilaram-se juntas, agarrando-se uma a outra, a herança era o vínculo que as unia. O que sabia era que Rachel era uma das pessoas mais dignas de confiança que conhecia.

—Conheço-a o suficiente.

Não havia dúvida de que não acreditava nisso.

—Por que abandonou sua Manada?

Não sabia, mas não era relevante. Uma coisa que aprendeu depois de abandonar a Manada era a pensar por si mesma sem ter o preconceito de que os exilados não eram de confiança.

—Não sei, mas sei que meu filho está mais seguro com ela que com você.

Levantou o queixo entrecerrando os olhos.

—Representa um problema para você que eu seja híbrido?

De fosse assim, tudo seria mais fácil para ela. Deu a entender a ele que não sacudindo uma mão.

—É sua arrogância o que representa um problema para mim.

—Não sou arrogante.

—É bastante arrogante para desprezar meu instinto alegremente.

Não mostrou ira alguma, ao contrário do que ela esperava. Limitou-se a perguntar em tom quase normal:

—Confia em seu instinto?

Durante muito tempo, jamais duvidou dele.

—Quase sempre.

Mas as vezes que falhou deixaram cicatrizes nela muito grande para ignorá-las.

Ele fez que ela levantasse o rosto.

—Pois é uma pena.

Sim era. Sobretudo agora que necessitava dele para saber que seu filho estava bem e não estava servindo de nenhuma ajuda para ela.

—Tem que encontrar meu filho.

A imagem imponente de Cur encobriu a entrada da caverna e a luz de detrás o fez parecer ainda maior.

—É justamente isso o que tenho a intenção de fazer.

Garret assentiu com a cabeça olhando para Cur.

—Sarah Arme vai dizer para você onde pensa que eles se encontram.

—Ah, sim?

Garret fez gesto de pegar Meg.

—Sim.

Ela deu um passo para trás, sentindo uma pontada irracional de dor quando Meg estirou os braços para ele.

—Tem o feio costume de pensar que sabe muito mais do que na realidade sabe.

—Sabia que ia me dizer isso.

—Do mesmo modo que pensa que eu sou sua fêmea.

—Sim.

—Pois está equivocado — mudou Meg de braço para aliviar a dor das costas.

— Não vou me unir ao Haven. Foi um erro pensar que poderia.

—Para o Haven não vai representar nenhum problema o sangue que carregam seus filhos — disse Cur, pondo em evidência sua Manada em vez de refugiar-se nela.

—Isso é o que todos dizem... agora.

Garret deu um sorriso para Meg. Estava bastante rígido e um pouco estranho, mas pela forma que correspondeu ao sorriso dele, não importava.

—Sabe algo que eu não sei?

—Sei que nunca é boa ideia acreditar que as coisas são o que aparentam.

—Assim decidi fazer tudo sozinha.

—O que decidi é que não pertença a você.

Um nó se formou em seu estômago ao ver que não refutava o que havia dito nem tampouco parecia se preocupar.

—Suponho que temos muito tempo pela frente para que entenda que normalmente não digo o que não penso.

Ela se virou para Cur.

—O que vai fazer?

Ele sorriu e se apoiou contra uma grande rocha erodida. Com um dedo, apontou para Garret.

—Tudo o que ele me disser.

—Agora me diga, onde esteve com Rachel e Josiah?

O breve instante de liberdade que sentiu ao sair da caverna se desvaneceu.

—Odeio você.

—Diz muito isso a mim.

Um sentimento tão poderoso como o ódio deveria causar certo impacto. Virou-se e começou a andar colina abaixo, com o peso quase morto de Meg nos braços.

Ele seguiu seus passos.

—É uma mulher muito teimosa.

—E você é um homem muito irritante.

Era tudo aquilo de que tinha fugido. Um lobo arrogante que estava convencido que sabia tudo e esperava que ela fosse submissa e obediente simplesmente porque ele era o macho. Fez outra vez a ameaça de pegar Meg e ela mostrou um ombro a ele em resposta.

—A única coisa que vai conseguir é se cansar ainda mais.

Ela plantou os pés no chão.

—Vá embora.

Ele se deteve e arqueou uma sobrancelha inquisitivamente. Atrás dele, viu Cur que estava tirando algo de sua mochila.

—Deveria saber que penso impugnar o fato de que tenha me reconhecido como sua fêmea — disse ela desafiante.

—É mesmo — ele estendeu a mão aberta. Meg pôs a dela em cima.

—Deve haver centenas de fêmeas em Haven desejando sua atenção.

O sorriso que Garret e Meg compartilharam era tão doce quanto qualquer um dos sorrisos que Meg compartilhou com John.

—Certamente.

Ela bufou.

—Pelo menos poderia fingir um pouco de modéstia.

Um sorriso lhe veio aos lábios.

—Certamente. Onde acredita que vai se encontrar com Rachel?

A boca dela se pôs em funcionamento, mas a desconfiança queimava suas entranhas.

—Onde?

—Na colina sul. Já está contente?

—De modo algum. Não deveria ter que perguntar isso duas vezes a você.

Ela levantou a cabeça. Megan deu um grunhido porque aquele movimento repentino interrompeu seu sono.

—Talvez queira economizar sua reclamação para mais tarde, docinho. Para quando souber como são as coisas.

O "docinho" chegou à alma de Garret. Por que infernos teria que esperar? Acaso ela tinha outro em mente?

—Nunca fui um homem de desperdiçar uma oportunidade e esperar só vai

me servir para acabar morto. Como aquele inútil marido humano com quem se emparelhou. É uma criadora, droga.

Ela tinha que saber o que aquilo significava. Uma mulher que podia gerar filhos sem o vínculo do emparelhamento. Qualquer homem lobo sensato teria querido reconhecê-la como dele.

Ficou olhando.

—Nunca volte a falar assim dele. John era um bom homem que amava seus filhos e tinha um tipo de força que você nunca terá.

—Não soube proteger você.

Ela recuou como se ele tivesse batido nela e uma horrível sombra de dor se revolveu a seu redor.

—Não, mas era cinco vezes mais homem do que você nunca será.

Ele não estava disposto a rebater o que ela disse. Muitos homens eram melhores que ele. Homens que desfrutaram do luxo de serem criados com amor, quando ele nunca o conheceu.

—Seja como for, nesse momento seus filhos e você estão à mercê de qualquer um que seja suficientemente forte para cuidar de você. No momento, eu sou aquele que os reclamou, assim, até que encontre outro mais forte, me odeie quanto quiser, mas este joguinho em particular termina aqui.

Agarrou-a pelo braço. Imediatamente, a lembrança de que ela tinha uma parte humana o sacudiu como um golpe. Seus dedos não estavam abrangendo nem um só músculo rígido. Merda, certamente a estava machucando.

Soltou-a e ela encolheu o ombro.

—Tem razão — cravou os olhos nele e sorriu com malícia. — Não sou loba de tudo e não darei prestígio a você. Sempre serei uma responsabilidade para você e meus filhos também. Tem certeza que quer seguir adiante com esta reclamação?

Ele a soltou, desconcertado pela revelação e pelas ondas de dor que chegavam a ele vindas dela. Ela partiu de volta a caverna. Ele a seguiu mais devagar, com o sangue fervendo de raiva. Por cima do ombro de Sarah, Megan o olhou de soslaio com os olhos cheios de expectativa.

Ele passou a mão pelos cabelos. Merda. Passou a vida inteira pensando que,

quando encontrasse sua fêmea, por fim ia sentir-se aceito. Aquelas imagens tão desejadas, as que em sua juventude entravam no capítulo do "algum dia", todas despedaçadas. Sarah desapareceu pela entrada da caverna.

Cur ficou ali de pé, observando os olhos de Garret.

—Já vi que está cambaleando no fio do impossível.

—Sim — ele também cambaleava. — É que não é pura.

Cur sabia melhor que ninguém o que aquilo significava para ambos.

—Já vi — continuou refazendo sua mochila. — Tem dois filhos.

—Não é uma loba pura.

—Também já vi isso.

Garret se virou.

—Como é possível?

—Uma loba pura teria utilizado a velocidade lupina para salvar a filha.

Tinha razão.

—E por que merda eu não vi isso?

—Eu diria que porque estava um pouco distraído.

Era verdade. Aquela mulher o fez perder o rumo desde o momento em que a viu. E a coisa piorava quanto mais a via. Voltou a passar a mão pelos cabelos.

—Merda.

—Então, me diga, está chateado porque ela não é pura ou porque não sabe o que fazer com ela?

Garret deixou a mão cair. Cur sempre conseguia reduzir as coisas a sua essência.

—O segundo.

—Achei que era isso — Cur ficou de pé e jogou a mochila sobre os ombros. — Mas, quando vê que essa raiva o devora, deve recordar que ela é sua e só a perderá se a entregar ao primeiro idiota que acreditar que tem coragem para derrotá-lo — Cur sorriu para ele. — E estou desejando conhecer o lobo que possa se igualar a você na luta.

A inquietação selvagem se assentou um pouco nele quando reconheceu aquele fato. Embora ainda não a tivesse marcado, Sarah Anne era sua por direito e porque sim. E o inferno podia gelar antes que ele a perdesse em uma luta.

—É verdade que é ela?

—Sim. Então, onde tenho que me encontrar com a mulher e com o menino?

—Rachel e o menino estarão amanhã pela manhã esperando na colina sul.

Cur lançou um grunhido e carregou a pistola. Antes que pudesse partir, Garret acrescentou:

—Tenho palpite que Rachel não vai se alegrar ao ver você.

Cur sorriu por cima do ombro.

—Bom, tampouco queremos que tornem isso muito fácil para nós, não é verdade?

—Claro. Tome cuidado, Cur.

—Está se abrandando agora que tem uma mulherzinha?

—Tenho um mau pressentimento.

Um pressentimento muito ruim.

—Até que ponto acredita que podem me dar problemas uma mulher e um cachorrinho?

Garret farejou o vento. Os problemas, definitivamente, estavam se aproximando.

—Um pouco mais do que você pensa.

O sorriso de Cur foi um brilho branco na noite.

—Bom, estupendo. Detesto me aborrecer.

—Megan!

O grito era de Sarah Anne. Em um abrir e fechar de olhos, Garret estava na caverna e Cur se virou e correu como alma que carrega o diabo.

Dentro da caverna, Sarah se encontrava a três metros de Teri. Megan estava dando os últimos passos que a separavam da garota. Entre ela e seu objetivo estava Daire. Aquele homem enorme levantou os olhos, com o sombrio rosto de pedra impassível ante o sorriso tateante de Meg: não devolveu o sorriso dela.

Sarah tentou outra vez.

—Volte aqui.

Megan deu outro passo para frente, inclinando a cabeça para um lado e examinando os estragos que as batalhas fizeram no rosto dele, até que ficou tão

perto que podia tocá-lo.

—Meu Deus.

Garret agarrou Sarah colocando um braço ao redor de sua cintura.

—Daire não vai fazer mal a ela.

Sarah sacudiu a cabeça e cravou as unhas no braço dele.

—Solte-me.

Já era muito tarde. Embora os homens lobo tivessem ferido sua tia e matado seu pai, e Daire devia parecer, aos olhos da garotinha, o pior de todos, Megan se aproximou e pôs a mão diminuta na face dele. O ancião não se moveu quando aqueles dedinhos exploraram cada milímetro de pele com cicatrizes. Nem tampouco a menina. Durante um instante, olharam-se cara a cara. Então, Megan deu uma tapinha na bochecha dele.

—Sinto muito.

Daire não disse nenhuma palavra, limitou-se a olhá-la enquanto ela voltava para sua mãe. Chupando o dedo polegar, se recostou contra o peito da mãe quando Sarah a pegou nos braços.

—Merda — murmurou Kelon—, isto está ficando interessante.

Capítulo 7

Sarah Anne tomou ar e o reteve. Não gostava do modo que Daire continuava olhando para Megan, como se pudesse atravessar sua pele com os olhos.

—Sinto muito. Passa o dia fazendo coisas assim.

Ele não moveu os lábios, mas fez pequenas rugas ao redor dos olhos.

Daire se limitou a sacudir a cabeça e levantar uma mão. Irritava-a que nem sequer se dignasse a falar até que percebeu que ainda estava concentrado em Teri, fazendo algo nela ; ela não soube o que, mas algo ele estava fazendo. Uma simples passada do polegar por seus lábios e o cenho franzido de Teri relaxou por completo.

—O que está fazendo a ela?

Não cabia a menor dúvida de que ele estava fazendo algo.

Ele não levantou os olhos, limitou-se a dizer com sua voz de outro mundo: —
Ela está sonhando.

Acaso ele podia ler a mente dela?

Ele a olhou.

—Incomodaria se eu pudesse?

—É obvio.

—Sua filha tem talento.

Soou como uma reprimenda, mas não poderia assegurar isso porque não afastou os olhos do rosto de Teri. O braço de Garret a segurou pela cintura com mais força.

—Não é uma loba.

—Não disse que era. Isso não muda o fato dela ter talento.

Não queria que a atenção de nenhum dos Protetores se centrasse nas esquisitices de sua filha.

—Teri vai sobreviver?

—Ainda não sei.

Deus, precisava ouvir alguma boa notícia. O roce dos lábios de Garret sobre sua cabeça deveria irritá-la, mas, em vez disso, a reconfortava.

—Quando vai saber?

Daire levantou os olhos. Era curioso que, quando realmente via o rosto dele, não via suas cicatrizes. Em troca via aqueles olhos negros como a noite e o abismo infinito de energia que se escondia detrás deles. Agarrou-se ao braço de Garret para resistir àquela sombria atração mágica. Não era um desejo sexual, embora tivesse certo componente. A sensação era mais parecida com a vertigem que tinha quando olhava para um penhasco. Tinha a temerária necessidade de se aproximar mais, de jogar-se.

—Sua filha não tem medo de mim.

—Não.

Aquilo já era um mistério em si mesmo.

—Quanto tempo viveu entre os humanos?

—Oito anos.

—Não ensinou a ela o protocolo dos lobos.

—Não havia necessidade.

Nunca teve a intenção de que sua filha crescesse entre os lobos.

—Não demonstra nenhum respeito.

—Se tocar nela...

Desta vez franziu os lábios.

—Sei que me matará.

Garret voltou a apertá-la contra a solidez de suas coxas e de seu peito.

—Deixe de ameaçar os membros da Manada, Sarah Anne. Vão pensar que não simpatiza com eles.

—É que talvez não simpatize.

Sua recriminação não foi muito contundente porque não podia negar que Daire tinha razão. Megan não mostrava o respeito adequado e isso poderia fazer que logo a excluíssem. A imagem de sua maravilhosa e brilhante garotinha marginada quebrava seu coração.

—Ficará bem, Sarah.

O que Garret podia saber de meninas pequenas e de sua necessidade de encaixar no ambiente? Com sua visão periférica, pôde ver um par de botas de couro preto gastas. Não recordava qual dos Protetores as calçava, se Kelon ou Donovan. Não se importava. Queria seu filho. Queria sua filha. Queria que devolvessem sua vida. Queria que tudo aquilo terminasse.

—De fato — disse Kelon —, Daire ainda não declarou lealdade a ninguém. Estamos tentando ganhá-lo.

—Ganhá-lo de quem?

Naquele mesmo instante desejou que a pergunta voltasse a entrar em sua boca.

Donovan se aproximou.

—Do próprio demônio, conforme dizem as más línguas.

Ela não duvidava disso.

Os olhos de Donovan a percorreu de cima a baixo.

—Garret.

—O quê?

—Sua fêmea está cansada.

—Estou bem — as mãos de Garret sobre seus ombros se moveram com delicadeza. Os músculos tensos relaxaram e um halo de tranquilidade posou sobre as preocupações de sua cabeça. — Não posso abandonar Teri.

Ela estava tão imóvel, tão inerte, tão próxima da morte.

—Mesmo que fique, não pode fazer nada para ajudá-la.

Ela bateu nas mãos dele.

—Deixe de me dizer o que posso e o que não posso fazer.

Sua resposta foi pegá-la nos braços e levá-la até o muro de rocha. Deixou-a no chão diante dele, deslizando seu grande corpo atrás do dela. Ela tinha que admitir que era muito mais cômodo descansar apoiada nele que apoiada na pedra. E era muito agradável ter sua força para usar como apoio.

Esse último a trouxe de volta ao mundo real. Não podia se dá ao luxo de descansar na força de Garret. Nem sequer sabia se ia ficar em Haven.

Megan se mexeu entre seus braços.

—Fique quieta, Megan.

Daire levantou a mão e fez um sinal para ela com um estalo dos dedos.

—Solte a menina.

—Não.

Era muito perigoso. Megan revelaria muito. Sentiu um puxão na consciência. Daire voltou a levantar os olhos e, mais uma vez, encontrou-se olhando para aqueles olhos infinitos.

—Você não pode ajudar sua amiga, mas ela sim. Solte-a.

—Não.

—Quer que sua amiga sobreviva?

—Sim.

—Então a solte.

Os dedos de Garret deslizaram de seu antebraço para baixo. Os tremores se apoderaram de seu braço quando os dedos de Garret encontraram o ponto de pressão em seu pulso. Não ia deixar escapatória para ela. Ela balançou a cabeça em círculos. Os olhos de Garret tinham o mesmo aspecto infinito dos de Daire:

—Se eu achasse que ela corre perigo, não a deixaria ir — sussurrou com toda

a calma do mundo.

Um por um foi soltando os dedos do pulso de Megan.

—Eu sou a mãe dela.

—E eu sou seu pai e guardião.

Megan se libertou e correu para perto de Teri, jogando-se no chão ao chegar com uma graça especial.

—Não...

As mãos de Garret deslizaram por seus braços para cima e rodearam seus ombros, dando a ela algo em que se agarrar.

—O que faço? —ouviu que Megan perguntava.

—Pegue a mão dela.

Megan fez isso, passou os dedinhos por cima com uma eficiência arrepiante e depois a puxou para sua face.

—O que está fazendo?

Garret a olhou.

—Acredito que não está fazendo nada.

—O que está fazendo, menina?

Megan dirigiu os olhos para ela como se fosse algo evidente.

—Estou dando a Teri sonhos felizes.

Não! Ninguém poderia interpretar mal o que a menina tinha querido dizer. Nem a concentração própria de outro mundo que transparecia em sua expressão.

—Megan, venha aqui agora mesmo — ordenou Sarah Anne.

Meg ignorou a ordem, imersa em alcançar seu objetivo.

Daire levantou os olhos para Kelon e Donovan.

—Tem muito talento.

O olhar que Kelon e Donovan trocaram não deu nenhum alívio a Sarah Anne. A maldição de Garret, tampouco. Megan era diferente e agora todos sabiam.

Capítulo 8

Era seu pior pesadelo tornando-se realidade. Já ia ser bastante difícil para a pequena viver entre homens lobo sendo humana, mas uma diferença mais forte que a raça já era demais. Os homens lobo não eram tolerantes com "o diferente".

A mão de Garret apertou com mais força seu ombro durante um instante em que, com o polegar, acariciou a parte mais alta de sua coluna, como se tivesse encontrado a tensão que a inundava, tirando-a entre espasmos de alívio.

—Relaxe.

Havia uma estranha profundidade naquela ordem. Se Sarah Anne não estivesse tão concentrada em Megan, teria chamado sua atenção. Ela sacudiu a cabeça. Não podia permitir isso Megan e Josiah eram as únicas coisas que tinha no mundo. Era sua responsabilidade mantê-los a salvo. Embora não tivesse a menor ideia de como fazer isso.

Relaxe.

A ordem chegou a ela outra vez, com mais força, tão imperativa que não encontrou forças para rebatê-la. Recostou-se sobre Garret, com o único desejo de fechar os olhos enquanto a paz de seu aroma a envolvia. Com um gesto que fez com a mão, dirigiu-se a Megan.

—Vem aqui, meu amor.

Megan demorou tanto para responder que Sarah Anne nem sequer tinha certeza de que ela tinha escutado, mas então, ela virou-se. Tinha os olhos muito grandes e pareciam, Deus santo, pareciam com os de Daire, convincentes e inquietantes, de uma profundidade infinita.

—Vou ficar aqui com tia Teri, mamãe. Daire precisa de mim.

Sarah Anne tinha a arrepiante sensação de que Megan escapulia de suas mãos. Tudo estava escapulindo de suas mãos.

—Não tem por que fazer isso, Meg. O senhor... —deu-se conta que não sabia o sobrenome daquele homem. — O senhor Daire cuida dela.

Megan sacudiu a cabeça.

—Precisa de mim para ajudar a tia Teri.

Não!

—Sarah Anne — tranquilizou-a Garret—, tudo está sob controle.

Nada estava sob controle.

Aquela negação visceral sacudiu a mente de Garret. Cur tinha razão. Sarah Anne estava no limite de suas forças. Ele a fez virar entre seus braços. Pegando o queixo dela com dois dedos, virou o rosto dela para o seu. Seus pensamentos não eram mais selvagens que seus olhos.

—Sim, está.

Ela se moveu contra a mão que segurava seu rosto, tentando manter Megan em seu campo visual. Abrigava a crença desesperada de que, se não afastasse os olhos, nada mudaria.

Na realidade, tudo já tinha mudado, mas isso era uma verdade muito grande para assimilar de uma vez. Suavizando a pressão que estava fazendo sobre os ombros de Sarah Anne, Garret a tranquilizou através de uma conexão física ao mesmo tempo em que tentava cuidadosamente melhorar a conexão mental. Era delicado tentar acabar com a ansiedade que tinha sem que os outros que estavam ali percebesse que tinha a habilidade de fazer isso. Entre os homens lobo era melhor guardar certas coisas em segredo. Como sua habilidade para manipular as mentes.

Garret continuou massageando os ombros de Sarah Anne, empurrado para trás pela corrente de emoções que emanava dela. Garret era um grande telepata. Não sabia se tinha herdado aquele talento de seu pai ou de sua mãe, mas as habilidades psíquicas não eram bem vista na maioria das Manadas porque a força psíquica, unida as técnicas de um lutador, ganhava a maioria das batalhas. Não havia muitos chefes de Manada que se sentissem confortáveis com um membro na mesma que pudesse arrebatá-la sua liderança a qualquer momento pelo direito de desafio. Especialmente, tratando-se de um híbrido. Não tinha motivos para pensar que em Haven as coisas seriam diferentes.

—Tem que se acalmar.

Ela tentou escapar.

—E você tem que tirar as mãos de cima de mim.

Garret virou-a e a imobilizou. Apesar de ela ter os músculos rígidos como o aço, retê-la lhe custou um esforço mínimo.

—Qualquer Renegado poderia cheirar seu medo a vários quilômetros e, se isso

chegar a acontecer, estamos todos fritos.

Ela desviou os olhos para Teri e Megan, onde Kelon estava tentando limpar o sangue. A compreensão começou a tomar forma. Suspirou comoventemente. Ele aproveitou que ela estava relaxando para puxá-la mais para ele. Tinha que segurá-la para acalmar a ira que provocava sua desconfiança.

—Por que não relaxa e tira um cochilo? Vai necessitar de suas forças para mais adiante.

—Não sou capaz.

Ele levantou a cabeça dela. A parte sob o queixo dela era muito suave comparada com os calos que ele tinha nos dedos.

—Concorde comigo.

—Por que iria fazer isso?

—Porque não quero forçar você a nada.

Mas queria persuadi-la.

Uma passada do polegar pela têmpora dela dispersou pelo ar um aroma de flores silvestres. Era um aroma pré-fabricado, mas nem por isso menos agradável. Os tons florais complementavam seu encanto natural. Não o surpreendeu. O olfato aguçado de Sarah Anne já teria assegurado a dita compatibilidade. O perfil da clavícula dela apertava seus dedos. Ossos finos, sob músculos finos, sob uma pele ainda mais fina. Gostava de sentir que a tinha entre os braços e em sua mente. Frágil, mas mesmo assim, possuidora de uma impressionante força interna. A única coisa que não gostava nela era de seus cabelos. Eram muito curtos.

—Seu marido humano permitia que você cortasse os cabelos?

Inclinando-se para trás, ela o olhou nos olhos.

—Por quê? Está pensando em começar a gritar por isso?

Ele sorriu diante da pobre tentativa de provocação.

—Não, foi só por curiosidade.

A pequena Megan se virou e o olhou por debaixo das sobrancelhas fazendo uma boa imitação das maneiras autocratas da mãe.

—Nada de gritos.

Era uma menina bonita de bochechas redondas e corpinho rechonchudo, mas era diminuta. Muito diminuta para estar segurando a mão de uma

moribunda, com semelhante cara de obstinação.

Garret assentiu.

—Nada de gritos.

Sarah Anne soltou uma risada irônica.

—Talvez tenha que dizer a ela que peça a você que me solte.

Ele deslocou os dedos para o pescoço dela e sorriu ao ver que ela estremecia involuntariamente. Podia rejeitá-lo o quanto quisesse, mas sabia que sua presença a arrebatava.

Teri gemeu. Sarah Anne se endireitou. Garret aproveitou a ocasião para cruzar os braços na frente de seu peito e pôr a mão sobre seu estômago para puxá-la de volta para ele. Nunca tinha tentado influenciar alguém como estava tentando influenciar Sarah Anne agora, mas quanto mais contato havia entre eles, mais fácil parecia se apresentar o caminho. Ele sondou a energia desestruturada que a rodeava e encontrou uma centelha em suas costas. Acaso tinha um ponto fraco ali?

Durma. Enviou a ordem ao cérebro dela, ao mesmo tempo em que fazia uma leve pressão com as mãos. Ela se recostou ligeiramente contra ele. Teria conseguido entrar? Tentou outra vez. Daire o olhou. Como de costume, a expressão de seu rosto não revelava seus pensamentos. Garret esperou com toda sua alma que o ancião não tivesse poderes psíquicos e não sentisse o movimento ondulatório da energia que os rodeava. Não havia como saber. Daire podia perfeitamente ser um mestre psíquico e simplesmente era mais capaz de dissimular isso que Garret de detectar. Esse era o problema com os anciões. Tinham tanto acumulado ao longo de suas vidas que quase se transformavam em desconhecidos.

—Qual é o plano? —perguntou Donovan com toda a calma do mundo enquanto se aproximava deles, trazendo com ele o aroma do bosque e nada mais. Os McGowan eram capazes de ocultar todos seus sentimentos e aromas de um modo que Garret e Cur ainda tinham que estudar. Era uma das vantagens de ter sido criado como lhe era devido. Garret mostrou os dentes ao exaltar-se o eterno ressentimento. Kelon e Donovan ficaram olhando. Ele amaldiçoou entre dentes. Tinha que aprender aquele truque.

—Amanhã, antes da primeira luz, quando Teri tiver recuperado um pouco as forças, voltaremos para o Haven, mesmo que tenhamos que levá-la nas costas.

Sarah Anne se sobressaltou.

—Josiah.

Garret apertou as costas dela contra seu corpo, murmurando em seu ouvido:

—Cur sabe como chegar a Haven.

A paz mental desintegrou-se, convertendo-se em uma onda de ansiedade.

—Não é seguro para eles ficarem sozinhos lá fora. Eles...

Daire a interrompeu.

—Teri necessita de mais ajuda do que eu posso lhe proporcionar aqui. Se partirmos com a primeira luz, estaremos de volta a Haven antes que os Renegados percebam que estes... —disse, apontando para a entrada, até onde Donovan havia arrastado os corpos—,... não voltaram. Necessitamos dessa vantagem para pôr Teri a salvo.

Tudo parecia ter sentido, mas Garret sabia que Sarah Anne estava pesando os prós e os contra com seu coração de mãe e não se surpreendeu quando ela insistiu:

—Eu fico aqui esperando Josiah.

Esteve a ponto de matá-lo ao lhe dar aquele olhar que era meio desafio e meio súplica. O instinto lhe dizia que desse o que ela quisesse, mas a lógica lhe dizia que era impossível. Kelon e Donovan permaneceram em silêncio, deixando que fosse ele a dá a má notícia a ela. Suspirou. O emparelhamento tinha suas coisas negativas.

—O lugar onde pensa em se encontrar com Rachel e Josiah fica em direção oposta ao lugar que vamos. Cur está deixando um rastro falso e vai ter que andar o dobro para voltar. Mas, quando sairmos daqui com Teri, seremos um alvo fácil.

Sarah Anne mordeu o lábio com os olhos cravados em Megan, que estava sentada segurando a mão de sua amiga.

—Porque o aroma do sangue se propaga quase tão bem quanto o aroma do medo.

—Isso. Pode ser que tenhamos que nos separar se nos descobrirem. Não podemos nos dá ao luxo de deixar alguém aqui com você.

—Você poderia ficar.

—O que mais quero é fazer você feliz... —os olhos escuros se arregalaram, como se isso a tivesse surpreendido. Ele deu de ombros—, mas, da sua maneira, poríamos quatro vidas em perigo, incluindo a de Megan e a sua. Não posso apoiar você.

Sarah Anne pestanejou rapidamente. Merda, ia começar a chorar. Nunca tinha se preparado para combater o efeito dos olhos chorosos de sua fêmea. A maneira que o medo e o pânico golpearam suas vísceras como o punho de um Protetor. Do quanto se sentiria deslocado quando a primeira lágrima começasse a rolar por sua face. Segurou o rosto dela com a palma da mão.

—Prometi a você que seu filho ia estar a salvo. Wyatt prometeu a você um lar dentro de sua Manada. Donovan e Kelon prometeram que a levaria a salvo até lá. Tudo o que tem que fazer é recordar qual é seu lugar, seguir as ordens e ter fé.

—Ai, Deus.

Ele sentiu o autocontrole se rompendo como um elástico muito estirado. Colocou o rosto dela contra seu peito. Ela não resistiu, simplesmente o deixou fazer isso. Podia cheirar o sal de suas lágrimas à medida que brotavam e o que esse aroma fez em suas entranhas não foi nada agradável. Preparou-se para o ataque de tristeza que viria a seguir.

Não veio pouco a pouco como ele esperava, ela explodiu em soluços. A mão direita se fechou em um punhozinho e bateu nele uma e outra vez, enfatizando cada golpe que dava no ombro dele com um soluço.

—Quero meu filho. Vá buscá-lo.

Nunca antes abraçou uma mulher que estivesse chorando. Não sabia o que fazer com a emoção que o fustigava do mesmo modo que não sabia o que fazer com a maneira que aquele pranto o fazia sentir-se. Quão único sabia era que tinha que fazê-lo parar. Colocou as mãos sobre a cabeça de Sarah, tampou seus ouvidos para bloquear os estímulos externos e enviou uma ordem ao núcleo das emoções dela.

Durma!

Lutou durante outros três soluços dilaceradores e, depois, ficou sem forças, com os braços pendurando dos ombros e as mãos, dos pulsos. As bonitas unhas

rosa dela faziam um delicado contraste com os fortes músculos de seus antebraços cobertos de pelos escuros. De pé como estava, concentrou-se no frágil vínculo que forjou, tentando não se distrair com sua beleza nem com seu aroma pela simples razão de que, se o perdia, ela despertaria e, se despertasse, voltaria a chorar. E isso ele não poderia suportar.

Donovan não disse nada ao passar. E Kelon, tampouco.

—Mamãe?

A única pessoa a quem Garret não podia ignorar. Encontrar a voz custou mais do que ele tinha esperado. Megan o olhou com olhos ancestrais que o fizeram sentir-se irracionalmente culpado.

—Está cansada.

—Vai dar um cochilo?

Ele se aproveitou da desculpa que ela lhe serviu de bandeja.

—Sim.

Megan continuou acariciando a mão de Teri com aquele ar distante nos olhos. Teri gemeu. Megan sorriu.

—Eu gosto de você.

Ele não sabia o que fazer em relação a isso do mesmo modo que não sabia o que fazer com as lágrimas de Sarah Anne. Decidiu-se por dizer um:

—Obrigado.

Assim que Megan se virou para Teri, esta relaxou visivelmente. Não havia dúvida: a menina tinha se conectado com a mulher. Enquanto ele se esforçava para se conectar com sua fêmea, o que teoricamente era mais fácil que se conectar com alguma outra pessoa, aquela pirralha tinha se conectado telepaticamente com uma mulher que se encontrava em estado crítico. As implicações que isso acarretava o atormentavam.

Sarah Anne devia saber que sua filha tinha poderes. Se esse fosse o caso, ela devia estar tão preocupada quanto ele de que os membros de sua nova Manada descobrissem isso. Por mais progressistas que fossem, todas as manadas tinham um limite de tolerância. Nada era mais prezado na Manada que o equilíbrio. E uma menina que podia jogar com suas mentes durante uma birra seria vista claramente como uma ameaça.

—Megan... —protestou Sarah Anne enquanto ele a afastava da pequena.

Merda, entrou tanto na mente de Sarah que seus pensamentos estavam se difundindo. Em seguida disfarçou todos os pensamentos relativos a Megan e os substituiu pela noção do quanto era bom senti-la entre seus braços, do quanto estava satisfeito por tê-la encontrado, do quanto estava sexy com os botões da blusa a ponto de se abrir à altura dos seios. O desejo viajou em um sussurro dela até ele quando a acomodou atrás das pedras do canto. Parcialmente resguardada, sussurrou a palavra mágica para ela outra vez. Ela lutou, elevando-se acima da sedução que ele oferecia, rejeitando-o, acrescentando sua energia a dele. Ele colocou mais ênfase no convite. Quando as costas dela atingiu a pedra, encontrou a concessão no cérebro dela e já não restava nenhum impedimento ao fluxo de energia.

Dormir. A necessidade corria por suas veias com tanta força quanto a dela, seguida imediatamente por uma sensação de calidez e, inesperadamente, de pertencimento. Não pôde deixar de sorrir ao fechar os olhos. Pertencer a alguém o fazia sentir-se tão bem como sempre tinha imaginado.

Capítulo 9

Ela está em chamas, ardendo de dentro para fora. Todas suas terminações nervosas voltadas para a fonte do aroma que enchia suas fossas nasais. Uma mulher cálida, desejosa. Garret voltou a inspirar enquanto a mulher se movia sobre seu colo. Não era uma mulher qualquer. Havia algo especial em seu cheiro. Algo embriagador como não conseguia ser o uísque nem em seus melhores terrenos ardente e terrestre, como devia ser. Com um grunhido gutural, envolveu-se completamente em seu abraço, sem abrir os olhos, simplesmente desfrutando da exuberante inundação de prazer feminino que invadia seus sentidos enquanto deslizava o traseiro dela por entre suas pernas.

Vem aqui, carinho.

Ela fez isso, com um pequeno suspiro que chegou direto ao seu membro.

Entrelaçou os braços ao redor do pescoço dele. Ele dirigiu seus pensamentos ou simplesmente estava respondendo à pressão de suas mãos? Era de carne e osso, ou acaso estava sonhando? Não tinha certeza, mas, se era isso o que estava acontecendo, não queria dormir. A conexão que havia entre eles era de uma profundidade que ele nunca tinha experimentado antes. Uma transição fluída entre sua consciência e a dela. Ao perceber disso, notou que não só podia sentir o cheiro de seu desejo, mas também o ouvia. Os suspiros quando os seios dela se uniam ao seu peito, a necessidade de que a tocasse, o desejo mental.

Os seios. Por favor.

O pedido entrou em sua mente em forma de sussurro. Não foi necessário suplicar. Não havia nada que ele desejasse mais que pegar os suaves montículos com as mãos, com a boca. Tocou-os suavemente porque não queria sobressaltá-la e quebrar a magia. Adaptavam-se perfeitamente a palma de sua mão. A carne lisa amoldando-se a superfície dura.

—Perfeitos.

O botão duro do mamilo penetrou entre seus dedos como um convite erótico. Apertou-o, capturando seu estremecimento com a boca, sua surpresa com a mente.

—Maravilhoso. Tudo vai ser maravilhoso entre nós.

—Sim.

Aquilo foi um entrecortado suspiro de rendição. Tudo o que tinha de lobo nele ficou tenso. Tudo o que havia nele de macho se ergueu enfurecido. Seu membro doía e a mente gritava. Minha.

Ela se mexeu. Em sinal de protesto? Era muito tarde para protestar. Já tinha se entregue a ele daquela outra maneira mais elementar que ia muito além do físico. Deu a ele o acesso a seus pensamentos. A união física de seus corpos completaria a tradição, mas a vitória já era dele.

Um gemido ressoou em sua garganta ao baixar a cabeça para apanhar os lábios dela com os seus, saboreando-a pela... primeira vez? Doce como o mel, com um toque de pimenta, o sabor dela se espalhou por toda sua boca, intensificando o regozijo de seus sentidos. Dele. Só dele. Os braços rodeavam seu pescoço, os seios se apertaram mais contra suas mãos e o pequeno e firme

traseiro deslizou ao longo de seu membro em sensual prelúdio. Ele tinha a vaga impressão de que havia mais alguém ali. Um grunhido vibrou em seu peito. A necessidade de possuí-la cresceu ao mesmo tempo em que o desejo. Interrompeu o beijo e percorreu com os lábios os atalhos de seu pescoço, mordiscando a linha de sua mandíbula.

Ela derramou seu prazer sobre ele em forma de chuva líquida. Ele não fechou os lábios, porque tinha encontrado o ponto mais sensível de seu pescoço. Ali seu cheiro era mais intenso, mais viciante. Aspirou profundamente. Ela lançou um uivinho de protesto que aumentou seu desejo, obrigando-o a deixar de contemplações. Era dele. Continuou mordiscando o pescoço para baixo como uma pequena antecipação da posse que logo ia acontecer. Ela estremeceu e virou o rosto, arqueando o pescoço.

Sim. Torne isso fácil para mim. Convide-me.

Baixou-a ao chão, acomodando-a suavemente contra a terra compactada antes de descer também. Embora o corpo dela fosse muito menor que o seu, encaixavam perfeitamente. Ela virou a cabeça para um lado. Era natural que a boca dele encontrasse o vão entre o ombro e o pescoço, natural que suas presas se alongassem quando a emoção primitiva se impôs à precaução. Pouco lhe importava que não estivessem sozinhos, pouco lhe importava tudo o que não fosse esse momento em que ela passaria a ser irrevogavelmente dele. Mordeu o ombro dela, embebedando-se em seu aroma, em seu sabor. Agora. Tinha que ser dele. Agora. Tinha que ser agora.

Capítulo 10

—Garret!

Uma mão tocou seu ombro. O aroma de outro macho roubou dele, ao passar, o prazer em que estava imerso.

Ele grunhiu, deu um salto e começou a golpear. Kelon amaldiçoou e saltou para trás.

Donovan segurou Garret do outro lado.

—Pare.

Ele sacudiu a cabeça. Muito perto. Estavam muito perto de Sarah Anne.

Com um rugido, Garret se soltou de Donovan. Acumulou toda sua energia. Baixou a cabeça e respirou profundamente. A agressividade encheu o ambiente, estendeu-se sobre o doce aroma de Sarah Anne. Enterrou-o.

—Afastem-se!

Kelon o cercou de um lado e Donovan do outro.

—Não, até que recupere o controle sobre si mesmo.

A raiva ancestral só deixou escapar um grito.

—É minha.

—Ainda não — disse Donovan—, e não vai a possuir contra sua vontade.

—Não está se queixando.

Na realidade, Sarah não fez outra coisa se não ficar deitada no chão onde ele a deixou. Seu corpo se retorcia de desejo de ser marcado por ele. Ele rapidamente compreendeu a mensagem. Sacudiu a cabeça; o fluxo de emoções não diminuía: dela, dele...

Kelon se ajoelhou. Garret arremeteu contra ele mantendo o controle apenas parcialmente. Donovan o separou com um golpe. Sarah Anne pigarreou e gemeu. Unidos. Ainda permaneciam unidos. Ele notou como ela estava a ponto de gritar. Assim reage uma mulher à raiva que lhe estava transmitindo. Ele tentou interromper a conexão. Calma, calma.

Mandou aquela ordem a ela porque era impossível para ele romper o vínculo. Ela tinha se agarrado a ele com muita força, procurando segurança. Quanto tempo esteve sentindo-se assim assustada?

Estou com você, carinho.

Era a si mesmo que tinha que pôr sob controle. Kelon se aproximou de Sarah Anne.

—Não toque nela.

O olhar desconfiado de Kelon pulava de Sarah Anne para Garret.

—Merda.

—Mas que diabos...?

Kelon olhou para o irmão e Garret soube que tinham descoberto seu segredo.

—Parece que Megan não é a única que tem talento.

—Solte-a, bastardo.

Bastardo. O nome que mais odiava.

—Não sou eu.

Donovan grunhiu.

—Não me aborreça.

—No começo pode ser que sim, mas agora é ela. Não quer me deixar.

—E por que diabos não ia querer? Nem está tão bom.

Porque estava assustada e esteve assim durante muito tempo. Mas Garret não diria isso a eles. Se havia algo que Sarah Anne tinha em abundância, era orgulho.

Kelon se inclinou para frente. Garret grunhiu, a necessidade de matar estava sufocando a tudo menos um resto de bom senso.

—Retroceda agora!

—Não banque o exigente comigo.

Revelou a realidade das coisas:

—Não sou capaz de controlar meu instinto tendo a ela na cabeça.

Minou seu orgulho ter que dar aquela explicação, mas sem ter espaço, não ia poder aguentar muito mais.

De trás chegou o profundo rugido de Daire.

—Não está mentindo para você. Se ela está unida a ele, ele é um perigo.

—Retroceda, Kelon — ordenou Donovan.

Kelon continuava em guarda, mostrando as presas.

—Está fora de controle.

—Igual a ela. Vê-se, pois, que estão juntos.

Kelon se acalmou e lançou um olhar para Garret.

—Não se emparelhe com ela.

Claro que não. Não naquele momento nem naquele lugar.

—E você mantenha distância.

O sussurro de Sarah se duplicou em sua mente, um canto de sereias que pedia contato. Fome. Necessidade.

Dispensando Kelon com um rugido, com todos os sentidos em alerta, Garret se aconchegou sobre ela.

—Sarah Anne.

Ela rejeitou seu aviso, preferindo ficar vinculada a ele interiormente. Merda, tampouco ele queria interromper a conexão. Sentia-a tão à vontade dentro dele. E tão segura.

—Mamãe?

Mas sua filha necessitava dela.

—Sarah Anne, Megan necessita de você.

A agonia abrasou sua consciência quando ela se desligou.

Ela gritou. Ele a segurou para que não se afastasse, absorvendo a dor dela ao mesmo tempo em que a sua.

—Cuidado.

Soltou-a ao ver que ela tentava se libertar. Estava com os enormes olhos castanhos muito abertos e seu cheiro era uma mistura de medo e confusão.

Donovan ofereceu a mão para ela. Garret apertou os dentes quando ela a aceitou. Fez isso sem nenhum problema. Tinha passado muito tempo entre os humanos para tocar outro macho tão levemente. Teriam que ter uma conversinha com ela a respeito disso.

Capítulo 11

Sarah Anne correu para Megan. A menina estava pálida e abatida. Examinou-a mais de perto.

—O que fizeram com ela?

Suas presas cintilaram na escuridão. Muito pequenas para causar algum dano. Garret se perguntava se, de fato, seria capaz de transformar-se. Acaso era aquele o motivo de que não tivesse saído correndo com seu filho?

—Não fizemos nada a ela — disse Daire em tom cansado de onde estava sentado, ao lado de Teri. — Só está cansada. O que fez requer muita força.

—E o que ela fez exatamente?

A resposta foi breve e doce.

—Fez Teri viver.

Garret conhecia o alcance de seu próprio poder, mas não tinha percebido sua existência até que alcançou a puberdade. O quanto a pequena seria forte se, sendo tão jovem, já podia fazer tanto. Como influiria aquilo em seu futuro dentro da Manada? Recostou-se contra sua mãe, com o dedo polegar na boca e os olhos se fechando. O ressentimento fugaz pelo que ela representava se afogou em uma maré de instinto protetor. Ela ia necessitar de alguém forte que se interpusesse entre ela e os preconceitos dos outros. Sem um bom escudo, qualquer um poderia esquartejá-la. Ele nunca tinha lidado com crianças antes. Eram todos assim ingênuos?

—Será muito valiosa — Daire olhou fixamente para Garret antes de devolver sua atenção para Donovan. — Muito valiosa para que permita que corra algum risco.

Por culpa de um Renegado, faltou acrescentar. Garret mudou de posição e mostrou os dentes a ele em sinal de desafio silencioso.

—Foda-se.

Sarah Anne pigarreou.

—Cuidado com o que diz — disse Donovan, olhando para a menina fixamente.

Garret necessitou de um momento para reconhecer o repentino aumento de emoção que o invadia. Vergonha. Que filho da puta. Tinha jurado não voltar a sentir isso jamais.

—Sinto muito.

A culpa só floresceu quando viu a decepção no rosto de Sarah Anne. Merda, ela já não confiava nele. Certamente, ela pensava que nunca ia ser um bom pai para sua filha. Pois ele seria sim. Começando por ter cuidado com o que dizia.

—Não voltará a ocorrer — disse a ela secamente.

—Alegro-me.

Havia uma evidente falta de submissão naquela resposta. Aquela rebeldia irritou seus nervos, o fazendo sentir-se ainda mais agressivo. E isso não era precisamente o que mais necessitava nesse momento. A vibração suave que fez com a garganta, um sinal de alerta que ela soube reconhecer, se realmente aquela forma de pestanejar foi um sinal. Fez tudo o que pôde para lidar com a

situação com os outros homens lobos.

—Megan não é assunto do Haven. É meu por direito de emparelhamento.

—Isso ninguém discute.

—Ainda não a marcou — particularizou Daire.

Donovan o desprezou movendo a mão.

—Isso é só um mero formalismo.

A resposta de Daire chegou de uma forma muito casual.

—É só a tradição, não a lei, que diz que as crianças vão com suas mães.

Donovan se virou tão rápido quanto Garret.

—Separar uma criança de sua mãe?

Merda, não, Garret adotou uma posição de combate.

—Sarah Anne, venha para trás de mim.

Kelon a agarrou pelo braço.

—Fique.

—Agora, Sarah.

O rugido que retumbou da garganta de Sarah Anne não era menos feroz que o que estava a ponto de sair da dele.

—Solte-me, Protetor.

—Não.

—Não tem direitos sobre mim.

—Mas Wyatt sim, e até que a leve de volta para o Haven, eu falo em seu nome.

—No que me diz respeito, não.

Kelon levantou uma sobrancelha olhando para Sarah Anne.

—Por sorte, não é necessário que coopere.

Garret sorriu.

—Mas necessita que eu coopere.

Com um impulso de energia mental, soltou-a das garras de Kelon.

Mova-se. Disparou a ordem na mente de Sarah Anne.

Sarah Anne fez isso. Agachou-se atrás dele a uma velocidade que ele apreciou muito.

Donovan se colocou discretamente ao lado de Kelon. Daire ficou de pé.

Merda, oxalá Cur estivesse ali. A situação não parecia boa.

Pegue Megan e corra. Agora.

Pôde sentir a energia que emanava de Sarah Anne como uma onda de ansiedade. Estresse, medo e indecisão.

Mostrou as garras. Os ossos de seu rosto doíam. Tinha as presas tão alongadas que se cravavam em sua boca. A dura e fria clareza que sempre precedia às batalhas perfurou seu estômago ao ver os olhos dos outros Protetores.

—Minha fêmea, minha lei.

—No Haven não funciona assim.

—Mamãe?

Megan estava despertando.

—Então que se foda o Haven.

—Está nos desafiando, Renegado, e vamos matar você.

Deu um sorriso para Kelon.

—Tentem.

Corra, Sarah Anne.

Suas botas se arrastaram pelo chão, mas em vez de ir para trás, ficou na frente dele, quadrando sua esbelta figura.

—Aqui ninguém vai matar ninguém. E ninguém vai me separar de minha filhinha.

Merda, ia ter que ocupar-se dela. Pelo impacto nos olhos desconcertado dos outros homens, não parecia que iam intervir.

—Não tem nada que opinar em tudo isto — disse Donovan quase cortesmente.

—Tenho muito que opinar. Já tive que sair correndo antes.

Merda.

—Um bom momento para sair correndo foi há trinta segundos — disse Garret. Quando eu disse a você que o fizesse. Com um breve gesto de dois dedos, desdenhou de sua reprimenda.

—Estou farta de homens possessivos me dizendo o que tenho que fazer.

—Então não terá outra escolha se não se readaptar.

Não gostou da maneira que Daire mudou de posição.

Os olhos de Sarah lançaram um brilho vermelho ao responder a ele.

—Não me diga o que tenho que fazer. Não carrego sua marca.

—É isso o que a impede de me obedecer?

Mostrou suas presinhas nuas a ele.

—De forma alguma.

—Terei que pôr a menina a salvo — interrompeu Daire. — É muito importante para pô-la em perigo.

—Garret diz que isso é seu assunto — comentou Donovan.

Menos mal que alguém estivesse disposto a conceder a ele o benefício da dúvida.

—Garret não se criou na Manada.

—O que quer dizer com isso?

Garret queria expor os preconceitos.

Daire, equânime, olhou-o nos olhos.

—Que seu instinto não é de confiança.

E quem é de confiança?

—Como o que me diz que tenho que ir até você agora mesmo? —perguntou, agarrando Sarah pelo braço e a colocou detrás dele. Com um gesto da mão para baixo, indicou que ela ficasse quieta ali.

Daire assentiu tão tranquilo como sempre.

—Isso.

O poder de Daire rompeu a barreira dos pensamentos de Garret, atravessando suas defesas como uma faca quente atravessa a manteiga. Merda, Daire "O Mercenário" era telepata. E um incrivelmente forte tanto mental quanto fisicamente.

—Merda.

Com um forte empurrão mental, Garret expulsou Daire de sua mente.

Daire entreceerrou os olhos.

—Você precisa de treinamento.

—Recebi todo treinamento que pude conseguir.

Todo treinamento que um híbrido pôde conseguir.

—É autodidata?

Daire parecia surpreso. Quem mais poderia tê-lo treinado?

—Sim.

Os olhos de Daire se entrecerraram mais um pouco antes que fizesse um gesto para Kelon e Donovan.

—Não o matem.

Donovan suspirou.

—Se não o matarmos, não vai deixar que levemos a menina.

Daire assentiu.

—Entendi — estendeu a mão para Garret. — Dê-me a mão.

Dar um condutor físico a um telepata que poderia esquartejar sua mente? Não acredito.

—Nesse momento não me sinto muito sociável.

O outro não moveu nem um só músculo do rosto.

—Se quer tanto a mulher e a sua filha, com certeza pode fazer um esforço.

Merda e mais merda. O ancião tinha poder suficiente para obrigá-lo a fazer o que quisesse.

—Não faça isso.

O sussurro de Sarah pôs fim a suas dúvidas. Estava lá de pé, agarrando fortemente a filha com olhos angustiados. Como ele, ela sabia o que poderia acontecer. Os lobos não eram tolerantes com os telepatas. Cedo ou tarde, o matariam. Sobre tudo se Daire conseguisse ver toda a extensão de seu "talento". De toda forma, sua própria segurança era secundária ao lado da dela e não poderia ficar ao seu lado se não fizesse isso. Ofereceu a mão e Daire a aceitou. Primeiro, aquela amostra mínima de poder e depois... nada, exceto a tensão coordenada de todos os presente.

Daire soltou a mão dele e grunhiu.

—Que diabos isso significa? — gritou Kelon com seus cabelos pretos escorrendo por seus ombros.

—Significa que o instinto dos McGowan funciona.

Sem dizer mais uma palavra, virou-se e ficou outra vez com Teri.

Kelon franziu o cenho para suas costas.

—O ancião desfruta brincando de adivinhações.

—Deu-me a impressão de que disse tudo o que acreditava que tinha que dizer — disse Donovan.

Garret fez com os polegares o sinal de que tudo estava em ordem. Não achou o mínimo rastro do poder de Daire. Seus escudos teriam resistido ou Daire leu seu pensamento? O lobo se ajoelhou ao lado de Teri e tocou sua face com a mesma ternura de antes.

—Bom, pois para mim não foi suficiente — Kelon levantou o lábio com um grunhido. — Podemos confiar nele ou não, Daire?

—No momento.

Kelon revirou os olhos.

—Que diabos isso quer dizer?

A Garret não importava. Agarrou Sarah e a pôs ao seu lado. Instantaneamente, sentiu-se melhor. Megan se alvoroçou e ele a pegou nos braços. Seu peso não era nada comparado com o peso, nada familiar para ele, da responsabilidade. Por um momento, perguntou-se que diabos era que estava fazendo, mas então, ela rodeou seu pescoço com os bracinhos e seu fôlego roçou a pele dele. Quando a mão de Sarah Anne se enfiou dentro da dele, deixou isso claro. O que estava fazendo era aceitar seu destino. Sua família. Seu lugar.

—Não importa o que tenha querido dizer.

Donovan e Kelon ficaram o olhando daquela forma impassível tão característica deles. E depois assentiram. Do mesmo modo que quando um membro da Manada dá sua palavra.

Era tudo uma merda, mas de alguma forma, estava bem.

Capítulo 12

—Não vou sair daqui sem meu filho.

Sarah se plantou de pé na entrada da cova e puxou seu braço. Garret não lhe deu atenção, limitou-se a pegá-la pela cintura em vez de pelo braço e a levou pelos ares.

—Cur vai trazê-lo.

Disse como se com isso já tivesse falado tudo.

—Eu não conheço Cur.

—Logo o conhecerá.

—O que quer dizer com isso?

—Nós compartilhamos quase tudo.

Ela tinha vivido entre os humanos e visto o pior lado dos Renegados.

—Nunca.

A ela não iam compartilhar.

Os olhos verdes dele se cravaram nos dela e um arrepio desceu por sua espinha, como se ele a tivesse tocado por dentro.

—Fará o que eu disser.

—Vá querendo.

—Viveu muito tempo com os humanos.

E pensava que isso ia amedrontá-la? Tinha deixado para trás o regulamento da Manada, segundo o qual tinha que se curvar a vontade de um macho, ao casar-se com John.

—Talvez seja melhor que volte para eles.

Ele, sem sequer a olhou, subiu na enorme rocha que havia na entrada da caverna.

—Não o fará.

O ar da manhã estava úmido, carregado de aromas e de orvalho. Por mais fundo que respirasse, não percebia nem um mínimo vestígio de Josiah nem de Rachel. Seu estômago deu um nó pela agonia que lhe causava a ansiedade. Estariam bem?

—Pode ser que Rachel não queira vir com seu amigo Cur.

Toda a resposta que obteve foi uma sobrancelha levantada e um corte em seco.

—Logo quererá, de um modo ou de outro.

Ela cravou os calcanhares no chão.

—Ele vai forçá-la?

Um sorrisinho insinuou-se nos lábios dele.

—Ainda não soube de nenhum caso em que Cur teve que recorrer à força.

Ela presumiu que se referia a quanto Cur era bonito.

—Sempre há uma primeira vez para tudo.

Puxou-a pela mão e a levou com ele. Do outro ombro em que estava pendurada, Meg soltou uma risadinha.

—Nisso você está certa? — respondeu Garret.

—Mas não está preocupado?

—Não.

—Não vou abandonar Josiah.

Ao ouvir aquilo, ele se virou. Com as mãos dela ainda presas entre as suas, tocou em sua face.

—Eu vou trazê-lo para o seu lado, neném.

—Não sou um neném.

Ele percorreu sua silhueta com os olhos, breve, mas intensamente, começando pela cabeça; deleitou-se em seus seios antes de viajar até seus pés e de novo para cima. Ela se preparou para escutar o comentário evidente. Em vez disso, ele fez uma pergunta:

—Vem andando ou eu a levo?

—Não vou abandonar meu filho.

Não lhe deu opção. Fez um movimento tão rápido que a mente dela só pôde catalogá-lo quando estava de cabeça para baixo sobre seu ombro largo. E com a mesma graça, fez o mesmo para pegar Megan, o que serviu para acalmar seu esperneio por medo que fizesse mal a sua filha.

—Já estava convencida de que era um teimoso.

Ele não pareceu desgostar da ideia.

Capítulo 13

Haven não era o que Sarah Anne tinha imaginou. Ela estava acostumada à estrutura de uma comunidade organizada de homens lobo, com as casas dispostas em ordem hierárquica, mas Haven de fato tinha certo encanto. Havia

casinhas de madeira misturadas com edifícios vitorianos e bangalôs. Algumas das casas estavam em estado de abandono, mas a maioria estava em processo de reforma.

—Qual o tamanho que Wyatt quer que tenha sua Manada? — ela perguntou quando o SUV, em que tinham subido já há três horas, deixou o povoado para trás.

Garret a olhou nos olhos.

—Tenho a impressão que não pensa precisamente em pôr limites.

Vieram à sua mente todos os homens lobo que foram deslocados por diversos motivos.

—Não pode esperar abrigar a todos.

—E onde você sugere que ele risque a linha?

O tom muito grave de Donovan, que estava sentado na frente, a fez ruborizar.

—O mais sensato seria por nos híbridos, como ela e seus filhos, que nem sequer chegavam a sê-lo.

—Não sei.

—Certo, nem Wyatt tampouco.

—Então acolhe a qualquer um?

O assento chiou quando Donovan se virou. Seus olhos duros perfuraram seu rosto, fazendo-a sentir-se menos que nada por fazer uma pergunta perfeitamente lógica. Garret passou o braço por cima de seu ombro. Sempre fazia isso. Tocava-a quando mais o necessitava. Quisesse ela ou não.

—A Manada sempre está protegida.

—O que isso quer dizer?

—Que investigamos todos que querem ser membro.

—Investigou-me?

Havia um mundo de coisas a respeito de si mesma que não queria que eles soubessem.

O meio sorriso da boca de Donovan fez que os pelos de sua nuca se arrepiassem.

—Deixamos isso nas mãos de Garret.

A sensação de vertigem que retorcia suas vísceras aumentou. Seus cabelos

formaram redemoinhos nas têmporas. Encontrou a suavidade ancorada no fundo de uma exalação.

—Relaxe. Não encontrei nada inesperado em seu passado.

Então não tinha descoberto nada. Ela recuperou o fôlego. Voltou a acariciar a têmpora dela com os lábios como se quisesse demonstrar... sua aprovação?

—É obvio — prosseguiu Donovan. — À luz do que agora sabemos certas surpresas poderiam levantar suspeitas.

Garret amaldiçoou.

Donovan riu.

—Relaxe, cachorrinho.

—Fod... —olhou para Megan, apoiada sobre seu outro lado. — Que filho da...

Sarah Anne pigarreou. Donovan ria enquanto desviava o carro para uma estrada que serpenteava entre as árvores.

—Talvez prefira tolerar.

Graças a Deus, claro que preferia isso. A loba que Sarah carregava dentro dela ficou em alerta quando o SUV entrou por aquela estrada. As janelas do nariz se abriram em busca do aroma do perigo. Quão único pôde cheirar foi um rastro de couro, o aroma latente de Donovan, inoportuno apesar de ser um aroma de lobo; a fragrância de sua filha e a perfeição arrebatadora do aroma de Garret, que estava ligeiramente mais intenso por causa da tensão.

Mordeu o lábio. Se ela estava preocupada, quanto mais preocupado ele estaria? Não era só seu próprio talento o que o punha em perigo, mas como ele acreditava firmemente que ela era sua fêmea, tinha que se preocupar por Megan também. Inclusive se decidisse que o melhor seria fugir, tinha as mãos atadas por ela e pela Megan. E quem sabe o que Kelon e Daire estariam contando ao Wyatt. Passaram vinte minutos conversando quando Donovan parou para fazer compras. Levantou os olhos para a boca inexpressiva de Garret.

Ele tinha certeza de que estavam metidos em uma confusão. Mas não tinha saído correndo. Isso não deveria surpreendê-la. Era um Protetor e a reconheceu como sua fêmea. Uma mulher lobo nunca se sentiria vulnerável ou sozinha. Vivendo entre os humanos, se esqueceu do quanto isso podia chegar a fazer uma mulher sentir-se bem. Quando Garret baixou os olhos, ela o presenteou com

um sorriso. O que ele devolveu era irremovível. Estava cheio de confiança em si mesmo com que nascem os Protetores e caiu sobre a incerteza dela com aquela estranha, mas bem-vinda calma.

Ela recostou a cabeça contra seu ombro. Independentemente do que fosse acontecer com eles, ele era o mais capacitado para dirigi-lo. Contra seu ouvido, pôde ouvi-lo ronronar de satisfação. Sua consciência rejeitou o sentimento de culpa, mas estava cansada e preocupada e, quando pararam diante da casa, mais atemorizada do que nunca tinha estado. O carro parou. A porta principal da enorme casa vitoriana rangeu ao abrir-se. O medo se apoderou da esperança. De repente, ter vindo ali não parecia tão boa ideia. Um homem enorme saiu pela porta, justo atrás dele apareceu uma mulher de estatura média e cabelos castanhos.

Garret abriu a porta e saiu do carro antes de dar a volta para ajudá-la a sair.

—Muito tarde para mudar de opinião.

—Supõe-se que tem que me apoiar em tudo. Inclusive se decidir não jurar submissão.

Ele pôs a mão sobre a dela e ela voltou a sentir aquele calafrio de prazer que chegava até a sua medula. A sensação se multiplicou quando ele roçou o dorso da mão com o calor de seus lábios.

—Isso é o que tenho feito.

Ela afastou a mão da de Garret. Um homem lobo enorme que transpirava de seu próprio ser expectativas de obediência a olhou nos olhos. Esse devia ser Wyatt. Só o verdadeiro Alfa tinha aquela qualidade. Ficou olhando — para Garret, na realidade — muito de perto.

Levantou o lábio superior para ele. Um grunhido vibrou em sua garganta. A mão de Garret sobre seu ombro a segurava para que mantivesse distância, quando o que ela queria era enfrentá-lo. Wyatt levantou a sobrancelha esquerda.

—Assim é verdade? Você se emparelhou?

Ela fez um movimento brusco com a cabeça. Não queria que suas opções acabassem tão rápido.

—Não tenho sua marca.

Wyatt apertou os lábios ao olhar por cima de seu ombro.

—Compreendo.

Com um olhar explicou seu comentário. Garret estava lá de pé, com a cabeça erguida e o peito inflado, olhando para seu Alfa. Ela cravou o cotovelo no estômago dele e ele nem sequer grunhiu.

Wyatt voltou a apertar os lábios.

—Mas me parece que isso é só uma questão de tempo.

A mulher que estava atrás de Wyatt deu um tapinha no ombro dele.

—Wyatt, lembra-se do que falamos a respeito de fazer suposições de mau gosto?

—Agora mesmo, não — se virou e colocou ante eles a mulher que usava os longos cabelos castanhos presos em um rabo-de-cavalo. — Esta é minha fêmea, Heather.

Heather era de estatura mediana e tinha uma figura esbelta, os olhos azuis acinzentados e uma energia inesgotável. Sarah Anne inspirou e quis confirmar o que já sabia.

—É humana.

Heather deu a ela um amplo sorriso.

—Até a medula.

—E é sua Alfa — a advertência de Wyatt percorreu sua coluna.

Imediatamente recordou o protocolo e baixou os olhos.

—Prazer em conhecê-la.

Os dedos de Garret acariciaram suas costas. Heather olhou para Wyatt com o cenho franzido e depois para Sarah Anne.

—O que está acontecendo?

Wyatt cruzou os braços.

—Esta é outra daquelas coisas de lobos, não é verdade? — perguntou Heather.

—Sim — respondeu Wyatt.

Um rubor queimou a face de Sarah Anne. Tanto cuidado que teve para que sua apresentação saísse bem, para depois estragar tudo insultando a mulher do Alfa.

—Sinto muito — disse Sarah Anne.

Heather agitou os braços.

—O quê?

Sarah abriu a boca. Heather a interrompeu com um gesto da mão.

—Seja o que for, esqueça isso.

—Foi uma falta de respeito — balbuciou Wyatt em tom ainda aborrecido.

Heather soltou uma risada zombadora.

—Foi sem querer, espero.

Isso fez Sarah levantar os olhos.

O sorriso de Heather a fazia parecer muito mais acessível.

—Wyatt não é tão presunçoso quanto parece.

—Não sou?

Heather deu umas tapinhas na mão de Wyatt.

—Se vai, como já disse antes, formar uma comunidade...

—Uma Manada — corrigiu-a Wyatt.

—Uma comunidade — enfatizou Heather—, de humanos e homens lobo; vai ter que levar em conta as diferenças culturais.

—Sarah Anne é uma mulher lobo...

—Que viveu entre os humanos durante sete anos. —Heather desceu os quatro degraus sem deixar de sorrir em nenhum momento. — E, já que sou humana, eu gosto que me tratem como tal — estendeu a mão. — Bem-vinda.

Sarah Anne apertou a mão dela, recuperando o fôlego à medida que uma sensação de alívio a invadia. Não tinha ofendido a fêmea de seu Alfa.

Heather incluiu Garret e Megan nas boas-vindas antes de voltar a dirigir-se a Sarah Anne.

—Pensei que tinha um filho.

—Cur vai trazê-lo.

Isso ele não sabia com certeza. Cur não teve tempo de ligar. A dispersão de sua família cravou o estômago de Sarah como uma garra. Heather apertou a mão dela.

—Ninguém é melhor que Cur.

Estava incapaz de falar, de modo que se limitou a assentir e a dar um passo

para trás.

Wyatt desceu para ficar ao seu lado e passou o braço por cima dos ombros de Heather. A outra mulher parecia estar feliz da vida quando se recostou contra ele.

—Bem-vindos ao Haven.

Tinha que ser um bom sinal que Heather se desse tão bem com seu macho.

—Obrigado.

—Teri já chegou? — perguntou Donovan.

—Há cerca de meia hora.

Heather olhou para as janelas altas do canto do primeiro andar.

—Daire está lá encima com ela. Disse que ficaria boa.

Sarah Anne seguiu seu olhar atento, debatendo-se entre o medo e a esperança.

—Você acredita no que ele disse?

Heather que não tinha papas na língua.

—Como humana ou como mulher emparelhada com um homem lobo?

—Das duas maneiras.

Heather suspirou.

—Como enfermeira humana diante de uma paciente humana, não saberia dizer a você como está. Como fêmea de um homem lobo, tenho fé. Daire é um homem muito poderoso.

Garret apertou os dedos contra suas costas e disse:

—Sim ele é.

—Obrigado.

Wyatt levantou uma sobrancelha e se dirigiu a Donovan.

—Pois eu continuo pensando que é um lobo perigoso.

—Eu não acredito, pelo menos não para nós.

—Não acredita?

—É difícil de saber — disse Kelon aproximando-se.

—Mas o trouxe até aqui?

Kelon estava tirando algumas coisas do porta-malas do SUV.

—Encontre a maneira de dizer não a ele e o ignore.

Wyatt ficou olhando para o segundo andar da casa.

—É tão poderoso assim?

Kelon colocou os fardos no porta-malas.

—Tão mesquinho.

Teri devia estar naquele quarto. Sarah não estava certa de querer deixar Megan com Garret, mas com quem ia estar mais a salvo? Aquele homem era puro músculo e não duvidaria em utilizá-lo. E via sua filhinha como se fosse dele na hora de protegê-la.

Soltou Megan entre os braços de Garret antes que ele pudesse imaginar o que estava a ponto de fazer. Deu um beijo na bochecha da menina.

—Volto logo, meu amor.

Megan tirou o polegar da boca o tempo suficiente para fazer uma pergunta.

—Fico com Garret?

Sarah Anne olhou fixamente para os olhos cor de avelã de Garret. Esperava que não fosse um erro confiar sua filha a ele.

—Sim.

Capítulo 14

Sarah Anne chegou a cruzar a soleira da porta, mas não foi muito mais longe. Daire estava parado ao pé da escada, de braços cruzados, parecendo mais forte e, de algum modo, maior do que ela recordava. As cicatrizes do rosto dele davam um ar feroz aos seus traços.

—Quero ver Teri.

—Não.

Só isso. Um "não" sem nenhuma outra explicação. Ela queria ranger os dentes.

—Por que não?

Ele se dirigiu para a porta que havia à direita. Vendo as paredes forradas de madeira escura e a grande escrivaninha, ela pensou que aquele devia ser o escritório de Wyatt.

—Temos que conversar.

—Quando eu tiver visto Teri.

Os pelos de sua nuca se arrepiaram ao ouvir o assoalho ranger atrás dela. Wyatt passou ao seu lado. Onde ela estava se escondendo?

—Antes temos que esclarecer algumas coisas — disse Wyatt.

—Seja o que for, pode esperar.

O suave sorriso que ele lhe deu não serviu para dissimular a ordem. Dirigiu a sala.

—Temo que não.

Um toque na coxa a fez olhar para baixo. Megan pendurou-se em sua perna, com os olhos azuis muito abertos enquanto observava Wyatt. Emitiu um suave som em sinal de alarme.

Sarah Anne procurou por cima de seu ombro ao Garret. Ele subiu com um longo passo os degraus do alpendre, com a mesma cara de perplexidade que todo mundo ficava na primeira vez que Megan escapulia de seus braços.

O olhar de Wyatt se deteve em Megan e, imediatamente, a expressão de seu rosto se abrandou.

—Olá, Megan. Bem-vinda ao seu novo lar.

Sarah Anne voltou a abrir e a fechar os olhos. Estava tentando ser amável?

—Eu me chamo Wyatt.

—Senhor Carmichael — corrigiu Sarah Anne.

Wyatt a olhou surpreso.

—Esse nome é muito comprido para uma menina tão pequena.

Sarah Anne umedeceu os lábios.

—Os bons modos são importantes.

Daire assentiu.

—As tradições também.

Ela umedeceu outra vez os lábios. Aquilo não era um bom presságio. Se fosse pela tradição, ela não estaria na Manada. Se fosse pela tradição, já teriam matado sua filha.

—Eu não sou tão fanática pela tradição.

Os olhos dourados de Wyatt se cravaram nos dela. Fez um gesto com o canto

da boca. Era uma amostra de aborrecimento ou um sorriso?

—Eu também nunca tive uma opinião muito boa a respeito da tradição da Manada. Por isso estamos criando novas tradições aqui.

Ela decidiu agarrar ao touro pelos chifres.

—Se implicarem em sequestrar minha filha, de minha parte não serão muito bem-vindas.

Fez outro gesto com a boca. E era claramente um sorriso. Ele a convidou a entrar na sala. Não restou outra escolha. Graças a Deus, Garret estava bem atrás dela.

—Isso foi uma ameaça?

Ela quadrou os ombros ao passar.

—Sim.

Ocorreram duas coisas simultaneamente. Ouviu-se um rumor de briga e a porta se fechou, deixando-a presa na sala com Daire, Wyatt e Donovan.

—Sustentar essa ameaça não foi uma grande coisa — comentou Wyatt quando ela se virou.

—Wyatt — Heather gritou com voz embargada do outro lado da porta fechada.

A energia de Garret explorou os limites de sua mente com uma onda interminável. Estava dizendo a ela que se mantivesse calma, que ele estava com ela. Ela mentiu, agarrando-se fortemente a essa energia.

—Não estou sozinha.

—Isso quer dizer que já aceitou que Garret seja seu macho?

Ela olhou para a expressão pétrea de Daire. Não tinha a menor dúvida de que ele levaria sua filha se considerasse isso oportuno. Olhou para Wyatt. Ainda conservava o meio sorriso no rosto, mas tampouco a iludia com ele. Também tiraria Megan se disso dependesse a segurança da Manada. Donovan poderia servir de curinga.

—Sim.

As paredes vinham em cima dela em um torvelinho de energia. Podia sentir o que Garret estava tentando. Estava entrando. Agarrou-se com força a sua energia porque necessitava dele.

Pare.

A ordem não veio de nenhum lugar concreto, ecoava em sua mente. Sobressaltada, esclareceu a garganta e se virou. Era Daire?

Ouviram alguns golpes secos contra a parede.

—Não vai esperar muito mais tempo — advertiu Daire.

Wyatt deu de ombros.

—Não tem muita opção. Se eu disser que espere, terá que esperar.

—Tem sede de emparelhamento. Ela está mandando sinais para ele como uma louca. Dou-lhe uns dois minutos antes que deixe de se importar com quem você é.

Wyatt sorriu.

—Então suponho que teremos que nos apressar.

Voltou a dirigir-se a ela.

—Tem certeza que aceita Garret como seu macho?

Ela assentiu outra vez.

—Sim.

Garret lançou uma maldição. Não desta maneira.

Quem se importa? — respondeu ela.

Ela não podia acreditar que ninguém, além dela mesma, pudesse ouvir os pensamentos de Garret.

Com um olhar mordaz para Donovan, Wyatt disse:

—Então já é oficial.

Oficial? O que é que era oficial? Ela não sabia que tinha tido outra opção.

—E o que isso quer dizer?

A sensação de que as coisas estavam acontecendo dentro de uma espiral que escapava de seu controle ia aumentando.

—Quer dizer precisamente isso, que sua relação já é oficial.

—E Megan?

—É responsabilidade de seu macho.

—E Josiah?

—É um membro da Manada e será devolvido ao seu lar.

Não podia exigir uma promessa mais firme que a de seu Alfa. Um pouco da

ansiedade que sofria se desvaneceu.

—E vai deixar Garret em paz?

Wyatt meneou a cabeça.

—Ainda não tomei nenhuma decisão a respeito.

Por um momento, Sarah Anne se sentiu dividida, mas devia a Garret a vida de sua filha. O mínimo que podia fazer por ele era assegurar sua permanência na Manada.

—Se eu renunciasse a ser sua fêmea, seria mais fácil para você aceitá-lo na Manada?

Ouviu-se um rugido que vinha do outro lado da porta. Percebeu a força da energia de Garret.

Wyatt se mostrou pomenorizado.

—Não, de forma alguma.

—De modo que o escolhi sem nenhuma certeza?

—Com a certeza natural que tem cada lobo na hora de escolher sua parceira — respondeu Donovan.

E como ela podia confiar-se nisso?

Chegou a ela outra onda de energia e sentiu um sinal de alarme em sua mente.

Para trás!

Ela deu um salto para trás. Megan se virou quando a porta bateu na parede. Seu rosto se iluminou de alegria assim que viu Garret.

—Garr!

Todos os machos ficaram olhando a pequena, que saiu correndo, totalmente confiante, para Garret. Ele a pegou com um braço e passou o outro por cima dos ombros de Sarah Anne. Àquele gesto de posse se somou a palavra que escapou dos seus lábios.

—Minha.

Em vez de reagir com um rugido de desafio, Wyatt se limitou a soltar, uma gargalhada e recostar-se em sua cadeira.

—Parece que ninguém, e muito menos ela, quer contestar isso.

Garret se virou como um tornado para olhá-la. Ela se esforçou para olhá-lo

nos olhos.

—Sarah Anne estava em pleno processo de aceitar sua reclamação quando você a... interrompeu — disse Donovan.

Garret ficou observando-a durante um momento e sondou sua mente com a mesma doçura com que a tocava, com o polegar, na comissura dos lábios. Estava cheio de dúvidas, mas também de... alegria?

—Então, termine — disse em um tom que estava além da arrogância.

Ele a deixava nervosa. Cruzou os braços.

—Agora não sei se quero.

Wyatt soltou outra gargalhada e Donovan soltou uma risadinha abafada.

Garret deslizou o polegar entre os lábios dela, roçando o tecido de dentro da boca.

—Não importa, continue.

Ela queria transformar-se em um atoleiro aos seus pés. Também gostaria de dar um pontapé em sua canela. Nenhuma das duas era uma opção que uma mulher madura deveria levar em conta, o que só deixava a ela uma. Maldição. Com toda dignidade que pôde reunir, disse:

—Aceito ser sua fêmea.

Garret se aproximou mais dela, até que sua respiração acariciou-lhe os lábios dela, misturando-se com a dela, convidando-a a saborear o que ele tinha para oferecer.

—Boa menina.

Ela ficou nas pontas dos pés para ficar ainda mais perto dele. Quando ele abriu os lábios contra os dela, deu um pontapé na canela dele. Era preciso esclarecer certas coisas antes de começar.

—Não sou uma menina.

Deu um sorrisinho para ele que penetrou em sua boca convertendo-se em um convite erótico.

—Que Bom.

Bom. Ao sentir que o beijo de Garret a inundava, um calafrio a percorreu dos pés a cabeça. Sim, aquilo estava muito bom.

Megan soltou uma risada. Wyatt jogou um envelope em cima da mesa.

—O que é isso? —perguntou Garret, olhando-o fixamente enquanto passava a língua pelos lábios que pareciam que estavam beijando-a outra vez.

—São chaves. Neste momento temos três casas disponíveis. Os endereços estão no envelope. Escolham uma e me devolvam as outras duas.

Uma casa? Iam ter uma casa? Isso era mais do que Sarah Anne tinha se atrevido a esperar. Uma casa era sinal de permanência, de aceitação. Garret tirou a mão que rodeava os ombros dela para pegar o envelope. Sarah conteve a respiração. Ele aceitaria?

—Assim, sem mais? —perguntou Garret.

—Sim — Wyatt cruzou os braços—, assim, desse jeito.

Capítulo 15

A que Sarah Anne mais gostou foi da casinha de Madeira. Garret percebeu pela maneira indolente que acariciava com os dedos os poucos móveis que havia na sala de estar. Ele colocou a sonolenta Megan um pouco mais para cima. A boca da menina ficou em contato com seu pescoço. Sentiu uma umidade suspeita.

—Está me enchendo de baba?

—Sim.

Ele fez uma careta.

Sarah Anne riu.

—Ah... aguenta.

—Para você é fácil dizer, não está cheia de baba de bebê...

Ela fez uma pausa e se virou para olhá-lo nos olhos.

—De verdade, você se incomoda?

Ela se referia não só a baba. Estava preocupada se por acaso queria repudiar aos seus filhos.

—Não é algo que eu esperasse.

—Mas?

Havia um monte de esperança posto naquele "mas".

—Parece que não é comigo. Talvez seja mais humano que lobo em alguns aspectos.

Ela inclinou a cabeça para um lado. Seus cabelos caíram sobre seu rosto. Estava muito bonita ali, de pé, observando-o.

—Acredita que ao me dizer isso vou me sentir mais confortável ao seu lado?

—Espero que algo que eu diga a faça sentir-se mais confortável.

Ela baixou os olhos para Megan.

—Eu não dou mais do que aquilo que me traz.

—Tem certeza?

—Não me faça pensar muito nisso, de acordo?

—Por que diz isso?

—Porque, quanto menos penso, mais confortável me sinto.

—Trato feito — esfregou as costas de Megan com a mão. — Que tal se a deitarmos um pouquinho?

—Não acredita que alguém pode achar ruim?

—Por que iriam achar ruim? —disse levando Megan para um dos dois dormitórios do andar de baixo. — Esta vai ser nossa casa.

Sarah Anne foi atrás dele.

—Você gostou da casa vitoriana.

—Era boa, mas esta me dá mais a sensação de lar.

Dizia isso, sobretudo, porque Sarah se sentia à vontade ali e ele gostava de vê-la à vontade.

—Obrigado.

—Por quê?

Deixou Megan sobre o edredom amarelo pastel que dava brilho ao quanto ensolarado. Imediatamente, ela ficou de lado e enfiou o dedo polegar na boca. Parecia um anjo diminuto. Era muito pequena para carregar tantos traumas.

Sarah Anne pegou a colcha de flores rosa que havia ao pé da cama e a jogou por cima da filha.

—Por procurar uma Manada com humanos para fazer que eu me sinta melhor.

Ele soltou uma risada.

—Acaso foi algo tão evidente?

—É um lobo, Garret.

Afastou os cabelos do rosto dela.

—E você na gosta disso.

—É que às vezes me dá medo.

—Só às vezes?

—Só às vezes.

Isso já era uma melhoria. Ela tinha ficado ao lado da cama. Ele a pegou pela mão e a arrastou.

—Vamos deixá-la descansar.

Sara Anne assentiu, mas colocou o lábio inferior entre os dentes. Sem dúvida, estava reconsiderando a necessidade de ter feito aquelas coisas. Sem dúvida, estava preocupada de que ele estivesse com ideias estranhas. E estava certa.

Ele pegou a mão dela com mais força.

—Vamos dar uma olhada no quintal.

Atravessaram a cozinha imaculada para chegar à porta de trás. Garret não teve dificuldade de imaginar-se sentado à mesa que tinha o tampo de vidro, tomando café com Sarah de manhã enquanto as crianças tomavam o café da manhã. Era uma imagem muito característica de um futuro que nunca pensou que iria tocá-lo. Imaginar-se olhando para dentro do lado fora, tocou-o profundamente. Apertou a mão de Sarah Anne. Para sua surpresa, ela também apertou a dele. E sorriu. Abriu a porta de trás e olhou para fora; beijou a mão dela quando ela pôs um pé no pequeno alpendre. Seu sorriso se apagou um pouco, mas não desapareceu. Talvez estivesse se acostumando a ele.

O quintal era cercado. A grama tinha sido cortada recentemente. Ao fundo do amplo jardim retangular, havia uma churrasqueira e também um labirinto e uma casinha colorida para que as crianças pudessem brincar. Planejado para um menino e uma menina.

—Parece que Wyatt também achou que você ia gostar desta.

Sarah Anne colocou, por reflexo, a mão sobre a dele.

—Pode ser.

Ela ficou olhando para o labirinto. Ele sabia o que ela estava pensando. Era muito fácil imaginar um menino pequeno brincando ali.

—Cur vai ligar a qualquer momento para dar notícias de Rachel e Josiah.

—Obrigado.

Ele ficou diante dela, cobrindo a sua vista.

—Não precisa ficar nervosa com nada, Sarah. Eu vou cuidar de você.

Ela levantou os olhos sobressaltados.

—Já sei.

Sim, supôs que era presunçoso já que era um lobo, mas ela podia ter colocado um pouco mais de entusiasmo. Aquela indiferença corroía suas entranhas. O que tornava seu marido humano tão maravilhoso? Acaso seu marido a reivindicou com mais paixão? Acaso a beijava melhor que ele? Porém, que diabos importava aquilo quando o cara nem sequer foi capaz de protegê-la. Garret tirou Sarah do alpendre e fechou a porta. Ao virar-se, surpreendeu-se pelo quanto ela parecia pequena, ali de pé. Não tinha a estrutura robusta de uma loba, os músculos esbeltos nem os ossos fortes. Lembrou-se quando viu suas presinhas.

—Você é capaz de se transformar?

Os olhos dela se arregalaram. Sacudiu a cabeça tentando evitar seus olhos. O motivo era facilmente compreensível. Um homem lobo que não podia transformar-se era como um humano sem braços nem pernas. Preso e, frequentemente, discriminado. Recordou a cena do pequeno lobo que fugia com o filhote macho.

—E Josiah pode?

Ela assentiu.

—Mas só tem uma quarta parte de lobo.

Ela deu de ombros.

—Ele pode.

—E Megan?

Deu um passo para trás.

—No momento, não.

Ele deu um passo para frente.

—Ainda tem tempo.

Às vezes os homens lobo demoravam anos para controlar todos seus poderes.

—Em troca, tem muita força em outros sentidos.

Ela franziu o cenho.

—É disso que Daire quer se aproveitar.

—Daire pode querer muitas coisas, mas não vai se aproveitar de nada se você não quiser — se por acaso ela ainda não tinha percebido ele tinha poder para ajudá-la quando necessitasse, acrescentou: — é uma das vantagens de ser a mulher de um homem lobo.

—Acredito que vir aqui foi um erro.

—Isso ainda está para ser visto.

—Você jurou lealdade ao Haven. Minha lealdade é para meus filhos.

—Em aproximadamente cinco minutos estaremos oficialmente emparelhados e, então, minha lealdade a você terá prioridade.

Outro passo para trás por parte dela.

—A lei da Manada diz que a Manada vez primeiro.

Outro passo para frente por parte dele.

—De verdade?

—Sabe que sim.

Outro passo para trás e ela bateria as costas na parede sem que restasse outra escapatória se não enfiar-se entre seus braços.

—Não li a lei.

Ela engoliu a saliva, mas não deu aquele passo.

—Aplica-se de qualquer maneira.

Ele levantou o queixo dela.

—Não para mim. Nunca tive uma Manada ou uma mulher e acredito que pensei nisso o suficiente para saber o que é que me importa mais.

—E o que é?

Precisava ouvir de sua boca.

—Nunca nada vai me importar mais do que você me importa.

—Você promete?

Ele acariciou com sua mente a mente dela para permitir que ela sentisse o

alcance daquela verdade.

—Eu prometo.

Ela colocou as mãos sobre os ombros dele e a expressão de seu rosto se suavizou.

—É um bom homem.

—Não tão bom.

—O que quer dizer?

—Não faz sentido continuar prorrogando a hora de marcar você. Quanto mais demorarmos, mais perigo seus filhos correrão. Wyatt vai estar atento a mínima alteração em seu cheiro, rastreando minha marca.

E não só Wyatt. Os outros machos também. Sarah era uma mulher atraente e, como já era evidente, capaz de ter filhos. Qualquer macho desemparelhado poderia querer e quereria ter uma chance. Ela inspirou e o soltou com força.

—Não podemos esperar nem um só dia?

Ele se recordou do olhar enigmático de Daire e das mensagens silenciosas entre Wyatt e Kelon.

—Não.

Ela fechou os olhos.

—Tinha a esperança de que pudéssemos conhecer um ao outro.

—Sinto muito.

Ela não disse nada.

Ele sentiu o ladrilho quente nas palmas das mãos quando as apoiou contra a parede, uma em cada lado da cabeça de Sarah.

—Por que tem tanta certeza que emparelhar-se comigo vai ser algo horrível?

—Estou começando a pensar que emparelhar-me com você pode ser algo muito bom.

—Então, por que dá tantas voltas?

Ela abriu os olhos. O marrom de sua íris parecia mais profundo, mais quente. Colocou as mãos na face dele e suspirou.

—Porque depois não haverá como voltar atrás.

—Já não há como voltar atrás.

Nunca ia deixá-la partir.

Ela baixou as mãos até as colocar sobre os braços dele, acariciou os músculos que havia neles, voltou a colocá-las em seu rosto durante um segundo antes de baixar os braços definitivamente.

—Não, já não há.

Ele queria que aquelas mãos tão suaves voltassem para suas bochechas. Pondo o dedo sob o queixo dela para ver bem seu rosto, ficou estudando sua expressão. Ela carregava a preocupação gravada em linhas finas ao redor dos olhos e na rigidez dos lábios. Ele deslizou a ponta dos dedos da mandíbula para cima, capturando a delicadeza daquele osso. Provavelmente, poderia quebrá-lo apenas apertando-o com os dedos. Foi fácil compreender porque partiu com um humano. Os emparelhamentos entre homens lobo, frequentemente, eram violentos. Devia estar aterrorizada com a ideia de não poder sobreviver. Tocou o lábio inferior dela com o polegar e notou como ela se arrepiava em um protesto sutil. Não havia nada que ele pudesse dizer para convencê-la.

—Tem medo que eu possa machucar você.

Ela deu de ombros, como que subtraindo a importância, mas tampouco disse que não.

Não gostou de ser aceito com uma atitude tão fatalista. Não gostou do rumo que certas coisas entre eles tomaram.

Ela o queria, mas não gostava disso. Necessitava dele, mas estava aborrecida por isso. Talvez houvesse homens lobo que começaram o casamento pior que ele, mas ele não acreditava que tivesse conhecido nenhum.

—Não vou machucar você, Sarah Anne.

Ela o perfurou com os olhos.

—Se fizer, farei você pagar por isso.

Ele deveria ter se ofendido. Ter a obrigado a retirar a ameaça. Em vez disso, surpreendeu a si mesmo sorrindo. Deu aquele último passo. Ela, indevidamente, retrocedeu até estar onde ele a queria.

—Perfeito.

Soube o momento exato que ela percebeu suas intenções. Tinha o cheiro salpicado por um almíscar irritante e os olhos muito abertos. Ele observou como a garganta dela trabalhava ao engolir a saliva. E sorriu. Passando as mãos em seus

ombros, pressionou a boca contra o músculo liso e o sorriso se alargou ao ouvi-la gemer suavemente. Sarah Anne podia desconfiar dele com a cabeça, mas com o instinto, sabia bem quem era ele. Sua outra metade. Aquele para quem ela era de um valor incalculável. Aquele que sempre a manteria a salvo e a colocaria acima de todo o resto.

Os músculos de sua garganta continuaram trabalhando sob o contato de seus lábios. Pegou a pele suave entre os dentes e a chupou com delicadeza. Quando seus joelhos falharam, ele a agarrou, apertando-a contra a parede. A violenta necessidade de possuí-la aumentou. Ela gemeu. O rastro de medo se expandiu em seu aroma. Ele não queria tê-la atemorizada.

—Vou cuidar de você.

Mesmo que sua vida dependesse disso, cuidaria dela. Tinha uma Manada, uma mulher e uma família. Três coisas que sempre acreditou que lhe tinham sido negadas. Não insultaria o que a vida tinha dado a ele abusando dela. Colocou a mão dela sobre a boca, para inalar seu aroma e sentir a suavidade de sua pele.

—E vou dar prazer a você.

Capítulo 16

Um calafrio percorreu Sarah Anne da cabeça até os pés quando ele roçou o dorso de sua mão com os lábios. Claro que ele ia fazer isso. Sentia isso na mente, nos ossos e no útero. Pequenas descargas de prazer viajaram de seu pescoço até o clitóris, aumentando em força e em ritmo à medida que aqueles beliscões foram se convertendo em dentadas eróticas. Dor misturada com prazer. Ele colocou uma coxa entre as dela. Seus joelhos falharam. Ali estava a coxa dele para segurá-la. E para lhe dar prazer.

—Mova-se um pouco.

Colocou uma mão sobre o quadril dela para guiá-la no movimento que queria que fizesse. Ela se deixou levar só para descobrir que ela também queria fazê-lo. A mão dele abandonou o quadril para deslocar-se até um seio,

rodeando toda a curva com força, com calor. Prometo isso a você. Ele apertou enquanto seu polegar brincava com o mamilo dela. Ela esfregou o sexo em sua coxa.

—Isso é bom — grunhiu ele enquanto o mamilo se endurecia segundo sua vontade. Com outro grunhido, puxou a gola da camiseta para baixo até que seus seios apareceram, erguidos para seu deleite. O sutiã se desintegrou com uma patada. A vontade dela se derreteu sob o calor de sua boca. Com um gemido, atraiu a boca dele para ela. Ele estava sendo muito comedido quando o que ela precisava era mais.

—Mais forte. Por favor, mais forte.

Seus olhos brilharam.

—Sabe o que está me pedindo?

Sim, sabia. Queria que seu macho a possuísse. Queria sua paixão selvagem. Sua posse.

—Sim, sei.

—Merda.

Apertou os dedos ao redor dos seios dela quase até o limite da dor. Enredou a mão em seus cabelos para aproximá-la mais. Ela abriu a boca para receber a força de sua língua, o poder de seus beijos. Sua mente se verteu sobre a dela, deixando para ela a imagem que ele tinha dela. Exuberante e bonita, uma sereia de jeans e camiseta. Ela sempre sonhou ser vista daquela maneira, querida daquela maneira.

—OH, Deus.

Ele fechou os dentes ao redor do mamilo, apertando lentamente a carne sensível com cuidado até que o prazer a arpoou⁵ tão fundo que ofegou e jogou a cabeça para trás em agonia prazerosa. Contraiu-se. Sua vagina doía. Suas pernas se abriram. Ele soltou um grunhido.

Ouviu-se o som de um tecido que se rasgava e, então, a ponta da garra roçou a fenda de sua vagina.

Inundou-se de prazer.

—Abra-se, Seli.

Seli é o ancestral apelido carinhoso que os homens lobo reservam para suas

⁵ Arpoar- cravar o arpão. (Aurélio)

fêmeas. Ela separou as pernas um pouco mais. O tecido se rasgou ainda mais e o ar fresco sussurrou sobre sua carne quente. Garret expressou seu prazer com um uivo ao deslizar o dedo ao longo do sulco empapado. Ela estremeceu dos pés a cabeça ao sentir como os calos de seu dedo esfregavam sua vagina. Outra sacudida precedeu o início do orgasmo.

—Está preparada para mim.

Havia assombro e satisfação naquela declaração.

Ela assentiu, cravando as garras na nuca dele.

—Toque-me outra vez.

Necessitava que a tocasse outra vez para poder gozar. Necessitava tanto gozar...

—Não goze — grunhiu ele sem deixar de tocá-la. — Ainda não.

Ela não sabia se poderia evitar isso quando seu dedo brincava com seu clitóris, explorando-a profundamente e a atormentava com a promessa de possuí-la, mas sem chegar a fazer isso. Separando ainda mais as pernas, ela tentava forçar o encontro.

—Por quê?

—Porque esta primeira vez vai gozar com meu membro dentro de você profundamente.

Oh, Deus. O tremor partia das profundezas de seu ser.

—Garret!

—Merda!

Ele tomou sua boca enquanto a levantava. Ela rodeou a cintura dele com as pernas. Seu membro se acomodou dentro da fenda de sua vagina. Por um momento, ela teve dúvidas porque ele era muito grande, mas então, ele colocou os dedos entre suas nádegas, separando-as ao mesmo tempo em que as apertava, e a puxou para baixo enquanto empurrava. Ela gritou quando o prazer ultrapassou a dor enquanto ele a alargava e a enchia. Mantinha-se erguido dentro dela e bombeava quase indevidamente, forçando seu membro a entrar cada vez mais dentro, sem ceder nem um milímetro, sem deixar que ela resistisse, grunhindo enquanto ela gemia e apertava as pernas, puxando-o dentro sem se preocupar com a dor, preocupando-se apenas em tê-lo por inteiro. Tinha que tê-

lo por inteiro. Era selvagem. Era uma loucura. Era perfeito.

Os dentes dele mordiscaram sua orelha.

—Se entregue.

Aquela ordem sacudiu seu desejo enviando-a ainda mais alto. Ela hesitou. Sem deixar que separasse suas costas da parede, ele colocou um braço por debaixo da perna direita dela e depois fez o mesmo com a esquerda, deixando-a suspensa entre a parede e sua paixão. Seu membro se afundou mais profundamente e o prazer aumentou muito mais. Mais um empurrão e estava completamente transpassada em seu prazer. Esfregou-se contra ela quando estava alcançando o orgasmo.

—Se entregue!

Ela fez isso, arqueando a cabeça para um lado, dando a ele acesso ao seu pescoço. Dentro dela, seu membro mostrou todo seu poder. A mente dele procurou a dela. Ela podia sentir sua paixão, seu prazer, alcançou o clímax ao mesmo tempo em que ela.

Ele arranhou sua garganta com as presas. Saiu o suficiente para deixá-la ofegando, justamente quando estava chegando à cavidade que une o pescoço com o ombro e, então, empurrou outra vez, mordeu-a. Seu mundo explodiu em uma agonia de prazer.

Garret a levou para dentro e se sentaram no sofá. Ela atravessada sobre seu colo, reclinou a cabeça contra seu peito, escutando os batimentos de seu coração e se conscientizando do que tinha acabado de acontecer. A marca que tinha no pescoço latejava e ardia. Estavam emparelhados.

—Diga-me, você se ofendeu por ter sido forçada a se emparelhar ou com o macho que se viu forçada a aceitar?

—Estou completamente desligada de todo o assunto das tradições dos homens lobo.

A bela boca dele se tornou uma linha reta. Ela tinha a urgência arrebatadora de beijá-lo para que se apacasse.

—Bem, agora está emparelhada.

Os dedos dele se curvaram entorno de seu pescoço e se acomodaram sobre

a marca. O calor palpitante que ela sentiu antes aumentou ao nível de queimadura e se estendeu até o peito.

—Não só com um macho tradicional, mas também com um híbrido dos bons.

—Tem algo a provar?

Todos os machos híbridos tinham que provar alguma coisa. Os poucos que ela viu se exibiam mantendo suas fêmeas sob um estrito controle. Ele inclinou a cabeça e aquele sorriso no qual ela não confiava afugentou a tensão de sua boca.

—Só uma ou duas coisinhas — com o dedo mindinho avivou o fogo da marca.

—Uma é que eu gostaria de demonstrar a você que posso ser terno.

—Tinha suas necessidades — necessidades das quais ela desfrutou profundamente.

Sentiu-se puxada e retida pela pressão que tinha na nuca. O mel dos olhos de Garret estava se aprofundando para um verde escuro. Com fogos diminutos os iluminando por trás. Chamas que compassavam o calor que crescia dentro dela enquanto ele aproximava a boca da sua.

—Nada vem antes de você, Sarah Anne, nada.

Nem mesmo seu filho? Aquele pensamento saltou ao diálogo.

Ele deteve sua boca a apenas um sopro da dela.

—Nem mesmo ele.

Por alguma estranha razão, aquela honestidade a tranquilizou. Havia muito a esclarecer com um homem para saber onde estava se metendo. Como uma carícia, colocou os braços ao redor do pescoço dele.

—Obrigado.

Ele entrecerrou os olhos.

—É uma mulher muito estranha.

—E você, um homem honesto.

—Que vai beijar você agora mesmo.

—Isso eu entendi.

—Alguma objeção?

Umás mil de sua parte mais razoável. Nenhuma de sua parte mais primitiva que era a que se encarregava de tomar as decisões naquele momento. Mas não

queria que ele soubesse, assim não disse nada e logo já era muito tarde. Os lábios dele cruzaram suaves, mas firmemente com os dela dando a opção de afastar-se, desafiando-a a afastar-se. A paixão explosiva de antes a invadiu por completo. Ela sempre foi covarde diante dos desafios. Levantou-se e deixou a paixão explosiva passar sem nenhum obstáculo, separou os lábios e enfrentou seu próprio desafio. Ele aceitou com um grunhido grave. Sob as mãos, ela sentiu a resposta reverberante. A língua dele atravessou com um empurrão a barreira de seus lábios e reivindicou sua boca com uma totalidade que encheu de regozijo tudo que havia de feminino nela. Conteve a respiração e cravou as unhas nele. Ele envolveu os dedos nos cabelos dela. Para aproximá-la mais dele? OH, sim, precisava aproximar-se mais.

Da entrada chegou uma tosse.

Ou para afastá-la? Garret levantou a cabeça.

Donovan estava de pé na porta.

—Perdoem-me por incomodá-los.

—Alguma vez lhe disseram que tinha que bater na porta? —gritou Garret.

—A porta estava aberta.

A mão de Garret pressionou seu rosto ardente contra o peito dele para esconder seu rosto em um gesto de proteção. E ela ficou muito agradecida por isso. Estava profundamente consciente que seu jeans estava desabotoado.

—O que quer?

—Daire perguntou por ela.

Os músculos de Garret ficaram tensos.

—Por quê?

—Teri despertou e a está chamando.

Capítulo 17

Teri não estava chamando-a, estava gritando seu nome em horríveis e violentas explosões em busca de ajuda que a deixou nervosa assim que abriu a

porta da casa principal. Sarah Anne irrompeu no interior da casa. Wyatt a segurou pelo braço.

—Espere.

Atrás dela, Garret soltou um grunhido. Donovan entrou primeiro. No canto, Lisa enxugava a face.

Sarah Anne jogou os cabelos para trás, por cima do ombro, e olhou Wyatt nos olhos.

—O está acontecendo?

A preocupação que ele tinha nos olhos acalmou sua ira. Seja lá o que fosse que ele tinha a dizer, via-se que era importante. Outro grito dilacerador veio de dentro e sentiu que Wyatt estremecia através da mão com que a segurava. Fez uma pausa, como se não soubesse como dizer a ela o que tinha que dizer. Heather, apareceu ao seu lado, com o rosto cheio de sarda brilhando com os vestígios das lágrimas e pegou a mão que estava livre.

—Sinto muito.

Sarah Anne olhou para trás; a mão de Garret engoliu a sua e a apertou.

—Ela está morrendo?

Wyatt tomou fôlego. Mas foi Lisa quem respondeu.

—Não. De forma alguma.

Donovan abriu a boca, mas com um sinal que ela fez para ele com a mão, mandou-o calar. Isso deixou Sarah Anne fascinada. Que uma insignificante mulherzinha humana pudesse controlar tantos Protetores sem outra arma se não sua vontade.

—Não está morrendo.

—Mas perdeu o bebê.

—OH, meu Deus — aquele bebê era tudo para Teri. Agarrou-se a aquele pequeno ser como se fosse a única coisa que a mantinha ligada a sanidade. E agora o tinha perdido. — Isso é horrível.

—Já imaginávamos — disse Wyatt.

—Mas o que vocês acreditam que Sarah Anne pode fazer a respeito?

—Daire acredita que ela pode fazer muito.

—Mas quem é esse tal Daire?

Sarah Anne queria saber disso mais que qualquer outra coisa. Aquele homem a assustou, intrigou e a preocupou. Em um período muito curto de tempo, conseguiu se tornar de vital importância para sua amiga, apesar de ser a coisa mais funesta que ela tinha visto. E, em sua opinião, incapaz de dar a Teri todo o amor que ela necessitava para se curar.

—Neste momento, é o que atua como mediador entre Teri e a morte — disse Wyatt.

Sarah Anne já estava farta que os Alfas usassem aquilo para sossegá-la.

—Bem, pois não parece que estar fazendo isso muito bem.

Donovan olhou para Garret por cima de sua cabeça.

—Não deixe que ela fale assim com Daire.

Ela se aproveitou da distração para soltar-se de Wyatt.

—Ele não tem nada a dizer sobre como eu falo com ninguém.

Sua liberdade foi apenas temporária. Garret voltou a pegar sua mão. Como se não tivesse se expressado com clareza, ele falou por cima de sua cabeça.

—Ainda tem que se adaptar.

O grito seguinte tirou de sua cabeça a necessidade premente de discutir. Dirigiu-se a escada, esperando que Garret a retivesse, mas não o fez. Os passos pesados que a seguiam pela escada eram mais confortantes que ameaçadores. Teri estava no alto da escada, metida em algum tipo de apuro, e Daire com o olhar gelado, o rosto cheio de cicatrizes e gestos fúnebres. Parecia que estava entrando em um pesadelo e, em tal caso, era bom saber que Garret lhe dava cobertura.

Como se tivesse lido seus pensamentos, pegou a mão dela. Deu um puxão e a fez girar. Ancorou sua mão livre nos cabelos dela, à altura da base do pescoço, fazendo-a inclinar a cabeça para trás. A centelha de excitação que experimentava sempre que ele a tocava a atravessou, inundando seus sentidos e terminações nervosas. Ele a segurava como se esperasse que ela fosse lutar, mas a realidade era que, em um mundo enlouquecido e cheio de perigos, ele era o único apoio que tinha. Ele a puxou para ele. Sua cabeça encobria a luz, mas não podia encobrir a inquietação que sentia. Respirou fundo, encheu os pulmões com seu aroma e o reteve ao mesmo tempo em que mordia o lábio inferior. Não tinha

intenção de lutar. Podia ser metade humana. Podia ter dado as costas a sua herança, mas agora, neste momento, neste preciso instante, sem saber o que havia do outro lado da porta, sabendo apenas que estava acontecendo algo horrível, estava contente de ter seu homem ao seu lado. Relaxou entre seus braços, notou sua surpresa quando ela colocou as mãos em seu peito e as enredou no tecido de sua camisa para ficar ainda mais perto dele. Não queria estar sozinha na luta. Queria que houvesse alguém ao seu lado. Alguém que tomasse as rédeas da luta, não alguém a quem ela tivesse que proteger.

Sua hesitação durou só um instante, mas tal e como ela estava começando a aceitar como comportamento normal dele que agarrasse o que podia quando podia, ele tomou de assalto sua boca. E, por uma vez em sua vida, rendeu-se sem impor condições. Aquele era seu macho. O que ela tinha escolhido.

O beijo acabou em questão de segundos. Garret a segurou a um braço de distância. Ela não foi capaz de se recuperar tão rápido quanto ele. Ficou olhando para ele enquanto ele a estudava com os olhos entrecerrados, avaliando-a. Atrás dela, do outro lado da porta, Teri voltou a gritar. Um palavrão, dito por um homem, sobreveio ao grito com a mesma rapidez.

—Se não fizer o que eu estou dizendo agora mesmo, vou ter que amarrar você.

Sarah Anne lançou-se contra a porta. Garret a agarrou pela cintura e a jogou para trás. Abriu a porta sigilosamente e entrou. Ela ignorou o sinal que ele fez para que ficasse lá fora. Era sua amiga que estava lá dentro gritando. Mas parou repentinamente quando cruzou a porta. Havia um fedor de sangue no quarto, de medo e de desespero, mas não se podia discernir pelo aroma quem tinha medo e quem estava desesperado. O que era evidente era quem estava sangrando. Podia ser que Teri estivesse sangrando, mas as bandagens brancas que cobriam seu abdômen estavam impolutas. Não se podia dizer o mesmo do rosto de Daire. Tinha as bochechas e o pescoço marcados por arranhões profundos. Outro sulco cruzava seu peito e descia por seus braços que seguravam Teri contra a cama.

—O que está fazendo? —balbuciou Sarah Anne.

—Evitando que se mate — disse Daire bruscamente.

Garret arregaçou as mangas e entrou no quarto.

—Posso ajudar?

—Necessito que segure seus pés.

Com uma eficácia desumana, Garret agarrou os pés de Teri e os segurou contra a cama. Os cabelos de Daire deslizaram por cima de seus ombros ao girar bruscamente a cabeça para olhar para Sarah Anne. O impacto de seu olhar foi como o de um golpe. Sarah deu um passo para trás, esmagada por seu poder.

—De você, preciso que venha e lhe diga que eu não matei seu bebê.

—OH, Meu deus.

Quando Daire levantou o braço, Sarah Anne correu para agachar-se junto a Teri. Estando tão perto, era impossível não perceber quem tinha medo e quem estava desesperado. Olhou para Daire surpreendida. Nunca teria pensado que aquele ancião tão comedido fosse capaz de se desesperar.

—Segure-a.

Pela maneira que Teri se sacudia, Sarah Anne duvidava seriamente de sua capacidade para fazer isso.

—Talvez seja melhor que você continue segurando-a.

—Não posso.

A crua realidade ficou evidente.

—Agora ponha suas mãos sobre as minhas.

Ela fez isso, captando a violência do medo de Teri.

—Acalme-se, Teri.

Teri abriu muitos os olhos e enfocou o olhar.

—Sarah! —ofegou.

—Sim, sou eu, Sarah Anne.

—Ele matou meu bebê.

A seu lado, Daire estremeceu. Tirou as mãos cuidadosamente de debaixo das dela e recuou um passo.

—Não, ele não o matou.

Teri olhou para Daire por cima do ombro de Sarah, apertou os punhos com força e a raiva retumbou por seu corpo todo.

—Matou sim, pergunte a ele.

Sarah girou a cabeça e acrescentou seu olhar ao de Teri.

—Diga-me que não disse isso a ela.

Ele apertou os dentes e entrecerrou os olhos.

—Eu não minto para minha fêmea.

Pelo amor de Deus.

—Salvou a vida dela!

Ele se levantou e se afastou da cama. Teri continuou contemplando-o. Saltavam faíscas de energia entre eles.

—Tive que tomar uma decisão.

Sob suas mãos, os dedos de Teri se converteram em garras que teriam saltado para a cara de Daire se ele estivesse perto o suficiente.

—Não tinha esse direito. Era eu quem deveria tomar essa decisão.

Talvez, nem ela e nem Garret deveriam estar ali. Aquela guerra era entre Teri e Daire. Era algo pessoal que estava fazendo mal a ambos.

Daire quadrou os ombros. Tinha todo o aspecto do ancião poderoso que era enquanto rebatia:

—Minha fêmea vem primeiro.

Teri se curvou e se retorceu.

—Odeio você.

Daire assentiu e absorveu o golpe com uma passividade que Sarah nunca teria esperado daquele ancião.

—Já sei.

Ele recuou mais um passo. Estava apenas a alguns passos da porta.

—Aonde pensa que vai? —grunhiu Garret.

—Ela precisa se curar e comigo aqui não vai conseguir.

—Não pode ir.

A única vida que havia em Teri era sua raiva. Sob aquela aparência, estava horrivelmente pálida e muito fraca. A única coisa que separava Teri da morte era Daire e a raiva que ela sentia por ele.

—Não pode abandonar sua fêmea quando ela está doente — disse Garret.

Daire olhou para Teri desconcertado. Por mais que escondesse seus sentimentos, Sarah Anne tinha a impressão de que estava sofrendo.

—Olhe, cachorrinho, não me diga o que tenho que fazer.

—Sem você, não vai sobreviver.

—Vai ficar melhor sem mim.

—Você não matou o bebê — acrescentou Sarah Anne.

—Não importa o que eu acredito. Tudo o que importa é o que ela acredita que sabe.

E o que Teri sabia era que Daire tinha tirado sua esperança de formar uma família.

Sarah Anne trocou um olhar com Garret. Deus santo, que confusão.

Capítulo 18

Sarah Anne ia pensar que ele estava mentindo. Duas horas mais tarde, Garret estava de pé no escritório de Wyatt olhando para ele sem entender completamente.

—O que você quer dizer com não foram capazes de encontrá-los?

Ele prometeu a Sarah Anne que Cur ia trazer seu filho para Haven e agora Wyatt estava lhe dizendo que Cur os tinha perdido?

—Cur foi ao lugar do encontro. Não havia sinal de Rachel nem de Josiah.

—Sarah Anne tem plena confiança em Rachel.

Kelon soltou uma risada irônica.

—Pois, talvez, não devesse.

—Tenho certeza que Rachel está ciente do quanto Sarah Anne está preocupada com Josiah. Deve ter deixado alguma pista lá.

—Nunca estiveram lá.

Garret passou os dedos pelos cabelos. Por Deus, não queria começar sua vida com Sarah Anne com um fracasso assim.

—Tem que haver uma explicação.

—Nenhuma convincente — disse Donovan quase com delicadeza.

Kelon arrastou sua cadeira em direção oposta à parede.

—Acha Cur um bom rastreador?

Garret não gostava da sensação que tinha nas entranhas. Misturava-se muito bem com o indício de suspeita no aroma dos outros homens.

—Não há outro melhor. Por que diz isso?

—Segundo Cur, encontrou Rachel e a perdeu... duas vezes.

—Não é possível.

Ninguém dava o cano em Cur.

—Cur não está muito contente.

Garret tinha certeza disso. Dirigiu-se para a porta enquanto a determinação se assentava em suas entranhas.

—Vou procurá-los.

—Nada disso. Ainda não — ordenou Wyatt.

Garret se virou já com a mão na maçaneta da porta.

—O que me impede?

—Bom, para começar, que eu o proíbo.

la ter que dizer a ele algo mais contundente que isso.

—E depois?

Kelon jogou em cima da mesa uma folha de papel dobrada.

—O que é isso?

Quando o abriu o papel fez barulho.

—Parece um aviso de despejo da Manada Carmichael. Dizem que estamos em seu terreno — Garret examinou a carta. — Que cara de pau eles têm, não?

—Os membros da Manada Carmichael sempre foram muito presunçosos quanto a sua própria importância.

Wyatt deveria saber disso. Seu pai foi o chefe da Manada por muito tempo. Wyatt era o primeiro na linha sucessória para assumir a liderança antes que mandasse tudo para inferno.

Garret devolveu a nota a ele.

—Esta é uma Manada homologada⁶. Eles não têm fundamentos.

Wyatt deu de ombros.

—Tenho alguns inimigos na Manada Carmichael que gostariam de ver nossa Manada afundar. Desde que meu pai morreu, ele fizeram de desacreditar a homologação de sua missão.

⁶ Homologar – confirmar ou aprovar por autoridade judicial ou administrativa. (Aurélio)

—Elevaram isso ao nível de obsessão, para dizer a verdade — interveio Donovan.

Wyatt deu de ombros.

—Acreditam que com isso fazem justiça.

—O que respondeu a eles? —perguntou Garret.

—Disse a eles que fossem para merda — Wyatt sorriu, — da forma mais diplomática do mundo, é obvio.

—E o que responderam?

Wyatt ficou olhando pela janela. Não era necessário que Garret sentisse o cheiro de sua raiva para saber do que se tratava. Era a guerra.

—Disseram que será um combate até a morte.

—Merda.

Isso era muito pior que a guerra.

—Já esperávamos por isso — interveio Donovan.

—A guerra sim — disse Wyatt bruscamente—, mas não um combate até a morte.

Um combate até a morte com os Carmichael.

—São fortes?

—Eu mesmo os treinei para que fossem os mais fortes.

Kelon e Donovan eram os Protetores dos Carmichael antes que Wyatt constituísse o Haven.

—E Haven é forte?

Kelon cruzou os braços.

—Superam-nos em número, não temos experiência e treinamos muito pouco.

—Merda.

Não podia abandonar Sarah Anne, Megan e todos os outros homens lobo que tinham vindo para Haven desprotegidos ante uma ameaça de ataque em curso.

—A que distância Cur está de Rachel?

—Ele assegura que é capaz de protegê-los se os Renegados a obrigarem a diminuir os passos o suficiente para que ele possa alcançá-los.

Garret meneou a cabeça. Não podia imaginar uma mulher dando o cano

em Cur.

—Sarah Anne mencionou que Rachel tinha seguido algum treinamento? — perguntou Donovan.

—Não — de fato não tinha falado dela em nenhum momento.

—Tem que haver algum motivo para que ela lhe tenha confiado o Josiah.

—Deu-me a impressão de que fez isso porque não tinha outra escolha.

Wyatt pôs a mão no ombro dele.

—Sinto muito, Garret. Sei que prometeu a Sarah Anne que traria Josiah para casa.

—Já veremos o que fazer.

—Cur voltará a ligar em alguns dias.

—Perfeito — era melhor, que então, tivesse boas notícias. Garret olhou para o bosque pela janela que tinha na frente, deixou voar seus sentidos para fora e percebeu as vibrações estranhas que o rodeavam. — Os Carmichael estão nos observando?

Kelon assentiu.

—E esperando.

—O quê?

A boca de Donovan se transformou em uma linha reta.

—Não sabemos.

Merda.

Capítulo 19

Garret não teve que dizer nada. Pela expressão de seu rosto, Sarah Anne soube que tinha más notícias.

Ficou imóvel, de pé na porta. Os nódulos de seus dedos estavam brancos em contraste com a madeira escura do batente da porta.

—Diga logo.

Ele puxou-a para si, ignorando seus esforços para soltar-se, aplacando a turbulência que tinha na mente o melhor que pôde.

—Até que ponto conhece sua amiga Rachel?

—Por que isso?

—Responda.

—Conheço-a bem o suficiente para lhe confiar meu filho.

—Porque não restava mais remédio ou por que...?

Sarah Anne não titubeou.

—Porque é de absoluta confiança. O que aconteceu?

—Até agora não tínhamos certeza. Ela fugiu.

—OH, Deus — deu uma tapinha no ombro dele. — Isso é tudo? Já tinha dito a você que ela não ia confiar em seu amigo Cur.

—Pode ser que haja algo mais que isso.

—Não — sacudiu a cabeça. A negação era tão forte em sua mente quanto em sua voz. Tinha fé absoluta em Rachel.

Garret não teve coragem de contradizê-la.

—Josiah tem poderes especiais?

—Como os de Megan?

—Sim.

—Não.

—O que sabe de seu pai? Tinha alguma habilidade pouco comum entre os humanos?

—Não, era perfeitamente normal.

—E algum parente longínquo?

—Zombavam de seu avô. Eles o chamavam de Dom Sabichão porque sempre parecia saber o que acontecia. Pelo menos, diziam isso.

—Tinha premonições?

—Não sei.

—O pai alguma vez falou com Josiah de seu avô?

—Por que ele ia fazer isso? Quero dizer, era uma brincadeira. Uma história que contavam no Natal e na Ação de Graças.

—De fato, aquelas histórias podiam ter se impregnado nele — e esse fato podia ser o motivo que levou os Renegados a perseguirem Rachel e Josiah incansavelmente. —Talvez o seu avô tivesse poderes.

Um pai lobo teria dado a seu filho os conhecimentos necessários para sobreviver, tanto se esses conhecimentos implicassem em enfatizar uma característica como se implicassem em escondê-la. Até mesmo, talvez, da própria mãe. Era difícil acreditar que um pai humano não fizesse o mesmo.

—Não sei. Você tem que ir atrás deles. Você me prometeu que o traria.

—Prometi manter todos a salvo.

—E que ia trazer ele para mim.

—Mas não agora porque Wyatt me proibiu isso.

—Porque a Manada necessita de você mais que de Josiah — Sarah se virou.
— Sabia, a Manada vem primeiro.

Garret a pegou pelo braço e a puxou outra vez para si. Ela bateu em seu peito com as mãos.

—Nunca será esse o caso se o que meu Alfa me ordenar colocar minha família em perigo.

Sarah Anne empurrava contra seu peito.

—Parece-me que ele acabou de lhe ordenar isso.

Garret não afastou seus olhos dos dela.

—Não, ele não fez isso. Mas a ameaça que se abate sobre Josiah não é tão grande quanto a que se abate sobre Megan e você.

—Mas Josiah...

—Estará a salvo.

—Como sabe?

—Cur o está vigiando.

Ela apertou os punhos contra o peito dele. Seu sofrimento se transformou em uma neblina mental que envolvia a ambos.

—Acabou de me dizer que ele não pôde encontrá-los.

Ele acariciou a mente dela com a sua, sossegando sua angústia o melhor que pôde.

—Melhor dizendo, ele não conseguiu alcançá-los.

Ela afastou os cabelos dos olhos.

—Como pode querer que eu não me preocupe?

—Porque, se Rachel for boa, Cur é melhor.

—Parece estar muito seguro disso.

—Estou.

Ela o olhou nos olhos.

—O que vai fazer?

Ele envolveu os punhos dela com as mãos e os trouxe para perto de seus lábios. Primeiro o direito e depois o esquerdo.

—Vou me encarregar da ameaça que ainda temos aqui e depois vou procurar seu filho.

—E o que você acha que eu tenho que fazer?

—Cuidar de Teri.

—Não sei como posso ajudá-la.

—Fale com ela.

E reze.

Capítulo 20

Não se podia falar com Teri. Estava de causar pena por causa de seu bebê até o ponto de fazer disso uma obsessão. Durante os dias seguintes, brigou com Daire. Brigou com Sarah Anne. Brigou com a vida, mas nada podia impedir que seu corpo sarasse. Assim que Sarah Anne viu a marca que tinha no pescoço, entendeu tudo. Daire havia vinculado sua vida a de Teri. Enquanto ele vivesse, Teri continuaria viva. Sarah Anne segurou bem a bandeja do café da manhã e fechou com o pé a porta do dormitório. Teri estava deitada na cama no quarto escuro, os cobertores a cobriam até a metade do rosto. Nem sequer virou a cabeça quando ouviu que a porta se fechava. Sarah Anne suspirou. Daire tinha partido já fazia dois dias e Sarah Anne não estava mais perto de quebrar o muro de raiva de Teri do que esteve no dia que pisou pela primeira vez aquele quarto. Mas ia ter que fazer algo. E logo.

Gosta dela até que ponto?

Foi isso que Daire perguntou a Sarah Anne naquela horrível noite em que feriram Teri e ela deu a ele permissão para fazer o que fosse necessário para

manter Teri com vida. O resultado disso, vinculou-se a Teri. E Teri, que odiava os nomes lobo, estava agora amarrada a um pelo resta da vida. Não importa a liberdade que Daire estivesse disposto a dar a ela, nunca haveria outro homem na vida de Teri. Sem outra opção de futuro. Sem outro caminho se não seguir o de seu macho.

Sarah Anne nunca tinha visto Teri assim, nem sequer depois do estupro. Teri era uma lutadora nata, sempre saía alegre das situações que a vida colocava diante dela, mas parecia que já não restava vontade de lutar, que aceitava a derrota e que já não restavam motivos para continuar vivendo. Sarah Anne pôs a bandeja de comida na mesinha de cabeceira.

Teri escondeu o rosto.

—Não tenho fome.

Sarah Anne abriu as cortinas da janela que havia ao lado da cama.

—Tem que comer.

Teri olhou para o exterior ensolarado pela janela.

—Não tenho que fazer nada.

Nem sequer voltar a respirar. Sarah Anne ouviu esse sussurro em sua mente. Ficou estupefata. Aquele pensamento tinha sido real ou ela o tinha imaginado? Suspirou e disse:

—Para você, a morte não é uma opção.

Isso fez que Teri virasse a cabeça bruscamente. Apertou o cobertor em um punho.

—Não me diga o que tenho que fazer.

—Sinto muito. Não era essa minha intenção, é só que...

Como dizer a alguém que tinha um marido homem lobo. Sarah Anne se sentou na beira da cama.

—Você vai demorar a compreender isso, mas para salvar sua vida, Daire transformou você em sua fêmea.

—Como isso pôde salvar minha vida?

—Os casais vinculados têm uma força vital que podem compartilhar. Daire é um homem lobo muito forte. Enquanto ele viver, você viverá — pegou o guardanapo que havia na bandeja e pôs sobre o colo de Teri. — Assim sua greve

de fome não servirá para nada.

Teri a olhou nos olhos. Os círculos escuros que tinha sob os olhos faziam que o verde de seus olhos resplandecesse ainda mais em seu rosto pálido.

—John morreu.

Sim, morreu porque ela nunca deu a ele sua marca. Porque nunca disse a ele quem era. Porque esteve fingindo que sua parte loba não existia. Piscou e a culpa aflorou. Tinha o enganado e não tinha se importado. Ele estava feliz por estar simplesmente ao seu lado e ela não podia deixar de se perguntar se era porque não sabia o que estava perdendo ou porque a amava tanto que se conformava com o que ela lhe dava.

—John estava enganado.

—Você o enganou?

Ela negou com a cabeça.

—Enganei-o porquê não lhe dei todo amor que ele merecia. Era um homem muito bom. Deu-me dois filhos maravilhosos e cuidei muito dele, mas não o amava o suficiente para emparelhar-me com ele como Daire se emparelhou com você.

—Está dizendo que Daire me ama?

—O amor é um conceito humano.

—Do qual me sinto muito orgulhosa.

—Já sei. Mas os homens lobo nascem sabendo que há uma pessoa no mundo que pertence a eles. Alguém com quem encaixam perfeitamente. Os homens lobo vivem com a sensação de perpétua solidão todos os dias de sua vida. Ela cresce ano pós ano enquanto esperam seu macho ou sua fêmea — pegou a mão de Teri e a apertou. — Daire é um ancião. Sua vida foi muito longa. Igual a sua espera.

A expressão de Teri se tornou cautelosa.

—E o que isso significa para mim?

—Significa que, no instante em que viu você, soube o que você significava para ele. Soube que tinha encontrado a outra metade de sua alma. Significa que não ia deixar você morrer.

—Eu não pedi a ele que me salvasse.

—Já sei, mas agora, sua vida está vinculada a dele. Não vai morrer até que ele mora, a menos que ocorra uma catástrofe.

O terror que enchia os olhos de Teri revelava que ela era muito humana.

—É uma loucura.

Sarah decidiu que tinha chegado a hora de falar com clareza.

—Não, isso é o que significa ser amada por um homem lobo. Nunca vai ficar sozinha. Nunca vai ficar indefesa. Sempre vai se sentir cuidada, mimada e protegida. Seus filhos se sentirão amados, cuidados e protegidos. De modo que acredito que não me equivoco ao dizer que nunca ninguém a amará tanto.

Teri levou a mão ao ventre.

—Mas isso tem um preço.

—Sim — tudo tem um preço. — Em troca, seu macho espera obediência e a mesma devoção que ele sente por você.

Teri sacudiu a cabeça e mostrou a mão que estava livre.

—Eu não posso amar alguém dessa maneira.

Sarah Anne não concordava com isso.

—Não acredito que saiba amar de outra maneira.

—Eu o odeio.

Sarah Anne assentiu.

—Também sei disso. Mas tem que procurar a forma de superar isso porque, de agora em diante, ele vai ser a maior parte de sua vida.

Da mesma forma que ela tinha que aceitar que agora Garret ia ser a maior parte da sua.

Quatro horas mais tarde, descia pela escada com um sentimento premonitório correndo por suas veias. Igual a cada um dos dois últimos dias, Garret estava esperando por ela, de pé diante da grande janela. Estava muito bonito com o sol poente refletindo a cor do mel de seus olhos, fazendo que parecessem mais verdes e intensificando a emoção que tinham dentro.

Nunca ninguém a amará tanto.

Ao passar diante dele, voltaram a sua mente as palavras que disse a Teri. Nunca ninguém a amaria tanto quanto a amava aquele homem. Ele agarraria

tudo o que ela tivesse e reivindicaria tudo o que ela pudesse lhe dar, mas em troca...

Ele estendeu a mão e, com esse gesto que ela começava a reconhecer que significava consolo, passou os dedos por sua face.

—Mas em troca — ele terminou o pensamento dela—, dou a você tudo o que sou.

—Leu meu pensamento.

—É que você deixa isso muito fácil para mim.

Podia ser que sim. E podia ser que ele fizesse de propósito. Garret não era de forma alguma como ela sempre pensou que seria um marido lobo. Ele era muito mais. Segundo a lenda, no emparelhamento, cada um era criado para atender as necessidades do outro. Pensou em Teri, que estava no quarto debatendo-se entre a depressão e a perda, rejeitando tudo o que Daire lhe oferecia, incluído o consolo. Pensou no quanto ela se esforçou para fazer John feliz ao mesmo tempo em que se reprimia. Pensou em como Garret nunca se reprimia, mas se limitava a fazer o melhor que podia com o que tinha, como se alguém estivesse para tirar dele. Pegou-o pela mão.

—Vou tentar dá a você o que quer.

Necessitava que ele entendesse que aceitava ser sua fêmea.

Viu um vislumbre de algo em seus olhos. Decepção? Dor? Era impossível decifrar pelo seu tom. Apertando sua mão, ele a arrastou para a porta.

—É o suficiente.

Podia enganar a si mesmo, mas de maneira nenhuma, aquilo era suficiente. Um lobo macho necessita da completa devoção de sua fêmea. Garret podia ser um híbrido, mas tudo o que havia nele, cada instinto dele, o obrigava a defendê-la até mesmo o que ordenou que a marcasse, era puro e inconfundível lobo. Com a mão, cobriu a marca. Suas vidas estavam atadas. Não havia volta atrás. Não havia para ele. Não havia para ela. Teria sido isso o que o levou a dizer que era suficiente? Porque nenhum dos dois tinha outra opção? Como aquilo podia ser suficiente para qualquer um dos dois?

—Onde está Megan?

Observou-a enquanto ela descia a escada e se detinha no último degrau,

antes de descer também, ficando os dois com os olhos na mesma altura.

—Primeiro, quero meu beijo.

Não tinha nenhum sorriso no rosto ao dizer isso. Se qualquer outro tivesse dito o mesmo, pensaria que estava zombando dela. Mas Garret? Deus! Oxalá fosse mais fácil de compreender. Assumindo o risco, passou os braços ao redor do pescoço dele.

—Tudo bem.

Começou quase a repreendendo. Tinha se mostrado tão fria com ele, de verdade? Entrelaçou os dedos em seus cabelos. Gostava da sensação dos cabelos correndo entre seus dedos, agradável e sedoso.

—Um beijo, não?

Ele abriu a palma da mão sobre suas costas. Ela se desfez da preocupação por seu filho, desfez-se de tudo menos de seu nome e daquele momento. Sentiu como se estivesse jogando em um barraco o controle do resto de sua vida e disse:

—Acredito que tenho um por aqui.

Outra vez, aquele começo de sua parte a atingiu quando a culpa a golpeou. Ele estava cuidando de sua filha, procurando seu filho, arriscando sua vida por ela e ela havia feito muito pouco para compensá-lo.

—Perdoe-me.

—Não há nada a perdoar.

Havia sim.

—Você merece algo melhor.

Sua mão a pegou pela cintura e a levantou.

—Tenho o que é meu.

Meu. Antes sempre odiou aquela palavra por toda falta de individualidade que ela acreditava que envolvia. Agora a escutava com uma resignação alarmante que deixou seus cabelos de pé, sentindo-se mais loba do que nunca teria esperado, louca para aceitar o emparelhamento.

Não, ela tinha percebido, mas ele não. Ele daria a vida lutando por ela, pelo pouco que tinha, mas não havia volta atrás. Se isso era verdade para Teri, era verdade para ela.

—É verdade.

Com os dedos postos na nuca dele, atraiu sua boca para a dela.

Ele prendeu seus cabelos em um punho que a deixou paralisada a um simples sopro de seu objetivo.

—O que está dizendo?

—Digo que você é meu macho.

—Finalmente deixou de lado a cláusula de "rescisão"?

—Sim.

—Estupendo — disse e soltou seus cabelos. — Então me demonstre isso.

Aqui em meio da rua? Assim que aquele pensamento entrou em sua mente, soube que a resposta era sim. Ali onde todo mundo pudesse ver. Seu orgulho agradeceria, um homem que sempre cresceu marginalizado, que nasceu para ser um Protetor, mas que sempre teve seu status negado. Um homem que tinha acabado de realizar seu sonho e jurou renunciar a ele por ela se fosse necessário.

Quando as mãos de Garret se uniram a suas nádegas, ela não disse uma palavra e se aproximou ainda mais dele para beijá-lo com mais intensidade. Seu grunhido reverberou em sua coluna antes de expandir-se com uma vibração quente que inchou seus seios e sensibilizou seu clitóris. Sua marca ardia. Passou as pernas ao redor da cintura dele e se sustentou, guiando o fluxo da paixão para que a atravessasse e deixou que a aceitação fluísse por ela. Aquele homem era seu futuro.

—Alegro-me de ver que não sou o único que dá um espetáculo.

Essa interrupção a teria colocado de pé no chão, mas nem sequer o fato de saber que alguém poderia estar olhando era motivo suficiente para evitar que perdesse a cabeça. Por sorte, Garret tinha melhor senso. Seus dedos seguraram os cabelos dela. Todas as células de seu corpo protestaram quando ele a separou dele. Duas camadas de roupa, a sua e a dele, não eram suficientes para evitar a sensação que se propagou através dela quando seus mamilos roçaram o peito dele. Quando seus pés bateram no chão, os joelhos ainda não tinham recebido a ordem de sustentá-la. Se não fosse a mão que ele tinha em sua cintura, teria caído. Estava com as faces ardendo. Por cima de sua cabeça, ouviu a risada de Garret. A suas costas, ouviu um contraponto feminino.

—Lamento interromper, mas Lisa me enviou para dizer que Megan está tirando uma soneca e que a trará em algumas horas, quando acordar.

Não havia escapatória. Sarah Anne ia ter que se virar. Deu um passo para trás. Garret permitiu, mas não deixou que se afastasse. A mão que ele colocou sobre seu ventre os mantinha em contato e mantinha o fogo aceso. Diante dela havia uma bela mulher de cabelos castanhos. Parecia-se muito com Lisa, mas havia uma doçura latente nela. E seu sorriso garantia que o receptor correspondesse com outro sorriso. Como se não estivesse bastante vermelha para acender uma fogueira, Sarah estendeu a mão para ela.

—Eu sou Sarah Anne.

Um olhar divertido dançou nos olhos da mulher que segurou sua mão.

—Eu sou a mulher de Kelon, Robin.

Automaticamente, Sarah inalou seu aroma. Robin enrugou o nariz.

—Economize o esforço. Sou humana. Lisa é minha irmã.

Sabia. Alguma parte de seu cérebro fatalista já sabia que Wyatt, Donovan e Kelon eram casados com três irmãs humanas.

Robin inclinou a cabeça para um lado e colocou as mãos nos quadris.

—Se isso representar um problema para você, pode dizer.

Garret, alarmado, apertou a mão que tinha no ventre de Sarah.

—Não tem nenhum problema com isso.

Robin lançou um olhar para Garret.

—Alegro-me que você pense que não tem, mas não é sua opinião que me interessa.

—Minha opinião é a dela.

Robin revirou os olhos e sacudiu a cabeça.

—Não entendo como as mulheres lobo aguentam estas coisas.

—Kelon não diz a você o que tem que fazer?

Robin fez um dramalhão com a mão.

—Cara, ele tenta, mas eu só o levo em conta quando quero e o restante, negociamos.

Sarah Anne com muita dificuldade podia imaginar as negociações entre o sombrio e sério Kelon e aquela mulher que era um alegre duendezinho. Era a

primeira vez que se alegrava de ter o rosto vermelho de antemão.

—Você vai gostar disso nesta Manada. As mulheres têm muito a dizer em muitos aspectos. Heather insiste nisso.

—Heather é a esposa de Wyatt?

—Sim. E a verdade é que a mulher está encantada. Por fim pode mandar a vontade.

Robin colocou as mãos na cintura e jogou os cabelos para trás.

—Durante dez anos só pôde mandar em Lisa e em mim.

—Pelo que entendi, poderia ter sido mais rigorosa.

Com um gesto da mão, desprezou a reprimenda de Garret.

—Diz isso por causa do incidente da cachoeira.

—Dizem isso todos os Protetores.

Robin suspirou.

—Uma sessão de banho pelada e já taxam a mulher como problemática para resto de sua vida.

—Não foi o banho pelada que causou o problema.

—Não sabia que Donovan ia treinar os novos soldados lá naquela noite.

—Se houvesse dito isso a seu macho, ele a teria informado.

Robin revirou os olhos outra vez.

—E teria me protegido. O que teria arruinado por completo o sentido da noite das garotas.

—Colocou-se em perigo.

Robin suspirou e olhou para Sarah Anne, claramente procurando apoio.

—Essa forma de devoção a proteção está fora de moda.

—Antes eu pensava o mesmo.

Percebeu uma onda de energia vinda de Garret que revelava sua surpresa. Soltando-se de seu abraço, estendeu a mão para Robin. Tinha a impressão que seriam boas amigas.

Robin apertou sua mão.

—Mas você mudou de opinião?

Sarah assentiu e recuou.

—Tive a ideia maluca de que poderia lidar com isso.

Do outro lado do recinto, viu Kelon que se aproximava. O olhar de Robin seguiu o seu. Um suave sorriso de amor tocou seus lábios.

—Não podemos lidar com isso, mas podemos chegar a conseguir um equilíbrio delicado.

—Mulher, eu disse a você que esperasse — grunhiu Kelon assim que ficou perto o bastante.

—Sabia que viria em seguida e Lisa me pediu que trouxesse uma mensagem.

—Não é seguro que fique do lado de fora sozinha.

Robin revirou os olhos.

—Podem nos perdoar?

Kelon ameaçou agarrá-la pelo braço. Antes que pudesse agarrá-la, Robin passou os braços ao redor de sua cintura e beijou seu peito que aparecia pela camisa aberta.

—Aqui não.

Sua mão enorme se ancorou nos cabelos dela. Sarah Anne teria temido por ela se não fosse o fato de que Robin não emanava nenhum aroma de tensão. E, pensando bem, Kelon tampouco dava sinais de estresse.

—Eu acredito que aqui seria muito apropriado.

—Esteve muito desafiante ultimamente.

Robin sussurrou contra seu peito.

—Não tenho nenhuma disciplina.

Atrás dela, Sarah Anne sentiu o movimento de Garret. O ouvido lupino era extraordinário, coisa que Robin tinha esquecido. Robin se apertou mais contra o corpo de Kelon. O sorriso que deu para ele ao levantar os olhos era assombrosamente sedutor.

—Vai ter inclusive que guiar meus passos.

A cara de Kelon não mudou, mas seu aroma se condimentou com desejo.

—Estava me parecendo isso.

O suspiro de Robin foi exagerado.

—É claro que já sabe como fico quando me disciplina, mas se não se importa que outros vejam...

Kelon amaldiçoou e a pegou nos braços. Parecia muito pequena lá encima,

mas também muito à vontade.

—Não tem vergonha.

Ela se pendurou com os braços em seu pescoço.

—Tentarei melhorar.

Quando se virou, ele sorriu.

—Por mim, não se preocupe.

A risada de Robin ficou flutuando no ar enquanto Kelon a levava para a grande casa azul, a da porta ao lado.

Sarah Anne os observava e um sorriso se desenhava em seus lábios. Humana ou não, Robin tinha a aura da invencibilidade. Olhou para Garret.

—Ou melhor, minha ideia não era tão maluca afinal. Talvez eu possa controlar você sim.

Sarah Anne pensava que podia controlá-lo. Garret observou o rebolado dos quadris de Sarah Anne que ia à frente dele pela calçada. Parecia estar com um humor estranho. Isso não era bom. Tinha acontecido algo naquele quarto com Teri. Acaso Daire disse algo para a outra mulher enquanto estava cuidando dela? Algo que pudesse ter assustado Sarah quando Teri o repetiu? Uma mulher assustada teria motivos para apegar-se ao seu Protetor. Essa ideia não o agradou.

—Primeiro, vou verificar se tudo está em ordem.

Ela sorriu tranquila, como se das outras vezes que ele insistiu em verificar se a casa estava em ordem ela não tivesse revirado os olhos. Um rápido exame físico e mental do interior revelou que ninguém estava os esperando.

—Tudo bem.

A maneira que ela disse "Tudo bem", sem mais complicações, aumentou suas suspeitas de que tinha de ter ocorrido algo naquele quarto com Teri. Não podia imaginar de que se tratava. Mas, fosse o que fosse, teria que solucionar. Sarah Anne já estava bastante estressada esperando notícias de seu filho.

—Como foi hoje a visita a Teri?

A careta que ela fez confirmou suas suspeitas.

—Foi esclarecedora.

Esclarecedora. Aquele era um termo muito amplo. Ele começou a entender

como ela fazia para se proteger. Ela pensava em termos absolutos, mas se defendia com ambiguidades. Ele podia sondar sua mente em busca da informação que queria, mas rejeitou aquela ideia assim que lhe veio à mente. Queria que ela a desse voluntariamente.

Com um gesto da mão, convidou-a a entrar na casa. Ela passou na frente sem ter o cuidado habitual. Roçou o peito dele com um ombro. A porta se fechou atrás deles com um estalo suave. Ele descansou os olhos, de forma natural, sobre o rebolado de seu traseiro. Seu calor interno aumentou. Apesar de suas suspeitas, não havia nenhuma tensão em sua postura. Sarah Anne pegou a correspondência e selecionou as cartas. Ele já sabia que não havia nada importante, só algumas cartas de mensagens inúteis que tinham reenviado ao novo endereço. Ela colocou os envelopes sob o braço.

—Parece que estão começando a me reenviar a correspondência.

—Que bom.

Embora ele, na realidade, preferisse que cortasse todo contato com seu passado.

—Mas me deixa nervosa.

—Por quê?

Ela se abanou com o envelope.

—Porque sabem onde estamos.

—Sempre souberam onde estava.

Ele assegurou-se que fosse assim, anunciando aos quatro ventos que reivindicou Sarah Anne como sua fêmea. Se algum outro lobo quisesse tentar a sorte com a viúva, tinha que saber que se veria com ele e com a Manada do Haven primeiro.

—É só que me parece...

—Óbvio?

—Sim.

Ela tinha vivido muito tempo entre os humanos. Os homens lobo sempre lidavam com questões óbvias, sempre dialogavam em termos absolutos. Ele a observou atentamente, sentindo seu fluxo de energia. Farejando seu nervosismo. Foi novamente surpreendido pelo fato dela ser diferente das outras fêmeas. Mas,

pela primeira vez, a essa surpresa não se seguiu um sentimento de insatisfação, porque estava começando a perceber que as diferenças dela faziam que suas próprias diferenças fossem mais aceitáveis, o que, certamente, ele não teria encontrado em uma mulher lobo tradicional que dialogasse em termos absolutos.

—Às vezes, o óbvio é bom.

O olhar dela passou dele para a janela e rodeou a porta, com os cabelos caindo por cima do ombro em uma rica gama de castanhos e balbuciou:

—Pode ser.

Voltaram para o que tinha acontecido naquele quarto que aparentemente a assustou.

—Teri disse algo a você que a incomodou?

—Como já disse, foi uma visita esclarecedora.

Ele deu um passo para frente e depois mais outro. Esperando que ela recuasse. Mas não o fez.

—Sim, já tinha me dito isso, mas é que não ficou claro para mim o que isso significa.

Ela inclinou a cabeça para um lado e colocou uma expressão no rosto que ele estava acostumado a ver no rosto dos outros. Era uma mistura de medo e incerteza que revelava que ela estava procurando as palavras para dar uma má notícia.

—Seja o que for, solte-o já.

—O quê?

—Seja o que for isso que você acredita que eu não vou gostar.

—Você sempre espera o pior.

—É um costume que tenho.

—Para ser tão pessimista tem algumas tendências surpreendentemente otimistas.

—Como o quê?

—Como pensar que as coisas entre nós podem funcionar.

—E vão funcionar.

—Porque você não vai se conformar com menos?

—Não, não sou tão idiota para pensar que posso forçar que haja um

sentimento onde não há.

Ela abriu a boca, mas a fechou de repente. Jogou a correspondência sobre a mesa.

—E o que é que você é tão idiota para pensar?

Era típico de Sarah Anne ficar desafiante quando deveria esgotar-se.

—Penso que tenho uma fêmea.

—Inclusive se vendo forçado a me aceitar?

Isso o fez parar bruscamente.

—Foi você quem se viu forçada.

—Não sou cega, Garret. Vi o quanto a Manada importa para você. Uma fêmea que fosse completamente loba estaria mais em sintonia com suas ambições.

—Isso passou por minha cabeça, mas...

—Então por que se emparelhou comigo?

Ele deu os dois longos passos que cobriam a distância que os separava. Estendeu o braço para segurar sua face com a palma da mão e acariciou seus lábios com o polegar, retendo seu fôlego com a ponta do polegar.

—Mas isso foi ante de conhecer você — concluiu Garret.

—Não teria me olhado duas vezes se as circunstâncias fossem diferentes.

Estava tentando convencer a ele ou a si mesma?

Tinha gravada a imagem dela na caverna, tão decidida a proteger seus filhos, tão preparada para lançar seu corpo tão frágil em uma batalha que não poderia ganhar. Era valente, leal e com recursos. Qualquer homem ficaria orgulhoso de tê-la ao seu lado.

—Por que diz isso?

—Por sua notória falta de entusiasmo diante de minha presença fora do dormitório.

Ele voltou a pestanejar, absorvendo o que ela tinha acabado de dizer.

—Não pensei que quisesse minha atenção.

Ela deu de ombros e seus olhos evitaram os dele.

Ele esfregou seus lábios com o polegar.

—Seli, descanse tranquila, onde quer que eu a tivesse conhecido, teria

começado a cortejar você imediatamente.

—A me cortejar?

Tampouco era necessário que dissesse isso como se fosse o evento mais desagradável do planeta.

—Sim, teria cortejado você.

Inclinou-se e moveu o polegar para a comissura sensibilizada, apertou até que seus lábios se separaram e depois acariciou a abertura com a ponta da língua. Outro ofego e ele beijou os lábios.

—E, além do mais, teria desfrutado de fazer isso.

Ela tirou a língua para tocar a dele.

—Demonstre-me isso.

—O quê?

—Corteje-me.

—Mas já estamos emparelhados.

Ela deu um passo para trás, com os olhos fixos nos dele e um sorriso muito feminino nos lábios.

—Então tem que se pôr em dia.

Com um movimento brusco de cabeça, virou-se e se dirigiu a cozinha. Ao ver o gesto atrevido que ela fazia com a boca, ele sorriu.

—Acho que tem razão.

Seu sorriso durou uns dois segundos no total. Justo até se recordar da cara de surpresa que ela fez quando ele lhe disse que a teria cortejado. Ela não levantou os olhos quando ele entrou na cozinha. Apoiou-se contra o batente da porta e a contemplou enquanto ela fazia o café.

—Pode ser que seja apenas metade lobo, mas isso não quer dizer que não tenha sentimentos profundos.

Ela deu de ombros.

—Eu acho que eu nunca...

—Nunca o quê? Nunca pensou que posso ser doce?

Ela deu de ombros enquanto colocava a água na cafeteira.

—Não é algo que salte aos olhos.

—Pensei que, na cama, saltasse aos olhos.

Aquilo fez que ela levantasse os olhos e em seguida suas bochechas se ruborizaram, mas não deixou aquele olhar especulador.

—Não, acredito que tem razão. Essa foi uma das coisas que me ocorreu enquanto eu estava conversando com Teri.

—O quê? Que para nós já não há volta atrás?

—Não, que eu nunca dei uma chance a você — disse ela medindo o terreno.

—Tudo o que eu tinha em mente era como seria e não via nenhuma outra coisa.

—Deve ter sido uma conversa terrível.

Seu sorriso era triste.

—Em alguns sentidos, foi. E, em outros, também — meneou a cabeça. — Temo não ter sido suficiente.

—Não a compreendo.

—Não sei se Teri vai poder com isto.

—Com o quê?

—Com uma mudança tão grande em cima de uma perda tão grande. Estar emparelhada com Daire não vai ser fácil para ela e a vida de Teri tampouco foi fácil até agora.

—Nem tampouco a sua.

—Mas, quando eu era jovem, cresci sendo protegida. Sei o que é ter alguém que cuide de você.

—Também sabe o que é perder alguém.

—Mas a perda foi a minha eleição.

—Tinham repudiado você.

—Mesmo assim, foi minha escolha. Não digo que não foi doloroso que meus pais me repudiassem, mas foi produto de minha escolha. Teri não escolheu nada disto.

—Não era esperado que transgredissem a lei da Manada?

—Não.

Mas ela tinha esperado. Ele percebeu pela maneira que ela esfregava os braços, como se ainda precisasse se recuperar daquele golpe.

—Tinha irmãos.

Ela assentiu.

—Eu sei.

—Seus pais tiveram que proteger a família por eles.

—Eu sei.

—Teria sido mais fácil para você se adaptar que para eles mandar tudo para o inferno.

—Olhe, Garret, eu entendo o raciocínio que respaldou a decisão deles — fechou a cafeteira e apertou o botão de ligar. — Embora isso não me ajude a aceitar a decisão que tomaram.

Garret não podia permanecer impassível. Rodeou-a com os braços.

—Sinto muito.

Gostou do modo que ela se apoiou contra ele. E a doçura de seus olhos quando seus olhos se cruzaram.

—O quê? Fui eu que decidi abandonar a Manada.

—Por que a abandonou?

—Porque não queria me emparelhar com o candidato que escolheram para mim.

—Tinha um macho?

—Parece que sou uma das poucas mulheres que tem várias opções.

Já não.

—Acho que você não gostou de nenhuma delas.

Ele sentiu que ela pressionava os lábios contra seu peito. A pressão aumentou no ponto arroxeadado do qual saía uma onda exuberante de desejo.

—Não se precipite. Pode ser que desta vez consiga.

A pressão explodiu em labaredas de desejo. Era a primeira vez que ela tinha considerado isso.

—Vai conseguir. E o que aconteceu com o aspirante a macho?

—Rejeitei o emparelhamento e meus pais ameaçaram me repudiar.

Tinha sorte por isso ser tudo o que fizeram. Nas famílias mais tradicionais, teriam dado uma surra na mulher por semelhante irreverência e a teriam levado inconsciente para a cerimônia. E Sarah Anne vinha de uma Manada muito tradicional.

—E cumpriram a ameaça?

—Sim.

—Assim, foi para o mundo dos humanos.

—É onde melhor me encaixo.

—Porque não pode se transformar.

—Isso.

—Então foi uma sábia decisão.

Ela piscou.

—Surpreende-me ouvir você dizer isso.

—Por quê?

Um sorrisinho deu um toque de graça a sua boca.

—Porque parece que dá muita importância a tradição.

—De fato, às vezes não estou muito de acordo com o que diz — o sorriso de Sarah Anne cresceu. — Embora acredite que tem certa utilidade.

Tinha tornado seu desejo realidade.

—Já tinha me dado conta.

A pressão sobre a base do crânio a fez jogar a cabeça para trás. Ele fez que o polegar escorregasse pelo queixo dela para baixo. Notando o movimento dos músculos da garganta contra o polegar quando ela engolia a saliva. Agora era a vez dele sorrir porque o aroma do desejo dela dançava no ar. Repousou o polegar sobre a cavidade de sua garganta. O aumento do ritmo de sua pulsação era tão visível quanto o interesse que mostravam seus olhos.

—Assim, por amor a tradição, já não nega a nós?

—Não, é porque estou me dando conta do que é real.

Ele adorava o modo que as bolinhas diminutas de ouro brilhavam como joias em seus olhos.

—Pois eu sou real.

Ela enganchou os dedos em sua camisa.

—Acredito que é a coisa mais real que conheço.

Capítulo 21

Garret se inclinou para frente, cruzou mais uma vez a distância que tão frequentemente interpunha entre eles, encontrou a esperança nos olhos dela e viu a sensação de dor pela perda de seu filho. Viu a necessidade que tinha que ele a reconfortasse. Não tinha direito de tocar um fio de cabelo de sua fêmea por ter falhado daquela maneira com ela e, por isso mesmo, tampouco podia afastá-la. Aquele calor interno o deixou como um motor, em uma atividade intensa. Aquele necessidade o levou a tomar a iniciativa. Queria ser o homem que ela via nele. Queria ser o único a fazê-la rir, a lhe dar confiança e apoio quando as coisas estivessem difíceis para ela.

O coração, que nunca lhe havia dado um desgosto na vida, parou quando ela suspirou e relaxou apoiando-se nele. A aceitação total que havia naquele gesto o deixou paralisado.

—Pode ter certeza, Sarah Anne.

Tinha que lhe fazer uma advertência. Era seu dever, como macho, protegê-la embora tivesse que proteger a de si mesmo. Rodeou o pescoço dela com os braços, deslizando-os por sua pele e sussurrou uma promessa para ela.

—É muito tarde para me fazer duvidar de você.

—Depois disto, não vai haver volta atrás.

Ela inclinou a cabeça para um lado e lhe lançou aquele sorrisinho maléfico que chegava direto a sua entreperna e o fazia sentir-se cheio de necessidade de possuí-la.

—Acreditei que já tínhamos concordado que essa não era uma opção.

Havia outra opção. Ele ainda não havia vinculado sua força vital a dela. Se ele não fizesse isso, quando ele morresse ela ficaria livre do compromisso, mas não se atrevia a expor isso a ela. Não havia essa possibilidade entre eles. Não queria ver a esperança de liberdade se desvanecer diante de seus olhos. Em vez disso, deslizou as mãos para baixo, até as omoplatas, desenhando pequenos círculos nos extremos antes de continuar descendo para a cavidade de suas costas.

—Concordamos com isso, sim.

A umidade da respiração dela fez cócegas em seus lábios. Apertou-a com as pontas dos dedos e a fez ficar nas pontas dos pés. Como sempre, ela ficou nas pontas dos pés, desejosa. Impaciente. O fogo entre eles crepitava.

Minha.

O conhecimento sussurrado através de sua mente fez que seu pulso acelerasse, se tornando ainda mais forte ao unir sua boca com a dela. Era dele. De ninguém mais. A urgência de protegê-la se afogou sob a premente necessidade de possuí-la. De ter o que sempre lhe faltou na vida. A doçura. O calor. A posse. Tinha que ter certeza que ela não estava arrependida. Tinha que controlar o lado selvagem que tinha dentro dele. Ele passaria a ser o lobo que ela merecia em vez do que todo mundo esperava que fosse.

Ela gemeu quando esmagou seu peito contra o dela. A camisa dela roçou sua pele. Ele queria sentir aqueles mamilos túrgidos apertados contra sua pele enquanto a doçura os envolvia. Sua boca encheu de água ao imaginá-los dentro. Aquela era sua mulher.

—Não vai se arrepender de ser minha fêmea — ele disse.

Ela acariciou sua nuca com os dedos.

—Sei.

Como ela podia saber? Como ela podia ser consciente de outra coisa que não fosse o fogo que ardia entre eles? Sua mente se nublou até o ponto de sentir-se indolente e drogado pela paixão. Era exatamente como tinha que ser. Nunca ia deixá-la.

Devia ter dito isso em voz alta, ou, talvez, simplesmente projetou o pensamento em sua mente, porque ela estremeceu. Ele esperou sentir seu medo já tão familiar, mas em vez disso, depois do primeiro impulso veio dela um sentimento de satisfação. Ele ficou perplexo.

—Não lhe disse que você acabaria gostando de minha posse.

O sorriso dela fez que sua bochecha se apertasse contra a dele.

—Sim, você me disse isso. Mas acredito que necessito de mais uma lição para ter certeza.

Ele riu recordando a vez que disse que ia dar uma lição de como amá-lo. Quem frequentemente lhe dava uma lição era ela.

—Realmente, não tem nenhum senso de sobrevivência.

Ela descansou a face sobre o ombro dele enquanto ele a levava para o quarto.

—Lamento discordar. Acredito que meu senso de sobrevivência é o adequado. Acredito que é você que não tem um senso de sobrevivência muito bom.

—O que quer dizer?

—Quero dizer exatamente o que disse. Antes era um solteiro atraente e sem compromisso. Agora está amarrado a uma fêmea e a duas crianças meio humanas que não são de seu sangue. Notou que seus planos para o futuro são totalmente diferentes do que você tinha imaginado.

—E como você acredita que eu o tinha imaginado?

—Algo mais que isto.

Ele abriu a porta do quarto com o pé e abriu passagem com o ombro, sem tirar os olhos dos dela. Ela tinha razão. Seus planos não tinham nada a ver com o que tinha agora. Mas, tentando conseguir o que queria, ele conseguiu a mulher que encaixava na outra metade de sua alma. A única pessoa que podia aceitá-lo tal como era. A que deu a ele, mais que um status, uma noção de si mesmo. Um contato com a realidade. Fingiu que a soltava. Ela gritou e se pendurou em seu pescoço com um braço. Ele sorriu, deixou que pusesse os pés no chão e a puxou para ele.

—Tem razão. Não consegui nenhuma das coisas a que me propus.

Ele não deixou que ela mastigasse muito aquela declaração. Não queria machucá-la nem por um segundo.

—Em troca, consegui muito mais do que nem sequer me atrevi a sonhar.

Ela jogou a cabeça para trás e o olhou com confusão nos olhos.

—Nunca sonhei que tudo ia encaixar tão bem quando pensava em como seria minha vida com minha fêmea — desabotoou a blusa dela. — Sempre pensei sobre o status que ela daria a mim, porque nunca sonhei que ela me quisesse. Não sentimentalmente. Eu sabia que o calor do emparelhamento estaria lá e eu me contentaria com isso. Mas nunca pensei que você me quisesse, nunca tive um sonho tão grande para abranger a alguém como você.

—Oh, meu amor — suas mãos se entrelaçaram. Ela as separou de sua blusa. Por uma vez, ele não conseguiu ler nada em seus olhos. Quando ela afastou as mãos, ele se resignou. Observou como ela levava seus dedos aos lábios. Beijava um após o outro. Doçura contra dureza. — Realmente acredito que tem que aprender a ter sonhos maiores.

—Pois você vai ter que me ensinar.

Ela assentiu. Ela ia ensinar a ele, Sarah Anne o compreendeu. Teria que ensinar Garret a ver-se como os outros o viam, não como ele pensava que os outros o viam. Seu ponto de vista estava tão deformado por tudo o que tinha sofrido em sua juventude, pelas traições que lhe fizeram tanto dano, que a dor do menino não o deixava ver o homem.

—Tenho que começar imediatamente — ele a olhou com aqueles olhos cautelosos. — Em suma, porque vai ter que aprender a ter grandes sonhos pelo bem de nossos filhos.

Ele recuou pela esperança selvagem que encerrava aquela declaração.

—Não é necessário que tenhamos filhos.

Ela meneou a cabeça enquanto, com os dedos, terminava com os botões da camisa. Não de abotoá-los, mas sim de desabotoá-los.

—É obvio que temos que ter filhos. Seria um mundo muito triste se um filhinho seu não brincasse de correr por ele. Ou se uma filhinha sua não fizesse miserável a vida de alguns machos.

Ele tomou o rosto dela na mão, toda cheia de força e calos. Ela notou que tremia. Tremores que ele não queria que ela visse. Ela estava certa. Ele se sentia bem e se limitou a guardar tudo aquilo enterrado onde jamais pudesse ser utilizado contra ele. Dentro dele floresceu outro pouco de esperança. Era boa dando esperanças. E, diante dela, havia um homem que sabia enxergar o valor das coisas, mas não esperava nada. Nem sequer de si mesmo. Através da conexão que tinham, ela percebeu que ele estava blindando e erradicando aquele momento que tinha havido entre eles. Porque o queria com todas suas forças. Estava começando a entender que, quando ele queria algo tão profundamente, em seguida construía um muro contra essa necessidade. Mas a ela ele não ia ignorar.

A mão dela passou pelo antebraço dele, rodeou seu pulso com os dedos e o segurou. Ele poderia ter se soltado com um simples giro do pulso. Mas não o fez.

—Quero seus filhos, Garret. Quero que tenhamos muitos filhos juntos — queria fazer uma promessa de futuro para ele que perdurasse. — Tantos quantos caibam em nossas vidas.

Continuou desabotoando os botões de onde tinha parado.

Ele observava seus dedos e o sorriso, que nunca se afastava dela quando ele estava perto, saltou aos lábios. E o tecido caiu para um lado. A maneira que ele pestanejava a fez sorrir inclusive mais. Ela baixou os olhos, seguindo a trajetória do olhar dele com um sorriso que continuava expandindo-se pela emoção desencadeada em seu interior. Poderia haver algo mais que simplesmente um homem e uma mulher se afogando juntos em desejo. Poderia haver uma relação. Se eles se armassem de coragem para sair para procurá-la. Neste caso, Garret não tinha tanta coragem. Neste caso, era ela que os guiava. Neste caso, era ela que sabia por qual caminho teriam que ir. Em vez de sentir-se insegura, sentiu-se cheia de confiança. Levou os dedos que tinha na garganta para baixo, entre os seios, sorrindo enquanto o olhar dele atendia a sua explicação, decidida a roubar o fôlego dele.

—Sabe qual é a melhor parte de ter decidido ficar com você?

—Que você adora me seduzir?

—Bom, por um lado é isso — tirou o ombro para fora da camisa que desceu até os cotovelos. Usava um sutiã funcional com um nível de sedução mínima. Isso não importava. Ela sabia que isso não importava. O que Garret queria dela não tinha nada a ver com fetichismos. Ele queria companhia. Uma âncora. Ele queria o que ela queria, simplesmente tinha focado mal. Tinha certeza, era o típico raciocínio de Garret. Deixar ao azar⁷ em vez de seduzi-la. E isso a fez retrair-se durante um tempo, mas Garret já não era um homem lobo típico, em troca, agora ela era. O que ele queria de sua fêmea era muito mais que obediência. E ela estava disposta a dar isso a ele.

—E por outro lado? —seu dedo, muito maior e mais escuro, seguiu o caminho que os dela tinham tomado. Fechou os olhos enquanto o prazer a invadia, perseguido por uma trilha de arrepios que fez que ele se lambesse de puro prazer.

⁷ Deixar ao azar – deixar correr solto, aleatoriamente, ao acaso.

—Por outro lado, refiro-me aos fatos, mas estou disposta a tomar a iniciativa.

—Ah, sim?

Ela deixou que a camisa caísse ao chão, desfazendo-se dela com uma sacudida quando ficou presa nos pulsos. Levou as mãos as costas para desabotoar os colchetes do sutiã, só para dar-se conta que os dedos dele já estavam lá.

—E o que acontece se eu não quiser?

Houve um tempo em que ela teria tomado isso como uma crítica. Mas agora que já o conhecia melhor, apreciava a ironia que estava associada a essa pergunta. Ironia por si mesmo, porque, como aconteceu com ela, estava começando a compreender que suas necessidades iam além do físico também.

Ela apoiou-se contra seu peito e deixou que o calor de seu corpo penetrasse nela, inalando seu aroma profundamente. Ele sempre cheirava bem. Sob a orelha, ele ecoou o prazer dela.

—Então, eu não faria.

—Está em dúvida?

O sutiã se desabotoou. Os dedos dele passearam para fora, através de suas costas, levando assim as alças.

—De jeito nenhum.

Ela não pôde evitar soltar uma risada. Ele, evidentemente, não tinha pensado bem. Com um gesto dos pulsos, ela deixou voar o sutiã e seu espírito de aventura.

—Então agora vai tentar me dissuadir?

Parou de respirar durante um milésimo de segundo, ao ficar em alerta.

—De forma alguma.

Começou com os botões da camisa dele.

—Bom.

Ele estava atordoado. Ou talvez, ela se deu conta, como se não fivesse nem ideia do que tinha que fazer. Será que nunca antes uma mulher tomou a iniciativa com ele? Ela olhou para cima para ver o rosto dele e encontrou-o observando-a com aquele ar de controle que indicava que estava examinando cada um de seus movimentos. Ali estava a resposta. Aparentemente não, o que não era nenhuma surpresa considerando o aspecto dominante de sua natureza,

sem mencionar a cautela inata que colocava em tudo. Os nódulos de seus dedos roçavam o abdômen dele enquanto desabotoava sua camisa. A reação repentina de seus músculos a fez sorrir. De dentro dela veio a vontade de ficar brincando com isso sem fazer nenhum mal a ele, mas no último segundo lhe ocorreu que poderia ser um erro. Garret estava pondo seu enorme orgulho em risco, deixando-a no controle, confiando nela. Ela se inclinou para frente para beijar a pele áspera por causa dos cabelos sobre o esterno. Ele não ia se arrepender.

Ele pegou sua cabeça na mão, sem lhe pôr restrições, sem afastá-la. Era, simplesmente, outra conexão ou, talvez, por precaução.

Compartilharam um sorriso.

—Isto vai ser divertido.

Se não o conhecesse tão bem, teria se zangado por seu grunhido, mas já o conhecia. E sabia o que a tensão de seus músculos significava e o que indicavam aqueles olhos entrecerrados. Mais ainda, sabia o que aquelas carícias que ele estava fazendo com o dedo mindinho em um lado do pescoço significavam. Emoção. O tipo de emoção que dava medo nomear por não estragá-la. A pele arrepiada perseguia as carícias, enviava calafrios para sua coluna e cócegas acaloradas para a medula. Ah, sim, aquilo ia ser muito divertido. O último botão de sua camisa já estava desabotoado. Isso não significou que as mãos dela pararam sua descida. Mais para baixo se estendia um território igualmente interessante. Garret engoliu o fôlego quando ela tomou sua ereção nas mãos através do jeans. Ela não afastou os olhos dos dele enquanto descia por seu ventre lhe dando beijos. As labaredas que observou em seus olhos ao apertar os lábios contra seu membro erguido era algo que ela sempre recordaria.

—Não tem por que fazer isso.

Aquela frase tão em desacordo com o desejo que havia nele a fez parar.

—Você não gosta?

—É que não é necessário.

Claro que não era necessário. Sua história amorosa até a data confirmava isso, mas observando que as labaredas de seus olhos eram anuladas por aquele incrível autocontrole, percebeu que não queria dizer que não era necessário. E

Garret necessitava de coisas de um modo que ela duvidava que ele mesmo compreendesse. Necessitava de alguém que o amasse, que pudesse lidar com a intensidade que era uma parte tão natural dele, que pudesse aceitar suas diferenças e que pudesse glorificar o homem que era em vez de ter medo dele. Ela só podia pensar em uma forma de solucionar aquilo. Agarrou-o pelos jeans e se concentrou intensamente no caminho que havia de sua mente até a dele, fechou os olhos e perguntou a ele: E o que acontece se eu quiser?

Pelo impacto, ele se inclinou para trás. Ela o agarrou, deixando que aquele impulso baixasse os primeiros centímetros de sua braguilha.

—Já disse a você que não é necessário. Amanhã vou sair para procurar Josiah.

Isso ela não sabia.

—Pensei que não era seguro que você partisse.

—As coisas mudam.

Ela não tinha visto os outros Protetores nos arredores e isso só podia querer dizer uma coisa. O fechamento do zíper, ao baixar, desatou também o pânico.

—Josiah está em perigo.

Ele acariciou sua nuca com os dedos para tranquiliza-la enquanto a puxava para ele para que ficasse de pé.

—Não há motivos para acreditar nisso. É só que Cur não deu sinal na hora combinada.

Ela tomou fôlego. Podia ter ocorrido uma desgraça ou podia ser que Rachel, pensando que um inimigo a perseguia tivesse dado um cano nele. O segundo era mais provável. Rachel era uma mulher preparada. Que Garret ainda não tivesse partido era tranquilizador. Pelo menos, isso esperava.

—Se estivesse muito preocupado...

—Já teria ido.

Colocou as palmas das mãos contra o peito dele para sentir a reconfortante massa muscular. Garret não era um humano fraco.

—E por que vai amanhã?

—Não poria nosso filho em perigo.

Nosso. Aquela palavra saiu dos seus lábios com toda naturalidade. E não

deveria. Ela levantou as mãos até seus ombros, o suave algodão que acariciava as palmas das suas mãos fazia cócegas nele.

—Nem tampouco se ponha em perigo.

Capítulo 1

Morrer não era uma das possibilidades. Daire estava disposto a dar quase tudo que ela pedisse, mas isso não. A ira o atravessou com um rugido com a mera ideia. Já velho, com mais tempo para trás que para frente, tinha descartado fazia tempo a esperança de ter uma fêmea, mas agora, havia uma em sua vida. Maltratada, aterrorizada e deprimida, Teri podia odiar sua imagem e tudo o que representava, mas, merda, ia sobreviver. Com um longo passo, cobriu a distância que separava o alpendre da escada. Sua mão tocou a maçaneta da porta que girou sob seus dedos. A porta se abriu. Sarah Anne estava de pé do outro lado. Atrás dela, estava Garret, como sempre, com os ombros dispostos a respaldar o desafio presente nos olhos de Sarah Anne.

—Ela não quer ver você.

Daire apertou os punhos contra a necessidade de rugir.

—Está entre minha fêmea e eu.

Ela jogou a cabeça para um lado. Apesar do arranque de apreensão que teve, não se moveu.

—Acaso tenho cara de que isso me preocupe?

Ela não, mas Garret sim tinha cara de preocupação.

—Deveria.

—Por quê? —Sarah Anne quadrou os ombros. Garret deu um passo para frente. — O que vai fazer comigo?

O instinto ordenava que ele fizesse o que fosse preciso, mas Sarah Anne era uma mulher e estava sob sua proteção. E Garret, caramba, gostava do cachorrinho. Pôr a mão em cima de Sarah faria que o outro Protetor atacasse e, matar Garret, iria pesar muito sobre sua consciência. Assim...

Suspirou e cruzou os braços.

—Você pode me contar o que a preocupa.

Sarah mordeu os lábios e soltou o fôlego com força, mas não questionou aquela permissão, o que foi muito bom. Ouvia Teri que estava lá encima. Estava chorando. Cada soluço sufocado deixa Daire fora de seu juízo, o despedaçava, fazendo que não o interessassem as preocupações de Sarah, as noções que Teri tinha sobre quais eram suas necessidades. A única coisa que importava era o que ele queria. Que Teri ficasse bem e fosse feliz. Embora, para isso, ele tivesse que estar a quilômetros de distância.

—E então?

Sarah afastou a franja da testa com um sopro.

—Deixe de me apressar. Estou tentando encontrar as palavras adequadas.

Daire trocou um olhar com Garret por cima dos ombros dela.

—Deveria ensinar a ela a ter mais respeito.

O outro Protetor deu de ombros e colocou um sorrisinho nos lábios.

—É que acredito que gosto dela tal como é.

—Entre certos homens lobo, essa atitude poderia lhe causar problemas.

Sarah deu um passo para trás ao mesmo tempo em que Garret dava um para frente.

—Ela sabe que teclas pode tocar.

Não se pensava que podia tocar as suas, Daire deixou isso claro. A escuridão total estava muito perto da superfície, e a ira, ultimamente, muito intensificada. A tal ponto que, alguns dias, não tinha certeza de que fosse boa ideia seguir adiante.

Sarah plantou os pés no chão.

—Ela está aqui em sua frente.

Daire não afastou os olhos dos de Garret. O outro homem lobo precisava do controle de um Protetor bem treinado. Sobretudo, quando sua mulher estava envolvida. Daire se perguntava se a raiva que sentia que o outro emanava ia explodir ou se ele tinha aprendido a controlá-la.

—Então você deveria praticar o bom senso.

Sarah voltou a afastar a franja.

—Teri é minha amiga, Daire.

Ele cruzou os braços.

—E é minha fêmea.

—Não temos por que nos excluirmos mutuamente.

A ira de Garret se manifestou feito ondas que, em seguida, desapareceu atrás de um muro de energia normal. Isso era bom. O Protetor estava amadurecendo seus dons. Logo Garret saberia mascarar suas emoções por completo. Sarah Anne ainda continuava o olhando fixamente. Se ela acreditava que sua amizade com Teri dava direito a ela de interferir em seus cuidados, então Sarah Anne tinha outro problema.

—O que quer me dizer?

Seus lábios se amoldaram com a cautela que ele julgava que a invadia.

—Fizeram muito mal a ela.

—Estou ciente disso.

E, quando chegasse o momento oportuno, uma vez resolvida a questão dos Carmichael, ele se vingaria daquilo.

—E você é tão...

Acompanhou o que dizia com um gesto da mão, enchendo o espaço que os rodeava de vagas deduções.

Daire se mostrou em toda sua altura, escondendo seu estremecimento. Estava acostumado a que as pessoas pensassem que era mau e perigoso. Mas nem sempre achava isso agradável.

—Sou um Protetor.

Garret apertou o ombro de Sarah.

—E, o que é mais importante, é o Protetor de Teri.

Os olhos de Sarah se esquivaram dos de Daire para cravarem-se nos de

Garret.

—Mas é tão desumano e Teri é tão...

Daire deixou que a dúvida de Sarah lhe escapulisse.

—Humana?

Sarah se virou de repente, claramente irritada.

—Sim, humana, frágil, doce, amável, sentimental — disse com cara feia. —

Acaso sabe o que quer dizer sentimental?

—Se for algo com que vou ter que lidar, aprenderei.

Garret apertou os lábios.

—Temo que aí você levou a boca mais do que pode mastigar.

—Eu darei a ela qualquer coisa que necessite para ser feliz.

Sarah soltou uma risada zombadora e percorreu Daire com os olhos da cabeça aos pés e voltou para cima. Seus olhos se detiveram nas cicatrizes.

—Não tem nem ideia do que ela necessita.

—E você sim?

—Sim.

Tem uma merda. Wyatt foi muito claro a respeito da condição de Teri, a indiferença com que jazia na cama, a falta de cuidado consigo mesma, sua rejeição a comida.

—Então por que me chamou? Por que não deu a ela?

—Por que...

Já estava cansado de ficar ali de pé quando podia sentir tão claramente a necessidade de auxílio de Teri.

—Porque excede a seus poderes e sabe.

Sarah Anne levantou o queixo, altiva.

—Também excede os seus.

—Não excede, e — farejou a fresca mistura de forças vitais própria dos homens lobo recém-emparelhados—, se não estivesse vinculada há tão pouco tempo, compreenderia isso.

—OH, Deus...

Achou divertido que Sarah Anne se ruborizasse. Tinha passado tanto tempo entre os humanos que era embaraçoso para ela que um lobo falasse claramente

de algo tão natural quanto a mistura de essências vitais que ocorriam ao vincular-se dois homens lobo. Também observou algo mais: a perfeita aceitação do emparelhamento na maneira que Sarah Anne se apoiava em Garret e na imediata e instintiva atitude protetora dele. Imaginou Teri com os cabelos pretos e a pele clara de pé ao seu lado, concedendo a ele o direito, como macho dela que era, de protegê-la. E, mentalmente, soltou uma risada zombadora com aquele pensamento sem sentido. Isso não ia acontecer com ele. Nem que passassem cem anos ia conseguir que Teri o olhasse assim. Ela tinha muita dor, muito ódio e ele era muito feio. Os humanos se preocupavam muito com a imagem.

Sarah Anne podia ter muitos defeitos, mas certamente, era valente.

—O que isso tem a ver com o que estamos falando?

Muito.

—Nada absolutamente. Tem algo mais a me dizer?

O tecido da camisa dela produziu um som quando Garret apertou com mais força os dedos no ombro de Sarah como advertência.

—Não, ela não tem nada mais para dizer a você.

—Então, afaste-se para um lado.

—Não é necessário ser grosseiro.

—Não tinha intenção de ser grosseiro — arqueou uma sobrancelha e desfrutou do ataque de aborrecimento de Sarah Anne por aquele gesto —, mas, quando tiver, vou deixar você saber.

Capítulo 2

—É muito grosseiro — resmungou Teri enquanto ele a levava ao banheiro.

Daire sorriu. Aquela amostra de caráter era muito bem-vinda depois da apatia do dia anterior.

—Isso é o que diz sua amiga.

Teri olhou por cima do ombro.

—Pelo menos, poderia me perguntar antes de me mover de um lado a outro.

Daire baixou os olhos para olhá-la.

—Por que se a única coisa que faria seria teimar e me dizer que não?

—Talvez dissesse que não a você porque não quero tomar banho.

—Todas as mulheres gostam de tomar um banho.

Isso ele sabia. Pois Sarah não tinha feito Garret colocar uma banheira maravilhosa no lugar do chuveiro perfeitamente eficaz que havia quando se mudaram?

—O que acabou de dizer é muito machista.

—Pareceu-me mais adequado do que dizer que fede.

—Vá para a merda.

Ser um ancião servia para algo. Sabia quando uma mulher estava procurando briga. Soltou um grunhido como resposta. Como era de esperar, Teri soltou o fôlego em outro resmungo. Antes que ela pudesse compor outra enxurrada, ele fez que seu corpo, sedoso e seminu, deslizasse para baixo contra o dele. A camisola que Heather emprestou escorregou por suas coxas para cima, deixando descoberta a pele branca e suave. Ele se encontrou cerrando os dentes. Ela olhou para um lado, deixando descoberta as velhas cicatrizes do pescoço. Um grunhido descontrolado escapou de Daire.

Instantaneamente, o aroma do medo de Teri poluiu a banheira. Ele manteve a serenidade na voz.

—Quem machucou você não fui eu.

Ela cobriu o pescoço em seguida, olhando-o com os olhos verdes enormes da mesma forma que sempre fazia quando falava de suas cicatrizes.

—Poderia ter sido você.

Ele grunhiu outra vez, pôs a mão sobre a dela, separando seus dedos e sentiu como tremia.

—Não, não poderia.

—Isso é mentira.

Os cabelos de sua nuca se arrepiaram por culpa de uma emoção que não sabia nomear, que perfurou seu abdômen e se acirrou ao estômago com um nó muito forte.

—Não posso mentir para você.

Ela o olhava.

—Mas pode me intimidar e fazer de mim o que quiser.

—Você quer tomar banho, mas é muito teimosa.

—Isso é o que você pensa.

—Senti o cheiro de sua aquiescência.

Aquela correção era necessária. Com muita frequência, julgava-o segundo as escalas humanas. Ele não era humano. Ele era um Protetor. E, merda, ia fazê-la feliz. Embora o odiasse por isso.

—Você me dá medo.

Ele separou os dedos sobre a borda do tecido cicatrizado.

—Pode ser, mas tem que confiar em mim.

Ela pôs a mão sobre a dele para afastá-la. As pontas das garras apareceram. Ela as olhou, nervosa.

—Não.

Algum dia ela confiaria.

—As garras apareceram porque estou zangado.

Ela passou a língua pelos lábios em um relâmpago de tentação rosada. Tudo nela o tentava, o cheiro, os cabelos tão suaves, a pele tão clara, os olhos tão vulneráveis... droga, aquela vulnerabilidade.

—Eu sei.

Ele acariciou com toda doçura do mundo o conjunto de cicatrizes que tinha no peito, sentindo a profundidade da violência registrada e sentindo sua desconfiança com a mesma intensidade.

—Mas não com você.

Ela tinha que compreender isso.

Ela deu um passo para trás. Mais um e cairia de traseiro na banheira.

—Não tenho certeza se é importante que vocês estejam zangados.

Ela passou a mão por cima do ombro dela parando o retrocesso. Contra as pontas de seus dedos, ela expandiu as costelas ao inspirar agitadamente.

—Quando diz vocês, suponho que se refere aos homens lobo.

—Sim.

Todos seus músculos ficaram tensos. Ele observou com a maior naturalidade

que foi capaz:

—Está prestes a dar uma batida.

Ela não tirou os olhos de cima dele, como se o olhando nos olhos pudesse ver suas intenções. Não ia ver nada que ele não quisesse que visse, mas isso ela não sabia. Ela deu um pontapé para trás com o calcanhar. Retumbou contra a banheira.

—Oh.

Ele sorriu. Além de inteligente, era uma garota engenhosa. Boas qualidades para uma fêmea, loba ou humana.

O cheiro de lavanda se elevou, com passagem das vibrações pela água, mascarando quase toda sua intranquilidade. Ele abriu a torneira da água quente porque já estava esfriando.

Ela passou a língua pelos lábios.

—A banheira já está bastante cheia.

Ainda podia perceber o cheiro de sua intranquilidade. Jogou outro punhado de sais de banho na água, reconsiderou e pegou o frasco.

Teri esvoaçou a mão em um movimento frustrado antes que ele esvaziasse o conteúdo.

—Isso é muito.

—Isso não vai fazer mal a você.

—Tanto que meus olhos lagrimejam.

Uma olhada rápida para comprovar se era verdade.

Como ele poderia saber. Dirigiu-se com o frasco para a banheira.

—Acredita-se que a lavanda tranquiliza os humanos.

—Sim, em pequenas quantidades.

Olhou para o frasquinho da farmácia. Estava pela metade.

—Está tudo bem. Começemos desde o começo.

—Não é necessário.

—É necessário sim — ele normalmente não cometia erros. Não gostava de estar cometendo-os com sua fêmea. Se esse fosse o primeiro, talvez não fosse algo tão lamentável, mas já tinha começado vinculando-a contra sua vontade, tendo que forçá-la em todas as interações. E hoje não ia ser diferente. Ela ia ter

que comer. Querendo ou não. Ele entregou o frasco a ela. Rodeando os ossos proeminentes de seus pulsos com os dedos quando ela pegou o frasco. Não estava pegando-a com tanta força que não pudesse se soltar. Ela ficou petrificada, com os olhos cravados em seus dedos.

A luz fez em seus cabelos uma fraca tentativa de brilhar. Tinha o sistema imunológico baixo e o corpo mal nutrido. Ele teria que pôr fim a isso.

—O almoço vai estar esperando você quando sair do banho.

Teri pôs o frasco no lavabo com grande precisão. Acaso esperava que ele não percebesse que seus dedos tremiam se fizesse isso com cuidado suficiente?

—Não tenho fome.

Ela necessita de alguém sensível. As palavras de Sarah o perseguiram. Com a mão que estava livre, tocou as mechas opacas de seus cabelos e rangeu os dentes como se dissesse que o que ela queria não importava. Esforçou-se para manter um tom de voz uniforme.

—Espere para ver como se encontra depois do banho.

—Não me diga o que tenho que fazer.

Desta vez não teve tanto êxito mantendo o tom de voz uniforme.

—Não discuta comigo.

—Por quê? Porque acha que é muito importante?

—Porque sou seu macho e minha palavra é lei.

Ela arregalou os olhos. O frasco oscilou ao sacudi-la com a mão. Que sensibilidade.

—Para mim, não é.

Teri era uma mulher obstinada, inclusive quando estava aterrorizada. Colocou a manga da camisola sobre o ombro dela. A suavidade de sua pele fazia cócegas nas pontas dos dedos dele. Também era uma mulher muito feminina. Ele pensava que se sentiria atraído por ela tanto se fosse sua fêmea como se não fosse. Era difícil saber. Ela ficou de pé petrificada sob seu toque. Ele se obrigou a afastar a mão. Teria preferido puxá-la para ele. E, se ela fosse loba, teria feito exatamente isso, deixar que a força do vínculo a reconfortasse. Mas era humana e a única coisa que sentia que tirava de sua alma era o terror.

—O que está fazendo?

Ele afastou a mão e meneou a cabeça.

—Estou sendo sensível.

Ela ficou perplexa e apenas baixou as pálpebras, o que podia não querer dizer nada, mas, como ele necessitava de certo tempo para perceber que ela se importava, de fato queria dizer que ela estava pesando os prós e os contra para traçar um plano de ação. Era uma técnica aprendida. Ele se perguntava o que teria acontecido em sua vida, antes que se conhecessem, para que ela tivesse que aprendê-la. Ele esperou, perguntando-se o que ela diria. Tudo o que obteve foi um "obrigado".

Ele acreditou que isso bastava para ele.

—Pelo menos não saiu correndo e gritando pelos montes.

Outra vez ficou perplexa e disse:

—Ainda não.

Aquela insignificante pitada de humor deu a ele um alívio. E esperanças. Agachou-se e fechou a torneira. Durante um milésimo de segundo, o cheiro de lavanda cobriu o cheiro dela. Ele agradeceu a graça. Necessitava dela para ter sua excitação sob controle.

—Bom, pois me avise quando sentir a necessidade.

Como era de esperar, a curiosidade a levou a perguntar:

—Para quê? Para assim poder me perseguir?

Pelo amargo aroma de medo que flutuava sobre ele quando se endireitou, pensou que pela mente dela não estava passando a mesma urgência sexual por ele que estava passando na dele por ela. Enfrentou-a. A ideia que ela fugisse dele por medo o deixava doente.

—Não, para poder abrir a porta para você correr livremente.

Para poder abrir a porta para você correr livremente.

Teri imergiu na água perfumada da banheira. As palavras de desgosto de Daire ondulavam em torno de sua cabeça com a mesma frequência que a água da banheira. Ele queria que ela fosse livre. De seus próprios medos? Do buraco negro que ameaçava engoli-la? Da dominação a que a submeteu? Bateu com seus dedos na água e se recostou na banheira. A mão, instintivamente, foi

apalpar as cicatrizes que desciam verticalmente de seu pescoço até o peito recordando o zelo com que ele as esteve observando. Já havia visto suficiente dos homens de Sarah Anne e Heather para compreender que a última não era uma opção válida. Os homens lobo eram muito possessivos com suas fêmeas.

Sua mão escorregou para baixo da água para apalpar o ventre vazio. Frequentemente se perguntava, se o pai teria vindo buscar o seu bebê se ele não tivesse morrido. O instinto de procriação era muito forte nos homens lobo, mas as crianças híbridas eram consideradas fonte de fraqueza, não de orgulho. Então, por que aqueles homens lobos a estupraram? Tinham deixado muito claro que tinham intenção de fecundá-la, mas por que, se sua descendência ia ser denegrada pela Manada cuja opinião tinham em tão alta estima?

Fechou os olhos contra as lembranças que subiam pelas barreiras que tinha disposto para se proteger deles. Aquela noite não merecia ser revivida e tinha jurado que ela não ia se apoderar dela, mas o bebê... Deus, como queria seu bebê. Sempre pensou que era estéril. Toda sua vida pensou que nunca ia ter laços de sangue que a conectassem com qualquer pessoa no mundo, e então, como resultado da coisa mais horrenda que aconteceu em sua vida, ocorreu aquele milagre. E ela o queria. Suas unhas se cravaram em seu abdômen e o amaldiçoou por estar plano, pela ausência de vida, pela falta de esperança. Queria chorar e destrambelhar gritando, mas não podia. A única coisa que podia fazer era ficar ali, na banheira relaxante, e sentir como a escuridão se apoderava dela. Logo a teria engolido por completo e não havia nada que se pudesse fazer para impedir isso.

—Não faça isso.

Houve um tempo em que se um homem aparecesse de repente junto a sua banheira, ela teria um ataque de pânico. Mas, agora, não podia reunir ânimo suficiente nem para cobrir os seios.

—Foi você quem insistiu que eu queria tomar um banho.

O cheiro de sopa de galinha fez cócegas em seu nariz. Tinha uma sensação abstrata de fome, mas não era suficiente para conseguir que se motivasse. Para comer tinha que fazer um esforço que requeria uma energia que não era capaz de reunir.

—Não tenho fome.

—Já disse a você que não fizesse isso.

Ela continuou com os olhos fechados por não ver o rosto cheio de cicatrizes de Daire que revelava tanto de sua personalidade. Porque, se fizesse isso, ia sentir aquela estranha necessidade de abraçá-lo que ameaçava levá-la de volta à dor de viver. E, ali, não podia voltar.

—O que acredita que estou fazendo?

—Está se arrastando para a tumba, com seu bebê.

A crua realidade golpeou-a duramente.

—Isso não é de sua conta.

Os dedos de Daire a agarraram por debaixo do queixo. A pressão a fez elevar o rosto. Não havia nada de brutal naquele movimento, mas estava carregado de convicção. Ela se deixou cair na escuridão total que se elevava para juntar-se ao seu estado de ânimo. A escuridão não só tinha a força suficiente para engoli-la, mas também podia protegê-la. E, se conseguisse se esconder atrás dela o tempo suficiente, estaria a salvo para sempre.

—Abra os olhos, Teri.

Não, não ia fazer isso. Havia coisas que não queria ver nem recordar.

—Abra os olhos.

Desta vez, a ordem produziu um eco em sua mente, mais forte e intimidadora, que desbancou a escuridão total e a obrigou a acatá-la. Oh, Meu Deus! Ele era mais forte que a escuridão.

—Sou.

Havia dito isso em voz alta ou tinha pensado?

Agarrou-se à evidência enquanto lutava contra o imperceptível.

—É telepata?

—Sou um ancião. Sou muitas coisas.

Não era uma resposta. Seu estômago se retorceu, sentiu a pele fria e úmida e não conseguiu respirar. Um ataque de pânico. Estava tendo um ataque de pânico.

Estou aqui.

E assim era. De repente, sentiu o beijo do ar fresco na pele quando ele a tirou

da banheira e, logo, o calor do corpo dele e a força de seus braços que a sustentaram enquanto o medo crescia.

Daire se sentou dentro da água com ela, sem se importar com a roupa nem que a banheira transbordasse.

—Tenho que ir para cama — sussurrou ela. Ao único lugar do mundo onde se sentia a salvo.

—Não.

Ela cravou as unhas na pele dele, quase rindo histericamente ao perceber o que estava fazendo. Como um homem que podia tirar garras tão grandes que podiam estripar a outro de uma só passada ia se sentir ameaçado por suas unhas fracas?

—Tenho que ir para cama agora mesmo — antes de perder por completo a escuridão. Antes que ela se evaporasse e a deixasse sozinha. Antes que a deixasse e ela tivesse que resolver tudo o que ela não podia.

—Tem que se sentar aqui comigo e enfrentar a vida.

Não tinha uma vida a que enfrentar. Não tinha nada.

—Tem a mim e ao futuro que dei a você.

Flashes da noite na caverna devastaram sua mente e, através do caleidoscópio do medo e da dor, uma promessa chegou a ela.

Ninguém vai voltar a colocar a mão em cima de você.

Um formigamento percorreu seu couro cabeludo por causa do beijo que Daire deu em seus cabelos. Foi ele quem fez aquela promessa. E era ele quem estava descumprindo a dita promessa.

—Exceto você — sussurrou ela. Não tinha dúvida alguma de que Daire tinha intenção de tocá-la. Ele a considerava sua fêmea. Para ele, o contrário seria inconcebível.

—É esse o medo que tem? Por isso se esconde dentro de si mesma e coloca toda a tristeza ao redor como um escudo? Tem medo de ter que fazer amor comigo?

Como podia conhecê-la tão bem? Ela sacudiu a cabeça e disse que não para não ter que admitir a verdade ante um homem que podia ler sua mente. A mão dele percorreu seu abdômen até colocar-se sobre a sua. Nem sequer tinha

percebido que ainda estava segurando o ventre, cobrindo a um bebê que já não existia.

—Nunca colocarei a mão em cima de você sem seu consentimento.

—Está fazendo isso agora.

Tinha a força dele debaixo, ao redor. Dentro.

Seus cabelos fizeram cócegas em suas costas, à altura dos ombros, quando ele sacudiu a cabeça. A pressão do beijo desceu do alto da cabeça até acariciar sua orelha.

—Não, agora só estou respondendo a essa parte de sua que grita por socorro. Abra os olhos e veja a realidade.

As pálpebras se levantaram ela querendo ou não. Acaso ele a estava forçando ou ela estava assim desesperada? Quando ela olhou nos olhos dele, ele disse:

—Eu compartilho sua dor, Seli.

Não podia. Não tinha como ele saber o que aquela forma de vida diminuta significava para ela.

—Não minta para mim.

—Para poder salvar você, tive que colocar minha mente dentro da sua. Isso implica uma união incrível. Senti a força vital de sua filha.

Ela se curvou pela dor do impacto. Era injusto. Era injusto que ele pudesse saber que era uma menina e que conhecesse sua filha de um modo que ela nunca poderia. Ele a acompanhou, cobrindo-a com seu corpo enorme como se houvesse algo que pudesse aliviar a dor da ferida que ele mesmo acabava de abrir.

Pensar. Tinha que pensar.

—E a única coisa que pôde sentir ao entrar em contato com sua força vital foi a necessidade de matá-la — disse com voz rouca.

Ele recuou mentalmente dando um salto. O impacto a inundou ao mesmo tempo em que outro sentimento que ela não se atreveu a definir. Praticamente, ela se jogou para fora da banheira. A água saiu por um lado caindo no chão. Pegou uma toalha no toalheiro e a sustentou diante dela como se fosse um escudo. Ele estava sentado na banheira com a mesma expressão de sempre

embora ela soubesse que o tinha ferido. Tinha ferido ele e o odiava por fazê-la saber.

—Sei como são os homens lobo. São uns caras cruéis, ciumentos e possessivos. Você nunca teria permitido que minha filha vivesse.

Girou sobre o calcanhar e saiu do banheiro fazendo gestos descompassados. Precisava deitar-se para reencontrar o laço da escuridão. Viver doía muito.

Viver doía muito.

Aquele último pensamento desesperado que projetava tantos sentimentos bateu forte em Daire. Algumas vezes ao longo de sua vida, a dor e a solidão o fizeram considerar a opção de mudar-se para outro bairro. Mas ele nunca fez isso, nem sequer pensou a sério. Sua obrigação não era consigo mesmo e sim com sua Manada. Mas Teri não tinha uma Manada. Nunca teve uma Manada, mas sua necessidade de pertencer a uma era tão forte quanto a necessidade de qualquer lobo. E seu bebê, sem importar como o tinha conseguido, era a única coisa que sempre quis. Tinha sido o começo de uma família. Levantou-se e se despiu, deixando a roupa ao lado da banheira. Olhou para a sopa arruinada. Logo teria que conseguir que ela comesse.

Saiu, pegou uma toalha e só se secou antes de seguir Teri até o dormitório. Estava deitada de lado, coberta até encima. A única coisa que se via dela era o alto da cabeça. Ele se colocou do outro lado da cama e levantou os cobertores. Ela não se moveu quando ele se deitou ao seu lado e encaixou seu corpo, muito maior que o dela, contra o dela. Colocou a mão em cima da dela, que ainda estava apertando o abdômen. Ele puxou-a para trás, contra ele, e descansou os lábios em seu cabelo. Estava equivocada, mas ele a compreendia.

Capítulo 3

—O que, provando uma colônia nova? —perguntou Wyatt rindo com muita ironia de detrás de sua escrivaninha, onde estava sentado.

Daire nem se alterou; cruzou o escritório da entrada até a escrivaninha. O

cheiro de lavanda o acompanhou.

—Sim.

Wyatt o observou durante um segundo, entrecerrando os olhos e depois relaxou de um modo muito sutil que Daire estava começando a compreender que significava que ele já tinha visto o que o interessava.

—Permita-me dá só um conselho a você: acho que é muito feminino.

—Considerarei isso — Daire se sentou na poltrona de couro que havia na frente. — Mandou me chamar?

Wyatt entendeu a indireta.

—Voltamos a ter um antigo problema.

—Ah, é mesmo?

—Necessito que alguém se encarregue de resolvê-lo.

—Kelon ou Donovan não podem se ocupar disso?

—Preciso resolver discretamente.

Daire se endireitou um pouco na cadeira, ardia de curiosidade.

—Não sabia que ele alguma vez tivessem pecado por falta de discrição.

—Temo, que neste caso, a discrição que preciso excede as possibilidades de ambos.

—Do que se trata?

—Buddy voltou ao povoado.

—O humano, aquele que feriu Robin e tentou matar a Lisa?

—O mesmo.

Daire sorriu. Pelo menos era algo que ele gostaria de fazer.

—Será um prazer aplicar a justiça do Haven.

Wyatt suspirou.

—Não quero que o mate.

Daire se inclinou para frente.

—A lei é muito clara a esse respeito.

Sentenciava a morte aqueles que atacassem uma mulher da Manada. Wyatt jogou a caneta sobre a pilha de papéis que havia na grande escrivaninha.

—Não podemos nos dá ao luxo de chamar atenção. Já temos muitos problemas com os Carmichael agrupando-se para entrar em combate. Se

atacarem, já vai ser bastante difícil dar explicações pela grande quantidade de cadáveres de homens lobo que vai restar, mas se as mortes se estenderem aos humanos... —deu de ombros. — Merda, os braços da lei de três estados vão penetrar por todos os lados do Haven. Se quisermos que esta Manada sobreviva à margem do mundo humano, temos que nos adaptar.

Merda.

—Então, o que quer que eu faça?

—Quero que convença Buddy a vender suas ações e partir.

Isso ele podia fazer.

—Nenhum problema.

—Eu não gosto desse sorriso.

—É que tenho muita raiva dele.

Wyatt se inclinou para frente e o olhou muito seriamente.

—Quando digo que o convença, não me refiro a que o faça usando a força.

Daire não pestanejou.

—Quero que influa sobre ele.

—Isso é proibido.

A pena por usar a persuasão contra a vontade de qualquer um, para os lobos, consistia em morte por estripamento seguido de decapitação.

—Já sei o que estou pedindo a você.

—Se descobrirem, nós meteríamos todos em uma confusão. Além disso, a influência não dura eternamente.

—Atravessaremos essa ponte quando chegarmos a ela.

—Seria mais fácil matá-lo.

—Sim, seria.

Mas Wyatt não ia permitir isso.

—Precisa pensar sobre isso? — perguntou o Alfa.

Não. De forma alguma. Seu futuro estava ali. Não poderia viver com Teri em outra Manada que não fosse Haven. Haven tinha que perdurar porque ali é onde se estabeleceriam.

—Onde está?

—Onde sempre costumava estar.

—Na sala de bilhar onde Lisa o ensinou o que é respeito?

Não havia um só homem lobo na área que não tivesse ouvido a história de como a fêmea de Donovan vingou o dano que fizeram a sua irmã. Contavam que entrou como um raio na sala de bilhar, agarrou um taco, irrompeu no meio de um grupo de homens e foi direita ao seu objetivo. Transformou-se em uma lenda entre os homens lobo, simplesmente pela novidade de que uma mulher, humana ou loba, tivesse tanta coragem. Ajudou a forjar a lenda que Donovan estivesse ali naquele dia e, ainda por cima, desfrutasse de contar a todo mundo o que aconteceu.

—Sim.

Ficou de pé.

—Farei uma visita a ele.

Wyatt também ficou de pé.

—A Manada ficará em dívida com você.

Sim que ia estar.

—Vou pedir um favor a você em troca.

—O que queira.

—Essa é uma promessa muito ampla para se fazer a um ancião.

Wyatt sorriu.

—É que me sinto capaz de qualquer coisa.

—Se descobrirem o que vou fazer, tem que me conseguir tempo.

—Para quê?

—Para chegar até Teri e tirá-la. Estamos vinculados.

Wyatt não pareceu impressionado.

—Não esperava menos.

—Não parece surpreso.

—Vi a extensão de seus ferimentos. Se não houvesse vinculado a vida dela a sua, não teria conseguido mantê-la com vida.

—Ela não queria.

A pena por isso era a morte.

—Então, eu acho que antes que aceite seu vínculo diante de mim, terá que convencê-la.

Daire percebeu que ele não estava marcando um limite de tempo dentro do qual teria que acontecer a aceitação. Era raro obter de seu Alfa tanta flexibilidade. Daire nem sequer tinha certeza que isso fosse bom, mas ia se aproveitar disso.

—Eu me encarregarei de Buddy.

—Então, eu me encarregarei do resto.

Wyatt devia saber que Daire podia influir sobre ele tão facilmente quanto podia influir sobre Buddy, mas não deu mostra alguma de preocupação. O Alfa confiava nele. Droga.

—Obrigado.

Wyatt sorriu e estendeu a mão para ele. Era um gesto típico dos humanos. Diante da hesitação de Daire, Wyatt deu de ombros.

—Lisadiz que temos que incorporar algumas tradições humanas como, por exemplo, aceitar os entendimentos com um apertão de mãos.

Daire também estendeu a sua mão.

—Por quê?

—Primeiro, porque diz que isso nos ajudará a nos misturar com a sociedade humana.

—E segundo?

Wyatt apertou a mão dele.

—Diz que a tradição de reconhecer os sacrifícios inerentes a um acordo mediante um aperto de mãos cria um laço.

Daire soltou a mão de Wyatt, com uma firme impressão de sua energia: limpa.

—Que ideias tão entranhas você tem.

Wyatt estirou os dedos.

—Mas algumas são boas.

Daire fechou os seu em um punho.

—Isso parece.

Ele encontrou Buddy na sala de bilhar do povoado, que servia de lugar de reunião para seus habitantes. A porta se fechou atrás dele banhando-o em uma última baforada de ar puro. Não havia mulheres na sala. Não era difícil entender

porquê. Durante os trinta segundos que ficou de pé na entrada, o fedor de suor tresnoitado, cerveja tresnoitada e a cigarros tresnoitados o rodeou gradualmente como uma nuvem. Sob tudo aquilo se percebia o cheiro da testosterona. Os homens vinham ali para se divertir e para brigar. Apertou os punhos enquanto sua visão noturna cintilava ao ligar-se e desligar-se ao ritmo dos letreiros de néon que se viam pela janela. A esse último, poderia chegar a se acostumar.

Alguns homens levantaram os olhos quando ele se aproximou, e se sentiram mais valentes pela ilusão de que estavam em número suficiente para estarem protegidos contra sua ira. Tentou imaginar Lisa, a fêmea de Donovan, percorrendo aquele mesmo caminho. Humana, desprotegida, com desejo de vingança, talvez seu aborrecimento a tivesse levado a entrar naquela sala em um tolo arrebatamento de valentia, mas os homens que estavam ali não a teriam visto como uma ameaça. Se muito, para alguns teria parecido má. Outros a teriam visto como um brinquedo em potencial.

O garçom que estava atrás do balcão levantou os olhos quando ele chegou ao balcão. Deixou de lavar um copo e o deixou na pia. O fedor de seu nervosismo chegou a Daire quando o homem colocou as mãos debaixo do balcão. Capturando seus olhos, Daire sacudiu a cabeça. O homem ficou petrificado. Daire mostrou os dentes a ele. O homem voltou a colocar as mãos à vista.

—Buddy?

A indecisão se refletia no rosto do garçom. O medo poluiu seu aroma. Então, apontou com a cabeça para mostrar a ele os fundos da sala, onde se podia ver as mesas de bilhar.

Daire assentiu brevemente com a cabeça em reconhecimento a decisão que salvou a vida do garçom, a de dar a informação que ele procurava em vez de sacar uma arma.

—Boa escolha.

Daire continuou avançando, repassando o que Wyatt lhe disse a respeito de Buddy e comparando com os rostos dos quatro homens que estavam rindo de uma piada enquanto o quinto se preparava para jogar. Metro e noventa, cabelos escuros, olhos azuis, com a aparência de um jogador de futebol

americano decadente e, o mais previsível de tudo, que usava um boné de beisebol. Daire se concentrou no homem de boné verde. Encaixava na descrição e, pela maneira que os outros estavam de pé ao redor dele, via-se que o respeitavam. Daire franziu os lábios. O conceito dos humanos sobre o que constituía o poder era muito tortuoso. O dinheiro de Buddy não ia salvá-lo da ira de Kelon ou de Donovan. Tampouco Lisa nem Robin tinham por que sofrer a presença daqueles merdas em seu povoado. Sentiu uma comichão nas pontas dos dedos e suas próprias garras o convidaram a entrar em ação. Buddy não merecia o privilégio que Wyatt queria dar a ele em nome da paz. Merecia que cortassem suas vísceras por forçar qualquer mulher, mas a fêmea de um lobo? Colocou seus lábios atrás das presas. Não devia ter piedade dele.

—A mesa está cheia, amigo — disse a ele um dos que estavam ali.

Daire deixou que o rugido relaxasse até transformar-se em um arremedo de um sorriso.

—Não vim com vontade de jogar.

Os homens se endireitaram. Pelo forte aroma de licor que emanava de seus poros, passaram o dia todo bebendo. Com a economia da área em depressão, não havia trabalho e, tanto no mundo humano quanto no lupino, o descuido causava problemas. Todos aqueles quatro eram problemas. O quinto, ficou tenso. O quinto era mais que um problema. O quinto era um lobo. E não era do Haven. Não havia nenhuma razão de peso para que um lobo sem Manada estivesse no território do Haven. E menos razão ainda para que aquele lobo perambulasse com Buddy e seus amigos. Tinha que ser um espião dos Carmichael. O lobo se apoiou sobre o taco igual aos humanos e poderia tê-lo confundido com eles se não fosse por sua energia e seu cheiro. Daire o olhou nos olhos. O lobo não sustentou seu olhar durante mais de um segundo. Então não era um Alfa.

—Bem, não vamos dar um espetáculo — soltou outro dos humanos sem levantar os olhos. Pela maneira que observava o jogo, Daire apostaria que era o maior contribuinte para a pilha de contas a pagar que havia na mesinha redonda de trás. Daire o ignorou e se concentrou no lobo.

—Vim cobrar uma dívida.

O gesto nervoso que o lobo fez com as sobrancelhas indicava que tinha

entendido o desafio formal de um Protetor.

—Bom, droga — disse o que ele suspeitava ser Buddy, enquanto se inclinava sobre a mesa e alinhava a bola branca—, neste povoado ninguém tem uma moeda — apontou com a ponta do taco. — bola dez no buraco da esquerda.

Daire tinha certeza de que enquanto esteve forçando a fêmea de Kelon tinha o mesmo ar presunçoso e, provavelmente, também quando pensou que tinha atirado o carro de Lisa pelo precipício. Tinha certeza que assumia esses ares presunçosos frequentemente naquele lugarzinho de seu mundo humano. As bolas fizeram barulho quando se chocaram umas com outras. Daire pegou a bola antes que entrasse pelo buraco. Deu uma batidinha contra a mesa que fez que aqueles homens levantassem a vista.

—Está tudo bem. Aceito o pagamento em sangue.

Eles demoraram um segundo para tomar conhecimento da ameaça. Quando o fizeram, os quatro homens se endireitaram e brandiram os tacos. O lobo se afastou para trás. Não mostrou lealdade ali.

Buddy e seus amigos, que estavam a
trás dele, exalavam confiança.

—Você é uma pessoa valente, forasteiro.

Daire colocou a bola no jogo outra vez, consciente da imagem que dava aos humanos com o cabelo presos em um rabo-de-cavalo que enfatizava seus traços duros e as cicatrizes que os sulcavam. Enorme, sombrio e ameaçador, o lobo que carregava dentro impacientava o instinto de preservação deles com uma necessidade subconsciente de sair correndo. Custaria muito pouco esforço dar a Buddy a espetada mental que lhe foi encomendada, mas o rosto de Lisa, o de Robin e, por último, o de Teri vieram a sua mente como um flash. Mulheres de Haven. Mulheres a quem estava negando a justiça. Mulheres cuja honra estava tendo que ceder em favor dos assuntos políticos.

Quero que o influa.

Daire não queria influenciar Buddy. Queria que sangrasse e suplicasse como Robin. Como Teri. Queria que se visse completamente indefeso e rogando clemência. E então Daire a negaria. A imagem de Teri relampejou em sua mente. As cicatrizes de seu corpo falavam do terror que teve que suportar nas mãos dos

lobos. A ira cresceu dentro dele. Tinha que tê-la conhecido antes daquilo. Deveria ter estado lá quando os Renegados chegaram pedindo guerra. Seu próprio poder o sobrepujava. Percebeu o impulso de energia que indicava que o outro lobo tinha reconhecido o castigo justo que estava por vir. Sentiu a sacudida instintiva do medo e a necessidade de desaparecer. Muito tarde.

Fique. Mandou a ordem para as profundezas da mente do lobo. O lobo ficou paralisado.

Os humanos se aproximaram uns dos outros em uma unidade⁸. Tão fácil. Ia ser tão fácil fazer justiça. De repente, a escuridão se abateu sobre ele; imagens do passado salpicaram o denso negrume com rostos do passado. Eram os rostos daqueles a quem alcançou muito tarde para poder perdoá-los e contra os quais se vingou. Suas garras saíram cravando-se nas palmas de suas mãos em um prelúdio que, para ele, já era familiar. Ah, sim, vingou-se. Uma e outra vez. Até que não se podia distinguir o cheiro do sangue do aroma da noite. Até que a raiva se converteu em uma criatura viva em seu interior, ansiosa por libertar-se.

Você me dá medo.

O rosto de Teri passou como um relâmpago por sua mente, tão branca quanto a parede do chuveiro que tinha atrás dela, com os olhos enormes, esquivando-se de seu toque. Esquivava-se porque tinha reconhecido o lobo que havia nele ou porque havia sentido os séculos de ira acumulada que tentavam dominá-lo? Talvez pela loucura que ameaçava a todos os anciões? A ira soltou uma centelha por trás do muro de controle, procurando uma saída. Uma energia diferente produziu outra centelha de um lugar que desconhecia. Mais suave e mais doce, mas muito forte. Incrivelmente forte, já que envolveu a escuridão e a tornou mais tênue. O desejo substituiu a ira, igualmente primitivo e igualmente incontrolável. Aquela energia tão doce fez um sinal para ele antes de retirar-se irremediavelmente sem deixar o menor vestígio que ele pudesse seguir. Nenhum vestígio que ele fosse capaz de reconhecer. Mas permitindo que ele recuperasse o equilíbrio uma vez mais. Que diabos?

—Acredito que estava falando de uma dívida — interrompeu Buddy, dando uns tapinhas no taco.

Uma dívida? O segundo que Daire necessitou para recordar qual era seu

⁸ Unidade aqui tem sentido de grupo muito unido.

propósito foi, inclusive, mais desconcertante que aquela energia invasora. Talvez estivesse cheio de ira, mas nunca antes descuidou de seu objetivo. O lobo fugiu pela porta de trás. Merda. Devia ter escapado do controle de Daire aproveitando aquele momento de distração. Wyatt não ia gostar disso. Daire franziu os lábios olhando para Buddy.

—Voltar para cá foi uma decisão ruim, Buddy.

—Sou o dono deste povoado de merda.

—Na realidade, a proprietária é sua mãe.

—Mesmo assim, é meu.

—Considere-o vendido.

—Porque isso é o que querem você e essa seita de merda a que pertence?

Seita? Aquela palavra soltou inesperadamente seu senso de humor.

Buddy se inclinou para frente e plantou as mãos de repente sobre a mesa.

—Ah, sim, já sei quem enviou você e pode dizer para aquele sacana presunçoso para quem trabalha que nenhum adorador de Satanás vai me comprar como comprou os outros. A mim, ele não pode comprar.

Imaginando o favor que iam fazer a Wyatt dizendo que era o líder de uma seita, Daire sorriu ao dizer:

—Mas pode matar você.

—Acaso está me ameaçando?

—Sim.

Ele olhou para seus companheiros.

—Vocês escutaram, rapazes? —os rapazes assentiram. — Olhe, idiota, ponha a mão em cima de mim e a força da lei vai grudar em seu traseiro tão rápido que sua cabeça vai dar voltas.

Daire liberou uma parte mínima de seu poder sobre o grupo. Os homens mudaram de posição. Desta vez seu sorriso era autêntico.

—De uma forma ou de outra, vai.

—O que o faz estar tão seguro?

Daire cruzou os braços.

—Porque você colocou a mão em cima de uma mulher do Haven e vim para saldar a conta.

Capítulo 4

—Uma seita? Pensam que somos uma seita?

Daire deu de ombros com a indignação de Wyatt.

—Isso supera a realidade.

—Sim, acho que sim.

Wyatt sacudiu a cabeça.

—Eles pensam de verdade que somos uma seita?

Daire deu de ombros.

—Não tentei dissuadi-los. Pensei que era melhor isso que a alternativa.

—Sim, a verdade teria pirado os miolos deles. Podemos dar a missão por cumprida?

—Em parte.

—O que quer dizer com isso?

—Quero dizer que distribui contusões suficientes para que pensem duas vezes antes de ficar.

—Pensei que você tinha que influenciá-los.

Daire deu de ombros ao recordar o medo na cara de Buddy e seus amigos quando ele fez despontar o pesadelo em suas mentes.

—Mantive minha palavra.

—E vão partir?

—Vão ficar fanfarrões e você vai ter que negociar com eles.

—Com isso você quer dizer que vou ter que pagar para que ele se vá?

—Sim, um cara como Buddy não vai partir sem mais nem menos. Necessita de algum tipo de vitória para seu ego de modo que sinta que estar partindo tendo nos derrotado.

—Combinou alguma cifra com ele?

—Nossas negociações não chegaram tão longe.

—Devo supor que ele vai vir me ver em algum momento?

—Acho que ele vai esperar até que os hematomas desapareçam.

—E isso, que margem nos dá? Duas semanas?

—Mais ou menos.

—E por que tenho a impressão que há algum porém?

Daire se recostou na poltrona. Era uma poltrona agradável, em um escritório agradável, no que poderia ser uma Manada agradável. Se tivesse a chance de resistir.

—Temos outro problema.

—É justo o que necessito, mais problemas — suspirou. — Diga de que se trata.

—Havia um lobo com o cretino do Buddy e seus amigos.

—De que Manada?

—Não sei dizer.

—Não perguntou?

—Não tive a oportunidade, estava um pouco distraído.

—Mesmo no pior de seus dias, um ancião pode manipular a um Beta.

—Presume-se isso.

—Mas você não pôde.

—Não voltará a acontecer.

—Não imagino que possa voltar a acontecer. Mas acaba de despejar que tivemos um lobo infiltrado em nossa Manada e ninguém percebeu. Isso me preocupa.

—A mim também.

—Só podia estar aqui para causar problemas ou para nos espiar.

Daire assentiu.

—Isso também.

Wyatt amaldiçoou.

—Tinha esperança que as negociações pusessem um ponto final neste assunto.

—Os Carmichael não querem pôr um ponto final. É evidente que só tolerarão a união com uma Manada forte. Sua Manada tem sangue humano. Para qualquer lobo, qualquer humano é inerentemente fraco.

—Sim, eu sei.

Daire pensou em Teri, em tudo o que ela sofreu, nas lembranças que emitiu

para ele. Uma vida inteira de rejeição e perdas, mas sempre conseguiu se superar. Com mais força que qualquer lobo. Ele não poderia dizer que ela era fraca. Sem que ele percebesse, veio a sua memória aquela energia em que sua ira ficou envolvida. Teria sido ela? Podia um vínculo funcionar daquele modo? Pensou em Megan e em seus poderes e em Garret e os seus. Os híbridos entre os humanos e os homens lobo estavam demonstrando ter habilidades surpreendentes. Habilidades reservadas, geralmente, para algum ancião ocasional.

—Vão querer levar Megan.

A expressão do rosto de Wyatt se endureceu.

—Nunca conseguirão isso.

—Se o espião sabe de sua existência e farejou seus poderes, não vão desistir.

—Não restam muitos lobos que acreditam na antiga lenda.

Aquilo era ter falsas esperanças. Diz a lenda que uma menina que tem poderes é garantia de poder.

—Os Carmichael são muito tradicionais. Têm a lenda como verdadeira. A metade vai querer matá-la e a outra metade, utilizá-la.

Wyatt girou a cadeira de sua escrivaninha e se deixou cair sobre ela. Ficou brincando com os dedos e olhando pela janela.

—O lobo que viu era um Protetor?

Daire sacudiu a cabeça.

—Não, nem um Alfa tampouco.

—Então, existe a possibilidade de que não saiba?

—Não é uma possibilidade em que possamos confiar.

Donovan entrou na sala.

—Vai ter que avisar ao Garret.

—Merda — Wyatt passou a mão pelos cabelos. — Prometi a Sarah Anne e a ele que estariam a salvo aqui.

Donovan deu de ombros.

—Vão estar tão a salvo aqui quanto em qualquer outro lugar.

—O que está dizendo?

—Estou dizendo que deve ter havido algum motivo para os Renegados

matarem seu marido e a perseguirem com tanto interesse. Tenho a impressão de que já sabiam sobre Megan. E de que já estabeleceram uma relação entre a lenda e ela. Com a mesma intensidade que os Renegados querem fazer todo mundo acreditar que não têm Manada, têm uns aos outros.

—Algo que ninguém pensou ao expulsar os híbridos — acrescentou Wyatt secamente.

Daire assentiu. No passado, os perdidos desapareciam no mundo dos humanos onde os atributos de homens lobo que tinham eram vantajosos para eles, mas durante o último século, as coisas mudaram. Os perdidos continuavam se unindo e seus objetivos comuns os estavam transformando em Manada.

Donovan deu dois passos para Daire.

—Falando em expulsões, estou muito grato a você em nome de minha fêmea, Daire.

—Não fique tão grato a ele — disse Wyatt —, agiu contra minhas ordens diretas.

Donovan arqueou uma sobrancelha olhando para Wyatt.

—Por vingar minha fêmea. E eu acho difícil acreditar que ele desobedeceu suas ordens diretas. Ancião ou não, é um Protetor.

—Que não jurou lealdade a esta Manada.

—No que a mim diz respeito, já demonstrou sua lealdade. As palavras não são necessárias.

Wyatt apertou as mandíbulas.

—As palavras sempre são necessárias.

Wyatt tinha mais do Carmichael do que Daire tinha imaginado.

—Não faltei a minha palavra. Prometi a você que os influenciaria sem chamar atenção.

—Uma briga de bar no centro do povoado não é algo que chama atenção?

—Uma briga de bar na sala de bilhar é normal em um sábado à noite. E tampouco se pode dizer que foi a primeira vez que Buddy perdeu uma rixa.

—Isso é verdade.

Daire percebia claramente o aborrecimento e a frustração que emanavam de Wyatt. Estava tentando obter o impossível: uma rebelião sem sangue;

estabelecera a Manada de Haven naquele povoado, antigamente madeireiro, com a desculpa de melhorar a economia. Mas a família de Buddy tinha interesses pessoais naquele povoado.

Havia muito em jogo. Wyatt se viu imerso em sua própria frustração. Podia limitar-se a matar aos residentes que restavam ou expulsá-los como se fazia antes, através do medo e da violência.

O “não” categórico que o atravessou como uma flecha foi uma surpresa para ele. Necessitava daquela Manada por cauda de Teri e pela união de ambos. Cravou as garras na palma da mão. Por sua prudência. Sem deixar que nada disso fosse descoberto. Ninguém queria ter por perto um ancião instável.

—Se não necessitam de nada mais, tenho que ir ver como Teri está.

—Tem certeza de que não há como saber a que Manada esse lobo pertence?

—Que lobo? —perguntou Donovan.

Wyatt fez um gesto para que ele se calasse um momento.

Daire ficou de pé.

—Não, mas não deve ser difícil voltar a encontrá-lo. Me ocuparei disso assim que verificar como Teri está.

Desta vez, Donovan deu a entender que não sacudindo a cabeça.

—Kelon e eu nos encarregaremos disso.

Daire não perguntou como eles iriam saber que era. Realmente, tampouco importava, estava no território do Haven. Qualquer lobo que não fosse do Haven, não andaria em nada bom. Qualquer lobo que não fosse do Haven era um assunto de que teria que encarregar-se.

la contra seus princípios delegar a outros, porém nos limites de sua consciência, podia sentir que a necessidade de auxílio de Teri aumentava. Ele passou muito tempo afastado dela. Fez cara feia. Não tinha por que necessitar dele tão rápido. Acaso sua saúde estava piorando? Estaria sofrendo uma recaída?

Assentiu. Disse um “obrigado” com muita dificuldade. Saiu da sala sem perceber, até que chegou no alpendre, que Donovan tinha estendido a mão ao dar obrigado a ele, do modo humano, oferecendo a ele o apertão de mãos que

criava laços de união. Sacudiu a cabeça e desceu para o pátio, sem ter certeza de seus sentimentos por aquele oferecimento, nem de como se sentia por o ter perdido.

Teri estava de pé junto à janela, mantendo-se em posição vertical por pura força de vontade. Seu corpo doía pelo cansaço acumulado, mas ao mesmo tempo, uma energia negativa e infatigável a consumia.

Não podia tirar da cabeça a sensação de que algo estava errado. Abriu as cortinas. Conseguiu ver um homem que saiu de debaixo do telhado do alpendre e se dirigiu ao pátio. Era Daire. Um calafrio percorreu sua coluna. Segurou a cortina deixando-a toda amassada. Ele se virou e olhou para cima. Ela odiava aquele rabo-de-cavalo. Mesmo dali, conseguia ver as cicatrizes de seu rosto. Ela levou as mãos ao pescoço. A aspereza de suas próprias cicatrizes arranhou as pontas dos dedos.

Seus olhos se cruzaram. Ela queria voltar a fechar as cortinas para evitar seus olhos. Mas não pôde. Ele ficou ali de pé, olhando-a como se tampouco pudesse romper a conexão.

Tem que se sentar aqui comigo e encarar a vida.

Ela não queria viver. Não queria sentar-se com ele. Nem sequer queria estar com ele.

Mentira.

Era sua própria voz ou a dele? A resposta, na época, foi tão impressionante quanto abrupta. Era sua própria voz. Agarrou-se ao marco da janela. Queria viver. Queria estar com Daire. Porque ele lhe dava tanto medo. Porque era tão grande. Porque, com ele, não havia como lhe acontecer algo ruim. Porque ele a conhecia como ninguém mais a conhecia. Porque era telepata. Porque havia tocado a mente de sua filha. Porque sua filha não tinha morrido sem conhecer o toque alheio. Soluçou mordendo os nódulos dos dedos. Seus joelhos fraquejaram. Escorregou pela parede para baixo. Porque, por isso, estava em dívida com ele.

A porta chiou ao abrir-se. Braços a envolveram. Não precisava perguntar de quem eram. Só Daire era capaz de mover-se naquela velocidade. Porque era um lobo. Como os homens que a estupraram.

Ele a fez virar-se contra seu peito enquanto se ajoelhava ao seu lado.

—Não, como eles não.

O cheiro dele ajudou-a a acalmar-se. Limpo e agreste com um toque de almíscar. Esse foi seu ponto de referência quando a dor escapou de seu controle. Quando ela perdeu a cabeça, lutando primeiro pela vida e depois lutando pela morte por seu bebê, ele não deixou que ela se fosse. Ela bateu no peito dele enquanto o sentimento de perda voltava a invadi-la.

O soluço obstruiu sua garganta e fez que se engasgasse.

—Por quê?

Por que não deixou que se fosse? Por que a obrigou a ficar?

Sentiu a leve fricção de seus lábios nos cabelos.

—Porque necessito de você.

—Não me conhece.

—Eu sei — com um dedo sob seu queixo, fez que levantasse o rosto —, mas passei séculos esperando esta oportunidade.

—Oh, Deus — ele estava sendo sincero. Para ele, ela era sua fêmea. —. Não posso ser eu.

Estava quebrada, cheia de cicatrizes, incapaz de amar, mal era capaz de continuar viva.

Ele nem sequer piscou enquanto a olhava nos olhos.

—Não pode ser ninguém mais.

—É obvio que sim. Não teriam me estuprado se eu fosse única; não teriam vindo me caçar — havia certa descontinuidade na energia que estava se misturando com a dela. — O que está acontecendo?

Ele não respondeu, limitou-se a acariciar a maçã de seu rosto com o polegar.

—Oh, Meu deus, não vieram atrás de mim.

—Obviamente você foi de presente no lote.

—Sarah Anne.

Outra vez, aquela flutuação na energia dele que ela começava a entender que era uma negação. Assim só restavam três possibilidades. Recordou-se do lobo que foi direto para Megan. Tinha olhos muito determinados. Com muito ódio.

Oh, não.

—Megan. Querem Megan.

—Não vão consegui-la.

—Mas por que a querem?

—Há uma lenda entre os lobos que fala de uma menina que será de dois mundos. Uma menina poderosa.

Ela meneou a cabeça.

—Megan nem sequer pode transformar-se.

—Seu poder não é o de um lobo. Isso é o que os amedronta.

—Mas tentaram matá-la.

—Alguns acreditam que podem utilizar essa menina. Outros acreditam que será a perdição de toda a Manada. É por causa dessa lenda que os lobos são intransigentes com os telepatas.

—Você é telepata.

Era estranho dizer isso em voz alta.

—Sim.

Mais estranho ainda era ouvir que ele admitia como se não tivesse importância. Mas tinha acabado de dizer a ela que os lobos eram intransigentes com os telepatas, o que queria dizer que foram intransigentes com ele. Se é que alguém sabia.

—Tentaram matar você?

—Ninguém conseguiu.

Aquilo não respondia a sua pergunta. Teri passou os dedos pelas cicatrizes.

—Não é mais que uma lenda.

—Uma lenda muito antiga.

—Na qual alguns acreditam — levantou os olhos. — Você acredita nela?

Ele não afastou os olhos dos dela.

—Não.

Não houve nenhuma ondulação em sua energia.

—Acredito em você.

—Não posso mentir para você.

—Não para de me dizer isso.

Ele arqueou os cantos dos lábios.

—Com a esperança de que finalmente acredite em mim.

Porque não queria que ela soubesse que ele podia? Sua cabeça começou a doer. Recostou-se contra o peito dele ao ver-se presa do cansaço ao mesmo tempo em que da dor.

—Chegarei a ficar melhor?

—Já está quase boa.

—Mas só passaram poucos dias!

A mão de Daire se amoldou ao ombro dela.

—Então, do que está se queixando?

—Não estou me queixando — mas sua cabeça não parava de dar voltas. Se ele era capaz de tanto, por que não havia feito aquilo que era importante de verdade? Por que não pôde salvar seu bebê? A pergunta ficou presa em sua garganta.

—Está cansada.

—Sim — de repente estava.

—Não deveria ter saído da cama.

—Necessitava disso.

Ele a pegou nos braços.

—Necessitava disso?

Não havia como explicar as ondas de energia que tinham invadido-a: raiva incessante, caos esperando a ordem. Tinha sido muito difícil assimilar tudo aquilo.

—Sim.

Seu estômago roncou quando ele a deitou na cama. Ela ficou vermelha. Ele sorriu.

—Está com fome.

Ela era médica apesar de ultimamente ter sido a paciente.

—Outro sinal de que estou me curando.

Ele deslizou a mão ainda encurvada para debaixo da camiseta para cobrir as cicatrizes. Era um homem muito bonito. Um formigamento de alarme desceu por sua coluna vertebral. Ele ia levantar sua camisa. Ela segurou as mãos dele para detê-lo.

—O que foi?

Que se supunha que ela tinha que dizer? Que não queria que visse o quanto estavam feias depois de tanto tempo? Deixou-o fazer. A barra da camiseta subiu. Seu estômago se encolheu. Fechou os olhos.

—Nada.

Ele subiu as mãos por seus flancos, abrangendo sua caixa torácica. Tinha mãos enormes.

—É tímida, Seli?

Depois de fazer essa pergunta a ela, tocou-a com os lábios. Teri, não querendo responder a uma pergunta tão comprometedora, optou por fazer ela sua própria pergunta.

—O que quer dizer seli?

—Que é a proprietária de meu coração.

Oxalá tivesse mantido a boca fechada.

—Oh.

Outro beijo. Suas mãos a apertaram um pouco mais.

—Não acha que é a proprietária de meu coração?

—Acredito que não me conhece bem o suficiente nem para dizer que sou proprietária nem sequer de seu dedão do pé.

—Essa, Seli, é a diferença entre o humano e o lobo. O lobo nasce sabendo que vive para sua fêmea.

—Mesmo que ela não esteja lá?

—Sim.

Ela abriu os olhos e olhou para baixo, entre seus seios, para cravar os olhos nos dele.

—Isso é muito triste.

—Até encontrar a fêmea, sim, mas depois... —levantou-a até tê-la em contato com sua boca—, a espera não é nada comparada com a alegria da descoberta.

—Eu não sinto essa alegria.

—Eu sei.

Foi dando beijos pela parte de baixo dos seios com carícias leves como o ar.

Era um mero gesto sexual, de modo que, por que se sentia tão apreciada?

—Talvez nunca a sinta — murmurou.

—É minha fêmea. Não há opção para nenhum dos dois.

—Sou humana. Talvez não jogue com as mesmas regras.

A língua dele se amoldou ao topo de seu seio. Um disparo de fogo atravessou seu corpo.

—Estou me adaptando a isso.

Estava se adaptando? Ergueu-se e se escorou nos cotovelos.

—Eu sou aquela que foi obrigada a viver uma vida que não pediu.

—E a que sofreu por isso.

Seus lábios roçaram a curva superior do seu seio com um beijo de fogo.

Como podia querê-lo tanto quando tudo ia tão mal? Como ia amá-lo se nem sequer era humano?

—É isso o que quer que eu compreenda, Teri? —Outro beijo, desta vez na concavidade da garganta. Seu pulso disparou. — Que tem sofrido muito por ser minha fêmea?

Era isso?

—Sim — queria que fosse assim, mas não foi ele quem a feriu. Foi ele quem a apoiou e lutou por ela. Quem a protegeu. — Não.

Ele se aproximou contra a vontade dela.

—Com qual eu fico?

Ela sacudiu a cabeça.

—Não sei.

Seu rosto tinha um ar muito austero sem a suavidade dos cabelos caindo na frente. Tinha cabelos bonitos, fortes e ondulados. Um cabelo que causaria inveja em qualquer mulher. E, quando o usava solto, dava a ela a aparência de... um humano.

—Se pudesse voltar atrás no tempo, estaria lá na noite que os Renegados a atacaram.

Ela já sabia o que significa aquelas luzes vermelhas que pareciam que estavam queimando dentro dos olhos dele. Ira.

Recordou daquela noite. Lembrou-se de como a porta foi deixada em lascas,

como se fosse feita de palitos de dentes; o barulho, o caos. Fechou os olhos, estonteada, e aqueles homens entraram no quarto com um desmando preguiçoso que realçava a perversidade de suas intenções. Naquela época, ela ainda não sabia como matar um homem lobo. Tinha sido cuidadosa, mais preocupada em não desperdiçar as balas que em fazer o máximo dano possível a eles. E eles se fizeram com a situação. Tão fortes... Jogaram-na pelos ares como se não tivesse mais substância que uma bola de algodão. Sentiu-se indefesa, naquela hora e tempos depois. Pequenos detalhes da expressão de seus rostos saltavam a sua memória, passando um após o outro em sequências muito rápidas, não tinha certeza de poder identificar a nenhum deles.

Daire interrompeu seus pensamentos.

—Não tem por que fazer isso.

Ela pestanejou.

—Sim tenho que fazer isso.

Porque algum dia os encontraria.

Ele pegou seu rosto com a mão.

—Já gravei seus rostos. Eu vou encontrá-los.

E matá-los.

Saber daquilo devia deixá-la consternada, mas não foi assim. Alguém teria que pagar pelo que aconteceu naquela noite. Alguém teria que se assegurar que aquilo não voltasse a acontecer a nenhuma outra pessoa. Mas não tinha que ser Daire. Aqueles homens eram muito fortes. E eram quatro enquanto que ele era apenas um. Ela morreria se o perdesse. Ele era agora a única coisa constante em seu mundo.

Esse conceito veio do nada, chocando-a. Reconfortante talvez? Oh, Deus, já não sabia nem quem ela era. Esticando a mão para cima, tirou com um puxão a fita dos cabelos de Daire, libertando o guerreiro. Ele nem sequer piscou, ficou olhando-a enquanto ela jogava seus cabelos para frente, cobrindo-a, escondendo-a na escuridão, mas não dele. Nunca poderia fugir dele.

Ela mordeu os lábios. Não podia evitá-lo. Não podia abafar os soluços. Empurravam para cima e para fora. Daire se inclinou. A escuridão se tornou mais profunda.

—O que está acontecendo, Seli?

Que mais devia dizer a ele?

—Antes eu adorava a noite, os sons, os aromas.

Um soluço sobreveio ao resto.

—Mas? —quis saber ele.

—Mas agora a odeio. Fede a eles.

Fez-se um grande silêncio. Com a ponta dos dedos, ele apertou delicadamente as maçãs de seu rosto. Ela sentiu o calorzinho de seus lábios sobre a têmpora, a energia dele que explorava os limites de sua consciência.

—Eu poderia devolver a noite a você.

Ela sacudiu a cabeça.

—Deitar com você não vai me fazer esquecer.

Ele se deitou ao seu lado. Havia, por fim, conseguido impressioná-lo? Antes de tudo aquilo acontecer, ela era uma mulher aberta e confiante. Nada a ver com a covarde que era agora. Ela passou os braços ao redor do pescoço dele. Ele cheirava muito bem. Escondeu o rosto em sua garganta.

—Mas eu adoraria que fosse possível.

Ele fez um pouquinho mais de pressão com os dedos. Ela sentiu que tinha a mente cheia, muito cheia. Perdeu o fio do que estava pensando.

—Eu posso apagar sua memória.

Ela ficou perplexa. Ela só era capaz de distinguir aquele brilho feroz que transformava seus olhos quando estava zangado ou estressado.

—Será como se nunca tivesse acontecido. Sem estupro. Sem ataque. Sem perder a noite.

Era muito tentador.

—Pode fazer isso de verdade?

Ele pousou os lábios em sua testa.

—Sim.

O calor de seu beijo se afundou, atravessando a frieza, estendeu-se por cima do frio e o substituiu por calor. Sexual embora... reparador.

Tornou que mais difícil concentrar-se. Uma nebulosa se instalou sobre o passado, levando a dor e a consciência. Levando...

Ela o agarrou pela cintura.

—Pare.

—Shh...

—Não! Não faça isso.

—Não tem necessidade alguma de sofrer por suas lembranças. Melhor esquecê-las.

Ela se agarrou a sua cintura.

—Não quero me esquecer dela.

Ele ficou paralisado. A nebulosa se esfumou.

—Ela?

—Minha filha — as lágrimas empaparam suas pestanas. — Não posso esquecer sem me esquecer dela também.

—Não.

Esse foi um "não" dito com muita cautela.

—Ela merece ser recordada.

—Eu ficarei com ela para quando a necessitar.

Não era suficiente. Se não ia poder esquecer, então precisava saber uma coisa para poder curar-se.

—Poderia compartilhá-la comigo? Preciso saber como era.

—Isso só reafirmaria sua sensação de perda.

Fechou as mãos em forma de punhos e as apertou contra o peito dele. Se não era capaz de conceder aquilo a ela, não queria nada. A parte de união entre o pescoço e o ombro ardia.

—Era minha filha. Ninguém deveria saber mais a respeito dela que eu. Ninguém.

Um sussurro tão suave para uma declaração tão feroz, pensou Daire. Mas aquela humana tão pequenina era muito apaixonada pelas coisas que a importavam e tinha razão. Ninguém deveria saber mais a respeito de sua filha que ela.

—Abra a mente.

Ela ficou perplexa.

—Não sei como se faz.

Ele podia fazer isso por ela. Afastando os cabelos de seu rosto, roçou seus cílios com os lábios. O instinto a fez fechar os olhos. A necessidade de mãe fez que os mantivessem fechados. Ele notou que ela tentava abrir a mente com todas suas forças e desejava isso com tanto desespero que estava impedindo que funcionasse. A emoção derramava-se dela para ele e o coração dele se retorceu dentro do peito. Havia muito dor na vida de sua Seli. Muitos desejos não realizados.

—Limite-se a relaxar e flutuar. Este é meu presente para você. Não tem que nada a não ser deixar que eu lhe dê isso.

Ele colocou o lábio inferior dela entre os dentes. Ele meneou a cabeça e sorriu. Era uma mulher muito teimosa que acreditava que podia controlar tudo. Ele tocou sua mente com a dele, uma vez e depois outra, deixando-a acostumar-se a essa sensação e acostumando a si mesmo também. Nunca antes tocou a mente de ninguém com outra intenção que não a de obter informação, mas desta vez o que tinha que fazer era deixar sair, permanecer e compartilhar. Com sua fêmea. Um calafrio o percorreu da cabeça aos pés. Saboreou as sensações ao introduzir-se nela e aquele primeiro indício de uma energia delicada, mas forte ao mesmo tempo, abraçou sua própria energia. Estranhamente familiar. Viciante e feminino. Ele revisou profundamente suas lembranças procurando aquele momento em que tocou a força vital de sua filha. Embora tentasse com todas suas forças, não pôde desfazer-se de todas outras lembranças que vinham associadas, o terror e a dor se apoderaram da conexão e a levaram de volta ao momento em que estava deitada no chão da caverna, sangrando por causa do ataque de Colin. Ficou imersa em seu próprio terror.

—Não se fixe nisso, note o que está implícito.

—O quê?

Ele fez tudo o que pôde para omitir a violência. Tentou concentrar-se na sensação que a garotinha emitiu para ele. Era como... como um raio de luz no meio do inferno.

—Procure a luz entre a escuridão.

—Não o entendo.

—Continue olhando.

Soube o minuto em que Teri a encontrou porque ela tomou fôlego e o reteve. Ela levantou uma mão. Ele a pegou com a sua. Conectados como estavam, ele via o que ela via, sentia o que ela sentia e sabia o que ela sabia. Aquele toque brilhante de vida nova. Pura emoção. Estava assustada. Mesmo, com tão pouca idade, a menina percebeu, em um nível instintivo, que algo estava errado.

Teri cravou suas unhas no dorso de sua mão.

—Daire.

—Sim.

—Como é doce.

—Sim.

A coisa mais doce que ele já tinha tocado com a mente foi ela.

—E estava assustada — um soluço rasgou sua garganta. — Tinha me convencido de que era muito pequena para perceber, mas Oh, Deus!

Ele não sabia o que dizer. A apreensão do bebê tinha sido algo muito primitivo mas... Teri agarrou seu braço com mais força ainda. Um milagre e alguma outra coisa erradicaram a tristeza de sua voz.

—Daire.

—O quê?

—Obrigado.

Tinham as mentes conectadas, mas ele não a compreendia. Como faziam os homens lobo não telepatas para lidarem com suas fêmeas?

—Pelo quê?

Ela o puxou. Ele curvou-se. Ela rodeou seu pescoço com os braços e suas lágrimas ensoparam sua camisa, esquentando sua pele.

—Por você lhe dar amor.

Sim, era verdade. Ele fez o melhor que pôde: tudo o que havia em seu interior abraçou aquela forma diminuta de vida com a necessidade de protegê-la.

—Eu tentei.

Não tinha certeza se ela chegaria a compreender o que aquilo significou para ele, que toda sua vida esteve vazia de outra coisa que não fosse o dever ou a justiça. Teri o abraçou com mais força.

—Ela soube que foi amada por você e... —franzindo o cenho, removeu as lágrimas da pele —... e por alguém mais?

OH, sim, deu-se conta em seguida.

—Por Megan.

—Tem tanta telepatia?

—Sim.

Enquanto abria os olhos, tomou o rosto dele em suas mãos, a conexão com o passado se soltou.

—Obrigado.

Ela estava transmitindo muita emoção. Ele se mostrou incômodo.

—É só uma lembrança.

Ela não soltou o laço mental, não o deixou partir. Ele sentiu que a calma a envolvia quando aqueles olhos verdes se escureceram para um tom esmeralda pela gratidão e por algo mais.

—Era tudo o que eu necessitava.

Capítulo 5

No dia seguinte, Teri estava pronta para voltar à vida. Era surpreendente o que uma noite com um homem lobo podia fazer por uma mulher. Mesmos que a única coisa que o lobo tenha feito fosse abraçá-la e acalmar seus medos. Se Daire não tomasse cuidado, ela poderia chegar a se apaixonar por ele.

Teri sacudiu os cobertores com os pés e ficou em pé. Como não ficou tonta verificou com se sentia e, definitivamente, hoje se sentia mais forte. Daire tinha razão, estava se recuperando muito rápido. Como médica ela não podia deixar de reconhecer o milagre ao mesmo tempo em que se perguntava como e por quê.

Sua roupa, bom, não sua roupa, e sim a roupa que alguém emprestou a ela — a misteriosa Heather, a mulher de Wyatt, pensou—, estava dobrada em cima da cadeira. Daire não tinha deixado que ninguém entrasse no quarto, além de Sarah Anne, enquanto estava se recuperando, o que era ridículo. O que ele

pensava que as outras mulheres iriam lhe fazer? Poluí-la com humanidade? Muito tarde, tinha nascido humana e era pouco provável que uma conversão tardia fosse mudar tudo. Deu uma olhada no quarto e cada irregularidade da pintura, cada sombra na parede, era muito familiar para ela. Definitivamente, precisava mudar de cenário. Do andar de baixo veio o murmúrio de vozes femininas intercaladas com risadas que eram silenciadas rapidamente. Não havia dúvida de que Daire deixou instruções estritas de que não a incomodassem, mas como Daire tinha saído com Kelon e Donovan para caçar o lobo que escapou no dia anterior, era uma ocasião perfeita para explorar os arredores.

Pegou o jeans. Era dois tamanhos menores, mas com a eterna esperança que abrigam todas as mulheres ao enfrentar o seu manequim ideal, o provou. Ficou estupefata. Servia nela. Nunca um jeans desse manequim serviu nela. Só quando sonhava acordada. Verificou a cintura. Não estava apertado de forma alguma. Na verdade, tinha perdido muito peso. Uma parte dela queria olhar-se no espelho, mas outra parte não. Teria se transformado em um espantalho? O sutiã era um pouco pequeno. Bom, pelo menos tinha gordura onde tinha que ter. Vestiu uma camiseta em cima e deu de ombros. Ia ter que fingir que estava muito bonita. Pelo menos, isso daria a ela mais segurança.

As forças não duraram tanto quanto ela esperava. Sentiu-se como uma velha ao descer as escadas, agarrando-se ao corrimão, sem ter certeza que as pernas iriam resistir ao lance inteiro. Ao chegar ao patamar, estava tremendo. Apoiou-se contra a parede e levou um tempo para recuperar o fôlego.

Ouvia as mulheres na sala de estar. Naquele instante, invadiu-a um sentimento de que era agora ou nunca. Uma mulher gordinha de cabelos castanhos saiu detrás de uma esquina. Estava rodeada por uma aura de amabilidade e um sorriso arrebatador.

—Bem, olá.

Teri sorriu e tentou acalmar-se.

—Olá.

—Finalmente decidiu se unir aos vivos, hein?

—Sim.

Mais duas mulheres saíram da sala. Todas tinham o mesmo cabelo castanho,

a pele lisa e os olhos azuis. Uma usava os cabelos amarrados em um rabo-de-cavalo e ostentava um sorriso agradável. A outra era mais magra e estava envolvida em uma intensidade que quase a obrigava a ficar firme.

—Não sei se ela saiu para unir-se aos vivos ou para fugir de seu carcereiro — a mais magra se aproximou dela e estendeu sua mão. — Sou Heather.

Teri se separou da parede e pegou a mão de Heather.

—Teri.

Não havia como ocultar o tremor da mão. Heather entrecerrou os olhos. Assim de perto, Teri percebeu que eram mais cor de mel que azuis.

—Quer se sentar? —perguntou Heather.

—Sim, por favor.

—No andar de cima ou no de baixo?

—No de baixo sem dúvida alguma.

Teri não queria voltar a ver aquela cama nem pintada.

—Alegro-me de que tenha descido com a gente — a mulher de rabo-de-cavalo se aproximou dela e seguro seu braço, para que ela se apoiasse. — Isso nos poupou o problema de ter que obrigar você a sair.

Teri ficou desconcertada.

—Iam me obrigar a sair?

Heather assentiu e sorriu.

—Sim, nos ocorreu na noite passada. Robin e eu decidimos que já era hora de você se unir ao restante de nós. Daire parece ser um pouco superprotetor.

—Um pouco? — zombou Robin. —Ele faz Kelon parecer um principiante.

Teri recordou como Garret agiu com Sarah Anne.

—Será que todos os homens lobo são tão protetores?

Heather a pegou por debaixo do cotovelo e a ajudou a descer o último degrau.

—Você se acostumará — assegurou Heather.

—Ou encontrará formas de aguentar — disse Lisa com uma risada.

Teri tinha a impressão de que ia se dá bem com ela.

Robin sorriu.

—Esse sempre é o plano B.

—Mas tentamos não utilizá-lo frequentemente — Heather a preveniu enquanto a segurava. — Se não, descobririam imediatamente.

Teri decidiu que ia se dá bem com todas elas. A risada pareceu levá-la até a sala de estar, dando a ela a força que suas pernas trêmulas necessitavam. Era agradável estar outra vez entre mulheres. Daire tinha boas intenções, mas com ele, era tudo tão intenso e tão sério... Sentia falta da risada.

Lisa se deteve diante da seleção de aperitivos dispostos sobre a mesa.

—Já que conseguiu descer todos esses degraus, o que gostaria de tomar? Temos... —olhou a variedade de coisas que havia. — Temos chá, temos refrescos, temos água...

—Milk-shake — Robin saltou, dando uma cotovelada em Teri. — Eu voto por um milk-shake.

Lisa revirou os olhos.

—Desde que percebeu que o metabolismo dos homens lobo é muito mais rápido, não há nenhuma maneira de pará-la.

—Ouça — protestou Robin—, temos que ver sempre o lado bom das coisas. Heather revirou os olhos para a irmã.

—Como se Kelon não fosse lado bom o bastante.
Robin deu de ombros.

—Você fica com seu lado bom e eu com o meu.
Teri estava perplexa.

—Sendo lobas, não engordamos?

—Uma vez terminada a conversão, nem um só grama — disse Lisa com uma risada; — mas, claro, tampouco o perdemos — bateu nos quadris voluptuosos. — Ficamos como estávamos no momento da mordida.

Teri tocou a cintura do jeans.

—Caramba.

—O quê?

—Acabo de me dá conta que vou passar o resto da eternidade com meu peso ideal.

Lisa riu enquanto Teri se sentava na cadeira do estofado acolchoado.

—Que sorte você tem.

—Então, você concorda com um milk-shake?

—Por que não.

—De chocolate?

—Bom.

—Ótimo. Nunca fica bom, se eu fizer apenas para um.

Abriu a porta da geladeirainha que havia debaixo da mesa e tirou um pote de sorvete.

—Mas não somos realmente lobas, sabe? —interrompeu Heather, sentando-se no sofá da frente.

—Ah, não?

Teri tinha a impressão de que Heather poderia ser a que mantinha as outras duas na linha.

—É mais um vínculo que uma conversão.

—Ah.

Lisa abriu uma lata de refrigerante antes de sentar-se ao lado de Heather.

—E não vivemos eternamente.

—Quanto vivemos?

—Bom, se estiver vinculada vitalmente, viverá enquanto seu macho viver. Mas, quando ele morrer, você morrerá.

Teri estava estupefata. Isso ela não sabia.

—Como se sabe se está vinculada?

—Está vinculada — disse Sarah Anne entrando pela porta. — Era a única maneira que Daire poderia manter você com vida.

Sarah tinha o mesmo bom aspecto de sempre. Inclusive melhor. Sua pele parecia ter mais brilho e havia uma calma a seu redor que era algo novo nela. Inclinou-se para abraçar Teri. Teri estendeu a mão como se tivesse sido empurrada para atrás.

—Quer dizer que tinha a opção?

A calma se desvaneceu.

—Se estivesse consciente, talvez.

—E não teria por que ser uma loba?

—Ui, ui, ui — sussurrou Lisa.

Robin apertou o botão do liquidificador. O ruído não era forte o suficiente para ocultar a resposta de Sarah.

—Eu dei permissão a ele.

—A quem?

—A Daire. Eu disse a ele que queria que você vivesse e nada mais me importava e ele fez o que achou necessário.

—E ele concordou?

—Não teve muita escolha. Disse a ele que você era da Manada e que, sem me importar com resto, eu queria que você vivesse.

Então Daire fez o que os Protetores sempre faziam, antepôs a Manada ao resto. Deus, ele nem sequer a escolheu e agora estava vinculado a ela. Para sempre.

—O vínculo não pode ser rompido?

—Não, não há como rompê-lo.

—E se ele quiser outra pessoa?

Como, por exemplo, a sua verdadeira fêmea.

—Ele nunca vai querer outra pessoa — disse Robin enquanto trazia o milkshake. — Está vinculado a você.

Teri pegou o copo. O frio viajou através de sua mão até chegar a sua alma. Daire renunciou a tudo por ela, não porque a quisesse nem porque significasse algo para ele, mas sim porque ela representava um dever que não foi capaz de evitar.

Mais uma vez, ela era o segundo prato⁹.

Capítulo 6

Vinte minutos mais tarde, Heather, Lisa e Robin declararam que tinham que ir casa para fazer o jantar. Entre risos e brincadeiras a respeito de recaírem as épocas escuras, partiram.

—Estão felizes — observou Teri, de pé junto ao sofá enquanto as mulheres

⁹ Ser o segundo prato e ser ou sentir-se um atraso, ser ou sentir-se pouco estimado, ser uma segunda opção quando a primeira não é possível.

saíam da sala.

—Seus machos são alguns dos homens lobo mais fortes que vivem hoje em dia.

—Mas se casaram com humanas.

—A maioria dos lobos não pode escolher com quem se aparelha.

—Não posso imaginar ninguém forçando Daire a fazer algo.

—O vínculo do emparelhamento é mais poderoso do que a força que qualquer humano possa exercer.

Veio a sua mente uma imagem das cicatrizes de Daire. Em algum momento, alguém ou algo exerceu uma força enorme sobre Daire. Teriam conseguido o que queriam? Tocou suas próprias cicatrizes, passando os dedos pelas fendas, odiando a ideia de alguém ter feito mal a Daire, odiando a ideia de que ele tivesse se sentido humilhado.

—Estou tentando entender.

Sarah Anne se aproximou e a abraçou.

—Não tivemos sequer a oportunidade de nos abraçar — era uma sensação agradável a de abraçar sua amiga. Tinha havido muitas mudanças durante a última semana, mas aquilo era algo familiar. Perfeitamente normal. — Como você está?

—Se parar de me abraçar tão forte, poderei responder a você.

—Oh, Meu deus! —Sarah soltou Teri imediatamente. — Eu a machuquei?

—Não seja tola. Agora sou uma Loba. Se me machucar, curo-me.

Sarah virou a cabeça.

—Nem todas as feridas se curam.

Referia-se à perda do bebê, ao ataque.

—Não perdi a esperança.

Sarah Anne fez cara de preocupação.

—Sinto muito.

Teri sacudiu a cabeça.

—Por quê? Você não pediu para aqueles Renegados me atacarem.

—Mas, se não estivesse comigo, não teriam a encontrado.

—Isso já é água passada. Não eram mais que maçãs podres. Tive a má sorte

de me colocar ao lado da cesta e ponto.

Aquela analogia não fez Sarah Anne sorrir como ela tinha esperado.

—No passado, isso não teria acontecido. Os Protetores jamais teriam deixado que os Renegados chegassem tão perto. Nem muito menos que continuassem vivos.

—Mas estes já não são os bons tempos de antigamente.

Sarah passou a língua pelos lábios e olhou pela janela.

—Não, não são.

Estando tão perto, não poderia ignorar as linhas de tensão que ela tinha nas comissuras dos lábios e nos olhos.

—Já encontraram Josiah e Rachel?

—Não.

Os cabelos da nuca de Teri ficaram de pé.

—Oh, Meu deus — deu uma olhada ao redor—, onde está Megan?

—Tirando um cochilo.

—E deixou-a sozinha?

Aquela pergunta saiu em um tom mais dramático do que ela gostaria. Sarah Anne entreceitou os olhos.

—Garret está com ela, por quê?

Teri esfregou os braços.

—É que eu não gosto da ideia de ficar aqui sozinha. E se um desses Renegados solitários se infiltrar aqui?

Sarah Anne se virou para olhá-la nos olhos.

—Nunca passariam no controle dos guardas.

—O espião não teve nenhum problema para entrar.

O olhar de Sarah Anne não titubeou.

—Não passariam no controle de Garret.

—Tem muita fé nele.

Sorriu com o mais leve sorriso possível.

—Descobri que tem algo mais que arrogância.

Levou a mão ao pescoço. Teri percebeu que era o mesmo lugar onde Daire a mordeu. O lugar que esquentava em Teri quando Daire estava perto. Colocou a

mão nesse mesmo lugar. A marca do emparelhamento.

—Você se vinculou a ele?

Sarah pareceu incômoda.

—Mas não com um vínculo vital, até o momento.

—Por que não?

—Parece — pôs um sorrisinho casual nos lábios—, que Garret precisa me cortejar primeiro.

—Cortejar você?

Acaso os homens lobo cortejavam suas mulheres?

Sarah Anne não a olhou nos olhos.

—Sei que só passaram dois anos da morte de John...

Teri passou a mão pelos cabelos. Eles estavam mais longos e emaranhados agora. Não gostava de como eles grudavam em seu pescoço. Já estavam longos o bastante para ter que arrumá-los. Longos o bastante para que alguém colocasse os dedos neles e a segurasse pelos cabelos. Um calafrio percorreu sua pele.

—Só me diga uma coisa.

—O quê?

—É feliz?

—Sabe — o sorrisinho casual floresceu para um sorriso aberto—, apesar de tudo o que está acontecendo, apesar de como cheguei a este ponto, eu realmente sou. Antes levava na brincadeira os velhos mitos a respeito da beleza do emparelhamento com seu macho verdadeiro.

—Mas coração mudou?

—Sim. Garret me faz muito feliz. No mais profundo, que é onde importa.

—Bem — Teri odiava ter que apagar o sorriso dos lábios do Sarah, mas tinha que saber o que tinha acontecido enquanto ela estava de cama. — Que notícias você teve de Rachel e Josiah?

Sarah Anne mordeu o lábio e cruzou os braços. O modo como cravava os dedos nos braços era um mau sinal.

—Não são boas notícias, não é verdade?

—Por que diz isso? —perguntou Sarah Anne.

Teri fez um gesto com a mão.

—Pela maneira que você está pegando em seus braços. Só faz isso quando está nervosa.

Sarah Anne baixou os olhos e suspirou.

—Acho que, antes de trabalhar na cara de pôquer, terei que trabalhar nisso.

—Nós nos conhecemos há muito tempo.

Os olhos de Sarah Anne se dirigiram para as cicatrizes de Teri. Os de Teri, para o dedo sem aliança de Sarah Anne.

—E passamos tempos difíceis juntas.

O ataque de Teri, a morte de John. A luta para reconstruir suas vidas.

—E sempre saímos vitoriosas.

—Não tenho certeza se desta vez conseguiremos.

Isso não soou muito bem. Teri voltou a sentar-se no sofá.

—Merda.

—Sinto muito — Sarah se sentou ao seu lado. — Está cansada.

Estava cansada, mas não fraca. O metabolismo lupino era uma coisa incrível.

—Não importa o que me diga, não vou desmoronar — disse Teri, sentada no sofá—, acredito que a única coisa de que tenho certeza em tudo isto é que não há muitas coisas que podem me impressionar nem muitas coisas que eu não possa superar.

—Talvez deva deixar que Daire...

—Se o fizer, irei ignorante para a tumba e eu não a perdoaria por isso.

Sarah franziu os lábios.

—Está parecendo um pouquinho superprotetor?

—Sim, e como você está rindo, fica sem chocolate.

—Ele é um lobo muito tradicional.

—Pois vai ter que se modernizar muito rápido porque não sou do tipo mulherzinha.

O lábio franzido se transformou em um sorrisinho.

—Não, não é — Sarah Anne se inclinou para ela. — Muito obrigado por salvar minha filha.

—Não há de que.

—Você teve que pagar um preço terrível.

Teri fechou os olhos e as lágrimas queimaram suas pálpebras enquanto se agarrava a lembrança daquela luz brilhante que tinha sido sua filhinha ao mesmo tempo em que ouvia o terror de Megan quando aquele lobo se lançou sobre ela.

—Há coisas que têm que acontecer.

Sarah Anne se inclinou um pouco para atrás e limpou o rosto.

—Sua filha...

Daire devia ter dito a ela que era uma menina.

—Referia-me a Megan — disse Teri interrompendo-a. Não podia falar do bebê que perdeu sem desabar. — Não estava destinada a morrer daquela maneira. E, se tivesse que fazer o mesmo outra vez, voltaria a fazê-lo.

Ao dizer aquelas palavras, Teri percebeu que as dizia sinceramente. Não era uma questão do que aconteceria. Tomaria a mesma decisão outra vez. Era como se tirassem um peso de seus ombros. Independentemente das consequências, naquela noite, tomou a decisão certa.

—Nunca poderei lhe agradecer o bastante.

—Você teria feito o mesmo.

—Oxalá eu estivesse mais perto.

—Mas eu estava e tudo correu bem.

Sarah Anne abriu a boca. Teri a interrompeu. Talvez tivesse tomado a decisão certa, mas nem por isso doía menos.

—Agora, me conte o que está acontecendo com Josiah e Rachel.

Sarah se sentou na beira do sofá, cravando os dedos na almofada.

—Não apareceram no lugar do encontro.

Encontrar-se na manhã seguinte era algo inquebrantável. Só algum acontecimento horrível teria impedido que Rachel fosse ao encontro. O medo disparou pela coluna de Teri quando ela imaginou todos os "acontecimentos horríveis" que poderiam ter acontecido a uma mulher e a um menino perseguidos por homens lobo.

—Não estão mortos?

—Não, não. Só não sabemos onde estão.

Disse isso como se não tivesse importância. Sem dúvida, para que Teri não se

preocupasse. Muito tarde. O pequeno Josiah com seus arranques de valentia e seu sorriso infantil? Rachel, com aquele ar tranquilizador, desaparecida? Teri agarrou a mão de Sarah Anne e a apertou, preparada para o pior, mas esperando o melhor.

—Capturaram-nos?

Sarah Anne sacudiu a cabeça.

—Não. Aquele Protetor, Cur...

—Que nome mais feio.

—Sim — Sarah Anne voltou a cruzar os braços. — Este Cur parece que pensa que Rachel não quer ser encontrada.

Soltou o fôlego. Estavam vivos.

—Nossa Rachel?

—Sim.

—Então, deve ter uma boa razão.

Era coisa de sua imaginação ou Sarah Anne estava mais aliviada?

—Isso é o que eu penso.

—Eu acho que ouvir um, mas?

—Garret e os outros pensam que ela está sendo deliberadamente evasiva.

—Bem, e por que não ia ser? O mais provável é que pense que são os Renegados que a estão perseguindo.

Como se essas palavras fivessem quebrado um rolo de fio de tensão em seu interior, Sarah Anne derrubou-se contra o respaldo do sofá, fechou os olhos e sorriu.

—Alegro-me tanto por você está melhor.

—Senti minha falta?

—De você e de sua forma de pensar — olhou para Teri pelo canto do olho. — Já tinha me esquecido do quanto obsessivos podem chegar a ser os lobos quando colocam uma ideia em suas cabeça.

Teri olhou pela janela o brilho do sol que desenhava manchas de luz sobre a sombra do pátio.

—E pensam que Rachel sequestrou Josiah?

—Sim.

Um esquilo brincou de correr pelo pátio com a cauda voando atrás dele com muita graça. Brincava de correr pelo pátio como se não tivesse nada com que se preocupar. Como se o gato que estava escondido atrás dos arbustos não fosse uma ameaça. Como se tivesse todo o tempo do mundo.

—Por causa de Megan.

Assim que essas palavras saíram de sua boca, desejou haver mordido a língua.

Sarah Anne se ergueu.

—E o que tem Megan?

—Não entendo muito bem os motivos.

—É uma má mentirosa.

—Bom, é por causa da lenda.

—A lenda?

—Sim. A que fala da menina com poderes.

Sarah se inclinou para atrás.

—Oh, Meu deus.

—Não sabia, não é verdade?

—Não. Nunca tinha me ocorrido.

Pela cara que fez, pensou que ela devia ter pensado nisso naquele preciso instante.

—Não é mais que minha filhinha — sussurrou. — Eu me preocupava que soubessem que é telepata, mas daí a ser a menina da lenda... —Sarah Anne sacudiu a cabeça. — Isso não é mais que um mito.

—A reação saudável de uma pessoa sensata. Muito agradável de se ver.

Aquela brincadeira não afetou de forma alguma Sarah Anne. Da mesma maneira que um minuto antes estava relaxada, agora estava tão tensa que parecia que ia se partir.

—Daire pensa que é a menina da lenda?

—Não, mas tampouco diz o contrário.

Sarah Anne passou a língua pelos lábios,

—Mas ele... tem medo dela?

Não havia nada parecido com o medo na emoção que sentiu entre Daire e

Megan.

—Tenho a impressão que ele pensa que é uma garotinha maravilhosa.

Afastando os cabelos da testa com um sopro, sussurrou:

—Graças a Deus.

Tanto alívio fez Teri suspeitar.

—E Garret?

—Acredite ou não, ele a adora.

Teri deu meia volta.

—E como não ia adorá-la? É uma menina maravilhosa.

—Garret é um lobo. Eles veem as coisas de forma diferente.

—É meio lobo — corrigiu-a Teri. — E salta aos olhos que sua metade humana é a que tem uma dose considerável de bom senso.

—Porque adora Megan?

—Porque as duas o adoram.

—Você não pode saber disso.

—Nota-se no tom de voz que usa quando fala dele. Tem aquela morna nebulosa por dentro.

—Isso soa fatal.

—Eu gosto de como soa.

—Pois então, está bem.

Não pôde resistir.

—Pena que seja um lobo. Se não, seria perfeito.

Sarah conseguiu soltar uma risadinha muito fraca. Teri se surpreendeu por ela conseguir fazer isso com sua filha ameaçada e seu filho em paradeiro desconhecido, mas Sarah Anne sempre foi uma mulher muito resistente.

—Os lobos não são tão ruins.

—Nem os humanos tampouco e acredito que vocês, os homens lobo, fazem um desserviço ao desprezar qualquer influência humana por ser inferior.

—A pureza do sangue é importante.

Teri sacudiu a cabeça.

—Não sei por que se aferram a essa crença quando todo mundo sabe que os híbridos são os mais fortes.

—Não é o mesmo.

—Aposto que sim. A genética é a genética, a espécie não tem nada a ver.

—Os lobos são mais fortes.

Teri seguiu a linha do sulco até que cruzou com sua clavícula e saltou para um lado, acima dos escassos centímetros que havia, até que tocou com as pontas dos dedos a marca que Daire deixou durante a cerimônia de emparelhamento que ela nem sequer recordava. Aquele ponto estava frio, mal o discernia. Quando um homem lobo se aparelhava por amor, a marca era diferente? Mais profunda? Mais significativa?

—Eu não descartaria tão rápido os humanos.

E, se Daire fosse esperto, não a descartaria tão rápido. Ela podia ser a mais adequada das fêmeas se quisesse.

Capítulo 7

Não havia vestígios do espião em nenhum lugar. Daire expandiu ao máximo seus sentidos. Ao seu lado, Donovan e Kelon estavam de pé quadrando os ombros, com a cabeça levantada para escutar. Sentiu uma pontada de desconforto ao utilizar seus poderes tão visivelmente na frente dos Protetores. Em qualquer outra Manada já teriam jurado matá-lo com semelhante revelação. Mesmo agora era arriscado. Refreou um pouco sua energia. A única coisa que Wyatt tinha que fazer era rescindir a permissão e levar a cabo uma sentença de morte.

Kelon deu uma olhada para ele.

—Rende-se?

—Não.

Donovan não afastou os olhos da direção que acreditavam que o lobo tinha tomado.

—Então, por que enfraqueceu?

Era interessante o fato dos gêmeos puderem notar com tanta facilidade as variações de sua energia.

—Foi um lapso momentâneo.

—Acho que não é porque está nervoso.

Daire continuou com a energia concentrada primeiro na direção Norte-Sul. Não havia nada. Era como se o lobo tivesse desaparecido no ar.

—Acaso tenho motivos para estar?

—Com qualquer outro Alfa que não seja Wyatt, eu diria que sim.

Daire olhou para Kelon.

—Exatamente, estava pensando o mesmo.

—E, provavelmente, está se perguntando aonde queremos chegar com tudo isto.

Daire abriu seus sentidos para o Este.

—Não me importa aonde vá parar tudo isto. Estou emparelhado com uma humana.

—O que quer dizer que está com a gente nisto, não é verdade? —inquiriu Donovan discretamente.

Kelon afastou os cabelos do rosto para trás.

—Se pensa que vamos acreditar que você não é o ancião que nos disseram que era.

Não havia nenhum sinal do lobo para o Este, nenhuma ameaça persistente de energia, nenhum vestígio de aroma. Não havia nem sequer cheiro de gasolina que sugerisse que ele partiu em um veículo.

—Os métodos antigos estão mudando.

Donovan arqueou uma sobrancelha ao olhá-lo.

—E você está mudando com eles?

—Este sempre foi um mundo onde ou você se adapta ou morre.

Kelon e Donovan se olharam.

—Isso explica por que você se dá tão bem com Wyatt.

Daire sorriu.

—E por que os deixo tão nervosos. Ouvi dizer que, até o momento em que conheceu sua bela mulherzinha, não aprovava de forma alguma o emparelhamento entre humanos e homens lobo.

Daire se regozijou ao sentir as câimbras estomacais que deu em Kelon. O cara

se recuperava com facilidade. Daire gostava do fato dele não inventar desculpas, mas dizer as coisas tal e como eram.

—Há algumas mulheres que são capazes de fazer que o homem repensar as coisas, inclusive sua devoção para o dever.

E tinha sido um grande conflito moral para Kelon decidir se emparelhar com Robin. Como Protetor, nasceu para antepor a Manada a todo o resto. Aparelhar-se com Robin o levou a transformar-se em um dos perdidos sem Manada e a deixar de ser um Protetor. A renunciar sua identidade. E ele tinha feito isso.

Durante anos, Daire se perguntou se haveria algo que um dia fosse capaz de prevalecer sobre sentido de honra e sua devoção a Manada. Desde filhote, acreditava no poder do emparelhamento verdadeiro. Escutava as histórias sentindo esperança de que chegaria para ele o momento perfeito em que a mulher que tinha sido feita para ele tocaria sua alma. Mas, depois, passaram os anos, seus poderes cresceram e, ao mesmo tempo, tinham crescido fortes calos em seu otimismo. E, pouco a pouco, os contos de fadas foram dando passagem à realidade. Como Kelon, ele havia apoiado firmemente a tradição sem encontrar qualquer objeção para diluir o sangue dos seus, que eram cada vez menos. Também tinha desistido de ver o mundo em branco e preto.

O último foi o motivo de não estar afiliado a uma Manada. Ao não encontrar objeção alguma em dissolver o sangue de lobo com o humano, deixou de vê-lo como um motivo para destruir vidas. O que tocou fundo foi que, os homens lobo eram muito poucos em número, e seus anos de existência muito curtos para negar a qualquer membro da Manada aquilo que os faziam felizes.

Ficar sem Manada o liberou de acatar ordens com as quais não concordava, mas não o ajudou em nada em sua necessidade de ter uma meta. E, por isso, quando ouviu falar da Manada Haven, sua curiosidade se aguçou. E, então, depois de conhecer Wyatt, decidiu ficar para ver. Se havia alguma esperança para os lobos de chegar ao futuro, era o que Haven representava. Disso, estava convencido.

—Ultimamente, comecei a entender o que está acontecendo — disse Daire a Kelon antes de voltar sua atenção para o Oeste.

Donovan o olhou pelo canto do olho.

—Falando nisso, como vão as coisas com Teri?

—Ultimamente não a ouço gritar pedindo que a deixe sair — acrescentou Kelon.

Havia um vestígio de algo para o Oeste. Não era um aroma ou uma vibração exatamente, mas havia certa ofensa a ordem natural que revelou que houve alguma alteração. Daire se endireitou.

—Estamos melhorando.

—O que é isso? —perguntou Kelon.

Daire se virou para a alteração franzindo o cenho.

—Não tenho certeza.

—Merda.

—Sim. Se um ancião não sabe o que é que tem entre as mãos, não pode tratar-se de nada bom.

Daire se agachou e tocou o chão. A vibração não aumentou, assim não vinha da terra. O que queria dizer que certamente foi feita pelo homem. Ou pelo lobo. Levantou-se.

—Há algo errado na energia que vem do oeste. Acredito que não me equivoco ao presumir que o que causou a alteração foi algo que deixou o homem lobo a quem estamos procurando. Se não for isso, é que pode se teletransportar de um lugar para outro.

—Então seria um alienígena, não um lobo — interrompeu Donovan—, e a minha imaginação não dá para tanto.

A de Daire tampouco.

—E você com que acha que estamos lidando?

—Algo ou alguém que sabe como esconder os vestígios de energia que normalmente os seres vivos deixam para trás.

Kelon colocou as mãos na cintura.

—Merda, pois isso não me parece tão grave.

Donovan assentiu.

—Tenho que admitir que tampouco seja algo que me preocupa.

Daire soltou um grunhido dentro de sua garganta.

—Se isso for tudo o que sabe fazer, então podemos descansar tranquilos.

—Pronto, acabou a festa — Kelon grunhiu—, tenho uma bela mulherzinha em casa esperando para me mostrar o quanto sentiu minha falta, assim não me venha com mistérios.

—A mim tampouco espera a cama vazia.

Já não. Reconhecer isso fez que Daire ficasse flutuando em um calorzinho que ia aumentando e se enchendo de ilusão.

Donovan jogou uma mochila para ele.

—É curioso como as coisas podem chegar a mudar, não é verdade?

Kelon e Donovan o observaram enquanto cada um pegava sua mochila, avaliando sua resposta. Não escondeu sua satisfação diante deles ao responder:

—Sim, é.

Capítulo 8

Teri estava esperando por ele na sala com Wyatt. Kelon e Donovan olharam para a cara dela de soslaio e apresentaram suas desculpas. Wyatt ficou de pé quando ele entrou na sala.

—Boa tarde, Daire.

Daire assentiu com a cabeça como se Wyatt não o tivesse saudado como um homem desesperado para encontrar uma escapatória.

—Boa tarde.

Ninguém teve problemas para perceber que estava dando voltas como um tigre a quem tivessem soltado dentro daquela sala. A energia que vinha de Teri era incessante e estava carregada de... raiva? Esteve fora as últimas vinte e quatro horas. O que poderia ter feito para que se zangasse tanto?

Wyatt deu um tapinha em seu ombro ao sair da sala. Em um tom muito baixo para que se pudesse escutar, sussurrou:

—Boa sorte.

A sensação permaneceu na sala quando o Alfa partiu. Daire levantou a mão e tocou no ombro. Muitas coisas iriam, aparentemente, ser diferentes na Manada Haven, incluindo a norma não escrita de não se tornar amigo dos Protetores nem

dos anciões. Não tinha certeza se gostava disso ou não.

—Já era hora de voltar para casa.

—Sabia que eu tinha ido caçar.

—Diz isso como se fosse a temporada do cervo e você tivesse ido procurar galinhas com os rapazes para ver se conseguia uma para você.

—A mesma técnica para presas diferentes.

O aumento do nervosismo de Teri era evidente. Passeava na frente da janela. Um, dois, três passos, meia volta e mais três passos. A cada passo, batia ritmicamente com os dedos sobre a coxa. Era um padrão de comportamento estabelecido.

—Sempre passeia quando está zangada?

Olhou para ele por cima do ombro, afastando a franja dos olhos com a força do gesto.

—Acaso importa?

Ele se recostou contra o batente da porta e cruzou os braços.

—Não. Só queria saber o que é normal.

Isso a fez explodir. Em vez de continuar dando passos, dirigiu-se diretamente para ele, com os olhos verdes escuros de fúria e as mãos em punhos fechados colocadas sobre os quadris. O aroma de seu aborrecimento se apoderou das bordas de sua paixão. Ele aceitou o desafio que podia observar nos olhos dela.

Ela se aproximou, mostrando os dentes com um sorriso sarcástico e jogou um braço para trás. Ele esperava que fosse dar um murro nele, estava preparado para receber o impacto, mas em vez disso, ela enfiou o dedo em seu peito.

—Não é justo.

Ele ficou atônito.

—O que não é justo?

—Não vou deixar que faça isso comigo.

Não tinha nem ideia do que era que ela estava dizendo assim ficou ali de pé e deixou que ela voltasse a enfiar o dedo em seu peito.

—O que você acha que estou fazendo a você?

—Não vou permitir que me tenha como segundo prato.

Ela levou a mão à marca e retrocedeu um passo. Ainda não estava

acostumada à reação de sua marca quando ele estava presente. O calor que ela sentia na marca se traduziu no aquecimento de seu sangue e na agitação de seu membro. Se ela fosse uma mulher lobo, ele teria sua marca e o ardor dela seria o ardor dele. Mas ela não era uma mulher lobo, era humana. E ela pensava que ele a achava inadequada.

—Quem disse a você que é o segundo prato?

Ele sabia perfeitamente que não tinha sido Wyatt.

Ela cruzou os braços. O aborrecimento alimentou o rubor de suas bochechas que tornava mais profundo o verde de seus olhos. Tinha os cabelos curtos arrepiados ao redor de toda a cabeça. O mais provável é que tivesse passando as mãos pelos cabelos. Deveria está com uma aparência ridícula. Mas em vez disso, estava adorável. Sexy. Perfeita.

—Pode ser que seja humana, mas isso não me faz inferior.

—Não me lembro de ter dito isso.

—E não sou uma obrigação que possa tomar e descartar quando lhe der vontade enquanto se lamenta de sua má sorte.

Ele se separou da porta. Ela deu um passo para trás. Ele estendeu a mão, enganchou-a em um braço dela e a puxou para ele.

—E eu não sou alguém a quem você deve temer.

—Por que não? Está zangado todo o tempo. Sinto a raiva que tem dentro. E, além disso, é um homem lobo. Qualquer humano com o mínimo de bom senso teria medo de você.

A raiva com que falava aumentou excessivamente, catapultada por seu medo irracional. Imediatamente, ele se deixou invadir por aquela forma de energia, cercou a massa de aborrecimento e a tranquilizou, suavizando-a e substituindo-a por desejo. Tinha sido ela. De algum jeito, ela tinha chegado até ele através da distância durante aquela briga no bar, tinha encontrado sua ira e a tinha acalmado. Merda.

—Você não tem medo de mim.

Os olhos dela não fugiram do desafio dos seus.

—Deveria.

Mas não tinha. É não sabia se era porque ele havia dito que não tivesse ou se

era porque ela estava tão condenadamente zangada por qualquer ofensa que imaginava que ele tivesse feito, mas ficou nas pontas dos pés, agarrou-o pela camisa e se pôs cara a cara com ele, gritando.

—Sou tão boa quanto qualquer mulher lobo.

De onde teria tirado a ideia de que não era? Ela passou a mão por trás de sua cabeça e a fez inclinar o rosto para um lado. Cravou os olhos em sua boca. Aquela boca tão bonita que teria um aspecto tão sexy inchada pelos beijos, molhada com a paixão de ambos.

—É melhor.

—Por quê?

—Porque é minha.

Sentiu o aumento da pulsação dela contra seu polegar ao enredar os dedos nas mechas de cabelo na base do pescoço. O medo poluiu seu aroma. Uma imagem veio à mente dele. O sorriso de satisfação de um homem lobo macho ao enredar os dedos nos cabelos longos, segurando-a com força para o descuido de sua boca. Sentiu o medo glacial de Teri, viu o brilho das presas daquele homem. Interrompeu a lembrança antes que Teri pudesse reviver a dentada. Não tinha a menor dúvida de que aquele homem lobo a mordeu. Daire tirou os dedos de seus cabelos e apoiou o rosto dela contra seu peito para rodeá-la com os braços. Não sabia o que podia fazer além de abraçá-la fortemente.

—Sinto muito, Seli.

—Não sou um bebê.

—Não, não é — roçou seu cocuruto com os lábios, inspirando seu aroma. Quente, feminino e familiar. Sabia que tinha passado séculos sem cheirá-la, mas sinceramente, não podia imaginar como tinha conseguido —, mas está sofrendo e preciso compreender por que.

Ela inspirou lenta e profundamente e soltou igualmente devagar. Essa respiração penetrou em sua camisa aberta na mais suave das carícias tornando-se um laço entre eles por um momento. Ele apreciou aquele momento e o entregou à memória. Já tinha algumas lembranças. Quando Teri se virou para ele pela primeira vez. Quando Teri deixou que a segurasse nos braços na outra noite, no momento em que se criou um vínculo de compreensão entre ambos. Quando

compartilhou com Teri a lembrança de sua filha depois da desgraça. E agora aquilo. Teri estava deixando que ele a consolasse apesar de ser ele o causador de sua dor. Eram todas elas, lembranças preciosas que nunca acreditou que ia ter por ser um ancião que não tinha encontrado sua fêmea e estava chegando ao final de sua existência. Para ele não havia nada mais prezado que ela. Nem a Manada, nem suas obrigações e percebeu que nem sequer sua honra.

—Eu prendi você.

Ele massageou sua nuca.

—Eu gosto que tenha me apanhado.

—Mas você gostaria mais de estar preso a outra pessoa.

Ah, essa era a essência da questão. Ele a fez levantar o rosto. Viu como pulsava seu pulso na garganta. Os hormônios de sua dentada tinham o efeito de um fogo arrasador sobre seu sistema humano. Ela passou a língua pelos lábios inquieta. Ele baixou para beijar seus lábios úmidos, esfregando-os com os seus até que ela os abriu com um pequeno suspiro.

—Não quero nenhuma outra pessoa.

Ela apertou as mãos contra seu peito. Pouco a pouco, foram fechadas em punhos. Ele queria beijá-la para que relaxasse até que as abrisse. A ternura era um conceito totalmente alheio a ele, levou um minuto para reconhecê-lo. Quando o reconheceu, deteve-se para desfrutar da experiência. Isso é o que Kelon e Donovan sentiam ao tocar suas mulheres. Disso se tratava o mito do emparelhamento. Aquele sentimento avassalador combinado com o prazer de cuidar dela. Isso era o que tinha feito Garret passar de um homem zangado a um Protetor entusiasta. Isso era o que ia fazê-lo mudar.

—Porque Sarah Anne forçou sua decisão.

Daire tocou com a ponta da língua o lábio inferior de Teri, agradando a seus sentidos enquanto procurava a resposta mais adequada.

—Sarah Anne não é meu Alfa. Não pode ordenar que eu faça nada.

—Mas pôs você em uma situação em que não pôde dizer não.

Ele acariciou sua face com o polegar, observando com satisfação que tinha uma cor mais saudável.

—Soube quem era no mesmo instante em que a vi. Soube a que estava

renunciando. Sarah Anne era a coisa mais parecida com uma Manada que você tinha. Pedir permissão a ela foi uma mera formalidade. Não teria deixado você morrer.

—Isso foi uma temeridade. O que teria acontecido se não tivesse conseguido que eu sobrevivesse?

Ele a beijou nos lábios.

—Então, não teria ido sozinha.

—Isso é uma loucura.

—Talvez seja para os humanos.

Ela moveu os lábios contra os seus em uma tentativa de carícia.

—Não minta para mim, Daire. Passei a vida inteira sendo um segundo prato. Não quero passar o resto da vida tentando estar à altura.

—É a única a quem quis. E a única a quem vou querer.

—E o que aconteceria se aparecesse por aqui uma mulher lobo muito sexy meneando os quadris?

Ele não pôde evitar. Soltou uma gargalhada.

—Tenho séculos de idade. Já vi passar muitas mulheres lobo sexys meneando os quadris.

—E não quis se vincular a elas?

—A nenhuma. Por que está me perguntando isso?

Ela mordeu o lábio.

—Ontem à noite estive pensando...

Não terminou a frase.

—Sim? — ele mordiscou sua bochecha e beijou a curva de sua mandíbula antes de encontrar outro ponto mais doce debaixo de sua orelha. Ela tremeu e gemeu como se gostasse. Dar prazer à fêmea era muito mais que uma questão de técnica. — O que estava me dizendo?

Agarrou-o pela parte da frente da camisa e se pendurou como se sua vida dependesse disso, como se tivesse medo que ele desaparecesse antes de terminar sua confissão.

—Não poderia suportar ser, para você, um segundo prato.

Ele deslizou a mão para baixo pelas costas dela até poder segurar seu traseiro

e a ergueu para ele. Seu membro se encaixou de maneira natural entre as pernas dela. Fez uma pausa, esperando que ela se jogasse para trás. Mas ela não fez isso, embora tampouco se inclinasse para ele. Limitou-se a descansar contra ele.

—Sempre vou estar ao seu lado, Seli. Sempre serei seu.

Um sorriso tocou os lábios dela.

—Fará tudo o que eu disser a você?

A risada cresceu dentro dele. Levantou-a um pouco mais e a pôs um pouco mais perto.

—Experimente.

—O que acontecerá quando eu fizer isso?

—Tentarei fazê-lo.

O doce aroma do desejo feminino se despreendeu.

—Como?

—Como fazem os outros Protetores quando suas fêmeas os desafiam.

—Você vai ser dominador comigo?

Em qualquer outra mulher, aquilo, dito com um insinuante bater de cílios, ele teria tomado como um convite. Mas, vindo de Teri, era um desafio. Não era para se tomar esse "dominante" ao pé da letra, era só para ver se podia confiar nele.

—Sim.

Um calafrio a percorreu e ela ficou tensa. Ele sorriu e beijou docemente a curva de seu pescoço, dando mordidinhas para a marca que estava mais abaixo. Ao aproximar-se, ela conteve a respiração.

Ele sabia o prazer que dava quando a beijava ali. Ele sabia o quanto ela desejava que ele fizesse isso, mas ele sabia que era uma questão de sentir-se bem, não de sexo.

—Daire?

Ele mordiscou ao redor da tênue sombra que ela tinha sob a superfície da pele. Sua marca. O sentimento de satisfação endureceu sua voz.

—Sim.

—Tenho medo.

A dura verdade ficou suspensa entre eles. Ele inalou profundamente seu aroma. Era muito bom. Virou-se e se sentou na cadeira, jogando as pernas dela

para um lado.

—Eu sei.

—Não é que não saiba que isto pode dá certo. Tive amantes. Tampouco foi de lançar foguetes, mas sei que há outras coisas além do estupro, assim...

Um grunhido escapou de seu controle.

—Seli?

—O quê?

—Já disse a você que, para mim, é mais importante que minha própria vida. Já disse que você é a dona de meu coração.

—Eu sei, mas...

Ele afastou seus cabelos do rosto com os dedos. Os ossos dela eram muito frágeis e seu espírito muito forte. Seu pulso latejava na têmpora.

—Se já sabe, confiará em mim para que eu mostre a você o que significa para mim.

—Você se ofenderia se eu lhe dissesse que me conformaria com um aperto de mãos?

—Sim.

—Merda.

—Não temos que fazer isto. Posso esperar.

—Isso não é o que Heather disse.

—Heather não representa nenhuma autoridade para mim.

—É a coisa mais parecida com uma autoridade que encontrei entre os lobos.

Daire colocou a mão sob a coxa de Teri e a puxou para que se aconchegasse em seu colo.

—Você tem alguém superior a Heather.

Ela levantou a mão e a passou pelo ombro.

—Você?

—Sim.

—Mas você não me diria a verdade.

Que interessante.

—Como pensa que eu poderia mentir para você?

—Se pensar que algo me fará infeliz, mentirá para mim — fez uma careta. —

Você faria isso, não é?

Ele levou a mão dela aos lábios.

—Se pudesse mentir para você e se a mentira não a pusesse em perigo, sim.

—São muitas suposições.

—Começando pelo início — deu um beijo no dorso da mão dela. Sua mulher, sua Seli. E ela acreditava que ele podia mentir para ela. — Você só tem que tocar minha mente para saber de todas as respostas.

Seus olhos estavam muito abertos e ansiosos enquanto observava seu rosto, revelando muitas coisas que certamente não queria que ele soubesse. Havia desejo, sim, mas havia emoção. Não era uma emoção imediatamente identificável. E ele descobriu o que se sentia ao ter medo. O que aconteceria se seu coração humano não fosse capaz de amar da forma que ele necessitava?

Ela escolheu aquele preciso instante para tocar sua mente. Era estranho e lhe faltava técnica, mas se esforçou. Estava preparado para que ela o repelisse, mas não se escondeu. Era um Protetor, não um humano. Havia uma diferença. Ela tinha que entender.

O olhar de Teri se suavizou quando tocou sua mandíbula com as pontas dos dedos.

—Está com medo.

Ele apertou a mandíbula.

Ela pestanejou e depois sorriu.

—Não me referi só a este preciso instante.

Ela tinha alguma ideia do que aquele contato tinha significado para ele? O que ele provocou, o que queria fazer a ela? Era a primeira vez que o tocava com a ternura de uma fêmea. Ele queria girar bruscamente a cabeça e pegar seus dedos com os dentes. Queria chupá-la, beijá-la e amá-la até que ela os visse como apenas um. Queria unir-se a ela de todas as maneiras possíveis.

—Então, a que estava se referindo?

—Quando se vinculou a mim, você estava verdadeiramente com medo que eu morresse antes que pudesse me conhecer.

—E isso a faz sorrir?

—Isso me faz sorrir porque é a prova — beijou o queixo dele —, de que não

sou seu segundo prato.

Capítulo 9

Daire sacudiu a cabeça e aproximou a boca para que os lábios dela roçassem os seus.

—Já tinha dito isso a você.

Ela rodeou seu pescoço com os braços, e seus dedos foram para a tira de couro que prendia seus cabelos.

—Às vezes, as mulheres precisam ser convencidas das coisas.

Ele a olhou com o cenho franzido, colocando mais intensidade no gesto do que sentia.

—Minha palavra deveria ser suficiente para convencer você, mulher.

—Pois eu sinto muito.

Não parecia estar arrependida. De fato, a forma que enrugava o canto dos olhos ao tentar reprimir um sorriso lhe dava um aspecto absolutamente sexy, atrevido e intrigantemente humano.

—Não sente.

—Não, não sinto.

Um puxão, mais outro e seus cabelos ficaram livres. Sempre fazia o mesmo.

—Você não gosta de meus cabelos?

—Eu adoro seus cabelos, o que não gosto é que os prenda dessa forma tão horrenda.

—Horrenda? Assim não entram em meus olhos.

—Faz você parecer mau.

Ele não pôde reprimir um sorriso.

—Sou mau.

Ela colocou seus cabelos ao longo do rosto, deixando que escorregasse entre seus dedos enquanto ela passava a mão por cima de seus ombros.

—Comigo, não.

—Não — com ela, nunca. — Com você vou ser muito doce.

O sorriso do rosto de Teri desvaneceu-se.

—Daire, a respeito do que estive pensando...

—Sim.

—Se, finalmente, eu decidisse amar você...

Ele a olhou arqueando uma sobrancelha.

—Se decidisse?

—Sou humana. A decisão seria minha.

E, aparentemente, a decisão era importante para ela. Ele a levantou e a virou para que pudesse sentar-se escarranchada sobre seu colo.

—E o que aconteceria se decidisse me amar?

Passou os braços por cima de seus ombros.

—Você terá que me corresponder.

—É minha fêmea.

—Não — sacudiu a cabeça, deixando-o levantar a camiseta. — Assim não.

Ele levantou sua camiseta. Ela o fez parar ao chegar à altura do rosto e o olhou por cima do tecido vermelho. Ele suspirou. Evidentemente, a breve impressão que estava tendo de seu torso agora era tudo o que ia conseguir até que resolvesse isso.

—E, então, como?

—Você tem que me amar por querer me amar.

—De acordo.

Ele voltou a puxar a camiseta, mas ela não a soltou.

—Estou falando sério, Daire. Não quero que diga que me ama por causa de algum arrebatamento hormonal. Você tem uma chance.

Ele não tinha nem ideia do que ela estava dizendo.

—Sou um lobo, Teri. A decisão foi tomada antes que eu nascesse.

Ela afastou os braços com os quais ele estava tirando sua camiseta.

—Isso não é assim.

Ela girou sobre seus pés e saiu como um furacão da sala. Ele observou como ela passou do desejo à raiva e depois à frustração, deixando-o aturdido. A porta

bateu atrás dela. Merda.

A porta se abriu. Já sabia, pelo aroma, que não era Teri, mas mesmo assim, seu coração parou.

—Dessa maneira, não vai conquistá-la.

Robin parou à porta. Era fácil adivinhar o que atraía Kelon nela. Sua energia tinha um toque muito doce. Se não estivesse tão chateado, provavelmente teria apreciado isso. Um grunhido retumbou em seu peito.

—Sempre escuta às escondidas?

Como se aquele grunhido de advertência não tivesse feito efeito nela, entrou na sala.

—Por favor, se estivesse escutando às escondidas, jamais saberia que estava aqui — foi até o fundo, pegou seu livro e o segurou no alto. — Infelizmente, abandonei Lady Mary e o Conde no meio de uma ardente cena de amor. Eles têm um casamento de conveniência que pode fracassar ou ter êxito dependendo da forma que ele interpretar as necessidades de Lady Mary neste momento tão crucial.

Daire olhou para a capa, brilhantemente apresentada, com um macho e uma fêmea se abraçando. Com um gesto da mão, recusou-se a pedir desculpas.

—Deixe-me poupá-la do trabalho. Ela goza. Ele goza. Eles vivem felizes o resto de suas vidas.

Robin deu um sorriso pesaroso para ele.

—Sim, claro, mas não é tão fácil. Lady Mary é uma mulher inteligente que percebe as coisas. Vai necessitar de algo mais que a convicção do Conde de que ela lhe pertence para chegar a vê-lo como um marido de verdade. E, até que isso aconteça, o “serão felizes o resto de suas vidas” é questionável.

Ela deu a impressão que eles já não estavam falando do livro.

—O fato deles estarem casados implica que não têm opções.

Robin colocou o livro debaixo do braço.

—Sim, o Conde parece está apostando nessa ideia.

—É uma aposta segura.

Para surpresa de Daire, Robin deu um tapinha em seu ombro. Não gostou do modo que ela sorriu para ele. Nunca ninguém sentiu pena dele.

—Só é segura se Lady Mary sentir o mesmo que ele. De toda forma, como é uma mulher inteligente, sabe que tem opções sim.

—Que diabos isso significa?

Robin riu e saiu pela porta.

—Isso, acredito eu, é melhor que você imagine sozinho.

Definitivamente, não estavam falando do livro. Que diabos quis dizer com isso de opções? Teri era sua fêmea. Não havia opções, não havia outro homem, não havia nada para acreditar, não havia nada. Eram apenas ele e ela.

Capítulo 10

Daire subiu os degraus de dois em dois. Percebeu o sobressalto na mente de Teri ao chegar ao patamar. Pois, quando abriu a porta de seu quarto, ela já tinha conseguido controlar sua reação. Estava de pé junto da penteadeira. Pelo espelho que tinha atrás dela, ele pôde ver a renda da bainha de sua camisola longa que se amoldava a delicada linha que subia por sua coluna, à curva de suas costelas e o tentador cacho de cabelo na nuca. Lembrou-se do medo que ela teve quando ele enredou os dedos em seus cabelos.

Você tem opções.

Não, não tinha. Mas isso não queria dizer que a humana Teri não sentisse que tinha algumas. E isso não significava que não pudesse necessitar de algumas. Ela tinha passado por muitas coisas em muito pouco tempo. Então, Daire lembrou da sensação de ter suas mãos contra o peito. Mente com mente. Pele com pele. Batidas do coração. Se ele quisesse mais daquilo, ia ter que fazer que ocorresse.

—O que está acontecendo?

Teri mal conseguia se conter, mas se manteve de pé, braços cruzados, com o queixo levantado, desafiando um lobo zangado. Merda, ele a amava.

—Está me desafiando?

—Estou querendo saber o que o levou a subir até aqui com raiva.

Ele deu alguns passos para dentro do quarto.

—Vim dizer a você que não tem opções.

—Eu tenho sim, mas de qualquer forma, o que é isso?

Ele empurrou a porta com o pé.

—Não as tem. E foi culpa de Robin.

A porta se fechou. Ela franziu a testa, olhando-a com preocupação.

—Robin esteve aqui?

—Ela havia deixado o livro.

—Ah — passou a língua pelos lábios. — E por isso você enlouqueceu?

—Sim.

Ela revirou os olhos e murmurou:

—Justamente quando estava começando a gostar de você, vai e enlouquece.

Ele avançou outro passo. Pelo espelho, via como os músculos das costas dela ficavam tensos. Sua Seli. Tão ferida, mas ainda de bom humor. Passou as pontas dos dedos no rosto dela. Ela o observava, pestanejando lentamente.

—Temos assuntos pendentes, você e eu.

—Que tipo de assunto?

—O tipo de assuntos que respondem a suas perguntas.

—Que perguntas?

Ele a puxou. Ela deu aquele passo, reticente, mas deu.

—Essas "Ele pode realmente querer ficar comigo? Posso agradá-lo? Pode me agradar?" — o próximo passo foi unir o corpo dela contra o seu. Ele baixou a face para tocar a dela, apertando sua têmpora com o polegar, segurando-a enquanto dava um beijo em sua face. — "Vai me machucar?"

—Você vai me machucar?

Ele pegou o lóbulo de sua orelha entre os dentes e o mordiscou levemente.

—Nunca, Seli.

O aroma do desejo feminino brincou com seus sentidos. Igual ao aroma do medo.

—Por que eu deveria acreditar em você?

—Porque isso é o que seu coração lhe diz.

—Meu coração nunca soube o que dizia.

Estava tão zangada que ele não pôde reprimir um sorriso. Sua tensão passou

completamente.

—Porque estava empenhada em dizer a ele o que tinha que fazer em vez de deixar que ele a guiasse.

—E, segundo você, meu coração estava tentando me guiar até você.

Ele colocou a mão em seu ombro e a puxou para ele.

—Segundo você, não?

Silêncio.

—Eu fiz uma pergunta a você.

—Isso não significa que eu tenho que responder.

Um "sim" se colocou na ponta de sua língua, mas o engoliu. Se Teri precisava pensar que tinha opções, então, ele queria ser a mais viável. Para ele, era inconcebível que alguém pudesse resistir a um vínculo, mas os humanos não pensavam como os lobos e, nesta vida, já tinha visto que a percepção era tudo, merda, houve batalhas que ele deveria ter perdido assim que começou nisto e as ganhou simplesmente por acreditar que o opositor dele não podia derrotar um Protetor. Olhou nos olhos verdes de Teri. Não os separou dos seus. Os humanos têm uma capacidade de fé infinita.

—Bom, chega. Então, o que você achava?

Viu como os músculos de sua garganta se moviam ao engolir a saliva. A energia dela se separou da sua. Uma sombra correu pela superfície de seus olhos.

—Que ia fazer tudo certo.

E que ia ser recompensada por isso. Isso não era necessário dizer. Nenhuma mulher lutaria tanto por um lugar no mundo se estivesse satisfeita.

—E o que é que você queria?

Ela ficou perplexa.

—Queria pertencer a algum lugar, a alguém — as lágrimas se acumularam em seus olhos—, e também queria.... —meneou a cabeça. As lágrimas transbordaram. — Dá no mesmo.

Não dava no mesmo. Daire pressionou o polegar contra seu olho direito. A lágrima rolou pela superfície do dedo. A mente dela se expandiu através da dele deslizando com a mesma uniformidade, enchendo as lacunas com seu toque. Ele queria fechar os olhos e absorver a bênção de tê-la lá, mas não pôde. Ela

necessitava de sua força naquele momento de tanta vulnerabilidade.

—Queria que alguém pertencesse a você — terminou a frase em seu lugar.

Outra lágrima.

—Pensei que este seria o meu bebê.

—Quero que seja eu.

Ela levantou a mão e rodeou sua cintura. Com a outra, cobriu as cicatrizes do pescoço.

—"Quero"?

Como podia não saber disso ainda?

—Querer. Necessitar. Desejar. Ansiar. Desesperar.

Seu lábio inferior tremeu.

Amar?

A pergunta que nunca faria em voz alta escapou de sua vigilância. Ele avaliou seus sentimentos. Era amor? Sempre pensou que o amor era uma palavra ridícula dos humanos em comparação com o que era capaz de sentir um homem lobo. Mas as emoções que chegavam a ele por parte de Teri eram tão intensas quanto as de qualquer lobo.

—Não sei o que é isso.

Ela pestanejou para soltar outra lágrima.

—Se o tivesse sentido, saberia.

—Mas pode ser que eu não o defina do mesmo modo que você.

—Sempre é tão lógico?

—Sim, exceto...

Por mais que ela desejasse desviar os olhos, ela não o fez.

—Exceto o quê?

Ele baixou os dedos até sua nuca e a fez ficar nas pontas dos pés.

—Parece que não sou nada lógico quando se trata de você.

De repente se entusiasmou, procurou os olhos de Daire, tinha o corpo tenso. Necessitava de respostas. Ele não tinha certeza de ter as que ela necessitava.

—Como se sente quando está comigo?

—Como eu deveria me sentir.

A esperança que ela tinha nos olhos se desvaneceu ao expirar.

—Droga, Seli — rosnou entre os dentes. — Diga-me o que precisa ouvir.

—Nada — respondeu ela sussurrando. — Não quero ouvir nada.

Ele gostaria de sacudi-la por semelhante mentira. Ele podia perceber a necessidade dela, o desejo desesperado.

—Se soubesse o que é, diria a você que a amo.

—Obrigado.

Notou que ela se afastava. Ele não permitiria isso. Não quando, durante um momento, estiveram tão perto. Puxando-a para ele, colocou a boca sobre a dela porque sabia que os hormônios de sua saliva devolveriam sua paixão e que, através daquele desejo, voltaria a ter acesso a ela.

Ela voltou a empurrar seu peito com as mãos. Ele intensificou o beijo. Ela gemeu. O aroma de seu desejo aumentou, mas sua mente não tocou a dele.

Ele deixou que corresse uma lufada de ar entre ambos.

—Não se separe de mim. Despeje sua ira contra mim, mas não se afaste.

Ela tomou seu rosto nas mãos. Suaves e delicadas. Mãos que continham seu mundo sem sequer saber. Ele pegou uma e a levou a boca para dar um intenso beijo em sua palma.

—Isso me assusta muito.

—O quê?

Ele apertou seus dedos.

—Que tenha meu mundo nas mãos, apesar de se preocupar com palavras insignificantes como "amor", quando já demonstrei a você que não há nada que eu na faça por você, que não há nada mais importante para mim que seu bem-estar.

Ela o olhou com o cenho franzido. Acariciou a parte de fora de sua panturrilha com a dela.

—Ah, é?

—Vinculei minha vida à sua — colocou a palma da mão sobre a marca, com aquele momento vivo na lembrança. Puro potencial. Pura emoção. Pura perfeição. Não o trocaria por nada. — Minha alma à sua, nesta vida e na outra. Estamos ligados.

Um calafrio gelado a percorreu.

—Heather disse que você morrerá quando eu morrer. E vice-versa.

—Sim.

—Mas você se vinculou a mim quando eu estava morrendo.

Ele colocou a mão por debaixo de sua camisola. A curva de suas costas o convidou a continuar.

—Sim.

—Porque não teve escolha?

—Porque, depois de sentir o toque de sua energia e de ver seu rosto, não poderia voltar a ficar sem nada.

Era uma declaração dos fatos que qualquer homem lobo teria entendido. A fêmea era a luz, a esperança, um presente de Deus. A coisa mais preciosa. Teri reagiu como se ele tivesse acabado de lhe dar um prêmio. Sua energia se elevou acima da dele e, sua mente, confiou na dele. Tinha o aroma salpicado de excitação.

—Você me amou.

Ele a levantou. Ela colocou as pernas ao redor de sua cintura. Sua virilha apertou a protuberância de seu sexo. Ele grunhiu de frustração quando a saia longa de sua camisola se enredou entre eles interpondo-se. Era muito o que o separava dela.

—Esperei você durante séculos.

Ela sorriu e acariciou seus cabelos. A sensação no couro cabeludo só acrescentou excitação à situação.

—Você é velho.

Acaso isso importava?

—Estou mais perto do fim de minha vida que do começo.

Ela beijou seu queixo. A escuridão que o assediava se iluminou.

—Não é mais que um ancião.

—Sim.

Ela sorriu.

—Temos que trabalhar isso de você levar tudo tão a sério. Estava brincando.

—Eu não. Tenho menos tempo para oferecer a você do que Garret pode oferecer a Sarah Anne.

—De qualquer forma, eu só me referia aos próximos sessenta anos.

Ele roçou suas pálpebras com os lábios. Provavelmente, poderia dar a ela outros cento e cinquenta.

—Então, pode ser que não a decepcione.

—Acho mais provável que o decepcionado seja você. Não sabia como eu era.

—Mas sabia como ia me sentir ao seu lado. Sabia que nunca mais estaria sozinho. Não há nada mais bonito para mim que você.

—E quando me conheceu?

—Você era muito mais do que sempre sonhei que seria meu.

E estive a ponto de perdê-la naquele momento. Não havia outra palavra que descrevesse a dor daquele momento que não fosse angústia. Ele a levou para a poltrona que havia em um canto do quarto e se sentaram. Precisava abraçá-la forte para erradicar a lembrança da sensação dela escorregando para a escuridão onde ele não podia lhe olhar...

—Daire!

Ele estremeceu ao sentir o ofego dela junto ao ouvido. Estava abraçando-a com muita força.

—Sinto muito.

Ela passou os braços ao redor de seu pescoço.

—Está tudo bem.

—Eu me deixei levar.

Porque a amava, Teri se deu conta ao ler sua mente. Não era um sentimento que Daire tivesse conquistado pouco a pouco. Era o equivalente ao amor à primeira vista, algo em que ele acreditava. Mas mais. Muito mais. Ela estava em sua mente quando ele recordou a primeira vez que viu seu rosto. Ela pôde sentir como ele tinha se impressionado e maravilhado. O desespero que sentiu ao perceber as condições em que ela se encontrava. A ferocidade da luta para salvar sua vida.

Minha alma à sua, nesta vida e na outra. Estamos vinculados.

Aquelas palavras, pronunciadas em um grunhido rouco, extravasaram de suas lembranças, carregadas de emoção. Elas eram a única referência clara que

tinha no meio do caos daquela noite. A marca em seu ombro ardia ainda mais, como se absorvesse a energia da emoção dele. Ele a tocou.

—Você morreria realmente se eu morresse?

—Sim.

—E, se você morrer, eu morro.

—Sim. Sinto muito.

Ela desprezou suas desculpas. Não tinha que lamentar nada. Nunca esteve tão preparada para morrer como estava agora. Ele havia devolvido sua vida.

—E não há outra saída?

—Quer outra saída?

Sempre fazia o mesmo. Respondia a suas perguntas com outra pergunta.

—Não sei — Daire tinha muito de admirável, mas havia um pequeno detalhe que ela não conseguia passar por cima. — Eu não gosto de não ter sido eu quem tomou a decisão.

—Você a tomou sim.

—Quando?

—Quando minha energia tocou a sua, poderia ter me expulsado ou a ter soltado depois.

—E se tivesse feito isso?

—Teria morrido.

Ele disse isso sem nenhuma inflexão na voz, apesar da repulsão instintiva que transcendia de sua energia.

—Você não podia forçar-me a permanecer?

—A vontade de viver é um instinto primitivo. Muito individual para ser capaz de forçá-lo — afastou seus cabelos do rosto e deixou as pontas dos dedos em sua mandíbula. — A única coisa que pude fazer foi tentar persuadir você de que tinha algo pelo que viver.

Por ele. O preço que pagou por sua vida foi um futuro ao seu lado. Atraente e sedutor, Daire, com uma vontade de ferro, com uma essência de honra que saia de sua alma, com uma capacidade de amar que era tão intensa quanto Teri poderia ter desejado. E ele afirmava que tudo isso era dela.

—Só para que conste, desconcerta-me que você possa entrar e sair de minha

mente à vontade.

—Eu sei.

Outra vez aquela declaração de fatos tão branda.

—Dá-me inveja que possa estar tão seguro sobre nós.

Isso deu um alívio a ele. Talvez fosse mesquinharia de sua parte, mas gostava de poder fazer algo que derrubasse sua confiança.

Ela começou a desabotoar sua camisa.

—É muito injusto e me faz sentir que estou perdendo algo.

—Os homens lobo nascem sabendo que podem reconhecer imediatamente suas fêmeas.

—A história principal — o terceiro botão estava dando trabalho a ela —, não sou uma mulher lobo.

—Já tinha percebido.

Ela já imaginava. E imaginava que, uma vez que nasceu contando com isso, fez muitos planos a respeito do que ia fazer quando encontrasse sua fêmea, teria imaginado cenas apaixonadas todas terminando em um final feliz em estilo lupino. E, certamente, ela não estava à altura de nenhuma delas.

O botão não cedeu.

—Toda esta questão de encontrar sua fêmea não saiu como você tinha imaginado, não é verdade?

Ele sorriu resignado.

—Pensei que ia ser mais fácil.

Ela manuseou o botão como que para arrancá-lo.

—Isso é porque quer controlar tudo.

Da forma, já familiar, que tinha de aquecê-la de dentro para fora, passou os dedos por sua nuca e apertou. Que maneira tão sexy de reclamar seu beijo. Que homem tão sexy e ponto.

—Eu também acho você sexy.

Mas seu sorriso estava um pouco trêmulo. O que estava contemplando lhe dava medo.

—É um bom começo, não é?

Ele procurou os olhos dela, mas por delicadeza, não indagou em sua mente.

Ela apreciou esse pormenor.

—O que quer dizer, Seli?

Ela respirou fundo para recuperar-se. O botão saltou para sua mão. Ela o prendeu entre os dedos sem ter certeza se era um bom ou mau sinal.

—Estou dizendo que eu gostaria de começar por aí e ver aonde nos leva.

Capítulo 11

Teri conteve a respiração. Daire não. Ele sorriu enquanto a expressão de seu rosto se suavizava. A ternura se apoderou de seu toque ao tirar sua mão da marca e substituí-la por seus lábios. O calor banhou seu corpo até deixá-la envolta em chamas.

—Obrigado.

—Por quê? —conseguiu dizer.

O sorriso dele se estendeu por sua pele.

—Por me dar a oportunidade que você necessita.

Ele deslizou os lábios para baixo. O pulso dela disparou. Parou de respirar. Um ruído destruiu seu reflexo de responder "de nada" enquanto seu peito arfava de antecipação.

—Não vai se arrepender.

—Por favor — arqueou as costas, oferecendo os seios a ele, oferecendo-lhe tudo. — Por favor, não faça eu me arrepender.

Fechou os lábios sobre o mamilo trêmulo, apertou...

—Daire!

—Estou aqui.

No momento. Aquele pensamento devolveu a sua mente o legado do passado, no qual ela nunca tinha sido desejada para sempre.

A pressão cedeu. O ar fresco banhou sua pele quando o sutiã foi rasgado quando ele passou sua garra.

Para sempre.

A correção foi imediata. Ela o observou enquanto abria sua blusa, deixando

que a força da gravidade ditasse a velocidade da descida. Aquelas garras mortais arranharam sua pele enquanto afastavam as delicadas alças para um lado. Normalmente, ficaria aterrorizada. Mas não estava. Que Daire a tocasse era excitante, maravilhoso, diferente de qualquer outra coisa que tinha experimentado. Tocava-a com uma reverência que ia muito além da paixão, mas a paixão vinha imediatamente depois. Fechou os olhos e deixou-o fazer, absorvendo a maravilha daquela conexão, a perfeição da boca que se fechava sobre seu mamilo. Quente. Úmida. Ardente.

—Oh.

A risada de Daire vibrou sobre suas terminações nervosas, que estavam extremamente excitadas, enquanto ela se reclinava.

—Sim, dê-me isso.

Ela não podia deixar de dar. Qualquer coisa que quisesse. Nenhum amante a fez sentir-se assim antes. Como se fosse a mulher mais desejada do mundo. A única mulher que podia saciar sua paixão. A única mulher que queria.

—Você é.

Uma volta de língua ao redor do mamilo turgido a sacudiu para frente. Ele estava preparado para ela, levando para sua boca mais uma parte de seu seio. Acariciando a extraordinária firmeza com a mão enquanto chupava com força. Um raio atravessou sua coluna vertebral, e ela soltou um grito, contorcendo-se para soltar-se. Aquilo era demais.

—Não se afaste — grunhiu ele.

Aquela vibração tão grave a excitou ainda mais. Tudo nele era excitante, o roçar de seus cabelos em sua pele, a fragrância viciadora de seu aroma natural, o sabor de seus beijos. Ah, seus beijos. Puxando os cabelos de Daire, Teri o obrigou a jogar a cabeça para trás. Estava a um leve passo de ter a boca dele sobre a sua. Tinha um gosto tão bom. Como uma especiaria exótica feita exatamente para ela.

—Seli.

Outro grunhido de advertência a excitou ainda mais. Apertou-se contra a cadeira pela necessidade de ficar mais perto dele. Bateu os joelhos no respaldo. Puxou os cabelos dele outra vez, agora por frustração.

Ele baixou na cadeira até que a teve montada sobre seu membro. Mesmo através dos jeans, era impressionante. Ela gemeu e se balançou sobre ele. Ele gemeu e apertou para cima.

—Você me quer Teri?

—Sim, Deus, sim.

Tinha espasmos em sua vagina e o útero contraído. Precisava ter cada centímetro daquele enorme membro cravado profundamente nela. E, quanto mais a beijava, mais o necessitava. Mais o queria. Merda adorava seus beijos.

—Então, tome-me.

Ele subiu um pouco e o volume de seu sexo apertou seu clitóris. Ela gritou e apertou para baixo porque precisava estar ainda mais perto.

—Meu — a exigência apareceu do nada. Primitiva, possessiva e faminta. Tão pouco própria dela, mas tão correta.

Daire era dela. Toda sua vida esperou que aparecesse e, agora ali, a espera tinha terminado.

—Sempre.

Sim. Sempre foi dela, mas ela não soube entender. Mas agora estava muito claro, envolvida em sua energia, com as mentes enlaçadas. O corpo dele se apertava contra o dela através das camadas de roupa. A roupa. Ela baixou a mão e abriu o zíper de sua calça. Ele deu um salto e riu, mordendo seus lábios com os dele.

—Cuidado.

Ela observou que ele não se afastou.

—Tomarei cuidado.

Ela ia ter que sair de seu colo para poder libertar seu membro. Ao puxar, ele se levantou ligeiramente e o jeans caiu. Olhando para suas botas, decidiu que assim bastava. Não podia esperar que tirasse as botas para tocá-lo.

Seu membro era bonito. Longo e grosso. Ela passou a língua pelos lábios. Talvez, muito grosso. Lembranças desagradáveis a invadiram. A dor da violação. A devastação.

Não, merda, não, pensou Daire. Capturando o rosto de Teri entre suas mãos, pela primeira vez desde que Teri tinha recuperado os sentidos, ele se apoderou

de sua mente e anulou suas lembranças.

—Nos estamos sozinhos, neném.

Ele olhou a seu redor. Estavam em uma cadeira e isso, sem dúvida, estava trazendo lembranças a ela. Mal conseguiu manter-se concentrado o suficiente para levá-la até a cama. Tirou a bota direita com um chute, e depois, a esquerda. Colocou-a de pé junto à cama e segurou-a com sua mente enquanto tirava as calças. Diminuiu a sujeição mental e pegou Teri nos braços. Ela mordeu o lábio e se aconchegou contra seu peito. Quando a deitou na cama, ela ainda estava com as mãos em seus ombros e as deixou escorregar até seu peito. Ele ficou sobre ela antes que caíssem sobre a cama.

—Não há ninguém além de nós, neném, e você é linda.

Ela separou muito os dedos.

—É só que você é muito grande.

Afastou seus cabelos do rosto.

—E você não pôde evitar recordar.

—Sim.

—Nunca ninguém vai voltar a ameaçar você.

—Isso você não pode saber.

Podia sim, porque, assim que os Carmichael estivessem sob controle, ia caçar.

—Confie em mim.

Observava-o com olhos enormes. Colocou os lábios entre os dentes e fez uma pausa que indicava que estava pensando em suas coisas. Ele se aproveitou da vantagem que tinha.

—Só esta noite. Doze horas, isso é tudo. Só tem que confiar em mim durante doze horas.

—E depois, o quê?

—E depois poderá decidir se quer ir ou ficar.

—Está me dando uma opção?

—Sim.

—Por quê?

—Porque tem razão. Todas as mulheres devem ter uma opção.

—E o que acontecerá se eu quiser ir?

Colocando a mão por debaixo de sua camisola, agarrou-a pelo quadril. Era tão delicada comparada a ele... Tinha dado a ela sua palavra de que lhe daria a oportunidade de deixá-lo. Devia se consultar com um especialista.

—Se chegar a acontecer, então veremos o que acontece.

—Mas não acredita que chegue a acontecer.

—Não — subiu sua camisola por cima de sua cabeça. — Tenho fé.

—No quê?

Conseguia ver sua vulva, o rosa do interior dos lábios desdobrando-se como um convite lascivo.

—No seu bom senso.

—Acredita que o sexo vai me prender.

Era aguda como uma tachinha. Sorriu e pegou seu tornozelo para afastar sua perna para um lado melhorando a panorâmica. Sentiu um formigamento na língua enquanto subia por seu corpo. Beijou-a com força e lhe disse:

—Exatamente.

Ao baixar, deteve-se nos seios e beijou uma das firmes cúpulas e depois a outra antes de levar a boca até os seios que ambos formavam para inalar seu aroma profundamente. Embriagado de prazer ordenou a ela:

—Então, relaxe e desfrute.

—É uma ordem?

Desceu para seu ventre dando mordidinhas e beijando-a. Riu com a amostra de irritação.

—É obvio.

O beijo seguinte aterrissou em seu púbis. Ela se arqueou.

—Deveria me rebelar por princípio.

—Deveria.

A fenda o chamava. Ele averiguou levemente com a língua. O interior dos lábios era suave como a seda, temperado com seus fluidos. Uma delícia. Ela gemeu e ofegou antes de sujeitar seus cabelos com os dedos. Outro convite. Ele não hesitou, acomodou-se para saboreá-la primeiro um pouco, lambendo suavemente as dobras delicadas até que ela começou a puxá-lo para ela, em vez de tentar afastar-se. Na lambida seguinte, encontrou o clitóris. Duro e

excitado, aceitava suas carícias com um toque de alegria. Teri gritou. Ele se dispôs a desfrutar, segurando suas nádegas com as mãos enquanto a levantava para seu próprio deleite, apaixonado pelo sabor que tinha na língua, pelo aroma que tinha no nariz e pelos gritos nos ouvidos. A tensão das coxas de Teri lhe indicava que já estava perto. Deixou-a suspensa no fio do desejo, repousando a língua contra o clitóris desesperado enquanto ela estremecia e se retorcia, trabalhando em excesso para conseguir a pressão necessária.

—Daire, por favor.

Era o que ele esteve esperando durante tanto tempo. Fechou os lábios ao redor daquele botão tenro, mordeu-o e puxou-o para fora, sacudiu a cabeça para que a tensão se propagasse por meio das vibrações, mordeu mais forte quando ela gritou, e chupou e lambeu quando ela gozou, prolongando o momento até que com um gemido ela caiu de costas sobre a cama. Suas coxas tremiam.

Seu membro ia explodir.

—Eu adoro dar isso a você.

Seu "o quê?" foi uma sombra do que tinha sido a veemência de antes. Não era mais que uma metade ao lado dele e isso a fazia sentir-se bem. Ele queria envolvê-la em uma nuvem de prazer quando a possuísse. Era melhor fazê-la se concentrar mais no prazer que ele acabou de lhe dá que no passado.

Ele plantou as mãos sobre o colchão, uma de cada lado de seu corpo e confessou:

—Eu adoro fazer você gozar. Faz sons muito doces.

—Oh, Deus!

Ela cobriu o rosto com as mãos.

Tinha os mamilos vermelhos como framboesas, muito tentadores para ignorá-los. O direito recebeu a primeira dentada. O esquerdo, a segunda. Enquanto ela acalmava a ardência com as mãos, beijou sua boca.

—É uma mulher muito sexy, Teri.

Seus lábios foram abertos pela pressão dos dele.

—Tenho que corresponder a você.

Gostou dessa ideia, que cada um alimentasse os desejos do outro.

—Muito bem.

Ele se moveu entre as pernas dela. O membro caiu enérgico e faminto sobre seus clitóris. Ele a observava atentamente, tentando identificar alguma rejeição. Em vez disso, sentiu a explosão de pura luxúria que a atravessava. Fez amor com ela com pequenos movimentos, bem centrado, deixando que os fluídos amenizassem o atrito, aumentando gradualmente a intensidade até que ela cravou os calcanhares no colchão e arqueou as costas.

—Daire, por favor, necessito de você.

Ele também necessitava dele. Precisava ter seu membro dentro de seu corpo, precisava sentir que sua vagina o segurava firmemente enquanto seus testículos doloridos davam o que ambos necessitavam. Acabar com a incerteza.

Colocou o membro contra seu clitóris, esfregou-o de cima a baixo como ela lhe ordenou.

—Passe o braço por cima de mim, Teri.

Assim que ela fez isso, ele foi para trás, deixando seu membro deslizasse pelo canal escorregadio até que se introduziu em sua vagina. Tão quente e tão úmida. Não ia durar muito. Substituindo seu membro pelo polegar, esfregou seu clitóris em círculos lentos enquanto pressionava para dentro, separando os músculos tenros. Fez isso devagar porque ela tinha razão, ele era muito grande, e também muito grosso e ela não ia tomá-lo como se nada tivesse acontecido. Ela se retorceu e gritou. Ele empurrou e esfregou. Os músculos cederam e ele a penetrou. Ele notou a onda do impacto que a atravessou ao abrir os músculos sobre a cabeça de seu membro. Sentiu a dentada da dor que acompanhava o prazer dela. Cravou as garras no colchão enquanto sua necessidade de empurra com força e possuí-la se inflamava.

—Calma.

—É muito grande.

—E você vai desfrutar de cada centímetro.

Ela sacudiu a cabeça. Ele não sabia se maldizendo seu tamanho ou sua própria capacidade de receber o prazer que ele queria lhe dar. No fim das contas, não importava. Estava além de poder parar. Tinha os testículos cheios, sua paciência desapareceu. Era dele. Somente dele.

Ele empurrou para dentro. O sexo dela abraçou seu membro como um punho de veludo tenso pelo impacto de seus sentidos, levando-a mais para dentro do torvelinho da paixão.

Mais. A ordem, feminina e contundente, foi até o seu desejo.

Sim, ele também necessitava de mais. Saiu e voltou a empurrar para dentro, ganhando outro centímetro, outro grito. A ardência dos arranhões que Teri estava dando em suas costas o pôs a cem, empurrão após empurrão, cada vez mais profundo, cada vez mais forte, em busca daquele ponto perfeito onde se fundiriam. Teri subiu sobre ele para cravar os dentes em seu ombro. A dor passou pelo fino limite da luxúria, dirigindo-se à medula e de repente, ali estava. Agarrou Teri pelos quadris e fez que se arqueasse. Cravou-se nela, esfregando a virilha contra a dela até que o teve por completo, e gemeu até que o clímax dela explodiu através de sua mente e de seu corpo. O canal de Teri se contraiu, banhando seu sexo de cima a baixo, tirando dele a semente em uma explosão enlouquecedora que, deixou-o mentalmente exausto, mas fisicamente, preparado para voltar a começar.

Movendo-se suavemente, Daire saiu, envolvido no prazer de ambos. Beijou seus olhos, o nariz, o queixo e, finalmente, a boca antes de perguntar a ela:

—Acredita que pode chegar a querer ficar?

A pálpebra direita dela se abriu com esforço. Ele chegou a ver o brilho em sua íris. Deus, como estava bonita com os lábios inchados e os olhos cheios de paixão.

—Pode ser.

—Droga, mulher, o que tenho que fazer para convencer você?

—Repetir o que acabou de fazer?

A paz o invadiu.

—Acredito que posso me encarregar disso.

Ela abriu o outro olho. Tinha a ternura incorporada a expressão de seu rosto.

—E talvez mais de uma vez.

—Confunde-me com o Super-Homem.

Ela tomou seu rosto entre as mãos, acariciando suas maçãs do rosto com os polegares.

—Então, eu acho que você terá que trabalhar mais a resistência.

—Quanto tempo me dá?

—O que você acha dos próximos sessenta anos? —passou a panturrilha pela coxa dele. — E então renegociaremos.

—Renegociar.

Ela deu de ombros.

—Se for necessário.

Sua respiração ficou presa nos pulmões.

—Mas o que está dizendo?

Ela colocou os polegares nos cantos de sua boca imitando as carícias prévias ao beijo que lhe tinha feito.

—Quer que eu soleire isso para você?

Ele girou a cabeça, apanhando seus polegares com os dentes. Sim, queria. Aquilo era muito importante para deixar ao acaso.

—Sim.

Apertou sua nuca com os dedos, trazendo a boca dele para a sua, o coração dele para o seu. Durante o resto de sua vida, Daire recordaria a aparência que ela tinha naquele momento em que marcou sua alma com quatro palavras.

—Eu já me decidi.

Curran

Capítulo 1

Ele estava lá fora.

O sobre-humano¹⁰ aquele que frustrou suas táticas evasivas com a suavidade

¹⁰ Sobre-humano – superior as forças humanas ou a natureza do homem; sobrenatural. (Aurélio)

que uma faca quente corta a manteiga. Aquele que seguiu seu rastro com uma determinação incansável. Aquele que os perseguia e os defendia não ia desistir.

Rachel pegou Josiah e o colocou atrás das caixas no canto do pequeno armazém onde tinham se escondido. Era um beco sem saída, não havia onde esconder-se. Ele nunca a teria encontrado se ela não tivesse adormecido. Mas estava muito cansada e estava tendo sonhos muito vívidos que retratavam aquele momento inevitável com uma sucessão de acontecimentos em staccato¹¹, sem deixá-la discernir se era algo bom ou ruim, sem a deixar ver o final, só sabia que ele vinha. Rachel ficou olhando para a porta, sentindo a energia daquele estranho tão tangível como todo o resto. Sabia que estava lá. Estava jogando com eles. O jogo diabólico do gato e do rato. Ela se enfiou no espaço que restou atrás das caixas.

Josiah a olhou com olhos brilhantes. Assim que sua visão noturna foi acionada, em resposta à escuridão, pôde ver o estresse refletido em seu rostinho e o modo como seus lábios tremiam, mas não chorou. Ela colocou a mão em cima de seu ombro e sorriu para ele com uma confiança que ela mesma não era capaz de sentir. Por mais absurdo que parecesse pensar que se esconder atrás de algumas caixas em um canto de um armazém poderia despistar a quem quer que fosse que os esteve seguindo durante as últimas duas semanas, tinha que tentar. Não podia ceder Josiah para ele sem lutar.

—Tudo vai ficar bem — disse a ele em um sussurro.

Josiah apertou os lábios e assentiu.

Ela queria começar a gritar ali mesmo. Ele acreditava nela, confiava nela e ela não podia decepcioná-lo. Não conseguia afastar os olhos da porta, observava o trinco com uma fascinação mórbida à espera do menor ruído que indicasse para ela que ele tinha a mão em cima, que tinha chegado o momento. Ela odiava o dom que tinha: em parte profético e, em parte, um tortura. O sonho da noite anterior tinha revelado a ela que chegaria naquele beco sem saída. E revelou que quem ia aparecer na porta era grande, maior do que qualquer coisa que ela tivesse visto até então. Mas não revelou a ela se era

¹¹ Staccato – usado na forma de execução musical e serve para marcar a separação entre as notas. Sinal que indica esta forma de execução.

bom ou se era ruim. Simplesmente, sabia que, quando aquela porta se abrisse, nada jamais voltaria a ser o mesmo.

Josiah abriu a boca. Ela colocou a mão sobre seus lábios, selando qualquer sussurro. Ela ouviu ou, talvez sentiu, um passo do outro lado da porta. Quem quer que fosse que os perseguia, não era um Renegado. Dos Renegados foi fácil esquivar-se. Este homem era algo mais e isso realmente a assustava. A maçaneta da porta fez barulho quando ele a girou para ver se estava fechada de chave. Estava fechada. Ela a fechou assim que entrou. Aproximou-se mais de Josiah para fazer que virasse um pouquinho o rosto.

Ele fez isso.

Ela se inclinou e colocou os lábios em seu ouvido.

—Se eu disser a você que corra — sussurrou para ele —, corra e não olhe para trás.

Os olhos do menino a impressionaram na escuridão, enormes e aterrorizados. Cinco anos eram muito poucos para o fardo que carregava sobre os ombros. Mas tinha o instinto dos Protetores e, depois daquela amostra de terror, quadrou os ombros. E lhe disse sem voz:

—E você?

Ela sacudiu a cabeça e voltou a pôr os lábios no ouvido dele.

—Não se preocupe comigo. Corra — disse a ele em um tom de voz ligeiramente mais alto que um sussurro. — Encontre Haven. Viaje de dia e se esconda de noite.

A porta voltou a fazer ruído, desta vez mais forte.

Ela olhou ao seu redor. Em seu quadro habitual de ação, nunca teria escolhido um beco sem saída para descansar, mas o sonho a levou para lá. Sonhos que falavam de segurança até a noite anterior, durante a qual mudaram, mas já era muito tarde para reagir. Tornaram-se pesadelos. Isso vinha acontecendo cada vez com mais frequência ultimamente. Ela mordeu o lábio inferior ao dar-se conta da realidade. Seu dom estava fora do controle. Quando partiu para ficar com os humanos porque já não podia escondê-lo entre os lobos, era capaz de controlá-lo, mas a cada ano se tornava mais forte, chamava-a e a levava por caminhos pelos quais não queria ir, transformando-se em uma

maldição. Pensou, ao conhecer Sarah Anne, que estava onde devia estar. Mas aquela promessa também era falsa.

Rachel fechou os olhos para examinar o interior de sua mente, tentando encontrar algum resquício daquele sonho, procurando algum sinal que lhe indicasse que Josiah ia ficar bem, que seu instinto selvagem, nos poucos segundos que ela fosse capaz de fazê-lo ganhar, ia levá-lo a um porto seguro. Mas os sonhos não diziam nada porque não restava resquício algum. Não podia dizer o mesmo de seus instintos. Eles ouviram o grito de um lobo em apuros. Era inútil. Empurrou Josiah um pouco mais para o canto. Não. Não ia permitir que essa fosse a verdade. Quando chegasse o momento, pensaria em algo. Sempre pensava em algo.

Ouviu uma bota que se arrastava pelo chão e soube sem sombra de dúvida que quem quer que fosse que estava do outro lado da porta estava a ponto de abri-la com um pontapé, soube que o momento tinha chegado. Pegou a cabeça de Josiah entre as mãos, deu um suave apertão para não lhe dar um abraço, deu um beijo em sua têmpora e disse a ele:

—Eu o amo muito.

Desta vez tinha os olhos cheios de lágrimas.

Ela sacudiu a cabeça.

—É um Protetor, lembra-se.

Ele assentiu.

—E um Stone? — ele murmurou.

Falar naquele momento era uma estupidez, podia revelar sua posição no cômodo, mas com que coração ia mandá-lo para o mundo exterior sozinho, sem uma esperança.

—Também, Josiah Stone, Protetor da Manada Haven.

Na realidade, ela não estava segura de que a Manada fosse aceitá-lo. Um Protetor metade lobo e metade humano? Haveria preconceitos. Mas, se alguém com algum dom tocasse sua energia, saberia a verdade. No caso de Josiah, a mistura de sangue melhorou suas habilidades de Protetor, em vez de diluí-la ia crescer muito, ia crescer forte, ia crescer muito bem. Se o Alfa de Haven tivesse um pouco de bom senso, ia querer que essa força estivesse de seu lado.

Não queria que se convertesse em um Renegado, assim deu a ele a única coisa que pôde... sua própria Manada.

—Josiah Stone da Manada Haven — voltou a dizer a ele. — Lembre-se a quem tem que proteger.

Ele assentiu.

A porta se abriu com um golpe que a partiu.

Ela absorveu o sobressalto de Josiah com as palmas das mãos, agarrando-o fortemente com a pressão das mãos e com a força de vontade.

Não se mova, não se mova.

Não o fez. Ele a tinha ouvido ou não se atrevia nem a pestanejar? Olhando pela brecha que havia entre duas caixas, só conseguiu ver a porta e o que a estava atravessando. A imaginação a fez pensar nele como um monstro, mas era um homem quem entrava pela porta. Soube pela compleição de suas costas largas e quadris estreitos. E, a julgar pelo golpe que atirou a porta de metal pesado contra a parede, era um homem lobo. Com um pouco de sorte um Protetor e não um Renegado.

Meu Deus ajude-me a conseguir um pouco de tempo para Josiah.

O desespero elevou aquele pensamento a uma oração. A luz de fundo da entrada fez que sua visão noturna ficasse estranha, criando um efeito enquanto o homem dava um passo e depois outro para dentro. Quanto mais entrava no cômodo, menos a distraía a luz da entrada, deixando-a ver algo mais que sua silhueta. Deixando-a ver os músculos que preenchiam seu torso através da roupa. Se era um Protetor ou um Renegado, isso ela não podia saber. Não tinha magia. Não tinha força. Era uma mulher loba com um dom de bruxa. Para que isso lhe servia?

—Venham, saiam daí.

A voz do homem era profunda, era mais um rugido que uma entoação¹².

Aquela voz acariciou suas terminações nervosas. Devia sentir terror, mas sentia prazer. Ficou perplexa, Josiah sacudiu a cabeça e puxou sua mão.

Dentro de sua perplexidade, percebeu que estava de pé. Que demônios?

—Vocês me fizeram correr alegremente atrás de vocês, mas já não têm para onde fugir.

¹² Entoação – modulação da voz de quem fala ou recita; inflexão, entonação. (Aurélio)

Isso, ela já sabia. Mas isso não queria dizer que tinha que se dar por vencida sem lutar. E se a única resistência que podia oferecer era fazê-lo buscá-la, era isso era que ia fazer.

Ele deu mais dois passos para dentro do cômodo, saindo de seu campo de visão. O aroma dele chegou do outro lado das caixas. Masculino, agreste, com um toque de almíscar.

Uma vez mais, sua mente disse que corresse, mas o instinto disse que ficasse, que inspirasse outra vez, que inalasse um pouco mais, que o saboreasse. OH, Meu Deus. Esfregou a testa com a mão. Estava perdendo a sanidade. Muitos dias correndo e dormindo pouco. Tudo estava vindo em cima dela. Apoiou as mãos contra as caixas. Josiah fez o mesmo. Ela assentiu. Em um, dois, com um pouco de sorte, o estranho estaria exatamente do outro lado e as caixas, ao caírem, o distrairiam o tempo suficiente ou, mesmo, poderiam causar danos suficientes para que Josiah pudesse fugir. Em três.

Ela empurrou. Ele empurrou.

As pilhas de caixas pesavam mais do que ela tinha imaginado e se balançaram alertando ao estranho. Merda. Antes que pudesse pronunciar a maldição, as caixas se moveram para trás e se balançaram ameaçadoramente antes de mover-se para a parede. A mais alta bateu na parede e ficou suspensa. A do meio esmagou-se para dentro. Ouviram um ruído seco e toda a pilha desabou.

Rachel gritou, agarrou Josiah e o colocou debaixo dela, tentando evitar que fosse esmagado. Ouviram uma maldição e algo que se quebrava, e então, uma mão agarrou seu braço como se fosse uma pluma e a tirou de baixo do perigo, jogando-a para trás.

Ela esteve a ponto de cair para trás tentando alcançar Josiah, mas já tinha saído. A mão que a prendia lhe deu uma sacudida. Ela se deteve, mas durante um milésimo de segundo, a sala continuou em movimento. Ficou estupefata. Quando tudo voltou para seu lugar, ela estava no meio da sala suspensa pelo braço do estranho que a segurava com uma mão enquanto mantinha Josiah suspenso pela camisa a mais de meio metro do chão com a outra. O pequeno tinha os lábios jogados para trás porque estava rugindo, mostrando as presinhas

brancas como em sua visão noturna e tinha as garras estendidas, arranhando o braço do homem.

O estranho praguejou e depois, por mais incrível que fosse, riu.

—Vejo que você está com vontade de briga.

—Solte minha tia.

—Sim, espere um minuto.

—Agora!

Josiah deu outro arranhão nele. O cheiro de sangue fresco cobriu os aromas do suor e do medo. O estranho o sacudiu um pouco mais forte.

—Acalme-se.

Josiah não se acalmou de jeito nenhum. O estranho rugiu. Merda, Rachel percebeu que ele poderia matar o menino com um simples movimento de músculos.

Ela também estendeu as garras, reuniu forças e tentou acertar a garganta do homem. Ele a olhou nos olhos. A pequena sacudida de cabeça que ele deu a deixou paralisada no meio do ataque.

—Eu não faria isso.

Ela hesitou. O brilho de seus dentes na penumbra indicava que estava sorrindo outra vez, mas Rachel não conseguia ver o rosto dele, a iluminação era incerta, passando de escura a brilhante e fazia que sua visão noturna vacilasse e que sua visão diurna não fosse suficiente.

—Boa decisão — disse enquanto levantava Josiah, dava uma sacudida leve nele e praguejava ao mesmo tempo em que o menino rugia e voltava a cravar as garras nele — Se voltar a cravar as garras em mim, me verei forçado a deixá-lo cair.

Ela passou a língua pelos lábios. Deixá-lo cair ou matá-lo? Ela não podia correr o risco de que fosse o segundo. Guardou as garras. O homem assentiu satisfeito.

—Alegra-me saber que tem um pouco de bom senso — apontou com o queixo na direção de Josiah, sem afastar os olhos dela. — Agora, diga a ele que se acalme.

Ela passou a língua pelos lábios de novo.

—Pare Josiah.

Há momentos em que se pode lutar e momentos em que temos que nos render e, claramente, no momento tinham que se render.

Josiah parou.

O homem colocou Josiah de pé.

—Agora, não fuja.

O menino quadrou os ombros.

—Sou um Protetor — disse com toda a dignidade de um menino de cinco anos.

—Ótimo. Então sabe que não deve sair correndo deixando uma mulher só e desprotegida.

No meio da caçada ele ficava dando lições de protocolo? Rachel piscou e tentou acalmar suas pulsações.

—Quem é?

O estranho sorriu e avançou um passo para a escuridão da sala. A visão noturna dela se ativou mostrando claramente aquele rosto atraente e em perfeita simetria. Sua respiração ficou presa na garganta.

—Sou Curran Beck, o homem que enviaram para levá-los para casa.

Ela escapou de seus braços com a respiração congelada nos pulmões. Ela o reconheceu.

Capítulo 2

Rachel ficou olhando aquele rosto com a mente imersa em uma dança caótica dos sentidos. Em todos os sonhos que teve, bons ou ruins, tinha visto aquele rosto saindo da escuridão rindo, franzindo o cenho, banhado em sangue, limpo, sempre lá, nunca bom, nunca mau, simplesmente lá. Ela levantou a mão. Acaso estava alucinando? Acaso estava, mais uma vez, presa em um sonho tão vívido que não era capaz de distinguir o sonho da realidade? Levantou a mão, hesitando antes de tocar a face dele com os dedos, com medo de descobrir a verdade.

Cur estava observando-a, com o mesmo ar de espanto no rosto que ela tinha.

Ela sacudiu a cabeça e sussurrou:

—Vi você em meus sonhos.

Dizer isso era uma estupidez.

Ele pestanejou.

—E eram bons?

Ela tentou se lembrar, mas não encontrou nada. Só era capaz de reconhecer alguns vislumbres fugazes.

—Não foi... nada.

Ele sorriu com ironia.

—Lógico.

—Tia Rachel?

Ela ignorou Josiah porque precisava saber se ele era real. Aproximou os dedos os últimos centímetros e roçou sua barba, não era um sonho. Afastou a mão rapidamente ao sentir uma cãibra na ponta dos dedos. Fechou a mão em um punho.

—Quem é?

—Eu fui enviado para levá-los para Haven.

Estava mentindo. Sentia a mentira sob a pele. Ele agarrou o braço dela.

—Por que não se identificou antes?

Ele soltou seu braço e ela deu um passo para trás. Um puxão em sua camisa a obrigou a virar-se. Ele levantou as mãos. Na esquerda tinha a pistola dela.

Ela grunhiu para ele antes de adotar uma posição diferente, aumentando enormemente a distância entre Josiah e ele. Ele ficou olhando, mas não fez nenhum comentário.

—Nunca deixou que eu me aproximasse o suficiente e, francamente, não estávamos seguros de quais eram suas intenções.

—"Estávamos"?

—O Alfa de Haven e eu.

—Questionam minhas intenções?

—Senhorita, saiu voando depois de um ataque dos Renegados, não apareceu no lugar do encontro como estava previsto e, em vez disso, estive

correndo até agora pelo vale com um menino que não é seu. Não importa a forma que o olhe, isso é um sequestro.

—Pensei que tinha que me encontrar com Sarah Anne. Você a interceptou.

—Haven a interceptou. Voltou para a Manada.

Ele a fazia sentir-se uma imbecil.

—Como eu poderia saber?

Ele começou a afastar as caixas do caminho. Olhou-a pelo canto do olho enquanto tirava sua mochila de debaixo da pilha de caixas.

—Bom, assim que eu conseguir tirá-los daqui e que você esteja bem segura, deixarei você falar com ela por telefone.

—Como posso saber que não a forçarão a responder, que não vai dizer o que você quiser que diga? Como posso saber que não a aprisionaram?

Ele virou a cabeça para um lado como se estivesse escutando coisas que ela não podia ouvir. Suas narinas se abriram como se estivesse farejando coisas que ela não podia sentir o cheiro.

—Senhorita, nesse momento, as hipótese a respeito de uma ligação telefônica para a qual faltam pelo menos cinco horas, deveriam ser a última de suas preocupações.

Nesse mesmo instante, ela sentiu, a presença dos outros, dos Renegados. Pegou Josiah pela mão e o puxou para ela.

—Faça algo.

Cur sorriu e disse:

—Já estou fazendo.

Não estava fazendo nada, além de ficar ali de pé com um ar asquerosamente arrogante e uma mecha de cabelo que caía por sua testa lhe dava um ar despreocupado quando ela sabia perfeitamente que era um predador da cabeça aos pés.

—É um Protetor. Tem que nos proteger.

Para sua surpresa, ele alcançou sua mochila antes de repetir:

—Já estou fazendo.

—O que é que está fazendo?

—Estou esperando.

—O quê?

Ouviram uma forte explosão que sacudiu o edifício e fez que as caixas balançassem. Ele agarrou Josiah e a ela e os jogou contra a parede antes de cobri-los com seu próprio corpo. Tinha as costas largas o suficiente para que ambos pudessem se proteger. Assim, tão perto, seu cheiro era inconfundível. Ela o inalou profundamente, uma e outra vez até que pedacinhos de cimento e outras coisas começaram a chover em cima deles.

OH, Meu deus. Aquilo era uma loucura. O edifício ia desabar e a única coisa que tinha na cabeça era o quanto aquele homem cheirava bem. Pela última vez, voltou a perguntar com uma sensação ruim crescendo dentro do peito.

—Quem é?

Cur baixou a cabeça e a suavidade de seus lábios se apertou contra seu ouvido. Um grunhido reverberou em suas mãos.

—Sou seu macho.

Capítulo 3

Seu macho. Durante um minuto, Rachel não foi capaz de fazer nada a não ser ficar ali de pé, atônita ante a revelação, Josiah puxou sua mão.

—Ele disse que nos temos que nos agachar.

Ela olhou ao seu redor. Cur tinha saído e Josiah estava ficando histérico. Ela o acompanhou de volta para esconder-se detrás das caixas.

Rachel sacudiu a cabeça. Tinha que tomar uma decisão. Confiar em um estranho que afirmava ser seu macho ou arriscar-se a sair correndo. O ruído que vinha da entrada era feroz. Ouviram grunhidos e gritos de agonia. A entrada era o único caminho para fora. Para sair, teria que fazer Josiah passar pela frente de Cur e dos Renegados.

Josiah voltou a puxar sua mão. Ela ficou de joelhos ao seu lado atrás das caixas, puxando-o para que ficasse mais perto. Sentia como o coração dele pulsava dentro do peito quando ele recostou a cabecinha sobre seu ombro.

Estava cansado. Ela estava cansada também. Não iriam conseguir. A única opção que restava era esperar que Cur houvesse dito a verdade. Que seu plano fosse levá-los para Haven. Ouviram um estrondo na entrada e, depois, só o silêncio.

—Acabou — sussurrou Josiah.

—Acredito que sim.

—Será que nosso homem ganhou?

Ela esperava, Por Deus, que sim. Levou a mão para as costas em busca da pistola, sem lembrar-se que ele a tinha tirado. Merda. Apesar de a munição ter acabado há dias, ainda servia para dar golpes com ela. Suas presas doíam. Tinha os músculos preparados, duros como pedras e as garras estendidas. Ela foi silenciosamente para a esquerda, afastando-se de Josiah. Qualquer ataque que ela tentasse seria prejudicado pelas caixas, mas era a melhor solução.

Passos quase inaudíveis vinham da entrada. Ao seu lado, Josiah grunhiu. Ela levou um dedo aos lábios. Com os lábios ainda jogados para trás, ele assentiu. Ela respirou fundo e reteve o ar. O medo e a raiva disputavam pelo controle dentro dela. Queria correr. Queria matar. E, mais do que qualquer outra coisa, queria que tudo aquilo terminasse.

—Não há perigo. Podem sair.

Aquele grunhido grave era inconfundível. Rachel se sentou contra a parede. Tudo tinha acabado. Cur tinha vencido. Sua respiração escapou em um ofego agitado. Levou uma mão, tão agitada quanto sua respiração, à testa para colocar os cabelos para trás. O pé dele bateu em sua mão.

—Você lhes deu o seu?

O Protetor não pareceu se incomodar com a pergunta, sedenta de sangue, de Josiah. Ficou dentro do campo de visão dela assim que Josiah chegou até onde ele estava. Revolveu os cabelos do menino.

—Os Renegados não têm nada que fazer diante de um Protetor.

Josiah se endireitou e enfiou o polegar no peito.

—Eu sou um Protetor.

Será que ele percebia a excepcional insegurança que havia por trás de semelhante fanfarronice? Ela ficou de pé. Não tinha com que se preocupar.

Cur assentiu como se já soubesse disso antes, o que era verdade já que era a segunda vez que Josiah mencionava isso.

—Já disse isso antes.

Era a primeira vez que Josiah tinha a oportunidade de dizer isso fora de casa, com a necessidade de aceitação própria de uma criança de cinco anos, pressionou um pouco mais.

—Você acredita em mim?

O homem assentiu.

—Já faz tempo que eu venho seguindo você e sua tia e vi como você a protege bem.

Josiah franziu a testa.

—Se você fizer mal a minha tia, eu mato você.

Apesar da ferocidade daquelas palavras nas que, Rachel não tinha dúvidas, o menino acreditava, seu coração não era assim. Cur pareceu compreendê-lo. Merda. Ela não queria gostar dele.

—Entendi — deixou a mão cair para um lado. — Não foi só a maneira de proteger sua tia que me deu a pista. Você tem uma forma de se comportar que os Protetores sabem reconhecer.

Josiah inclinou-se sobre uma caixa que tinha em sua frente, obviamente tentando conseguir ver o massacre da entrada.

—Você matou todos eles?

—Sim.

Breve e conciso. Abrindo passagem a chutes, Rachel pegou Josiah antes que ele conseguisse ver o que havia na entrada por si mesmo. Há certas coisas que uma criança de cinco anos não precisa ver e uma delas era o massacre que os Protetores deixavam atrás deles quando se excediam. E ela não tinha a menor dúvida de que, certamente, ele tinha acabado de se exceder. A prova estava no brilho vermelho que ainda tinha nos olhos e a presença do lobo que marcava os traços de seu rosto. E estava na energia que radiava nos músculos tensos, no ar ameaçador que ainda tinha. Dizia-se que os Protetores híbridos eram muito instáveis depois das brigas.

Ela inspirou com o ar o cheiro da pólvora, do pó, dos escombros e do sangue,

tudo junto em uma mistura confusa. E, mesmo assim, apesar de tudo, ainda conseguiu identificar o cheiro dele. Tranquilizava-a quando não deveria estar tranquila.

—Obrigado por nos ajudar.

Ela deu outro passo para trás, mas, desta vez, para a esquerda. Sua meta, a porta. Muito tarde, percebeu que teria sido melhor se simplesmente saísse correndo com Josiah que pegar Josiah e ter que puxá-lo de volta. Preocupando-se com a sensibilidade do menino, tinha deixado escapar a chance. Sempre cometia erros como esse, mas, claro, não era uma guerreira, não era uma Protetora, não era mais que uma mulher com um dom que, se fosse descoberto, serviria para que a expulsassem da Manada.

—Tia Rachel?

—Cale-se, Josiah. —virou-se para Curran. — Você vem de Haven realmente?

—Sim.

Ela observou seus olhos cor mel que, embora não fossem os de um puro sangue, eram de um Protetor. Ela não sabia se devia se tranquilizar ou ter um ataque de pânico. Todo mundo sabia que os híbridos eram instáveis. Mas os Protetores híbridos eram os piores, especialmente quando se encontravam pela primeira vez com suas fêmeas. Era como se suas emoções humanas frequentemente ultrapassassem ou alimentassem a possessividade própria dos homens lobo. Todas as mulheres que ela sabia que tinham sido assassinadas por seus machos, e não eram muitas, tinham em comum o fato de seus machos terem sangue humano.

—Não é um puro sangue.

—Não — ele disse e levantou uma sobrancelha. — Vai ter algum problema com isso?

Nenhum que fosse expressar em voz alta.

—Não — estendeu a mão para ele. — Sou Rachel Dern.

Ele pegou sua mão, mas não a apertou. Olhando-a nos olhos, levou-a aos lábios e roçou as costas de sua mão com os dentes. Antes de conseguir soltar-se, Rachel sentiu o toque de sua língua. A eletricidade disparou por seu braço e se alojou em seu peito, esmiuçando sua respiração em uma série de ofegos em

staccato¹³.

Ele sorriu.

—Prazer em conhecê-la.

Ela notou que Josiah estava os observando, muito jovem para entender toda aquela tensão, mas sentindo-a. Ela limpou a mão na coxa e se concentrou em continuar respirando normalmente. O formigamento não parou e, no estado alterado em que estava, observou várias coisas a respeito de Cur, entre elas, o quanto estava bonito com os cabelos castanhos escuros salpicados de reflexos mais claros que caíam por sua testa, as expressões transitórias de seu rosto e aquele sorriso perpétuo, irritante e muito picante que parecia flutuar acima de seus lábios.

Ela deu outro passo para esquerda. A porta estava tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe.

—Não vai conseguir — o olhar de Rachel fustigou Cur. —Eu a alcançaria antes que conseguisse dar cinco passos.

Ela olhou para as coxas dele. Mesmo através dos jeans, os músculos eram evidentes. E, considerando que nem sequer respirava com dificuldade depois de ter derrotado seis Renegados, o mais provável era que tivesse razão.

Mas tinha que tentar. Josiah estava sob sua responsabilidade e não tinha mais que a palavra de Cur de que vinha de Haven. A única coisa que sabia com certeza era que ele esteve seguindo-a desde que fugiram da caverna, pisando em seus calcanhares quando os outros não tinham resistido, até que chegou aquele ponto, naquele momento.

Ela passou a língua pelos lábios ao recordar da sensação com a qual despertou naquela manhã de que, quando a porta se abrisse, seu mundo ia mudar completamente.

Voltou a olhar para Cur, vendo-o como a um homem que estava na flor da vida. Seu útero se contraiu e o pulso se acelerou. Macho. Desta vez, os sonhos não a tinham enganado. Nunca nada voltaria a ser o mesmo.

¹³ O **staccato** ou «destacado» — designa um tipo de fraseio ou de articulação no qual as notas e os motivos das frase musicais devem ser executadas com suspensões entre elas, ficando as notas com curta duração.

Capítulo 4

Cur observou o momento em que Rachel tornou-se ciente de que a fuga tinha terminado. Entrecerrou os olhos castanhos claros enquanto o cérebro ia a toda velocidade. Seus dentes morderam o lábio inferior deixando-o de um vermelho lascivo cheio de marcas brancas diminutas. Ele queria se curvar para puxar aqueles lábios e tirá-los de entre aqueles dentes com os seus, sugá-lo entre seus lábios, beijá-la, abraçá-la, conhecer a suavidade de seus cabelos, a suavidade de seu corpo e sentir os músculos delgados de suas pernas contra as dele.

Era uma loba. Deveria ter reconhecido sua reclamação formalmente, mas ela não tinha feito isso e ele não se iludiu o bastante para lhe perguntar o porquê. Ele era híbrido e o mais provável era que, em seu livro, o colocasse como um macho instável. Mas era a única opção que ela tinha e ia tomá-la querendo ou não.

—Pode demonstrar que é da Manada Haven? —perguntou ela.

—Além do fato de que, se eu mentisse para você, saberia?

—Sim.

—Bem, não.

Ela ficou atônita porque, aparentemente, aquele conceito nunca lhe tinha ocorrido. Provavelmente, era parte de sua total oposição pensar nele como macho. Sua próxima declaração confirmou isso.

—As leis do emparelhamento não se aplicam aos híbridos.

—Isso é um golpe baixo e você sabe. Não se aplicariam, para mim, se meus instintos humanos fossem mais fortes, mas entre nós, Rachel, não há humano algum, não há ambiguidade. Aqui somos todos lobos e, se eu quisesse beijá-la agora, você ia ficar sem argumentos em um abrir e fechar de olhos.

Ela deu um passo para trás como se tivesse se sentido ameaçada. Filho da puta.

Josiah se plantou diante dela mostrando as presas. Filho da puta. Até a adoração do menino por seu herói estava desaparecendo.

—Afastese, filhote, não vou fazer mal a sua tia.

O que Josiah fez foi separar mais as perninhas e estufar o peito. A única coisa

que Cur tinha que fazer para que o menino saísse voando era um simples gesto com a mão. O menino não pareceu se importar continuou o enfrentado. Cur teve que admirar aquela valentia temerária.

—Sua mãe me disse que é um menino muito valente.

A referência a sua mãe o afetou minimamente.

Cur tentou pressionar por aí um pouco mais.

—Está muito preocupada com você.

Rachel bufou e puxou Josiah para trás.

—Não acredite nele. Está mentindo.

—Está mentindo? —perguntou Josiah.

Cur não teve escolha a não ser rir diante de semelhante ironia.

—Sim, estou mentindo. Na realidade, não falei com sua mãe. Falei com seu macho.

Rachel ficou estupefata.

—Sarah Anne não tem macho.

—Sim, ela tem e ele é meu melhor amigo, Garret.

—Ele também é híbrido?

Bem, já era o suficiente.

—Olhe, é o que ele é e é um bom homem. Um Protetor. E já estive a ponto de morrer duas vezes para protegê-la. Assim da próxima vez que disser seu nome, e melhor que não haja sarcasmo em seu tom de voz.

Ela teve a delicadeza de mostrar-se envergonhada.

Josiah estava entre ambos, olhando para os dois sem saber o que fazer.

Não tinham tempo para essas coisas. Cur soltou Rachel, jogou os cabelos para trás com uma mão e, com a outra, apontou para a porta.

—Temos que nos pôr em marcha. Estes seis vinham na frente, mas atrás vem mais.

Rachel suspirou cansada.

—Atrás sempre vem mais.

Ele assentiu.

—Sim, e parece que vocês são a presa.

—Por quê?

Admirava que ainda estivesse recolhendo informações, não que ainda fosse encontrar uma chance de sair correndo. Ela não ia poder correr, mas ele ia dar toda informação que ela precisasse para se manter viva.

—Porque assim podem fazer pressão.

—Para quê? —Josiah formulou a pergunta que Rachel tinha na ponta da língua.

Megan. A resposta lhe veio à mente, mas não a pronunciou. O terror que uma criança pequena pode chegar a sentir deve ter um limite. E, fosse ou não um Protetor, o garoto simplesmente parecia jovem demais para assimilar o conceito de que sua irmã, não só tinha um dom e era diferente, mas também, além disso, era o alvo daqueles caçadores.

Rachel o olhou nos olhos e sacudiu muito levemente a cabeça. Ele não sabia se ela era consciente do motivo ou se apenas suspeitava, vendo-o hesitar, que não era algo que devesse dizer-se em voz alta. Mas não disse nada e se limitou a deixar que Rachel enchesse o vazio da conversa com:

—Alguns homens estão zangados comigo e penso que estão vindo atrás de mim.

Havia muitos homens que estavam zangados com ela. Durante suas patrulhas em torno dos acampamentos dos Renegados, Cur, frequentemente, tinha ouvido os gritos de frustração por uma mulher ter podido enganá-los por tanto tempo. Era o ego que estava em jogo. A vingança era a solução planejada.

—Sim, eles estão zangados.

E havia uma coisa que ele queria saber tanto quanto eles.

—Agora, por que não me conta como fez aquilo?

Capítulo 5

Ela nunca iria falar sobre isso. Um homem lobo meio humano que estava tentando se encaixar no Mundo dos Lobos, não ia querer para ele uma fêmea que era mais bruxa que loba. Depois do que Cur tinha lhe revelado, não podia,

de forma alguma, correr o risco dele não os ajudar e, de forma alguma, podia permitir que ele partisse sozinho com Josiah. Além disso, ela nem sequer estava convencida de que ele viesse de Haven. Era muita coincidência que sua melhor amiga agora fosse a mulher de seu melhor amigo e que, agora, ela fosse a dele. As coisas ocorrem em grande velocidade no Mundo dos Lobos, mas aquilo foi mesmo muito rápido para que ela pudesse acreditar.

—Não tenho nem ideia do que você quer dizer.

Cur assentiu e virou Josiah para poder abrir a mochila e verificar o estado das poucas provisões e das ferramentas de sobrevivência.

—Se alguém perguntar a você por mim, isso é exatamente o que quero que responda — virou Josiah outra vez, passou as mãos por debaixo dos braços dele e o jogou nos ombros. — Mas, se eu voltar a perguntar algo a você, espero que me diga a verdade — deu uma palmada em seu traseiro. — Vamos indo.

Levar Josiah nos braços foi uma decisão sábia. Assim tinha certeza de que ela teria que segui-los. Rachel rangeu os dentes e o seguiu.

—Aonde vamos?

—Já havia dito isso, para Haven.

—Minha mãe está me esperando lá?

Cur apertou sua coxa.

—Sim, ela está lá.

—E tia Teri e minha irmã Megan?

—Sim, e também, muitas outras pessoas que desejam conhecer você.

—E há mais crianças?

—Acho que há outra família que vai chegar há qualquer momento.

—São meninos ou meninas?

Rachel revirou os olhos. Josiah estava determinado a ter um companheiro de brincadeiras que fosse um menino.

—Na verdade eu não sei — respondeu Cur—, mas imagino que você vai se divertir com eles, tanto se forem meninos quanto se forem meninas.

—Acredito que sim.

Cur, sem virar-se completamente, olhou para Rachel por cima do ombro. Ela não queria corresponder ao seu sorriso, mas era difícil resistir. Aquele homem tinha

um certo encanto apesar de ser muito irritante. Talvez até chegasse a gostar dele se ele não a tivesse reclamando como fêmea. Mas a estava reclamando e ela queria desfrutar de rejeitá-lo um pouquinho mais, apesar de seus próprios instintos reconhecessem a reclamação.

Cur levantou a mão ao chegar à entrada. O fedor de sangue, ali, era muito mais forte. Parou para descer Josiah dos ombros e passá-lo para Rachel. Ela o acomodou sobre um quadril. Josiah abriu a boca para protestar. Ela meneou a cabeça. Uma coisa que Josiah tinha aprendido ao longo dos últimos dias era ficar caladinho. E foi isso o que ele fez.

—Temos companhia — Cur articulou com os lábios silenciosamente.

Rachel deixou cair a testa sobre a de Josiah. Deus santo. Quando aquilo tudo ia acabar? Estava cansada de correr, estava cansada de ter medo, também.

Durante alguns minutos muito tensos, ficaram ali de pé. Rachel se esforçou. Mal conseguia distinguir os sons dos passos. Cur era apenas meio lobo. Como era possível que ele os houvesse ouvido? Após um minuto, Cur sussurrou:

—Feche os olhos, Josiah, e não os abra até que eu mandar.

—Por quê?

—Porque eu estou dizendo — foi a resposta áspera.

E não havia mais o que acrescentar. Rachel apoiou o rosto de Josiah contra seu ombro.

—Faça o que ele disse.

Nesse momento, Cur era a melhor chance que tinham de sair daquilo com vida.

Cur a olhou com aprovação.

—Você tem o estômago sensível?

Ela sacudiu a cabeça. Ele torceu a boca.

—Bem, se você vê que vai vomitar, vomite, mas não pare.

Ela voltou a assentir. Assim que dobraram a esquina, Rachel soube por que ele havia dito para Josiah que fechasse os olhos e por que tinha perguntado a ela se tinha o estômago sensível. A entrada parecia uma zona de guerra das que saíam nas notícias com todas as vísceras espalhadas pelo chão. Havia corpos despedaçados emergindo dos escombros e, ao passar cuidadosamente entre os

pedaços, sem perceber, colocou um pé em uma poça de sangue e seu estômago se revirou. Nunca tinha presenciado a violência, assim, tão de perto. Ela cresceu sendo a filha mimada de um casal que havia se emparelhado já em idade avançada. Eles a amavam incondicionalmente, apesar de suas peculiaridades. Tinham a abrigado e protegido e, quando morreram, deixaram-na deploravelmente indefesa dentro de uma Manada que não era tolerante com a maldição que eles a fizeram acreditar que era um dom. E o dom havia se tornado mais forte.

Ela deu outro passo e o fedor enjoativo do sangue anulou todos outros aromas. Respirou e voltou a tomar fôlego. Cada vez mais enjoada.

—Tia Rachel.

—Não está acontecendo nada.

Cur olhou para trás.

—Continuem.

Como se ela não estivesse tentando. Fez uma careta para ele pelas costas, Josiah soltou uma risadinha.

—Acredito que você não deveria estar olhando — sussurrou Rachel.

—Só estou olhando para você.

—Pois pare de me olhar — voltou a cobrir o rosto dele.

Mais adiante, havia outra pilha de escombros com vigas destroçadas e blocos de cimento quebrados. Ia ser difícil passar.

—Tinha que fazer voar todo o edifício? — perguntou a Cur quando ele se virou para esperá-los.

—Eu gosto de fazer as coisas em grande estilo.

Disso, ela tinha certeza. Equilibrando-se sobre um bloco de cimento quebrado, cambaleou. Imediatamente, tinha sob seu cotovelo a mão dele e, imediatamente, as faíscas subiram por seu braço abraçando suas terminações nervosas com uma grande porção de prazer.

Quem é?

Sou seu macho.

Deus santo, talvez fosse verdade. Que diabos acreditava que devia fazer a respeito?

—Pois, da próxima vez, tente fazer as coisas em menor escala.

Ele não riu. Apenas a observou. Ela devolveu seu olhar, farta de sentir-se como um inseto em seu microscópio.

—Mais adiante, a coisa fica um pouco pior.

—Tudo bem.

Não ia ser fácil de qualquer maneira. Ela deixou que ele a guiasse através dos destroços, ficou para trás quando ele soltou sua mão e disse a si mesma que não devia perder o contato. Olhou atentamente onde ele colocava o pé enquanto desciam. Quando os tênis que usava nos pés tocaram o chão de cimento, levantou os olhos.

A coisa fica um pouco pior. Ela pensou que se referia ao caminho, não aos detalhes visuais da batalha. À primeira vista, viu tudo. Não havia mais que corpos, sangue e vísceras.

—Merda.

Josiah sacudiu a cabeça.

—O que está acontecendo?

Ela voltou a cobri-la.

—Nada.

—Que cheiro é esse?

Ela olhou para Cur. Ele deu de ombros.

—A fossa séptica, que está entupida.

—O que é uma fossa séptica?

—O lugar imenso onde vai parar o que sai da privada ao puxar a corrente.

—Que nojo!

Era um nojo. Ela passou entre os corpos que, de fato, eram apenas três. A primeira impressão que teve do sangue e carnificina foi muito precisa, mas, agora que via mais de perto e podia ver bem os corpos, aqueles homens não eram delicados. Eram homens lobo na flor da vida. E Cur os derrotou. Sozinho. Observou-o detalhadamente. Ele não tinha nenhum ferimento grave. Aquela era uma façanha que um homem lobo puro sangue teria conseguido fazer, mas, para um híbrido, era algo impressionante.

Alcançaria você antes que conseguisse dar cinco passos.

A ameaça ganhou um novo significado.

—O que estamos fazendo, Josiah? —sussurrou.

Josiah se aconchegou contra ela e deu um suspiro de cansaço.

—Estamos indo para casa.

Capítulo 6

—Está nos levando para casa? —perguntou Rachel a Cur mais tarde naquela noite, quando Josiah já tinha dormido em uma das camas de casal do quarto de hotel que Cur alugou pagando com dinheiro. Não que fosse nada do outro mundo, mas era melhor que a rua e era melhor que o chão duro e estar deitada naquela cama era como ter o céu debaixo. Cur parou de olhar pela janela.

—Estou levando vocês para Haven.

—Não parece que isso o deixa muito feliz.

—É que não me deixa feliz.

—Por quê?

—Porque, além de Sarah Anne e Teri, não há ninguém lá que não pense que você sequestrou o menino.

—Por que eu ia fazer uma coisa dessas?

—É disso que vamos ter que falar.

—Você estava me perseguindo.

Em seus sonhos ele também estava perseguindo-a. Ele dizia que a ameaça se aproximava. A única coisa que sabia fazer diante de semelhante tipo de informação era correr.

—Isso, no início, poderia acontecer por uma boa razão, mas eu sei que você viu como Daire e eu nos desfizemos daquele primeiro grupo de Renegados.

—O fato de matarem os que estavam nos perseguindo não os transformava nos bons. Só os fazia parecerem uma ameaça ainda maior.

Ela esperava que ele parecesse surpreso e não mais relaxado. Cur baixou a cortina.

—Eu posso imaginar.

Ela tinha toda sua atenção. E isso era exatamente o que ela não queria.

—Mas não faz sentido. Sabia que Haven vinha buscá-los. Sabia que nós éramos de Haven.

—Isso era o que eu sabia. Mas nem por isso tinha que ser verdade.

E isso não tinha sossegado a voz interior que lhe dizia que corresse. É obvio, parar de correr em um armazém de uma fábrica abandonada não fazia mais sentido, mas ali era aonde a tinham levado seus sonhos. E onde a tinham abandonado apenas com a companhia da sensação de que o inevitável estava por vir.

—Não, não era.

Ele desabotoou os punhos da camisa.

—O que está fazendo?

Ele tirou a camisa passando-a por cima da cabeça como resposta.

—Estou me preparando para ir para a cama.

—Não quer tomar banho?

Ele jogou a camisa sobre a cadeira.

—Por quê? Acaso quer que tomemos banho juntos?

—Claro que não.

Vendo a forma como aqueles ombros tão largos repousavam sobre aqueles peitorais tão desenvolvidos e aqueles abdominais, a ideia não era tão absurda. Era perfeitamente capaz de imaginar como a água caía por sua pele, como contornava o arbusto discreto dos pelos que ele tinha no peito, como seguia até o sinal que tinha debaixo daqueles tabletes de chocolate, como se juntava toda no desnível do umbigo antes de continuar descendo por aquele fio fino de pelos até... Afastou os olhos para longe da ereção considerável que pressionava a braguilha do jeans.

—Mudou de opinião?

—Não.

Aquele sorriso teria tentado uma Santa a cometer um assassinato.

—Então, acho que me contento com a lavagem que me dei no banheiro.

Ela apertou os dedos dentro dos punhos.

—Já é grandinho. Pode tomar banho sozinho.

—Mas não seria tão divertido quanto tomar banho com minha mulher.

—Pare de dizer isso.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Ainda tem esperança de que não seja verdade?

—Sim.

Ele não alterou o sorriso que tinha no rosto.

—Pois boa sorte.

—Não há nada que afete você?

—Os amendoins.

—Como?

Ele deu de ombros.

—Sou alérgico aos amendoins. Definitivamente, afetam-me.

Isso tinha que vir de sua metade humana.

—E o que acontece quando come amendoins?

—Morro um pouquinho.

—Meu Deus!

—Não é uma experiência agradável, mas não precisa se preocupar — soltou uma risadinha. — Logo me recupero.

Isso, da metade lupina. Ela se dirigiu à mesinha de cabeceira onde havia uma caderneta de hotel meio usada.

—O que vai fazer?

Ela mostrou os dentes para ele.

—A lista de compras.

Mostrou-a. Só havia uma coisa escrita: amendoins.

Ele deu uma gargalhada que fez que Josiah resmungasse e se virasse.

—Baixe a voz — sussurrou ela para ele.

—Pois não me falte com o respeito.

Sentia uma necessidade imensa de dizer a ele que o respeitaria quando ele ganhasse esse respeito, mas a verdade era que ele já o tinha ganho. O que a irritava ainda mais.

—Ande, vá tomar banho.

—Já falamos disso.

Era verdade e não estava disposta a voltar a imaginá-lo.

—Então vá para a cama.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Você gosta muito de dar ordens.

—Acho que economiza meu tempo.

—Que interessante.

—O quê?

Ele sorriu com aquele sorriso tão irritante.

—Isso.

Ele levou a mão à braguilha. Ela retrocedeu um passo e se obrigou a não baixar os olhos.

—O que está fazendo?

—Estou me preparando para ir para a cama.

—Pare com isso, não é necessário despir-se!

—É a primeira vez em duas semanas que vou dormir em uma cama. Estou ficando confortável.

Ela deu as costas para aquela imagem tentadora.

—E o que acontecerá se os Renegados nos encontrarem?

—Esta noite eles não vão nos encontrar. Vão procurar nos bosques e cavernas que há para o Oeste, suponho que porque seu padrão de comportamento não tem sido o de frequentar hotéis. Isso deve nos dar uma noite de descanso.

Algo caiu no chão fazendo um barulhinho seco. O jeans? Era perfeitamente capaz de imaginar o aspecto que tinha vestindo apenas a roupa íntima. Costas largas, quadris estreitos e músculos fortes perfeitamente esculpidos, feitos para as mãos de uma mulher.

Minha mulher.

Suas mãos. Rachel passou a língua pelos lábios. Usaria boxers ou slip?

—Bem, pelo menos, deixe a roupa íntima, Josiah costuma se levantar à noite.

Ele riu.

—Por favor, me diga que usa roupa íntima.

—Sabe, tão bem quanto eu, que não posso mentir para minha mulher.

Acaso estava nu ali, de pé? Apertando os punhos com força, Rachel contou até dez, desejando que seu pulso se acalmasse que seu desejo diminuísse e que a incrível necessidade que tinha de virar-se e comê-lo com os olhos morresse.

—Por Deus.

—Venha para cama, Rachel.

Havia dito venha em vez de vá.

—Não vou dormir com você.

Ela esteve a ponto de mudar de pele como as serpentes quando ele passou as mãos por seus ombros. Como ele tinha conseguido chegar tão sigilosamente onde ela estava?

—Sim, você vai dormir comigo.

Não teve escolha se não se virar quando ele a apressou. Não teve escolha se não recostar seu corpo contra o dele quando ele a puxou. Não teve escolha se não levantar os olhos quando ele levantou seu queixo.

—Esta noite e todas as noites daqui em diante, vai dormir entre meus braços.

Aquele pensamento era aterrador. Ela sonhava à noite.

—Alguma vez ouviu falar de cortejo?

Outra vez aquele sorriso. Ele baixou a cabeça.

—O que a faz pensar que não a estou cortejando?

—Isto não é um cortejo.

—Ah, não?

—Não — os lábios dele estavam tão perto que ela podia sentir o calor que despediam.

—E o que é então?

Ela queria gemer, ficar nas pontas dos pés, tudo para não estar lá, suspensa pelo fio da lâmina da expectativa.

—É seduzir.

—Mmm...

Os dedos dele sob seu queixo pesavam sobre a pele como uma decisão pendente sobre a consciência. Por que não a beijava e ponto?

—Então, estou fazendo isso bem.

Ele estava fazendo muito bem. E ela tinha muito em jogo.

—Mas Josiah...

—Está dormido.

A sensação de que o inevitável estava chegando pesava sobre suas pálpebras, fazendo-a fechá-las. Tal sensação se tornou mais intensa quando preencheu a lacuna que havia produzido a falta de visão e se juntou à atração de seu cheiro, de seu toque e de sua energia.

—OH Deus.

—O quê?

Aquela sílaba sussurrada através dos lábios como um prelúdio do beijo era tudo o que ela precisava. O que desejava. O que ansiava. Não podia esperar mais.

—Maldito seja!

Ficando nas pontas dos pés, encaixou sua boca contra a dele. Um relâmpago percorreu seu corpo seguido de um sentimento de êxtase quando ele segurou seu traseiro e a puxou para ele.

—Já era hora — grunhiu ele.

—Sim.

Era o que ela esteve esperando toda a vida e, mesmo que não fosse durar, precisava saber como era ter a boca dele na sua, sentir o corpo dele contra o seu. Apertou-se contra seu membro, prendendo-o entre as pernas e seu gemido ecoou ao dele enquanto ele roçava o sexo contra seu clitóris. Maravilhoso. Passou os braços ao redor do pescoço dele e o puxou porque precisava estar mais próxima, precisava mais daquele fogo, daquela perfeição.

Quatro espetadas agudas ligeiramente dolorosas na nádega a alertaram de qual era a realidade daquele momento. Ele ia arrancar suas roupas. Um tremor a percorreu dos pés a cabeça. Sim!

Ela sacudiu a cabeça.

—Não.

Ele mordeu sua boca.

—Sim.

O tecido começou a ceder. Ele cravou suas garras na carne como forma de incentivo ardoroso. Ela voltou a estremecer. Ele voltou a morder sua boca,

cravando levemente as presas no lábio inferior enquanto o sugava. Ela cravou as garras em seus ombros e se agarrou a ele.

—Não tenho nada mais para vestir.

Seu corpo enorme se pressionou firmemente contra o dela.

—Merda.

Isso era exatamente o que ela pensava.

Ele tirou a mãos de sua nádega.

Ela gemeu com semelhante perda.

Ele a beijou com força.

—Sim.

A mão que estava segurando sua nádega deslizou ao redor de seu quadril. Ele se virou ligeiramente para poder pegar sua vulva. Com o polegar, retrocedeu sobre o clitóris que tinha encontrado através do jeans. Os joelhos dela falharam quando a ponta afiada de sua garra perfurou sua roupa.

—OH!

—Maldição — rosnou em seu ouvido—, quero fazer amor com você.

—Mas Josiah — ofegou ela.

—Eu sei, mas, caramba, eu tenho que fazer isto.

Isto era a pressão do dedo contra sua vulva ao mesmo tempo em que, com a garra, arranhava suavemente seu clitóris em uma sinfonia de prazer perfeita. Isto era o aumento volúvel da paixão. Isto era o roçar de seus dentes no pescoço, ombro e na curva que separava um do outro. Isto era o prazer que havia no toque do macho, era a mordida do macho...

O fogo se derramou em sua corrente sanguínea. Um grito saiu de sua garganta diante da dor deliciosa. A mão dele em sua nuca apertava seu rosto contra o ombro abafando o grito instintivo.

Quando ele passou a língua sobre a ferida ardeu como um clímax de fogo. Os seios, que haviam intumescido, doíam. Seu útero se contraiu. E seus joelhos falharam.

Cur riu, pegou-a nos braços e a embalou.

—Vai ser muito divertido ter você como mulher, doçura.

Enterrando o rosto no pescoço dele, ela murmurou:

—Se você rir de mim, Mato você.

O colchão cedeu sob o peso dela e se inclinou para a esquerda e depois para a direita quando ele se lançou em cima dela. Afastou os cabelos de seu rosto com suavidade antes de enterrar os dedos entre as mechas espessas. Deu um sorriso mais doce e mais amplo ao tomar consciência da ameaça.

—Vou levar isso em conta.

Capítulo 7

Havia muitas coisas que ele deveria levar em conta, incluído o fato da mulher que era sua fêmea não ser de confiança. Cur a observou enquanto ela ajudava Josiah a saltar um tronco. O pequeno cambaleou. Cur suspirou. O guri estava cansado. Rachel também. Uma noite de descanso não foi suficiente para compensar o fato de terem ficado duas semanas correndo, mas nenhum se rendia. Tinham coragem. E determinação. Ele admiraria os dois se não fosse porque a última estava empenhada em encontrar a melhor maneira de mandá-lo plantar batatas. Não entendia como Rachel, por um lado, reconhecia-o como macho e, por outro, planejava abandoná-lo, mas ela fazia isso. Talvez, sua mente sempre tivesse funcionado assim. Isso explicaria claramente seu comportamento imprevisível depois de sair da caverna. Josiah a olhou e sorriu para ela. Ela correspondeu ao sorriso e revolveu seus cabelos. Cur não podia acreditar. O que significava que devia haver outra razão. Uma que ela não havia contando a ele. Ele resmungou entre dentes. Ela podia contar tudo a ele.

—Ânimo que nos estamos ficando sem luz.

—Não entendo por que não viajamos à noite — disse Rachel pela terceira vez, separando a camisa do peito.

Cur admirou a forma como ela se adaptou a suas curvas quando a soltou.

—Vamos viajar à noite, mas — apontou para a colina—, quero chegar ao alto antes que escureça.

Rachel olhou para onde ele estava apontando.

—Lá em cima?

—Sim.

—Chegaríamos antes de carro.

—É que não há estrada — respondeu ele pela terceira vez.

—Então, com uma moto para trilhas.

—Tia Rachel odeia escalar.

—Josiah!

Ele levantou o queixo.

—Isso é o que mamãe diz.

Cur sorriu. O guri estava revelando todos seus segredos.

—Uma mulher lobo que não gosta de exercício? Que fraude!

Rachel ficou olhando-o.

—Que o engane é o menos grave que vai acontecer com você se não tirar esse sorrisinho.

—A única coisa que ela não gosta é de subir — disse Josiah apressando-se para mostrar-se preparado para subir com ele—, mas descer ela gosta.

—Então, teremos que encontrar alguma descida para ela.

Josiah olhou a expressão do rosto da tia.

—Vai ser o melhor.

O garoto tinha razão. Embora fosse muito divertido espetar Rachel, estava arruinando o caráter dela.

—Certamente, gostaria mais de subir se tivesse dormido mais.

—Tia Rachel nunca dorme.

—Por que não?

—Ela diz que é porque fala muito.

Que interessante.

—E o que você acha?

Outro olhar por cima do ombro para sua tia antes de sussurrar.

—Penso que ela tem medo dos duendes do sono.

—Dos duendes do sono?

—Fazem-na gritar.

—Como macho dela, vou ter que ajudá-la nisso.

—Concordo — Josiah deu um salto para manter o ritmo, olhou para baixo e depois para cima. — É verdade que minha mamãe tem um novo macho?

Cur diminuiu o passo.

—Sim.

—Ah.

Não era difícil perceber aonde o garoto queria chegar.

—Garret deseja conhecer você.

—Chama-se Garret?

Deram mais alguns passos.

—Não vai gostar de mim.

—Por que diz isso?

—Porque não sou seu filho.

—Muitos homens amam as crianças mesmo que não sejam seus filhos.

—Os lobos não.

Cur olhou para trás para ver Rachel. Acaso ela tinha envenenado a mente do garoto para que ele não quisesse voltar para casar.

—De onde tirou isso?

—De mamãe.

Merda.

—Sua mãe disse isso a você?

Josiah seguia seus passos com a cabeça baixa e estufando o peito.

—Às vezes escuto suas conversas.

Às escondidas teria sido o termo mais preciso.

—Bom, acredito que deveria esperar para ver o que acontece em vez de ficar imaginando coisas antes do tempo.

Não teve resposta durante cinco passos e depois:

—Se eu não gostar, vou viver com Tia Rachel.

Ah, esse era o cerne da questão. O garoto estava se considerando superior. Para o caso de acontecer algo. Cur torceu os lábios tentando reprimir um sorriso.

—Estou vendo.

Outra olhada rápida.

—E você não tem nada que dizer a respeito.

O guri voltou a baixar os olhos antes que ele pudesse lhe responder. Como estrategista, Josiah tinha potencial. Como homem lobo, tinha muito que aprender. No que dizia respeito a Rachel, Cur esperava ter a última palavra.

—Não tenha tanta certeza.

Josiah falava sério. Quando chegaram ao topo da colina, Rachel tinha o cenho franzido e resmungava em voz baixa, amaldiçoando a ele, a colina, depois, a ele outra vez. Cur estendeu a mão para ajudá-la a passar por uma poça. Ela afastou sua mão. Dos ombros de Cur onde estava subido, Josiah disse:

—Eu não disse?

—Sim, você me disse.

Sua irritação se acalmou observando como Rachel meneava o traseiro quando passou diante dele com passos largos. Tinha um traseiro muito bonito. Bem arredondado para o tamanho de Rachel, cheio sem exagero, o tamanho exato para que qualquer homem se sentisse tentado a pegá-lo. Cur apertou os dedos. E de apertá-lo. Definitivamente, de apertá-lo.

Ele parou ao chegar a uma rocha muito grande. Rachel seguiu adiante e aquele traseiro continuou meneando-se.

—Tia Rachel!

Rachel se virou quando Josiah gritou. Cur admirou a retaguarda de Rachel ao mesmo tempo em que descia Josiah das costas.

—Estamos aqui.

Ela parou diante dele.

—Onde é aqui?

Afastando a vegetação da rocha, descobriu a entrada de uma caverna. Dentro dela havia duas motos de trilhas.

—Não podia tê-las deixado ao pé da encosta?

—Não.

Era muito provável que os tivessem descoberto. E, quando montassem sobre elas, teriam começado a correr. O som dos motores teria se propagado e ainda os separava de casa o terreno dos Carmichael e os Renegados. Se estivesse sozinho, teria desfrutado do desafio. Carregado com sua mulher e um menino, a

única coisa que podia fazer era apertar os dentes.

—Sabe andar de moto?

Ele poderia ter economizado a saliva. Rachel estava na caverna trazendo de volta uma das motocicletas de cor vermelha brilhante. Colocou um capacete com ar de familiaridade.

—Sim.

Estendeu o capacete pequeno para Josiah. Ele o pôs com o mesmo ar de familiaridade.

—Sabe andar de moto.

Josiah sorriu.

—Meu pai era o melhor.

O pai do garoto havia morrido há dois anos.

—Espero que tenha herdado seus genes.

Com o entusiasmo próprio de uma criança, Josiah assentiu.

—Minha mamãe diz que sou igual a ele, e Tia Rachel diz que tenho a mesma coordenação que ele.

—Excelente, porque algumas das coisas mais difíceis que você vai enfrentar na vida, nos vamos encontrar amanhã.

Rachel parou para prender o capacete.

—Amanhã?

—Há cento e vinte quilômetros daqui até a Haven. O caminho mais curto é através do território dos Carmichael e, se você não sabe, estão um pouco chateados com Haven nesse momento.

—Por quê?

—Segundo eles, porque não gostam dos intrusos.

—E segundo você?

—Eu acredito que estão zangados porque seus melhores protetores abandonaram o navio para casar-se com humanas e formar uma nova Manada.

Ela tirou o capacete e sacudiu os cabelos.

—E por que vamos atravessar seu território?

—Só podemos levar certa quantidade de combustível e os Renegados não nos dão trégua. Querem Megan e vocês dois são a moeda de troca para obtê-

la.

—Sarah Anne nunca entregará Megan.

—Suponho que Garret também tem algo a dizer sobre isso, mas isso não vai impedir que os Renegados continuem tentando.

E, talvez, que o consigam.

Josiah estava na outra moto, examinando os arredores.

Rachel sussurrou:

—Mesmo que o capturassem, o que iriam ganhar? Nenhuma mãe trocaria um filho por outro.

—Não, mas qualquer mãe tentaria recuperá-lo e isso poderia dar a eles uma chance. E sempre é possível que eles acreditem que Josiah compartilha o dom de Megan.

Ainda com os olhos postos em Josiah, ela afastou os longos cabelos castanhos do rosto e tentou encobrir o rugido que estava lhe escapando com as mãos.

—Como odeio tudo isto.

Ele a fez virar-se e a abraçou, sentindo que havia passado toda uma vida desde a última vez que a teve entre os braços.

—Eu sei.

O fato de que não tomasse isso com ele era mais eloquente que aquilo de "odeio-o, odeio-o, odeio-o" que ela estava balbuciando.

Ele entrelaçou os dedos em seus cabelos e massageou seu couro cabeludo. Adoraria ter respostas melhores para lhe dar, mas a realidade era o que era.

—Haven é o princípio da mudança.

—Só se lhe permitirem subsistir.

—Subsistirá.

—Porque isso é o que você quer?

—Porque vamos lutar por isso. Posso ser um híbrido, Rachel, mas, quando se trata de lealdade, sou lobo por completo. Você não precisa se preocupar com isso.

—Como se isso me importasse.

Mmm.

—E, se isso não a importar, o que é que a importa?

Ela se apertou contra seu peito.

—Isso.

Ele não a soltou.

—Está mentindo para mim.

—Pode pensar o que quiser. Estou com fome, cansada e zangada. Em outras palavras, não estou com humor para que me faça mil perguntas.

Ele jogou sua cabeça para trás para ver a verdade em seu rosto. Sim ela estava. E, além disso, dependia dele para resolver todas as suas necessidades. Não só as sexuais. Cur se encheu de satisfação, porra, ele gostava de saber disso.

—Eu também estou com fome — Josiah saltou, retornado para onde eles estavam.

—Então, o melhor será começarmos a trabalhar. Josiah, volte a deixar o capacete sobre a moto. Rachel, volte a guardar a moto dentro da caverna.

—E o que você vai fazer?

Ele tirou a mochila dos ombros.

—Vou arrumar algo para o jantar.

—O que há para o jantar? —perguntou Josiah.

—Rosbife? —perguntou Rachel cheia de otimismo enquanto voltava a guardar a moto dentro da caverna.

—Com purê de batatas? —acrescentou Josiah enquanto pendurava o capacete no guidão.

—Com feijões verdes guisados?

—Eca!

Cur riu do gesto de repugnância de Josiah.

—Que tal uma espiga de milho?

Josiah voltou correndo.

—Tem espigas de milho?

Cur se sentiu quase culpado porque o garoto parecia muito animado. Passou para ele uma barrinha de cereais com frutas secas.

—Você pode comer isso como se fosse uma espiga de milho.

Josiah pegou a barrinha, olhou a figura da embalagem e suspirou.

—Pode ser.

Rachel estava terminando de cobrir a entrada da caverna.

—Agradeça.

O garoto murmurou um "agradecimento" e foi sentar em uma pedra que estava a uns três metros. Cur passou para Rachel uma barrinha. Ela a aceitou com a mesma falta de entusiasmo.

—Seu mundo gira em torno da comida. Várias vezes pensei que íamos ser capturados pelo seu constante desejo de comer.

—Pois não lhe teria feito mal pular uma refeição ou duas. A parada que fizeram naquela lanchonete suja esteve prestes a sair muito cara.

Se ele tivesse entrado em cena um minuto depois, o Renegado que pisava em seus calcanhares teria podido terminar a ligação que fez para relatar a posição.

—Eu sei, mas é que ele sente tanta fome...

Cur se lembrava de ter passado dias com o estômago roendo as costas sem que ninguém se importasse.

—Mas tampouco teria morrido de fome.

Ela virou a cabeça para um lado enquanto abria o pacote de seu jantar.

—Acho que eu deveria agradecer a você por não deixá-lo nos capturar.

—Não seria algo totalmente inapropriado.

Ela sorriu. O primeiro sorriso inteiro e verdadeiro que ele tinha visto. Encostou-se na pedra. O sorriso fez que seu rosto passasse de bonito a ter um encanto terrestre que o cativou até a medula. Encantava-o a maneira que o lado esquerdo de sua boca chegava um ponto mais acima que o direito, a maneira que deixava à mostra os dentes da frente da arcada inferior que eram ligeiramente tortos, o resplendor da mulher real escondida atrás da máscara.

—Obrigado.

—De nada.

Ela fez um gesto com a mão para ele.

—Você pode sentar-se, se quiser.

Ele continuou ali de pé, segurando a mochila, enquanto a olhava como um cachorrinho doente de amor, na agonia do primeiro amor. Averiguou o terreno com os sentidos. Não havia perigo. Deixou a mochila cair e se sentou ao seu lado

de modo que com o joelho tocava o dela. Ela se inclinou um pouquinho para um lado. Ele sorriu com a evasiva. Estava nervosa como um gato desde o beijo da noite anterior. Apesar da única coisa que ele fez depois disso foi dormir abraçado a ela a noite toda, parecia que ela estava esperando que ele se lançasse sobre ela. Era surpreendente, irritante e, enfim, um alvo tentador demais para resistir.

—Assim que terminar de jantar, eu vou fazer isso.

Ela o olhou cheia de desconfiança.

—O quê?

Ele apontou para ela com o queixo.

—Seduzir você.

Ela se engasgou com a barrinha de cereais. Ele se viu obrigado a bater em suas costas. Assim que ela conseguiu recuperar o fôlego, soltou:

—Você nunca fala a sério?

—Tenho meus momentos.

Por um segundo, ela olhou para ele com olhos brilhantes, rosto vermelho e depois gritou:

—Você realmente não quer dizer que eu gosto.

—Eu sei. Para mim é tão misteriosa quanto isso de que vamos passar a vida juntos.

O sorriso sumiu de seu rosto.

—Sim.

Qualquer dia destes, aquele sinal de interrogação que ela continuava colocando na união dos dois o faria perder a paciência.

—Pensa que porque sou híbrido não posso me vincular?

—De forma alguma — levou a boca o último pedaço do jantar e amassou a embalagem. Ele teve que esperar até que ela terminasse de mastigar para que continuasse falando e, quando o fez, não disse o que ele queria ouvir. — Sarah Anne está contente com seu macho?

—Garret diz isso.

—Garret é seu macho?

—Sim.

—Parece que ele é muito pretensioso.

—É um homem tão bom quanto qualquer um que possa chegar a conhecer.

—Tão bom quanto você? —perguntou levantando as sobrancelhas.

Ele considerou lhe contar a respeito de Teri, mas como não tinha certeza se ela continuava viva, achou melhor não.

—E melhor.

Isso lhe rendeu outra sobrancelha levantada.

—Se olhar no bolso da frente, verá que há chocolate.

—Chocolate?

—Sim — em dois segundos, tirou-o do bolso. Estava embrulhado em plástico, selado duas vezes para não deixar vestígios de cheiro. — Não rasgue as bolsas.

—Não sou tão tola.

—Nunca me pensei que fosse. É só que estou vendo que está um pouco apressada.

—Bom, é que é chocolate.

Ele riu enquanto Josiah vinha rapidamente.

—Tio Cur tem chocolate?

—Não o chame assim.

O garoto não disse nada, ao contrário da vontade de seus lábios beligerantes.

—tudo bem — disse Cur—, não me incomodo.

—Bom, pois a mim sim. Cur é um apelido horroroso.

—Foi meu apelido durante anos.

—Mas não é o nome que puseram em você ao nascer.

—Isso a incomoda?

—Sim.

Ele não sabia o que pensar a respeito. Não sabia se ficava feliz porque ela se preocupava com seus sentimentos ou se zangava por ela fazer um drama por causa de algo que ele já tinha aceitado há muito tempo. No final, optou por vê-lo do ponto de vista dela.

—Curran.

—Esse é seu nome?

—Sim.

Josiah o repetiu.

—Tio Curran — assentiu. — Isso soa melhor.

Merda, até o garoto estava contra ele.

—Como quiser.

Rachel estava vasculhando a mochila novamente.

—O que é isto?

Tirou um bote de manteiga de amendoim duplamente embrulhado.

—O que você acha que é?

—Manteiga de amendoim, a qual você me disse que é alérgico.

—E sou.

—Por que você a tem então?

—Tem sua utilidade.

Rachel abriu a bolsa.

—Olhe Josiah, parece que temos molho para molhar o chocolate.

O garoto apresentava sinais de admiração. Rachel olhou Cur nos olhos com ar de presunção e colocou os dedos no pote.

Ele amaldiçoou entre dentes e deu outra dentada na barrinha de cereal.

Arruinou os planos que tinha de beijar a insolência que emanava dela.

Capítulo 8

Algo estava errado.

Rachel continuou com os olhos fechados e se embebeu do silêncio que a rodeava dentro daquela caverninha. Sentia o cheiro do combustível das motos, da borracha das rodas, de Cur, de Josiah e de... outros! A mão de Cur cobriu sua boca. Os lábios roçaram sua orelha.

—Temos companhia.

Ela assentiu para fazê-lo saber que o tinha compreendido.

—Não tenha medo, mas quero que pegue Josiah e entre sigilosamente no buraco que está escondido no fundo da caverna. Aconteça o que acontecer,

fique lá.

—E você?

Ele colocou a mão na mochila.

—Não se preocupe comigo.

—Claro que me preocupo com você.

—Não estamos vinculados — ele se apoiou em um cotovelo para se levantar e tirou uma garrafa de uísque da mochila—, não tem nada a perder.

Só a ele.

—Essa é uma péssima observação.

—É a verdade. Agora, com muito sigilo, leve Josiah para aquele buraco.

Josiah assentiu assim que ela se aproximou. Ele tinha ouvido tudo. Às vezes, era arrepiante a facilidade com que o garoto aceitava o perigo. Ela sabia de fato que, exceto pela morte de seu pai e do ataque que Teri tinha sofrido, não tinha vivido situações de violência. Sarah Anne se encarregou disso, mas mesmo assim, quando enfrentava o perigo o fazia com uma calma arrepiante. Talvez, realmente, fosse um Protetor. Talvez todos fossem assim. Talvez Curran tivesse sido assim. Ela não sabia. Os Protetores eram identificados bem jovens e, assim que eram identificados, começavam a treiná-los. Não cresciam misturados com o restante da Manada. Não formavam vínculos. A lealdade dos Protetores era para a Manada em primeiro lugar. Todo o resto vinha depois e os criavam para garantir isso. Outra coisa que Sarah Anne não queria para seus filhos. Que Deus tivesse piedade de Haven se obrigasse Josiah a seguir a tradição. E que Deus tivesse piedade de Sarah Anne se Josiah decidisse que esse ia ser seu caminho. O garoto, com apenas cinco anos, tinha as coisas mais claras que muitos adultos.

Josiah se arrastou para fora do saco de dormir, pegou-a pela mão e a levou até o buraco. Curran ficou boquiaberto por ser Josiah quem a guiava e não o contrário, mas ela há muito tempo havia se acostumada a isso. Josiah protegia todas as mulheres de sua vida.

Curran pegou seu saco de dormir e o entregou a ela. Ela o jogou por cima de ambos dentro da cavidade diminuta na qual mal cabiam os dois e estremeceu ao ver que ele jogava álcool em cima. O fedor queimou suas fossas nasais sufocando todos os outros aromas. Ele colocou uma mão por detrás de sua nuca,

puxou-a para ele e a beijou forte e intensamente, passando a língua por entre seus dentes para roçá-la ao longo da sua. Antes que ela pudesse fazer outra coisa que ofegar pelo impacto, ele se inclinou para trás. Acariciou seus lábios com o polegar enquanto a olhava nos olhos. Ela esperava ver arrependimento e tristeza nos dele, mas em vez disso, viu... satisfação?

—Não deixe que ela faça ruído, Josiah, e não a deixe sair aconteça o que acontecer.

Pela forma como ele roçou seu braço com a cabeça, ela soube que Josiah estava assentindo. Em seguida, ele pegou sua mão.

—Vejo vocês dentro de algumas horas.

Horas? Acaso esperava que eles ficassem ali durante horas? Inclinou-se para fora.

—Curran.

Ele se afastou, jogando um pouco de uísque por cima dele, e pisoteou a área onde estava o saco de dormir de Josiah para apagar com os pés as pistas e qualquer outro indício de que ali tinha havido algo. O fedor do álcool escondia todo o resto. Era incrível que ele pensasse que fingir que estava bêbado ia servir de algo.

Com um gesto da mão, deu-lhe a entender que voltasse para dentro, Josiah puxou sua mão.

—Vai estragar seu plano.

Acaso Curran tinha um plano? Como diabos ele tinha um plano? O plano que ele tinha era sair no dia seguinte com as motos. Apesar disso, virou-se para se abrigar dentro da cavidade e fez uma careta ao se machucar na pedra mesmo através da roupa.

Ouviu um ruído. Um golpe seco seguido de outros mais suaves que soavam cada vez mais rápido até converter-se em uma vibração em sua cabeça. Sua respiração parou na garganta. Toda sua pessoa chamava Curran a gritos. Ela se impulsionou para sair. Umas mãozinhas a puxaram para trás. Josiah a olhou sacudindo a cabeça. Aqueles olhinhos tinham um brilho vermelho na escuridão. A pressão que estava fazendo contra seu quadril era incrivelmente forte, Josiah estava tirando o lobo de dentro, seguindo as ordens de Curran de fazer que ela

não saísse de lá. Não se importou. Curran estava em perigo.

Outros aromas se espalharam pela caverna. Masculinos. Homens lobos. Desconhecidos. Renegados. Muito tarde. Era muito tarde. Rachel agarrou Josiah e o apertou contra ela com um uivo silencioso de agonia que vinha de dentro, Josiah apertou sua mão.

—Mas o que temos aqui?

Ouviram-se alguns passos de botas sobre o chão de terra.

—Um lobo bêbado.

—Se estiver bêbado, tem que ser híbrido — disse outro.

—Claro que é híbrido — resmungou —, olhe seus cabelos. Nenhum lobo tem os cabelos dessa cor.

Houve uma pausa. Mais passos entraram na caverna. Quantos estavam lá agora? Sete? Oito?

—Bem, de quem se trata?

—Pode ser um dos vira-latas de Haven.

—Porra, que fedor e esse aqui.

—Levante-se.

Ouviu-se o barulho de algo duro batendo em algo macio.

—Será que esse idiota foi capaz de beber até cair morto?

—Se assim for, peço as motos.

Voltou a ouvir o ruído seco da traição.

—Não é uma merda.

—Verifique seu pulso.

Curran. Temia que estivessem falando de Curran. Ela conteve a respiração. Ao ouvir a resposta, desabou.

—Nada.

OH, Deus.

—Aberrações estúpidas. Todas as vantagens que têm por levar nosso sangue e as desperdiçam usando drogas ou o álcool.

Rachel queria sair do esconderijo e cortar a garganta de quem estava falando. Josiah a segurou pela coxa e sacudiu a cabeça. Tinha razão, mas não pelos motivos que ele pensava. Se saísse da cavidade, os Renegados se veriam

obrigados a revistar a caverna para ver se alguém mais havia escapado deles. E encontrariam Josiah. Não sabia o que poderia ter acontecido com Curran, mas não podia se dá o luxo de falhar com Sarah Anne. Tinha prometido a ela que manteria Josiah são e salvo e isso era o que ia fazer.

Alguém cuspiu.

—E Haven abre as portas para todos eles.

—Que os Carmichael se encarreguem deles.

—Exceto a menina. A menina é nossa.

—O que fazemos com ele?

—Deixem que os vermes o comam.

—E as motos?

—Faça uma marca na caverna. Nós as recolheremos na volta.

—Você acredita que os Carmichael manterão sua palavra?

—Quem se importa? A única coisa que precisamos é que acredite que nós vamos manter a nossa.

O de voz mais grave soltou uma gargalhada.

—Só até que faltemos a nossa palavra.

Alguns grunhidos e depois:

—E logo ficaremos com tudo.

—Acredita que Haven vai dar tudo na luta?

—Acredito que os McGowan sabem se fazer respeitar o bastante para manter os Carmichael entretidos durante o tempo suficiente.

Tempo suficiente para quê? Rachel tentou memorizar aquela conversa. Mais tarde, poderia ser importante.

Novamente, o som de uma cuspidada.

—Não há respeito suficiente no mundo para conseguir que uma Manada tradicional como a dos Carmichael aceite uma Manada de vira-latas como o Haven.

—Foi o pai de Wyatt Carmichael quem deu o aval para Haven.

—Em seu leito de morte. Ninguém em seu juízo perfeito aprovaria a formação de uma Manada como aquela.

—Continuo pensando que está subestimando os Carmichael.

—Pense o que quiser. Você não está no comando. A menos que tenha reunido coragem suficiente para me enfrentar.

A caverna se encheu de tensão. Rachel podia imaginar a cena sem nenhum esforço. Dois machos se enfrentando, estufando o peito, com as mãos abertas e os joelhos ligeiramente flexionados, preparados para lutar até a morte a menos que um recuasse. Sempre havia um que recuava. Era o método lupino. A hierarquia era definida desde o nascimento. Raramente se modificava no combate.

—Isso era o que eu pensava.

—Venha. Vamos indo.

—Lembrem-se, as motos são minhas.

—Sim, todos nós ouvimos.

Sim, eles tinham que ir embora. Santo Deus, vão. A necessidade de chegar até Curran cravou as garras em Rachel como uma criatura viva. A urgência de sair correndo crescia a cada momento, ameaçando apoderando-se de seu bom senso. Rachel fechou os olhos e construiu uma imagem mental de Curran, concentrou-se em sua testa larga com a mecha de cabelo que tendia a cair por cima, no arco de suas sobrancelhas escuras sobre os olhos cor de mel e naquela boca travessa, perpetuamente no limite da piada, sobre o queixo quadrado. Ela tinha que estar bem. E eles tinham que sair dali.

Josiah puxou sua perna. Ela olhou para baixo e a imagem se dissolveu em seus olhos, deixando-a só com uma sensação de pânico, gritando mentalmente o nome de Curran, Josiah fez um gesto para que ela o seguisse. Em um abrir e fechar de olhos, tinha saído do esconderijo. Nem sequer tinha podido se certificar de que não havia perigo.

—Josiah — o chamou sussurrando.

Quando ela conseguiu sair, já o encontrou de joelhos junto ao corpo de Curran, segurando sua mão como se fosse uma linha de vida. Rachel não podia afastar os olhos daquela mão. Parecia que aquela mão enorme tinha governado o mundo desde o momento em que o conheceu. Há apenas quarenta e oito horas daquilo? Como havia se tornado tão importante para ela em apenas quarenta e oito horas?

Era seu macho e estava ali, morto.

Não se preocupe, não estamos vinculados.

—Que tipo de segurança isso foi? —sussurrou, caindo de joelhos ao seu lado.

—Diga-me que ainda tem uma chance.

Josiah soluçou ao ver, pela primeira vez, o que era: um garotinho perdido.

—O que aconteceu?

Ela tocou a face de Curran e colocou a mão sobre sua boca, com um dedo debaixo do nariz.

—Não sei.

—Não respira?

—Não.

Não, não e não.

Capítulo 9

Durante alguns instantes, Rachel foi incapaz de superar a negação que partia sua alma em duas. Sob a mão, podia sentir sua pele morna, a ilusão de que estava vivo.

Vejo você em algumas horas.

Era mentira. Maldição.

—Era mentira.

—Os machos e as fêmeas não podem mentir uns aos outros — disse Josiah com um desespero que fazia eco ao dela.

Acreditava-se nisso.

—Eu sei.

Ela não conseguia falar com tanta dor dentro da alma. Uma perda como nenhuma outra que tivesse experimentado até agora arrebentou encima dela como uma maré viva de sabedoria. Por que não tinha visto isto? Havia visto muitas coisas, por que não isto?

—Disse que nos veria dentro de algumas horas — sussurrou Josiah, como se

repassar o que aconteceu fosse mudar algo. — Eu não devia deixar você sair acontecesse o que acontecesse.

—E não o fez.

—Eu só queria ver — sussurrou e a elevação repentina do tom de sua voz a colocou em alerta. — Não fiz por desobediência.

OH, Deus.

—Isto não foi culpa sua, Josiah — afastou os cabelos do rosto de Curran com uma mão e, com a outra, abraçou Josiah. Curran parecia estar tão vivo que ela não podia parar de tocá-lo. Com a manga, limpou a baba dos cantos de sua boca. — Fosse o que fosse, ocorreu antes que os Renegados entrassem ali.

Josiah pareceu esperançoso.

—Talvez isto seja parte de seu plano.

—Talvez — ela não sabia que outra coisa dizer a ele.

Rachel passou as mãos por seu flanco, viu que tinha uma mancha sobre as costelas e se lembrou dos ruídos secos. Um rugido retumbou em sua garganta. Pontapés. Eles o tinham chutado enquanto estava assim, indefeso.

—O que aconteceu?

—Deram pontapés nele.

O rugido de Josiah seguiu o dela.

—Eu vou matá-los.

Não, ele não ia matá-los: ela ia matá-los. Um a um. Ia caçá-los e fazê-los pagar por aquilo. Acariciando o peito de Curran com as mãos, teve uma visão. Curran ali de pé, esperando. Esperando o quê? A visão ganhou força e substituiu a realidade pela profecia. Não, não era uma profecia. Era a verdade. Curran tentando engolir saliva, sem conseguir, com uma expressão tranquila de aceitação enquanto segurava instintivamente a garganta. Curran caindo, sacudia os pés, tendo convulsões. Curran deitado, imóvel.

Ela estava estupefata.

—O que viu? — Josiah perguntou com uma aceitação infantil de coisas que não podia aceitar.

—A Curran.

Não podia parar de tocá-lo, passando as mãos dos seus ombros até os

quadris, repetidas vezes, como se pudesse acariciá-lo até que voltasse à vida.

Ela passou a língua pelos lábios, imaginou que podia sentir o gosto de seus beijos sob o leve toque da manteiga de amendoim. Maldição. Manteiga de amendoim.

—Ele é alérgico à manteiga de amendoim.

Josiah não questionou aquela declaração, mas permaneceu ao seu lado.

—Ele não comeu.

Mas ela sim e ele a beijou. Como se houvesse feito isso de propósito. Mas, talvez, seu objetivo fosse outro, diferente do que ela acreditava. Talvez, tudo aquilo fosse, realmente, parte de seu plano. Curran era um Protetor. Ele tinha que saber que não era capaz de lutar contra oito Renegados, mas daí a suicidar-se... Ele nunca teria feito uma coisa assim porque, embora não a tivesse reclamado como fêmea, isso seria deixar uma mulher e uma criança sozinhos e desprotegidos em território inimigo.

O que acontece quando come amendoins?

Morro um pouquinho.

—Maldito seja, ele era ao mesmo tempo humano e homem lobo. Os homens lobo não morrem por reações alérgicas. Ela o envolveu até poder levantar sua cabeça para colocá-la sobre o colo. Verendo o arco de suas sobrancelhas com as pontas dos dedos, sussurrou para ele: — Se estiver equivocada, nunca o perdorei por isso.

Josiah ficou de pé com dificuldade com os punhos cerrados, preparado para defender seu herói.

—Não é culpa dele.

Sim, era. O tempo todo.

—Não está morto.

Josiah não podia acreditar.

—Mas se ele não está respirando.

Passando as pontas dos dedos para baixo pelos lados do pescoço, Rachel apertou seus ombros. Aquele homem era todo músculos e ossos. Deliciosamente morno.

—Eu sei, mas não está morto.

Deslizou as mãos para cima pelos lados do pescoço, pela face, pela testa.

—O que está fazendo?

—Trazendo-o de volta ao mundo dos vivos.

—Sabe fazer isso?

—Tenho que fazer isso.

—Por quê?

—Para poder matá-lo.

Rachel estava chateada e Cur não precisava farejar sua raiva para saber que ela estava. Emanava dela em ondas de agressividade, enfatizada pelos olhos entrecerrados, os punhos cerrados e os músculos tensos. Até mesmo Josiah, a quem ela adorava, mantinha distância.

Ela parou diante dele com o punho direito jogado ligeiramente para trás. Estaria planejando lhe dar um soco?

—Como você pôde fazer algo tão estúpido?

—Nunca faço nada estúpido.

—É mortalmente alérgico aos amendoins!

Ele ameaçou agarrá-la. Ela se esquivou de sua mão movendo-se para trás para que ele não a alcançasse. Ela não era a única que estava cada vez mais zangado. Estava raivosa. Era seu dever acalmá-la.

—Sim, e sei exatamente o efeito que me fazem.

—Como você pode saber. Estava em coma.

—Garret me disse.

—Garret participou desta loucura com você? O mesmo Garret com quem você assegura que Sarah Anne está a salvo? A quem acha que devo confiar Josiah?

Ele rangeu os dentes, observou-a atentamente e olhou para Josiah, que estava dando conta de tudo.

—Sim.

—Bom, pois deixe que diga a você que não é uma boa recomendação.

—Já percebi.

Quando ela saiu disparada para a direita, ele estava preparado para segurá-

la com o braço e trazê-la, retorcendo-se e esperneando, de volta para seu lado, Josiah grunhiu.

—Não vou machucá-la.

Senhor, agora tinha que dar explicações do que fazia até para as crianças.

—Está zangada e precisa que a acalme.

Josiah assentiu. Rachel amaldiçoou.

—Não sou um cavalo de merda.

Ele enredou os dedos em seus cabelos, Cur segurou Rachel para que ela não pudesse dar cabeçadas nele, caso isso lhe viesse ao pensamento.

—Eu sei. É minha doce fêmea.

Até Josiah riu ao ouvir isso.

—E você levou um bom susto.

—Pensava que tinha morrido!

—Eu lhe disse para não sair.

—E o que isso mudaria?

—Se houvesse feito o que pedi a você, agora não estaria zangada.

A lógica daquilo ultrapassava sua capacidade de compreensão.

—Aqueles Renegados podiam ter atirado em você!

—Nenhum soldado, Renegado ou não, desperdiçaria uma bala com um morto.

—Poderiam ter degolado você.

Não parecia fazer sentido aludir que se pensavam que já estava morto, então ele decidiu simplesmente dizer:

—Mas não o fizeram.

—Mas poderiam ter feito.

Talvez a solução fosse dá razão a ela.

—Sim.

—E, então, que bem poderia ter feito para alguém?

Só havia uma pessoa a quem ele queria fazer o bem. Roçou os cabelos dela com os lábios.

—Nenhum.

Ela bateu em seus ombros com os punhos.

—Pensei que tinha morrido.

Ela ainda remoia a mesma coisa.

—Eu sei.

Ela fungou, absorvendo o muco. Uma vez. E outra.

—Está chorando?

Ele não gostava da ideia de que ela estivesse chorando.

—Quisera eu!

Ela estava chorando sim. Inclinou a cabeça dela para trás. As lágrimas se acumulavam naqueles olhos castanhos tão bonitos. Seu rosto estava cheio de rodela vermelhas e, entre isso e o cenho franzido, tinha um aspecto horrível.

—Está chorando sim — beijou a linha tensa de sua boca e passou a língua pela nervura dos seus lábios. —Eu gosto disso.

Ela voltou a bater nele, embora não tão forte.

—Vá para a merda.

Ele riu e voltou a beijá-la.

—Ninguém nunca se preocupou comigo ao ponto de chorar e, já vou lhe advertindo, não há nada que possa fazer para estragar esse momento de felicidade.

Ele sentiu que ela dobrava o joelho e mudou de posição, caso lhe ocorresse dar uma joelhada nos testículos dele. Apesar do que tinha acabado de dizer, isso podia arruinar o momento.

—Odeio você.

—Eu sei — sussurrou em sua boca e percebeu que ela se rendeu porque tinha relaxado os lábios. — Agora, me beije.

Sentiu que ela apertava as garras contra ele, que o arranhava com as presas e, com um soluço, desabou sobre ele.

—Odeio você.

Ele tomou posse de sua boca avançando suavemente com a língua. O gemido de rendição dela era música para seus ouvidos. O fogo se misturou com a paixão quando ela, com as coxas, apertou seu membro, e pressionou os seios contra o seu. Sua mulher. Sua fêmea. Dele. Beijou-a até que sua calça ficou apertada e ele ficou sem fôlego pela necessidade que corria como um raio por

suas veias. Beijou-a até que tudo que podia fazer era avançar mais para dentro da fenda estreita e terminar a reclamação que tinha começado há dois dias. Um movimento a sua esquerda o recordou que não estavam sozinhos. Josiah. Certamente, já tinham dado ao garoto educação sexual suficiente para que ficasse marcado pelo resto de sua vida. Droga. Ele parou de beijá-la e soltou Rachel para que ela tomasse consciência. Quando ela o olhou aturdida, tinha os lábios abertos e inchados por seus beijos. Ele sussurrou.

—Era um bom plano.

Quando ela recobrou a consciência, ele deu uma tapinha em seu traseiro e a virou para as motos.

—E, além disso, funcionou.

Capítulo 10

Tinha funcionado. Rachel rangeu os dentes enquanto se dirigia, com a moto, para a colina seguinte, olhando as costas de Curran. Com quem ele acreditava que estava brincando? Foi uma mera questão de sorte que aquele plano maluco tivesse funcionado. Havia mil e uma coisas que poderiam ter botado tudo a perder, desde a simples possibilidade de que sua reação à manteiga de amendoim fosse mais forte do que se esperava até que o nível de frustração dos Renegados tivesse alcançado um na altura elevada o suficiente para que fosse mais forte que o repúdio inato dos homens lobo a incomodar os mortos. E, se ela não tivesse tido aquela visão, talvez tivesse pego Josiah e partido. Isso teria sido bem empregado.

Curran, que ia à frente, afastou-se para um lado. Ela acelerou e ficou ao seu lado. Ao contrário de Josiah e ela, ele não usava capacete. No início, porque tinha que ser capaz de ouvir e lutar caso fosse necessário, mas depois da última noite, ela sabia que não era mais que outra amostra de sua natureza temerária.

Fizeram uma parada. Ela apoiou os pés no chão para manter em equilíbrio o peso do Josiah e o seu próprio. Seus braços vibravam ao compasso do motor.

—Como está indo?

Não tão bem, para falar a verdade. Pela televisão, andar de moto sempre pareceu muito fácil. Mas andar de moto pelas montanhas não tinha nada a ver com dar uma volta por um caminho de terra. Estava com as pernas e braços doloridos pelo esforço. Tinha o cérebro desgastado pela fadiga.

—Acredito que está na hora de Josiah ir com você.

Ele fez uma careta.

—Você vai poder?

Sentiu-se tentada a mentir, mas, além do fato de não poder mentir para seu macho, teria que velar pela segurança de Josiah. Estava cansada e estava começando a dirigir de qualquer jeito. Ele ficaria mais seguro com Curran.

—Já não resta muito — ele passou a perna por cima do assento e ficou de pé —, mais uns trinta e cinco quilômetros. — Desamarrou a lata de combustível que levava na parte de trás. — Desmonte e estire as pernas enquanto encho os tanques — Josiah já tinha descido da moto. Curran entregou a ele uma mochila.

—Há manteiga de amendoim e bolachas salgadas no bolso da frente. É capaz de preparar um lanche para sua tia?

—Sim.

—Bem, pois comece a fazer isso. Não vamos ficar aqui muito tempo.

Rachel desceu da moto. Os músculos das pernas estavam rígidos e ela mal podia andar.

Curran riu.

—Parece que continua montada na moto, não é?

—Sim.

—Descer é mais difícil que subir.

Naturalmente. Nada ia ser fácil. Rachel olhou montanha a baixo. Estavam acima do perfil das árvores. O caminho era íngreme e estava pontilhado de pedras. Não via o que acontecia ao caminho uma vez que desaparecia entre as árvores, mas pensava que poderia acrescentar barro à lista de obstáculos. A simples ideia de descer para lá com a moto, deixava seus cabelos arrepiados.

—Talvez fosse melhor que eu descesse andando.

—Essa não é uma opção — apontou para a direita—, vê aquele vale dali?

Aquela é a fortaleza dos Carmichael. O som chega até lá. Em seguida, mandarão alguém investigar quem está andando de moto aqui em cima.

Os Carmichael.

—Os Renegados disseram algo sobre eles.

Curran desenroscou a tampa do tanque de combustível e derramou o combustível da lata dentro.

—Aposto que sim.

—Não acredito que sejam parceiros.

Curran olhou para cima.

—O que a faz dizer isso?

—Pelo que disseram, deu-me a impressão de que não há lealdade mútua.

Cur voltou a enroscar a tampa com aparência despreocupada, mas ela podia sentir a tensão que havia nele.

—Seja mais específica.

Não podia. Por mais que tentasse se lembrar do que tinha ouvido à noite, a única coisa que recordava era o pânico que sentia pelo estado de Curran.

—É importante.

—Eu sei — fechou os olhos tentando recordar as palavras que foram ditas. — Lembro-me de ouvi-lo cair no chão. Os dois primeiros homens que entraram fizeram comentários a respeito de que estivesse bêbado. Alguém fez um comentário a respeito dos híbridos de Haven. Outro mencionou que os Carmichael deveriam se encarregar de Haven. Comentaram que os Carmichael era uma Manada tradicional. Que já tinham cooperado o suficiente.

—O suficiente para quê?

—Não sei — abriu os olhos—; isso eles não disseram.

—Tem certeza?

Voltou a fechar os olhos tentando recordar. A escuridão total após os limites do visível começou a desvanecer-se para o cinza. Uma visão. OH, Deus. Não precisava ter uma visão justo agora. Mas, como sempre, não importava o que ela precisava. As visões chegavam a ela quando queriam para se apoderar dela e destruir sua vida. Josiah segurou as mãos dela. A realidade desapareceu ao expandir-se o sonho do centro do olho da mente para fora.

—Tudo bem, tia Rachel. Estou com você.

A visão se tornou mais forte, desenharam-se alguns corpos no nevoeiro que nublava sua mente. Apertou a mão de Josiah. Segurar sua mão era algo que ele fazia desde que escutou a confissão que ela fez para Sarah Anne de que as visões lhe davam medo.

—O que está acontecendo? —perguntou Cur.

Ela meneou a cabeça.

As palavras não podiam transpassar a força da visão.

—Está tendo uma visão.

—Que diabos?

Uma parte longínqua de sua mente reconheceu o sobressalto de Cur. O mundo dela se reduziu até ver-se no meio de uma pradaria olhando através das paredes transparentes de uma choça onde havia três homens. A dois, não chegava a ver, mas a um deles, sim. Aquele que conseguia ver dava muito medo. Sem dúvida era um lobo. Sem dúvida era um ancião. Tinha o rosto cheio de cicatrizes horríveis. Seus olhos eram frios e carregavam a promessa de morte. Ela pôde sentir que ele estava cara a cara com seus inimigos, mas não tinha medo. Resolvido. Era um cara resolvido. Sabia o que estava fazendo. Sabia que isso não ia deixar ninguém contente, mas ia fazer de qualquer maneira. Viu um brilho na parede que se solidificou até que ela não pôde ver o que acontecia dentro do habitáculo. Ouviu uma porta se abrir e alguém que arrastava os pés. Ouviu o rugido de Cur seguido do grito do traidor. A névoa desapareceu. Houve um disparo de pistola. Ela sentiu a ameaça. Alguém ia morrer. Ela gritou, tentando pegar a pistola em sua mente. Curran não. Seu Curran não.

—Droga, Rachel. Sai daí.

A névoa desvaneceu e sumiu. Rachel piscou. Ao abrir os olhos, a única coisa que via eram as folhas contra a luz do sol salpicado de manchas de céu azul.

O sol foi encoberto e, então, a única coisa que pôde ver foi o rosto de Curran. Um sonho. Não tinha sido mais que um sonho. O cheiro de sangue condimentava o ar da tarde. Gotas de suor caíam de sua testa e o mundo inteiro voltou a estremecer.

—Rachel, olhe para mim.

O mundo não estava estremecendo. Curran a estava sacudindo. Ela gemeu recordando-se do tiro.

Curran voltou a sacudir Rachel. Seu rosto estava branco e sem expressão. Atravessou a pele de seus braços com as garras, mas estava com ele. E tinha parado de gritar. Ele pensou que nunca ia ser capaz de apagar da mente o som daquele grito.

Estava tendo uma visão, havia dito Josiah. Era superior, uma bruxa aos olhos de todos os homens lobo malvados. Ele a olhou nos olhos aterrorizados e não se importou. Deu um forte abraço nela, apoiando seu rosto contra a curva de sua garganta e a embalou.

—Está tudo bem, Rachel. Não aconteceu nada.

—O traidor acabou com você.

—Que traidor?

—O ancião de rosto cheio de cicatrizes. Ele o traiu.

Só conhecia um homem lobo que se encaixava naquela descrição. Daire. O mercenário que não tinha jurado lealdade a nenhum dos Protetores de Haven.

Capítulo 11

—Tem certeza que ela se refere a Daire?

Cur ficou olhando para Donovan.

—Tanta certeza quanto a que eu tenho que fui eu que o deixei de olho roxo.

Donovan mostrou os dentes.

—Um golpe de sorte, você não representa nenhuma ameaça.

—E uma suspeita não representa uma convicção — soltou Cur.

Pelas costas, Kelon puxou para cima seus pulsos algemados. Se fossem algemas humanas normais, já as teria quebrado.

—Até que Wyatt volte, não podemos fazer outra coisa.

Cur rugiu e sacudiu os braços. Aqueles filhos da puta levaram Rachel no momento em que chegaram. Ele tinha lutado, mas eles tinham uma vantagem.

Não tinha visto o ataque vindo. Ele era da Manada e a Manada não se vira contra a Manada. Kelon o segurou mais forte.

—Acalme-se enquanto esclarecemos isto.

—Não há nada a esclarecer. Rachel é minha fêmea, tem a minha marca. Segundo a lei da Manada, você não têm o direito de retê-la.

—Em circunstâncias normais, reconheceríamos isso.

—Mas não estamos em circunstâncias normais.

A dor esmagou seu ombro quando Kelon deu outro puxão em seu braço. Rugiu para ele por cima do ombro. Foram necessários os dois, Donovan e Kelon, para colocar as algemas. Ele ia matar os dois quando as retirassem.

—Vão tomar no cu.

Donovan sacudiu a cabeça.

—Não, obrigado. Agora, se concentre.

Ele sorriu com frieza. Já tinha dito a Garret que não podia tirá-los de suas limitações. Nenhuma Manada ia aceitar os híbridos. Ali estava a prova.

—Tirem as algemas.

—Não, até que consiga controlar esse gênio.

—Estou perfeitamente sob controle.

Para um homem cuja mulher estava sob custódia. Para um homem cuja fêmea pensava que ele a traiu. Para um homem que acreditou que podia confiar na Manada.

—Bom. Então, me diga o que sabe.

—Onde está Garret?

—Está ocupado.

Um movimento do outro lado da janela chamou sua atenção. Garret estava do outro lado da rua, apoiado contra um poste com um sorriso no rosto. Ninguém que chegasse a ver aquele sorriso poderia pensar que andava em nada bom. Soube o momento em que Kelon viu o mesmo que ele estava vendo. O homem lobo ficou tenso.

—Merda.

Donovan se aproximou.

—O que aconteceu?

Kelon se dirigiu para a janela.

—Parece que temos dissidentes na tropa.

Garret levou a mão ao chapéu. Era o gesto de respeito que faltava. Com um gesto do dedo, fez que alguém mais se juntasse a ele. Cur soltou uma gargalhada quando Rachel apareceu. Garret a tinha libertado. Com outro gesto do dedo, outras quatro mulheres se uniram a Garret.

—Merda, parece que temos uma rebelião completa.

Duas das mulheres quebraram a fileira. Tinham aspectos parecidos, compleições parecidas e cenhos franzidos parecidos. Dirigiram-se para a porta principal.

—São suas fêmeas? —perguntou Cur, dando uma pausa para sua raiva.

Kelon ficou olhando.

—Sim e, como incomodou a minha, vou cortar suas bolas.

—Tenho certeza que ela não está mais zangada que a minha.

Kelon fez uma careta quando a porta principal bateu.

—Kelon!

—Donovan! O que fizeram a Rachel?

—Devo contar? —perguntou Cur.

Kelon bateu com a mão entre suas omoplatas, fazendo-o cair para frente. Donovan o segurou pelo braço e murmurou:

—Robin está grávida.

Merda. Cur conseguiu se levantar justamente quando uma mulher pequena e rechonchuda entrou como um furacão na sala.

—Como você pôde, Kelon? Tínhamos preparado uma festa surpresa e agora Josiah está chorando, Rachel pensa que a odiamos e Curran, sem dúvida, quer seu sangue.

Sim ele queria, mas não naquele exato momento. A ira que sentia por dentro parecia estar fora do lugar com uma mulher presente e as palavras que queria dizer, muito brutas. Merda. Cur nem sequer era o macho de Robin e as lágrimas de seus olhos o faziam sentir-se culpado.

—Seli, às vezes, as coisas não são tão claras quanto gostaríamos que fossem.

Robin deu um empurrão no peito de Kelon. Ele não a soltou.

—E, às vezes, não tão escuras.

A outra mulher estava de pé na porta, batendo com o pé no chão.

—Quero uma explicação, Donovan.

—E eu também a quero, mas Cur não colabora.

—Ele chama-se Curran — disse Sarah Anne entrando pela porta—, não Cur, por favor, tenham isso em mente.

Donovan o olhou com uma sobrancelha levantada.

—Quer que o chamemos de Curran?

—Sim, ele quer — Rachel empurrou Sarah Anne ao entrar e ficou ao seu lado. Fez um som suave com a garganta ao perceber que ele estava algemado. — Tire-as.

Merda. Ele nunca pensou que chegaria o dia em que as mulheres lutassem em seu lugar.

—Senhoras...

Antes que Donovan pudesse terminar a frase, Lisa tinha tirado as chaves de seu cinturão e as tinha jogado para Rachel. Com um grunhido, Rachel abriu as algemas. Assim que ficou com as mãos livres, Cur colocou Rachel atrás dele e recuou até deixá-la presa entre seu corpo e a parede. Como se fosse a vez deles, Donovan e Kelon colocaram suas fêmeas atrás deles, deixando a outra morena e Teri de pé no meio da sala, sozinhas e desprotegidas.

—Acho que isto nos transforma em carne picada, Heather — disse Teri.

A outra mulher era Heather Delaney, a mulher de Wyatt Carmichael.

—Bem, então disparem — bufou Heather colocando as mãos na cintura. — Vou contar tudo a ele.

Capítulo 12

—O que é que você vai me contar? —perguntou Wyatt ao entrar na sala.

Heather foi para o seu lado antes que ele tivesse podido dar mais de um passo para dentro da sala. Para detê-lo?

—Seus Protetores deixaram Teri e a mim expostas ao perigo.

—Não posso acreditar — olhou ao seu redor. — A que perigo?

Heather apontou para Rachel.

—A ela.

Wyatt colocou Heather ao seu lado e foi até sua escrivaninha. Ela o acompanhou voluntariamente. A tradição dizia que as fêmeas humanas eram frágeis e assustadiças, mas nada do que tinha visto desde que chegou ao Haven tinha dado a impressão de que as fêmeas humanas do líder e dos Protetores tinham algo a invejar de qualquer mulher lobo. Apesar de serem mais faladoras.

—Devo supor, por tanta emoção e pelo fato de Sarah Anne está lá fora abraçando com toda sua alma um menino pequeno, que você é Rachel?

Rachel levantou o queixo.

—E eu devo supor, pelo fato de ter sido presa e meu macho algemado, que sua palavra não vale nada?

—Sua hipótese seria errada. Agora, sentem-se todos. Acabo de passar toda a manhã com Buddy "negociando" sua retirada e não estou de bom humor.

—Devia ter deixado que Daire o matasse — disse Donovan.

Wyatt grunhiu.

—Só por isso, Donovan, vou deixar que se ocupe da mudança.

—Merda.

Wyatt olhou ao seu redor.

—Alguém mais quer chutar meu traseiro hoje?

Ninguém disse uma palavra. Cur entendia o porquê. Hoje não havia nem sinal do Wyatt, o líder benevolente. Era uma navalha afiada. E cortava.

—Bem — Wyatt afastou a poltrona de couro de sua escrivaninha e sentou-se nela—, já tenho bastante drama com os Carmichael. Tenho certeza que não preciso de outro em minha própria Manada.

Heather se colocou discretamente atrás dele e começou a massagear suas têmporas. Wyatt jogou a cabeça para trás, recostou-a contra o peito dela e suspirou.

—Obrigado.

Cur não se lembrava de nenhum líder que se permitiu baixar o guarda até

esse ponto.

São diferentes, não é mesmo? — perguntou Garret.

Talvez diferentes demais para que eu possa confiar neles, replicou Cur mentalmente.

Se esse fosse o caso, já estaríamos mortos.

Essa era a verdade. Cur estaria morto por desafiar aos Alfas Protetores, Rachel por sequestrar Josiah e Garret por libertar Rachel.

—Vocês dois, já terminaram de fofocar? —perguntou Donovan.

Cur sorriu. Então o Protetor sabia captar a energia.

—Por enquanto.

—Eu gostaria de fazer algumas pergunta.

—Desembuche.

Wyatt se endireitou na cadeira, pegando a mão de Heather para dar um beijo antes de puxá-la para seu lado.

—A respeito de Rachel.

Cur sentiu como Rachel ficava tensa.

—E se eu não quiser responder?

A resposta foi imediata.

—A porta está aberta para que parta.

Sarah Anne pigarreou. Josiah grunhiu. Megan choramingou.

—Titia Rachel!

Wyatt fez uma careta de dor e olhou para Garret com sua nova família.

—No entanto, todos nós apreciaríamos, que você preferisse não ir embora.

—Que tipo de respostas quer?

—Respostas sinceras.

Rachel ficou mais tensa. Cur imaginava o que estava passando por sua mente. Sua decisão, consumida pelos medos. Será que devia dizer a verdade e se a marginalizassem? Podia ficar calada e passar despercebida. Ele apertou sua cintura.

Podemos confiar a eles a verdade a respeito de seus poderes? Perguntou a Garret.

Tem poderes?

Sim.

Eu lhes confiei os meus.

Cur se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

—Está em suas mãos. Seja o que for que decida, não estará sozinha.

Não estava sozinha. Rachel se inundou naquela verdade e a reteve consigo. Tinha um macho. Qualquer coisa que decidisse, afetava a ele também. Olhou para os componentes daquele pequeno grupo e sentiu que estava sob a mira dos homens e também sentiu a simpatia das mulheres. Quando olhou Sarah Anne nos olhos, esta sorriu. Quando olhou para Teri, a outra deu um passo para frente.

—Já que sou a única cujo macho não está segurando pelo pescoço, acredito que é minha vez de ser a moderadora do debate.

—Não tinha percebido que tinha pedido um moderador — disse Wyatt.

Ela colocou os cabelos curtos atrás da orelha.

—Hoje é seu dia de sorte e trabalho de graça. O que é algo bom porque, depois de pagar para que Buddy se fosse, certamente não poderia pagar meus honorários.

Aquela brincadeira produziu uma rodada de risadas fracas.

—Não compartilho todos os preconceitos e superstições que me seriam próprios por ser um homem lobo, mas deduzo que qualquer tipo de percepção extrassensorial seja suspeita, até mesmo nos anciões.

—Com mais razão, se considerar a hierarquia tradicional da Manada — interpôs Kelon.

—Bem, eu acredito que é uma estupidez tendo em vista os fatos.

—Que fatos?

—A mistura de espécies diferentes parece que produz, na maioria das vezes, espécies mais fortes e com habilidades únicas.

—Eu não sou forte — interrompeu Sarah Anne.

Teri suspirou.

—Eu tirei o diploma com uma delas.

—E como! Não é verdade, Seli?

Sarah Anne deu um soco em Garret, que se limitou a soltar uma risada.

—É o que você faz, traz ao mundo crianças que são superiores.

—Minha mãe, agora me fez parecer uma cadela em um programa de melhoramento.

Teri continuou.

—Em minha outra vida, eu era médica. Minha especialidade era a genética. De certa forma, os homens lobo estão realizando um programa de criação muito seletivo, mas estão baseados em velhos tratados que ignoram os esforços da natureza para evoluir.

—Eu sabia que você era antiquado — disse Lisa a Donovan.

—Conte-me isso hoje à noite na cama.

—Calem-se — disse Wyatt inclinando-se para frente em sua cadeira.

Teri inclinou a cabeça.

—Obrigado. A única Manada que aceitou os perdidos sem Manada foi Haven — Teri passou a mão pelo ar—; e, na verdade, odeio essa descrição.

—Não é a preferida de ninguém — disse Garret.

—Não tenho certeza se todos estão conscientes do que têm entre as mãos. Wyatt ficou quieto, a tensão contagiando a todos que estavam na sala.

—Conte-me.

—Ao acolher os perdidos, ao não discriminar os que têm habilidades psíquicas, você têm uma vantagem que ninguém mais tem.

—Não a compreendo.

—Todos admiram e temem os anciões por suas táticas, algumas das quais são psíquicas. Ao longo da história, demonstrou-se que o motivo de terem estas táticas é que tiveram uma quantidade incrível de tempo para desenvolvê-las. Mas, ao desfazer-se dos preconceitos e começar desde o início, têm todo o potencial para lhes defender como nenhuma outra Manada poderia defender-se.

—Tem razão — disse Daire ao entrar na sala.

Rachel ficou petrificada. Cur não tinha a menor dúvida de que Daire era a pessoa do sonho em que ele morria.

—Aqui Cur e Garret são dois grandes telepatas — explicou Daire—, cada um com uma força específica. Com o treinamento adequado, tenho certeza que

poderiam se livrar de dez Protetores de uma só vez.

Rachel não tirava os olhos de cima de Daire. Seu medo contaminando o ar. Virou-se para Cur. Ele a colocou atrás dele e se encontrou com a cabeça levantada de Daire que começou a mostrar os dentes.

Wyatt cruzou olhares com Kelon e Donovan.

—Grandes telepatas?

Kelon amaldiçoou. Donovan cerrou os punhos.

—Não há uma maneira exata de medir estas coisas.

—De fato, há sim — disse Daire.

Wyatt apontou para Rachel com a mão.

—O que é então?

Daire deu um passo para frente e estendeu a mão para ela.

—Posso?

Rachel sacudiu a cabeça.

Cur se conectou com Garret. Nós nos meteremos?

Transcorreu um segundo de espera e Garret respondeu: Feito.

Puxando Rachel para seu lado, Curran se agachou e sussurrou para ela:

—Deixe-o.

Seus olhos castanhos se cravaram nos dele. O medo que havia neles rasgou sua consciência.

—Confie em mim.

Depois de alguns segundos, ela assentiu e estendeu a mão. Daire a pegou. Ninguém parecia respirar enquanto Daire media o talento de Rachel.

Daire soltou sua mão. Ela se recostou contra Cur com o coração martelando suas costelas e com a respiração entrecortada. Daire pegou uma cadeira e a arrastou para onde estavam.

—Sente-se.

Era uma ordem. Rachel obedeceu, sem soltar nem por um momento a mão de Cur.

Cur trocou um olhar com Garret. Garret sacudiu a cabeça.

—O que ela é? — perguntou Wyatt.

—Uma vidente de nível baixo cujas técnicas se desenvolvem ao acaso.

—E o que é que ela vê?
—A mim traindo o Haven.

Capítulo 13

—De maneira nenhuma!

A negação de Teri quebrou o silêncio. As cadeiras chiaram e as tábuas do chão rangeram e todo mudo desmoronou pelo impacto. Rachel sentiu que Teri batia os olhos nela.

—Como você pôde?

Ela tentou levantar-se da cadeira, mas tinha Daire na frente e Curran de um lado. A menos que quisesse subir pela parede, estava presa.

—Eu não fiz nada.

—Não pode ter visto Daire traindo ninguém. Não está em sua natureza. Ela não sabia o que dizer.

—Daire viu o mesmo que eu?

—E o que você viu? —perguntou Wyatt.

—Um momento, uma fração de tempo.

—Mas não a cena completa?

Ela sacudiu a cabeça.

—Não, nunca vejo a cena completa.

Daire a olhou nos olhos. Por mais que ela quisesse desviar os olhos, não podia.

—Se eu treinar você, poderá.

Não sabia se queria que ele a treinassem para ver o futuro em sua totalidade.

—Vou pensar sobre isso.

—Eu diria que isso seria melhor do que as merdas de mensagens entrecortadas que chegam a você agora.

Ela se virou para Cur.

—Já disse que pensarei sobre isso.

Com as mãos erguidas, ele se virou.

—Já basta.

—Diga-me, Rachel, você acredita que Daire vai trair Haven?

Não sabia o que responder. Limitou-se a dar de ombros. Foi Garret quem respondeu em seu lugar.

—Ela não sabe. Está literalmente a mercê dessas visões. Por isso fugiu com Josiah. Os sonhos, segundo sua maneira de interpretá-los, levaram-na a fazer isso.

Ele a fez parecer uma idiota lamentável.

—Como você conseguiu saber disso? —ela rugiu e mostrou as garras para ele.

—Cur me deu permissão para entrar em sua mente.

—O quê?

A mão de Curran sobre seu ombro a fez ficar sentada.

—Para proteger você no caso de Daire realmente ser um traidor.

Ele achava que ela devia estar agradecida? Soltando-se da mão de Curran, ficou de pé de um salto sem se importar de ter caído exatamente em cima dos dedos dos pés de Daire. Sem se importar de estar fazendo uma cena. Estava farta e não estava disposta a aguentar nem mais um minuto.

Daire se afastou. Ela parou no meio da sala. A porta não estava nem a três metros de distância. Entre a porta e ela, estavam Sarah Anne e Teri. Suas amigas.

—Tudo bem. Tenho sonhos proféticos. Não consigo controlá-los e, ultimamente, tampouco posso confiar neles, mas isso não me transforma na cobaia a quem todos podem usar para fazer seus experimentos.

Garret se interpôs em seu caminho. Batendo em seu peito com as mãos, teve o prazer de ouvi-lo grunhir, mas não se moveu dali. Atrás dela, ouviu um grunhido. Cur passou a se fazer de herói que ia resgatar a garota. Bem, pois era muito tarde. Ele a traiu mais do que o Wyatt.

Garret virou a cabeça.

—Sinto muito.

—Não aceito suas desculpas.

Garret olhou por cima do ombro para Cur.

—Não olhe para ele para que o ajude. Tampouco aceito as desculpas dele.

Saiu como um raio do edifício batendo a porta na cara de Curran.

Como ele podia tê-la traído assim?

Capítulo 14

Não tinha chegado mais que na metade do meio-fio quando percebeu que não tinha para onde ir. Tinha saído como um raio da sala em que se encontrava a única família que teve desde que seus pais morreram.

—Maldição! Maldição! Maldição!

—Se eu fosse você, iria demorar mais.

Virou-se. Heather estava atrás dela.

—Grite o quanto quiser, mas não bata em mim porque Wyatt veria um problema nisso.

Rachel afastou os cabelos do rosto.

—Não quero bater em você — pelo que sabia através de Sarah Anne, Heather tinha se portado bem com Teri e com ela, tinha dado a Teri tudo o que tinha sido necessário para que ela se recuperasse de seus ferimentos e de sua perda, Jesus! Não podia acreditar em tudo o que Teri tinha passado. —Você se portou bem com minhas amigas.

—Acredite ou não, também temos a intenção de nos portar bem com você.

—Verdade?

Heather fez uma careta.

—Os meninos, às vezes, se excedem nos ciúmes.

—Os meninos?

Heather sorriu.

—Digo isso para irritá-los. Sobretudo quando ficam muito autoritários.

—Hoje, sem dúvida, eles estavam.

Heather se dirigiu para uma pedra.

—Você se importa que eu me sente?

—De forma alguma.

Heather tirou as botas.

—Elas estão me matando.

—Então por que as coloca?

—Quer dizer, além do fato de serem bonitas e tornarem minhas pernas muito mais longas?

—Sim.

—Wyatt me disse, quando eu as comprei, que eram muito pequenas e acho que ele não precisa saber que tinha razão.

—Ele pode farejar seu desconforto.

Heather sorriu.

—Não, se eu tomar cuidado e, em qualquer caso, não imediatamente. Eu gosto que o homem tenha que esperar um pouquinho antes que possa dizer: "Eu não disse".

Rachel se sentiu uma idiota por estar de pé enquanto Heather estava sentada. Sentou-se em uma pedra adjacente.

—O que queria me dizer?

Heather massageou um pé.

—Você é uma mulher lobo, então, certamente compreende muito melhor que eu quão profundamente está arraigada a tradição em sua cultura. O que Wyatt está tentando fazer aqui é certo, mas é um desafio para a maneira que todos vocês foram criados; então, de vez em quando, ele ou algum dos outros Alfas explodem. Isso não significa que suas intenções não sejam boas nem que, sinceramente, não queiram integrar toda a Manada. Só significa que são... —deu de ombros.

—Humanos? —perguntou Rachel.

Heather deu uma risadinha.

—Exatamente.

—Wyatt realmente tem a intenção de acolher todos que queiram se unir sem se importar com as diferenças?

—Realmente tem.

—Pois vai ser uma confusão.

—A princípio, não precisa dizer nada — Heather estendeu a mão apontando para a posição de Rachel. — Considere-se o sujeito experimental número um.

—Touchée.

—Obrigado. A situação agora é mais complicada ainda porque os Carmichael declararam um combate até morte contra Haven e acabamos de descobrir que há um lobo desconhecido infiltrado na gangue de humanos do povoado e que estava nos espionando.

—Para quê?

—Não sabemos. Ele conseguiu fugir, mas você vê como, quando você chegou, seu sonho causou certo tumulto.

Sim, ela via.

—Talvez eu devesse treinar.

Heather assentiu e enfiou a mão no bolso.

—Talvez sim, mas enquanto isso, tome.

As chaves fizeram barulho ao chocarem-se enquanto Heather as alcançava.

—De onde são?

—Da casa de hóspedes que há atrás da casa principal. Tem uma banheira enorme que Sarah Anne está enchendo nesse momento. Pode ficar lá o tempo que quiser.

Rachel apertou os dedos em torno das chaves. Supôs que, afinal, tinha para onde ir.

Capítulo 15

A casa estava vazia quando ela chegou. A banheira estava cheia e era grande o suficiente para que duas pessoas entrassem nela confortavelmente. Tinha uma borda infinita que lhe permitiu deslizar para dentro até que a água chegou ao seu queixo. Fechou os olhos e inalou o aroma do alecrim dos saís de banho que Sarah Anne tinha colocado. Escutou o crepitar do fogo na pequena estufa¹⁴, deixando que aquele momento de paz tomasse conta dela. Pela primeira vez em várias semanas, pôde relaxar.

—Se eu entrar aí com você, vai tentar me afogar?

¹⁴ Estufa – fogão para aquecer aposentos. (Aurélio)

Curran. Ela suspirou ao sentir que sua marca esquentava um pouquinho para começar.

—Ainda não decidi.

—Abra os olhos e volte a me dizer isso.

No instante em que abriu os olhos, soube que tinha sido um erro. Curran estava de pé ao lado da banheira, as mãos nos quadris, com as pernas ligeiramente separadas, nu e excitado. Acima da saliência abrupta de seu membro ela podia ver as camadas divididas dos músculos que tinha sobre o abdômen. E, mais acima, via a linha bem definida dos peitorais. Sua vagina se contraiu. E, sobretudo, o coração se retorceu. Tinha a desculpa que ela não tinha aceitado nos olhos.

—Seu jogo não é justo.

Ele deu de ombros.

—Você realmente esperava que fosse?

Esperava? Ela virou a cabeça para um lado, examinando a si mesma após ter examinado a ele. Enquanto ela tinha crescido com amor, ela sabia, através de Sarah Anne, que Cur não. Garret e ele tiveram que lutar para conseguir tudo o que tinham. E, quando conseguiram, tiveram que continuar lutando para conservá-lo. Cur tinha crescido sem Manada e era, na verdade, um dos perdidos. Mas, mesmo assim, era um bom homem. Às vezes se equivocava, mas mesmo assim, era um bom homem.

—Não.

Ela se afastou para um lado.

—E, se você entrar, não vou tentar afogar você.

Ele não se moveu.

—Pensei que você queria entrar.

—E eu quero.

—Bem, pois não vai conseguir isso se não der o primeiro passo.

—Se eu entrar, vou fazer amor com você.

—Entendo.

—Antes, há algo que preciso saber.

—Não, não sou virgem.

Quando vivia entre os humanos, tentou se adaptar aos seus costumes. Depois de algumas aventuras breves e insatisfatórias, decidiu que aquilo não era para ela. Curran desprezou seu anúncio com um gesto da mão sem grunhir nem sorrir.

—Nem eu tampouco.

Ela olhou para ele perplexa. Fosse o que fosse que ele tinha em mente era algo sério.

—O que aconteceu?

—Vai me abandonar?

A pergunta se interpôs entre ambos, brutal por quão honesta era e crua pelo que representava. A dor de Curran.

Ela se inclinou para frente na banheira e colocou a mãos ao redor de seu tornozelo. Ele a observava com cautela. Estava pregado ao chão sem mudar de posição. Será que realmente ele tinha um conceito tão baixo dela para pensar que ela ia abandoná-lo depois do que tinha acontecido na casa principal?

A resposta, por sua vez, foi uma experiência humilhante. Ele não tinha um conceito baixo dela. Era ele mesmo que não se valorizava. E, agora que tinha encontrado aquela desculpa tão esfarrapada, queria que ela a aceitasse e corresse desembestada para pastos mais verdes. Ela sacudiu a cabeça.

—Estamos emparelhados, Curran. Não há volta atrás.

—Não quero que fique comigo somente porque pus minha marca em você.

—Então, devia ter pensado nisso antes de ter me marcado.

—Naquele momento não estava pensando em nada.

Ela puxou seu tornozelo. Ele cambaleou, mas recuperou rapidamente o equilíbrio.

—Pois eu acho que naquele momento estava pensando em muito mais coisas do que agora.

—O que quer dizer?

—Que, então, você acreditava que eu era uma pessoa digna de sua admiração. A pessoa que você queria. E agora pensa que sou uma pessoa insignificante incapaz de assumir um compromisso.

Ele entrou na banheira e baixou os olhos quando ela o olhou nos olhos.

—Você não me marcou.

Ela revirou os olhos.

—É isso o que o preocupa?

—Sim.

—Acaso se lembra de como foi o momento em que você me marcou?

Ele fez um gesto cheio de sensualidade com os lábios e seu olhar a enrubescceu.

—Sim.

Ela pôs fim à distância que os separava, fez suas coxas nuas escorregar por cima das dele e estremeceu ao sentir as cócegas que os pelos dele faziam em suas pernas.

—Então, recorda que eu estava um pouco distraída.

Ele, com uma mão, segurou-a pelo quadril. Com a outra, segurou-a pelos cabelos, fazendo que ela inclinasse a cabeça para onde ele queria.

—Isso é verdade, mas não respondeu a minha pergunta.

Ela não conseguia se lembrar qual era a pergunta, com o membro nas portas de sua vagina e sua boca a apenas um milímetro da dele. Passou os braços ao redor do pescoço dele e atraiu a boca dele para a sua.

—Volte a me fazer a pergunta.

—Você vai me abandonar?

—Não.

Ela também tinha perguntas a fazer.

—Vai voltar a permitir que alguém brinque com a minha mente?

—Nunca.

—Ótimo.

Seu membro ficou encaixado sob o capuz do clitóris, estirando agradavelmente a carne delicada. Ela estremeceu e gemeu. Ele pressionou para cima e grunhiu. Mordeu sua boca com beijos duros e exigentes enquanto a balançava sobre seu membro.

—Quero você, Seli.

—Sim.

Ela também o queria. Ele enfiou a língua em sua boca e a deslizou sobre sua língua surrupiando a resposta que era só sua. Beijou-a até deixá-la sem fôlego,

até que ela ficou tão excitada que se balançava sozinha sobre seu membro grosseiramente. Querendo-o tanto quanto ele a queria.

A água transbordou a banheira quando ele a fez se virar.

—Apoie as mãos na borda.

Um arrepio a percorreu dos pés a cabeça. Ele ia possuí-la da forma tradicional, na posição que simbolizava a submissão dela e o domínio dele. Seu útero se contraiu.

A risada vibrou por sua coluna enquanto ele a beijava até chegar a sua nuca.

—Alegro-me de ter sua aprovação.

Sentiu, primeiro, o toque úmido e morno de sua língua e, depois, o roce de seus dentes afiados. Sua vagina ardia. Sua marca estava em chamas. Seu coração o desejava.

—Curran.

—Sim, Seli.

Ele acomodou o membro entre as pernas dela e se centrou em sua vulva antes de começar a empurrar em uma posse lenta, mas firme, deixando-a ofegando de excitação, de prazer.

—Amo você!

Ele pressionou os quadris contra ela, conseguindo se aprofundar mais rápido. Seus dedos encontraram o clitóris e o esfregou delicadamente antes de aumentar ligeiramente o ritmo ao compasso de seus quadris.

—Eu também amo você.

Ela o tomou até o punho. Arranhou as bordas da banheira com as garras. Seu clitóris palpitava e doía. O sexo tremia e suplicava. Ele saiu de um puxão e a fez se sentir vazia, desejosa, necessitada.

Nunca. Esse pensamento chegou a ela em um sussurro em sua mente.

Sempre vou estar ao seu lado.

E ela compreendeu. Tinha-o ao lado, na mente, no corpo, enchendo ambos além do possível com o que ela queria. A necessidade aumentou em forma de espiral. Ela sentia que o seu prazer fazia eco ao dele. Ele tirou os dedos de seu clitóris. Ela sentiu algo quente entre as nádegas. Ele encontrou seu ânus com os dedos. Apertou.

Tradição.

Ele separou seus músculos. O prazer escuro proibido a enchia de glória e vibrava por sua pele.

Ele, com a mão que estava livre, deu uma tapa em seu traseiro. As vibrações de prazer se tornaram mais intensas.

—Atrás.

Aquela ordem gutural serviu de combustível para o fogo interior. Ela estava perto, muito perto. Os dedos dele foram de dentro para fora. Estiravam-na e a preparavam enquanto ela se apertava contra ele e se retorcia necessitando só um pouquinho mais para gozar.

—Curran!

—O quê?

—Preciso gozar.

Ele tirou os dedos de seu ânus apenas para voltar para seu clitóris. Desta vez, como se fosse consciente de sua necessidade, não foi tão delicado, ele puxava seu clitóris e o beliscava ao compasso da violência do desejo dela. O membro dele pressionou seu ânus enquanto ele retorcia seu clitóris lentamente pela última vez. Para ela, o mundo inteiro se desfez. O membro abriu passagem para outra invasão mais escura. Ela se desfez dos dedos dele e recuou sobre seu membro. A dor do prazer, misturado com o orgasmo, tornando-se mais intensa fazendo que ela perdesse a cabeça. Precisava de mais. Ele lhe deu mais com empurrões firmes até que ela o teve por completo. Separou suas nádegas e forçou para dentro os últimos centímetros, aprisionando seus quadris entre a borda da banheira e seu membro.

—Outra vez — ele sussurrou em seu ouvido. Ela sacudiu a cabeça. Apesar do clitóris pulsar com força e suplicar, seu traseiro ardia e pedia clemência, a vagina choramingava e a persuadia. Ela sacudiu a cabeça. Era muito. Segurando-a pelos quadris, ele a separou da borda. Com os pés, separou suas pernas e tirou as mãos dos seus quadris.

—Sim.

A primeira palmada em seu clitóris foi uma brincadeira. A segunda, uma ordem. A terceira, uma exigência que arrancou seu orgasmo. Gritando o nome

dele, gozou, apertou-se contra a mão dele, cavalgando seu membro enquanto ele gritava por seu próprio alívio e ela soluçava enquanto os jorros quentes de sua semente enchiam sua passagem. Ela caiu contra um lado da banheira com os músculos relaxados. O membro dele, ainda duro, escorregou para fora do ânus, deixando-a faminta.

Ele fez ela se virar e se sentou na banheira. Ela se sentou escarranchada sobre seu colo. Olhando-o nos olhos, voltou a colocar seu membro na linha de seu traseiro e foi descendo lentamente. Ardia. Ela não se importou. Nos olhos dele se acenderam duas chamas. Quando o teve tão dentro quanto foi capaz, afastou os cabelos dos seus ombros. Inclinou-se para frente. Observando como ele a olhava e sussurrou para ele:

—Meu.

Ele uivou enquanto ela colocava nele sua marca. Ele fez amor com ela enquanto ela o mordia e, quando a tempestade passou, ele continuava lá, segurando-a com força, acalmando seu corpo com as mãos e os pensamentos com a mente.

Ela sorriu aos seus olhos. Ele era dela. Ela era dele. Não importando o que pudesse chegar a acontecer com Haven no futuro, era assim que tinha que ser. Ela passou a unha na palma da mão, abrindo um corte, e a colocou sobre a marca dele. Ele fez o mesmo que ela. Juntos, sussurraram:

—Minha alma à sua, nesta vida e na outra. Estamos unidos.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>

